UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

POLLYANA STEPHANIE DE OLIVEIRA ALVES E BATISTA

COMPONENTES PSICOFISIOLÓGICOS E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA INTERMODAL À LUZ DA PESQUISA NARRATIVA

João Pessoa

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

POLLYANA STEPHANIE DE OLIVEIRA ALVES E BATISTA

COMPONENTES PSICOFISIOLÓGICOS E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA INTERMODAL

À LUZ DA PESQUISA NARRATIVA

Dissertação apresentada por Pollyana Stephanie Batista ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para obtenção do Grau de mestre em Letras, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, na linha de pesquisa Tradução e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Alves

Coorientadora: Prof.a Dra. Janaína Aguiar Peixoto

João Pessoa

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B333c Batista, Pollyana Stephanie de Oliveira Alves e.
Componentes psicofisiológicos e o desenvolvimento da Competência Tradutória Intermodal à luz da pesquisa narrativa / Pollyana Stephanie de Oliveira Alves e Batista. - João Pessoa, 2024.
224 f. : il.

Orientação: Daniel Alves.
Coorientação: Janaina Aguiar Peixoto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Tradutória intermodal - Competência. 2. Língua de Sinais (Tils) - Tradutores intérpretes. 3. Componentes psicofisiológicos. 4. Pesquisa narrativa. I. Alves, Daniel. II. Peixoto, Janaina Aguiar. III. Título.

UFPB/BC CDU 81'253(043)

Elaborado por RUSTON SAMMEVILLE ALEXANDRE MARQUES DA SILVA - CRB-15/0386

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
POLLYANA STEPHANIE DE OLIVEIRA ALVES E BATISTA

Aos trinta e um dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às catorze horas e trinta minutos, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: "Componentes psicofisiológicos e o desenvolvimento da Competência Tradutória intermodal à luz da pesquisa narrativa", apresentada pelo(a) aluno(a) Pollyana Stephanie de Oliveira Alves e Batista, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O (A) professor(a) Doutor(a) Daniel Antonio de Sousa Alves (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os professores doutores Roberto Carlos de Assis (PPGL/UFPB) e Camila Nathalia de Oliveira Braga (UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: aprovado. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Daniel Antonio de Sousa Alves (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 31 de junho de 2024.

Parecer:

Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves
(Presidente da Banca)

Profa. Dra. Camila Nathalia de Oliveira Braga
(Examinadora)

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis
(Examinador)

Pollyana Stephanie de Oliveira Alves e Batista
(Mestranda)

JANAINA AGUIAR PEIXOTO
(CO-ORIENTADORA)

Ao meu querido avô a quem amo eternamente, parte mais linda de mim.

E ao narrador e comentaristas da minha cabeça que acompanham todos os meus processos.

Agradecimentos

Realizar uma pesquisa de Pós-graduação não é uma tarefa fácil, por mais que se goste do seu objeto de pesquisa. A realização desta pesquisa não seria possível sem o apoio e auxílio de tantas pessoas que preciso mencionar.

Primeiramente, agradeço ao meu Deus e criador Jeová que sempre me dá poder além do normal para conseguir continuar funcionando independente do que aconteça à minha volta.

À minha família querida, meus pais, Ednaldo e Celsa, meus irmãos Robert a e Segundo, e os meus cunhados Normando e Lidiane, que amo muito mais do que poderia colocar em palavras e que sempre me apoiam e acreditam no meu potencial, até quando estou sem energia. Em especial a Lidiane, ou Lee, como chamamos, que tem demonstrado força sobre-humana por mais de um ano e ainda tem forças para sorrir para nós e nunca desanima de lutar. Impossível não encher o coração de esperança, fé e admiração acompanhando tão de perto essa luta e vitória diárias. Vocês são a minha base e mostram como é possível ter força mesmo em meio ao vendaval que tem sido a nossa vida no último ano e como o amor é uma força poderosa que nos sustenta e guia, como uma família deve ser. Amo muito vocês.

À minha vozinha, tão linda, e aos meus tios e primos que sempre me incentivam e apoiam, e sempre estão presentes em tudo, mesmo que à distância, torcendo por mim e dando palavras de encorajamento. Não seria o que sou e quem sou sem vocês.

Ao meu querido orientador, amigo e mestre jedi Daniel, que assim como um irmão, não desistiu de mim ou da pesquisa mesmo com todas as razões que me fizeram quase desistir do mestrado. Obrigada, não seria possível sem você.

À minha querida coorientadora Janaína, que com o seu amor pela cultura surda e pela Língua de Sinais me ajudou a construir o contexto desta pesquisa.

Aos queridos membros da banca, Prof.a Dra. Camila Braga e Prof. Dr Roberto Assis, assim como os seus suplentes Prof. Dr Helano Ribeiro e Prof.a Dra. Tânia Liparini que gentilmente aceitaram o convite para participar da banca e avaliar o meu trabalho e pelas valiosas contribuições que ofereceram.

Aos meus queridos amigos que me apoiaram de tantas formas, fosse me ouvindo, ou dando ideias de como organizar as coisas etc., obrigada. Neste sentido, apesar de serem tantos os que me ajudam de uma forma ou outra, quero mencionar especialmente ao Nielson, à Dalva, à Livia, à Rosiane e ao Otávio, colegas da UFPB e do PPGL e amigos queridos que me ajudaram de formas

práticas com correções de texto, paginação, a organização das coisas para a defesa, e por aceitarem interpretar a minha defesa (Ismênia e Kássia). Obrigada por tornarem mais leve os momentos que poderiam ser tensos, fazendo com que eu não precisasse me preocupar com coisas adicionais.

Aos queridos sujeitos de pesquisa, cujo relato foi o corpo desta dissertação.

Aos queridos professores e colegas do PPGL que me ajudaram a construir a minha identidade enquanto mestranda e enxergar o mundo da pesquisa.

A todos que me apoiaram, incentivaram ou de algum modo tornaram a minha vida melhor em algum momento.

Ao povo surdo, em especial aos meus amigos do povo surdo, sem os quais não estaria aqui neste momento.

Resumo

Esta dissertação, que visa lançar luz sobre a possível relação entre os componentes psicofisiológicos e o desenvolvimento da Competência Tradutória intermodal de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (Tils) que atuam, ou atuaram no Ensino Superior ou em contextos de conferência; (b) a possível influência do contexto de aprendizado destes no seu perfil profissional; e (c) possíveis impactos destes elementos na sua atuação, fazendo, para tanto, uso das narrativas de onze Tils que se encaixam no perfil acima mencionado. A pesquisa fez uso de entrevistas de vídeo gravadas e depois transcritas para que cada uma das narrativas pudesse ser analisada, comparando o que os entrevistados diziam movê-los de uma forma ou outra com os elementos descritos pelo grupo PACTE como parte dos componentes psicofisiológicos, refletindo em como estes impactaram na formação inicial destes tradutores, assim como nas formas que a sua expertise os ajudou a manejar estes mesmos aspectos. É criada uma tabela para categorizar os componentes psicofisiológicos e tentar distribuir os dados, assim, de maneira visual, de acordo com as 3 categorias elencadas pelo próprio grupo PACTE. Sendo, porém, constatada a fluidez de interação entre os componentes e os demais subcomponentes da competência tradutória. A pesquisa ainda aponta para uma tendência a sentimentos de inadequação irem dando lugar à racionalidade crítica e lógica dos participantes como forma de se aperfeiçoar e uma tendência a irem se concentrando no seu público-alvo (pessoas surdas) e crescerem assim em confiança nas suas habilidades pelo feedback recebido destes.

Palavras-chave: *Competência Tradutória intermodal; Pesquisa Narrativa; Componentes psicofisiológicos; Tils;*

Abstract

This thesis which aims to shed some light on the possible relation between psychophysiological components and the acquisition of intermodal Translation Competence in Sign Language Translator-Interpreters which now or formerly performed on higher education levels or Conference contexts; (b) the possible influence of the context in which they learned Sign Language on their professional profile; and, (c) possible impacts of the aforementioned elements on their performance, making use of the narratives of eleven translators who meet the profile specified, in order to do so. The research made use of recorded video interviews which were then transcribed to allow each interview to be analysed, comparing what each participant said to move them one way or another with the elements described by the PACTE group as part of the psychophysiological components, reflecting on how they had an impact on the development of the translator competence of the participants as well as how their expertise helped them manage these same aspects that were once so hard for them. The author of the thesis then creates a chart based on PACTE group categories for psychophysiological components in which she organises the data collected from the interviews visually, noticing however, the fluid nature of the interaction between the components and sub-competencies of the translator competence which make them hard to categorise, since multiple aspects of the components or sub-competencies can be found in the same excerpts. The research also points towards a tendency to feelings of inadequacy at first which in time give way to critical and logical reasoning with the participants as a way of perfecting themselves, as well as a tendency to go on focusing on their target audience (deaf people) which make them to grow in confidence of their own skills due to the feedback received by them.

Key words: *Intermodal Translation Competence; Narrative Survey; Psychophysiological components; Tils;*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1..... 23
Quadro 2..... 30
Quadro 3..... 36
Quadro 4..... 38
Quadro 5..... 39
Quadro 6..... 41
Quadro 7..... 43
Quadro 8..... 44
Quadro 9..... 46
Quadro 10..... 49
Quadro 11..... 50
Quadro 12.....53
Quadro 13..... 55
Quadro 14..... 63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CT - Competência Tradutória

CTi - Competência Tradutória intermodal

FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio à pessoa com deficiência

IFPB - Instituto Federal da Paraíba

ILS - Intérprete de Língua de Sinais

PACTE - (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação)

PROLIBRAS - Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Tils - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

Libras - Língua Brasileira de Sinais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Sumário

Introdução **2**

Capítulo 1 - Da origem ao status profissional atual **4**

1.2 – Enxergando a vida por outro prisma: conhecendo o mundo visual **8**

Capítulo 2. Narrando a competência tradutória **14**

2.1. Contextualizando a pesquisa **14**

2.2 Breve histórico das pesquisas em competência tradutória **15**

2.2.1 Termos e conceitos iniciais em competência tradutória **15**

2.2.2 Primeiros passos no surgimento de modelos de competência tradutória **16**

2.3 Modelo do grupo PACTE **19**

2.4 Visão geral da pesquisa em competência tradutória nas pesquisas stricto sensu no Brasil **21**

2.5 A competência tradutória intermodal **23**

2.6 Escolhendo o caminho da narrativa **26**

Capítulo 3. Caminho metodológico **26**

3.1 Ideias e conceitos importantes em pesquisa narrativa **27**

3.2 Desenhando o projeto piloto **28**

3.3 Os sujeitos da pesquisa **35**

Capítulo 4. Refletindo sobre o passado para entender o presente **36**

4.1 Dos resultados e discussões **38**

4.1.1 Tils 1 ..... **39**

4.1.2 Tils 2 ..... **40**

4.1.3 Tils 3 ..... **42**

4.1.4 Tils 4 ..... **44**

4.1.5 Tils 5 47

4.1.6 Tils 6 48

4.1.7 Tils 7 51

4.1.8 Tils 8 53

4.1.9 Tils 9 55

4.1.10 Tils 10 58

4.1.11 Tils 11 60

5. Considerações finais 65

Referências 68

Apêndice 71

Anexo 73

Introdução

A presente pesquisa busca encontrar padrões em narrativas que possam lançar luz sobre o desenvolvimento da Competência Tradutória Intermodal (CTi) de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (Tils), que tenham atuado, ou que atuem no ensino superior e/ou em contexto de conferência, para tanto, ampara-se nos estudos do grupo Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação) - PACTE sobre a Competência Tradutória (CT), associada à pesquisa narrativa. Para tanto, a pesquisa analisa os depoimentos de 11 (onze) Tils que se enquadram no perfil mencionado, a fim de tentar encontrar padrões que possam nos indicar como, ou se, os componentes psicofisiológicos podem influenciar: (a) no desenvolvimento da sua CTi; (b) no seu contexto de aprendizagem e no seu perfil enquanto profissionais; (c) possíveis impactos desses elementos na sua atuação.

Com a promulgação da Lei 10.436 /02 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de expressão e comunicação do povo surdo e a consequente conquista do direito linguístico das pessoas surdas em território nacional, um crescente número de pesquisas tem se voltado para a Libras, para a aquisição e estrutura dessa língua para a Literatura Surda, bem como para o papel ou atuação do Tils, sendo, porém, a pesquisa voltada para o desenvolvimento da CTi ainda escassa.

Uma vez que esta pesquisa é de caráter qualitativo, ela não se propõe a encontrar respostas definitivas ou encerrar o assunto, ao invés disso, busca levantar uma discussão que possa subsidiar futuras pesquisas empíricas voltadas à formação dos Tils. Levando em conta ser uma pesquisa envolvendo seres humanos, antes de qualquer entrevista, o experimento foi submetido ao Comitê de Ética, desenvolvido sob o projeto guarda-chuva 'A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória', analisado e aprovado pelo CEP, sob o registro CAAE: 248361121.6.0000.5188;

O capítulo 1 intitula-se “**Da origem ao status profissional atual”**. Neste capítulo, apresento a justificativa para esta pesquisa, é esclarecido o porquê da escolha do objeto e tema dela, apresento o objeto desta pesquisa, as perguntas que a moveram, bem como os seus objetivos geral e específicos, sendo apresentados sob o subtópico *conceitos iniciais para entender o mundo visual e o povo surdo* conceitos relacionados à vivência que permeia a vida do Tils, tais como: povo surdo; comunidade surda, cultura surda e versão voz, assim como aspectos relacionados à inserção dos Tils nesta comunidade. Em seguida, sob: *enxergando a*

vida por outro prisma: conhecendo o mundo visual, parto da minha própria jornada de contato com a Libras e os surdos, contando o relato do meu caminho até me tornar uma Tils profissional, parte do quadro efetivo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, assim como o que me despertou ao meu objeto de pesquisa.

Ao entrarmos no capítulo 2, "**Narrando a Competência Tradutória"**, apresento alguns conceitos chave para esta pesquisa, incluindo uma apresentação do modelo de CT proposto pelo grupo PACTE, dando mais atenção ao aspecto do interesse deste estudo, os componentes psicofisiológicos e então estabeleço um diálogo entre a CT e a pesquisa narrativa, chamando à atenção para a necessidade de se olhar para a modalidade da língua no que se refere ao desenvolvimento da CT, justificando, assim, o uso feito da terminologia CTi. Esclareço também por que a pesquisa narrativa atende melhor aos interesses da nossa pesquisa. Para atingir esses objetivos, no que concerne aos Estudos da Tradução, são usadas como referência: as pesquisas do grupo PACTE (2003, 2005); Ronice Quadros (2004); José Gonçalves (2005); Silvana Santos (2006); Karin Strobel (2008); Carlos Rodrigues (2012a, 2018b); Hurtado Albir (2017); Pedro Zampier (2019) e Daniel Alves e Edilza Detmering (2021). Com relação à pesquisa Narrativa, as considerações aqui tratadas baseiam-se nos estudos realizados por Michael Connelly e Jean Clandinin (1990); Eduardo Barbosa (2008); Vera Paiva (2008); Camila Muylaert et al. (2014); e Jean Clandinin et al. (2016).

Para fins de clareza das ideias e conceitos apresentados, subdivido esse capítulo em subtítulos assim organizados: o primeiro: *Entendendo a Competência Tradutória*, aborda o modelo de CT escolhido para essa pesquisa, descreve as subcompetências da CT de forma breve, dispensando maior atenção aos componentes psicofisiológicos por serem eles centrais à esta investigação; o subtítulo seguinte: *A modalidade de língua e a CT*, traz para nós reflexões sobre aspectos particulares da expressão das Línguas de Sinais e dos efeitos que essas têm nos Tils, são ainda apresentadas reflexões sobre a ligação direta de aspectos dos componentes psicofisiológicos à CTi e como os seus efeitos podem impactar na performance dos Tils e no próprio produto entregue por estes na língua de chegada; após isto, temos o subtítulo final deste capítulo: *Narrando a CTi,* que nos apresenta a pesquisa narrativa, suas possibilidades únicas de investigação, justificando, portanto, o tipo de pesquisa que foi escolhida para este trabalho.

O capítulo 3, "**Caminho Metodológico"**, aborda a composição do caminho metodológico percorrido para esta investigação. Mais uma vez, o capítulo se divide em *Ideias e conceitos importantes em pesquisa narrativa,* onde são apresentadas as questões particulares

de formação dos Tils que me fizeram optar pela pesquisa narrativa, bem como algumas características importantes da pesquisa narrativa que a tornam uma rica fonte de dados do nosso interesse. No subtópico seguinte *desenhando o projeto piloto,* apresento o desenho experimental pensado para esta pesquisa; a organização e estrutura das entrevistas; as impressões que o meu orientador e eu tivemos com as entrevistas piloto; ajustes que consideramos necessário fazer ao método; os questionários respondidos após as entrevistas, bem como as vantagens e dificuldades encontrados nestes e possíveis causas para tais; o experimento de tradução que foi introduzido e o sucesso ou não dele.

Após isso, no capítulo 4, **"Refletindo sobre o passado para entender o presente"**, faço uma análise das 11 entrevistas, em que me debruço sobre os dados coletados, relacionando estes ao embasamento teórico com o qual esta pesquisa dialoga e apresentando um vislumbre das possibilidades alcançadas por esta pesquisa. Novamente, após uma introdução ao capítulo, ele é subdividido para fins de organização, sendo a divisão da seguinte forma: subtópico 4.1 Aqui é apresentado, ainda que de maneira representativa, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, resultados e um certo padrão em narrativas de diferentes Tils.

Em seguida, no capítulo 5, são apresentadas as considerações finais com alguns achados mais significativos da pesquisa, reflexões e possibilidades a serem exploradas a partir dos resultados aqui encontrados.

Capítulo 1 - Da origem ao status profissional atual

A presente pesquisa está intimamente ligada à minha própria história e caminho percorrido até me tornar uma Tils profissional, por quase 7 (sete) anos integrante do quadro efetivo de Tils na UFPB. O meu começo há 18 (dezoito) anos, no entanto, não envolveu uma formação ou mesmo intenção profissional.

Quando olhamos o Decreto 5.626/05 que regulamenta a Lei 10.436/02, que tratam do status linguístico da Libras e a institucionalização do seu ensino e interpretação, respectivamente, podemos entender melhor porque tantos Tils atuantes, especialmente os que se inseriram na comunidade surda nesse período ou antes dele, iniciaram o seu percurso de maneira semelhante à minha, empiricamente. Estes assuntos serão mais bem explicados à medida em que os subtópicos forem sendo desenvolvidos, iniciando com o contexto da Libras enquanto idioma, da diferença entre povo surdo e comunidade surda, cultura surda e versão voz, da institucionalização da profissão do Tils, passando à minha própria história e o que me moveu a iniciar esta pesquisa.

Como justificativa para esta pesquisa, que está afiliada aos estudos do grupo PACTE (2003, 2005), indico que ela se volta para o desenvolvimento da CTi de Tradutores Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, especificamente buscando compreender se, e, como, os aspectos dos componentes psicofisiológicos podem influenciar o desenvolvimento desta competência; e possíveis efeitos que eles terão no perfil profissional destes tradutores. Também busca identificar se, ou, como, eles lidam com os seus efeitos no momento da sua performance.

Aspectos cognitivos e atitudinais dos componentes psicofisiológicos dos Tils em formação tais como: percepção; memória; emoção; curiosidade intelectual; rigor; motivação e perseverança podem contribuir ou dificultar no desenvolvimento da CTi dos Tils e influenciar positivamente ou negativamente, outros aspectos como conhecimento das próprias habilidades e confiança nas próprias habilidades? Caso aconteça essa influência, a expertise pode ajudar esses profissionais a manejar esses aspectos?

Assim sendo, tento identificar, por meio da pesquisa narrativa, se os componentes psicofisiológicos podem influenciar no desenvolvimento da CTi dos Tils, buscando: a) investigar formas nas quais fatores externos e internos podem influenciar o desenvolvimento da CTi em Tils; b) identificar influências que os componentes psicofisiológicos podem ter na

formação do perfil dos Tils, hoje expertos, sujeitos da nossa pesquisa; c) investigar possíveis padrões nas narrativas, que possam lançar luz sobre possíveis formas de incluir a compreensão de aspectos dos componentes psicofisiológicos na formação com o intuito de contribuir para a formação de Tils expertos e confiantes nas próprias habilidades; d) fornecer subsídios para futuras pesquisas voltadas para aspectos internos da CTi que podem se beneficiar do uso da pesquisa narrativa.

Inicio esta trajetória por apresentar um marco histórico para o povo surdo, a Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002) que reconhece legalmente a Libras da seguinte forma:

> Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
>
> Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.
>
> Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Ao determinar que o poder público e as empresas concessionárias de serviços públicos garantam formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras, começa-se a caminhar em direção à institucionalização do Tils, o que, naturalmente, não ocorre de forma imediata.

Três anos após a promulgação da "Lei da Libras", o governo federal, mais uma vez, caminha para regulamentar a execução desta Lei, fazendo isso agora, por meio de um decreto, o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) que discorre sobre a inserção progressiva, no decorrer de 10 anos, inserção progressiva da disciplina de Libras em cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia de forma obrigatória e, de forma optativa, para os demais cursos superiores; trata ainda da criação do curso Letras Libras nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado para a formação superior de Professores de Libras e dos Tils; estabelece a criação de exame nacional de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa (PROLIBRAS) a acontecer nos 10 anos seguintes à publicação do decreto a nível nacional; determina a formação dos tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa, em nível

médio, por meio de cursos profissionalizantes, cursos de extensão universitária e cursos de formação continuada oferecidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação; determina a viabilização de cursos de pós- graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação do decreto.

Apesar de ser um novo marco para o povo surdo brasileiro, de acordo com o censo 2010 do IBGE, 5,7 milhões de pessoas apresentavam algum grau de deficiência auditiva, com um pouco menos de 170 mil destes se declarando surdos. Pensar em 170 mil cidadãos que precisam obrigatoriamente de serviços de tradução e interpretação nas diversas demandas da vida diária, considerando a publicação do referido decreto apenas em 2005, com expectativa de cumprimento gradual nos 10 anos seguintes, fornece um vislumbre do déficit profissional existente por ocasião da publicação do dito decreto, o que ajuda a entender o meu próprio caminho até a profissionalização e ao objeto de pesquisa.

1.1 Conceitos iniciais para entender o mundo visual e o povo surdo

Antes de começar a minha história, gostaria apenas de apresentar mais alguns conceitos que estão intimamente ligados às narrativas aqui apresentadas, inclusive à minha. Os conceitos de povo surdo e comunidade surda, assim como de cultura surda e versão voz. Karin Strobel (2008, p.23) apresenta os dois primeiros conceitos da seguinte forma:

> Entendemos que a comunidade surda não é de fato só de sujeitos surdos; há também sujeitos ouvintes - membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros- que participam e compartilham interesses comuns de uma determinada localização…
>
> Quando pronunciamos `povo surdo´, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística…

Quis esclarecer a diferença entre os conceitos por ser, há mais de 18 anos, membro da comunidade surda, sem, no entanto, fazer parte do povo surdo, por ser ouvinte. Os dois outros conceitos também se fazem necessários pela frequência com a qual são percebidos nos relatos aqui apresentados.

Strobel (2008, pp. 29, 30, 43-94) fala para nós sobre a cultura surda e utiliza diversos exemplos acontecidos com ela mesma para ilustrar diferenças culturais entre o povo surdo e ouvinte, sendo a própria pesquisadora parte do povo e cultura sobre o qual discorre. A pesquisadora nos diz que a "cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais", o que vai abranger a língua, ideias, crenças, costumes e hábitos do povo surdo. Ela também afirma que esta cultura "penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas" (pp. 29,30).

Gosto da descrição da autora, porque tais marcas da experiência visual e da cultura surda permeiam todos os relatos incluídos nesta pesquisa. A autora também nos apresenta artefatos culturais do povo surdo, que são: (i) experiência visual; (ii) desenvolvimento linguístico; (iii) família; (iv) literatura surda; (v) vida social e esportiva; (vi) artes visuais; (vii) política; (viii) materiais (pp. 43-94) e o último artefato - adicionado por Peixoto e Possebon (2018, p. 194) – cultural religioso.

Dentre os artefatos mencionados, chamo a atenção para alguns que são mais perceptíveis nos relatos aqui analisados. O primeiro artefato, a própria experiência visual - que se dá pelo uso da visão em substituição total à audição - como forma de os surdos perceberem o mundo. De forma muito particular, os sujeitos surdos percebem as atitudes dos seres vivos e até de objetos pelas expressões faciais e corporais. Conseguem ver se alguém está feliz, triste, zangado ou até se animais são amigáveis. Percebem com muita atenção o estado das coisas pela sua aparência, nuance de cores etc. (Strobel, 2008, pp. 45,46). A experiência visual também marca sentimentos e atitudes do povo surdo, sendo, por exemplo, considerado extrema falta de educação virar as costas a um surdo se ele estiver falando com você, ou se você se posicionar entre um surdo e alguém com quem converse, mesmo que à distância, porque vai impedir a continuidade da comunicação por bloquear o campo de visão (p.50). Também chamo atenção ao segundo artefato que nos é apresentado por Strobel, que é o desenvolvimento linguístico, sendo esta é a maior peculiaridade do povo surdo (p. 53). A autora ressalta que a língua é uma das maiores marcas da identidade do povo surdo, por ser até mesmo como sujeitos surdos de outros locais, ao visitar algum lugar novo, identificam e encontram os seus pares, por ser típico ver em locais como praças, praias, shopping centers e outros, rodas de conversa com pessoas sinalizando (p. 56).

Também destaco dentre os artefatos mencionados, o artefato cultural familiar, por ter como particularidade a alegria que se tem - não apenas na família, mas na comunidade surda local - com o nascimento de uma criança surda. Famílias surdas não têm uma visão clínica da surdez, antes sentem alegria de poder ensinar e entender o seu filho desde bebê. Algo também interessante é que mesmo os bichos de estimação se adaptam aos seus tutores surdos e usam de estratégias para se comunicar com eles, compreendendo que não adianta latir ou miar para eles (pp. 58, 66). Outro artefato que se destaca pela sua beleza e riqueza é a literatura surda, que se apresenta por meio em obras com a Língua de Sinais, a identidade e cultura surdas presentes nas narrativas. Pode ser encontrada em diferentes gêneros como poesia, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outros. Uma outra coisa que chama a minha atenção enquanto ouvinte e que também é destacado pela autora surda, é que muitas vezes a temática de obras literárias surdas tem a ver com pressões ouvintistas[1] (p. 68).

Neste ponto, e como última informação adicional antes do meu próprio relato, quero trazer a atenção para uma expressão que será vista repetidas vezes nas falas dos sujeitos desta pesquisa – versão voz. Graças aos avanços de políticas linguísticas que tiveram como resultado a Libras ser reconhecida como idioma oficial dos povos surdos brasileiros, e do decreto que institucionaliza a profissão do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (Tils), sujeitos surdos foram alcançando cada vez mais espaços e tendo fala nos mais diversos ambientes e instâncias. Em decorrência disto, a interpretação de/ para a Língua de Sinais passou a crescer cada vez mais em ambas as direcionalidades – direta e inversa. Como dito no início desta pesquisa, a maioria dos Tils com mais de 15 (anos) de atuação, teve o seu começo no voluntariado, com formação empírica, o que os fez diferenciar as direcionalidades da interpretação em sinalização (inversa) e versão voz (direta), sendo ela assim reconhecida e comumente chamada por nesta direcionalidade o Tils falar em língua portuguesa o que o surdo sinaliza em Libras.

1.2 – Enxergando a vida por outro prisma: conhecendo o mundo visual

Apresento agora o meu contexto de contato com a Língua de Sinais; primeiros contatos com pessoas surdas; inserção na comunidade surda; e caminho até a pesquisa. Esclareço que

[1] O ouvintismo é definido por Skliar (1998 apud Strobel 2006) como um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte.

desse ponto em diante alterarei o nome das pessoas, a fim de proteger a privacidade dos envolvidos no meu relato.

Sou natural de Pombal, uma cidade no interior da Paraíba que tem hoje 32.802 habitantes, de acordo com o censo IBGE de 2020. Faço parte de uma religião onde os seus membros usam parte do seu tempo para ensinar a bíblia a pessoas interessadas.

No ano de 2005, a minha congregação promoveu um curso breve de Libras, ministrado por um casal da mesma religião, que chamarei de Clark e Lois, que fazia esse mesmo trabalho para as pessoas surdas. Durante 3 dias aprendemos alguns conceitos básicos da gramática da Libras, estrutura espacial da língua, diferenças entre Libras e Português, e aspectos da cultura surda.

Por ser um curso curto, não nos foram passados muitos sinais, apenas algumas saudações, algumas frases chave para os primeiros contatos como: “estou aprendendo”; “tudo bem?”; “sou o Fulano”. Uma coisa que ficou comigo desse curso, foi o quanto nos foi enfatizado a enxergar o surdo como uma pessoa capaz que apenas se comunica de outra forma; a entendermos diferenças culturais e não permitir que isso nos fizesse desenvolver algum tipo de preconceito; bem como lembrar de que estaríamos entrando em contato, na sua maior parte, com pessoas adultas que eram donas das suas vidas e mereciam ser tratadas com o devido respeito.

Fomos ainda incentivados a querer conhecer os surdos e ter contato com eles, que seria como desenvolveríamos aptidão no idioma, assim como a estudar os nossos muitos materiais audiovisuais, já que, mesmo nessa época, um imenso trabalho de tradução, por parte da nossa religião, já estava em andamento, para tornar as nossas publicações e a bíblia também acessíveis ao povo surdo.

Após o curso, duas irmãs, que já eram intérpretes há vários anos, Lana e Cassie, passaram 6 (seis) meses em Pombal para apoiar o grupo de Língua de Sinais que foi formado por ocasião do curso. Elas nos ajudavam a entender o que estava sendo dito, estudavam pacientemente as temáticas que seriam abordadas nas reuniões em Língua de Sinais conosco e nos acompanhavam sempre no serviço de evangelização.

Existem alguns lugares em Pombal onde os surdos vão se encontrar para conversar sobre as coisas do dia a dia, notícias etc. Por, na maioria das vezes, ter a comunicação limitada com

os membros da família devido à barreira linguística, o povo surdo tende a ser próximo e se encontrar com frequência.

A primeira vez que fomos para um desses lugares de encontro com elas, pareceu-me que estava mergulhando em um outro mundo. Já tinha assistido a algumas reuniões em Língua de Sinais dois anos antes, mas o meu contato era, na maior parte, com os ouvintes presentes, apenas dizia "olá" aos surdos, sorria, e dependia dos intérpretes presentes para qualquer comunicação. Além disso, nas reuniões que visitei, vi apenas dois ou três surdos, o que foi muito diferente dessa outra experiência.

Chegamos na praça e tinha em torno de 10 surdos conversando. Eles sinalizavam de forma rápida, riam, um respondia ao outro muito mais rápido do que eu conseguia processar qualquer coisa que estava sendo dita. Por Lana e Cassie já serem intérpretes, elas tomaram a iniciativa de se apresentar aos surdos. Depois eles voltaram a sua atenção para nós, que basicamente sorrimos, e fiz a minha ensaiada apresentação de: "tudo bem? Meu nome é Pollyana, esse é o meu sinal identificador, qual o seu?" Eles perguntaram se eu era intérprete também e respondi que estava aprendendo e pedi que me ajudassem a aprender.

A partir desse dia, passei a ter contato diário com os surdos de Pombal e passava o restante do tempo mergulhada nas traduções. Lia o texto em português e assistia aos mesmos textos em Libras, e comecei a perceber padrões na língua. Mesmo estando iniciando ainda o nosso contato e até a aquisição de língua, os surdos começaram a assistir às nossas reuniões, o que nos fez atuar como "intérpretes". Como as reuniões eram programadas com antecedência, tínhamos acesso a tudo o que seria estudado. Lana e Cassie nos ajudavam a traduzir as partes que cada um ficaria responsável e estudávamos o nosso texto traduzido para conseguir interpretar ao ouvir o que estava sendo falado. A minha casa começou também a ser um dos pontos de encontro dos surdos. Era comum ter entre 10 e 15 surdos na minha casa. Nós conversávamos na varanda, fazíamos pipoca, contávamos piadas e, cada vez mais, eu me encantava por esse mundo visual.

Uma coisa curiosa que me aconteceu foi ter imerso de maneira tão intensa na cultura surda e Língua de Sinais, que comecei a ficar um pouco confusa para me expressar em português. Eu me esforçava ao máximo para pensar em Libras, enxergar as coisas como os surdos enxergavam, fazia perguntas incessantes a eles e, graças a isso, no período de um mês já conseguia me comunicar com fluência. Ao perceber que estava ficando um pouco confusa

para me expressar em português, passei a ter o cuidado de voltar para a minha língua diariamente, apesar de não abandonar o meu amor pela Libras e pelos surdos.

Nesse ponto, não imaginava vir a atuar como intérprete profissionalmente. Eu gostava dos surdos, de estar com eles, mas não pensava em usar isso como o meu meio de vida. Algo interessante que me aconteceu, foi a comunidade surda passar a me identificar como intérprete. Quando chegavam surdos de outros lugares, eles diziam: eles estão aprendendo, mas a Pollyana é intérprete. Eu respondia que estava aprendendo, não sentia que tinha competência para me denominar intérprete. Mesmo assim, a interpretação voluntária era parte do meu dia a dia. Os meus amigos sempre precisavam de mediação em consultas médicas, conversas com a família, atendimento no banco, então, tanto eu quanto as outras pessoas do grupo de sinais, sempre os acompanhamos nessas demandas necessárias do dia a dia. E, enquanto me aprofundava na cultura e mundo surdos, sentia as forças contrárias que me puxavam simultaneamente.

Apesar de não ser ainda uma Tils com formação para isso, sentia o que Santos (2006) chama de hibridismo cultural. Sentia com cada vez mais força o deslocamento da minha identidade. Passei pelo mesmo processo que Santos (2006, p.36) identifica na sua pesquisa sobre os Intérpretes de Língua de Sinais (ILS):

> Alguns dos ILS parecem conhecer "intimamente" os dois espaços, de surdos e de ouvintes, mas não pertencem "completamente" a eles e sim transitam por eles. Não são surdos, mas se aproximam deles e, ao mesmo tempo, são ouvintes que desenvolveram características diferenciadas da maioria da população que ouve. Enfim, os ILS são outros, em que outra identidade emergiu.

Três anos depois, as mães de três crianças surdas foram à minha casa, junto com o instrutor surdo que é líder da comunidade em Pombal, para me pedir para ser intérprete na escola das crianças. Eu respondi que não pensava em ser intérprete, que gostava de estar com eles, mas estava me formando em Letras Inglês, que o meu objetivo era ser professora.

Porém, pela insistência e preocupação deles, concordei em aceitar o emprego, e foi como comecei, pela primeira vez, a atuar como intérprete em um ambiente institucional. Nesse mesmo ano eu prestei o exame PROLIBRAS e fui aprovada, tendo assim um certificado oficial de que estava apta para atuar enquanto Tils, apesar de a minha formação ter sido exclusivamente empírica.

Atuei como Tils por dois anos, primeiro para a prefeitura de Pombal, depois para o governo do Estado. Após isso, concluí a minha graduação, fui morar no Rio Grande do Sul por cinco anos e passei a exercer a minha profissão por formação. Em 2015 voltei para Pombal e voltei a ter contato com a comunidade surda, mas continuei a atuar como professora. No fim de 2016 passei no concurso para Tils da UFPB, sendo nomeada em janeiro de 2018.

Nesse mesmo ano, na linha de pesquisa de estudos semióticos do PPGL, foram abertas vagas voltadas para pesquisas em Libras. Com as aprovações neste processo seletivo, passei a interpretar todas as disciplinas de pós-graduação dos três mestrandos surdos aprovados, tendo assim, pela primeira vez, contato com os Estudos da Tradução, o que me abriu os olhos para teorias que fundamentam a minha prática. E foi nessa disciplina de Tópicos Especiais em Tradução, que a semente de inquietação científica foi plantada no meu cérebro.

Pela primeira vez, passei a ter contato com as teorias que explicavam os processos mentais que fazíamos de forma intuitiva. Assim como eu, a maioria dos meus colegas teve formação empírica, entrou em contato com a comunidade surda local por meio de ministérios nas suas respectivas igrejas e apenas alguns deles fizeram cursos de formação.

Esclareço aqui que temos em João Pessoa uma instituição que oferece curso de formação de Tradutores Intérpretes de Libras em nível médio, a Fundação Centro Integrado de Apoio à pessoa com deficiência - FUNAD. Os demais cursos oferecidos são cursos de idioma, voltados para a fluência na Libras, não temos, porém, um curso de Bacharelado em Tradução que tenha a Libras como um dos seus idiomas de estudo.

Ter acesso a essas pesquisas sobre Tradução me fizeram refletir em como eu gostaria de ter tido acesso a essa formação quando estava iniciando a minha carreira como Tils em 2008. Além disso, alguns comentários dos meus colegas Tils me fizeram começar a ter interesse no atual tema pesquisado.

Lembro que no primeiro dia de aula de uma das disciplinas de Semiótica, a minha colega, que chamarei de Laura, parecia constrangida e um pouco agitada. Perguntei a ela o porquê desse comportamento atípico e ela me respondeu que a Luana, que era uma intérprete muito competente, estava assistindo à aula. Perguntei, então, que diferença isso fazia e ela pareceu um pouco admirada de que a presença de outros Tils, talvez mais experientes do que eu, não me incomodasse. Disse a ela que o que nós entregamos como produto é Libras e que,

se os surdos compreendessem a mensagem, não me interessava como outras pessoas achassem que ela devesse ser vertida, afinal, duas pessoas nunca interpretam da mesma forma e as intérpretes da casa éramos nós.

Esse comentário da minha colega me despertou uma curiosidade, porque já tinha ouvido comentários similares de outros colegas, apenas não tinha associado o desconforto deles com ter essas pessoas mais experientes assistindo à sua performance. Algumas semanas depois, desta vez na disciplina de Tópicos Especiais em Tradução, um dos mestrandos, que também era Tils, mas no Instituto Federal da Paraíba - IFPB, fez um comentário similar sobre essa inquietação quando se deparava com outros Tils na assistência de algum evento em que estivesse interpretando e falou sobre como desenvolveu a sua CT em meio à competitividade, com um Tils querendo se sobressair ao outro e tentou confirmar a informação comigo. Lembro de ter ficado confusa, uma vez que a minha própria experiência tinha sido de total acolhimento, o que é costumeiro para todos os que resolvem ingressar na Língua de Sinais na minha religião. Só então lembrei de alguns episódios, de encontrar com Tils de outras denominações religiosas e eles se apresentarem como: “Fulano, intérprete da igreja tal”; e dizerem que “com certeza eu já deveria ter ouvido falar neles”, o que me deixava um tanto perplexa.

Passei a perceber a questão de status que tinha marcado o começo da atuação de Tils aqui na região, algo que nunca tinha me dado conta, mas que me despertou a curiosidade científica de entender se a razão para não importar tanto para mim quem estava me vendo interpretar era devido ao fato de que o meu começo, apesar de empírico, ter sido marcado por tutoramento, auxílio, incentivo e parceria. Diferentemente dos meus colegas, eu apenas me concentrava em reexpressar a mensagem dita na língua de partida da forma mais clara possível na língua de chegada, porque assim como quando comecei a interpretar para os meus amigos surdos em Pombal, a minha preocupação sempre permaneceu apenas de que os surdos tenham acesso à mesma informação que os ouvintes.

Apesar de já saber que era isso o que me interessava pesquisar, não sabia como transformar essa curiosidade numa pergunta científica, nem sabia por onde começar a procurar uma teoria que pudesse embasar essa busca. Então expressei essa minha curiosidade a um dos professores da disciplina, que hoje é o meu orientador. Posteriormente, o professor me apresentou a pesquisa do grupo PACTE, explicou sobre a CT e os aspectos que o interessavam em particular, os componentes psicofisiológicos, que era justamente o que eu gostaria de entender e apenas não sabia a terminologia correta ou conhecia a teoria que a fundamentava.

Mais uma vez, foi como se um novo mundo se abrisse diante de mim. Entender sobre a competência tradutória e em especial os componentes psicofisiológicos, deu a sensação de levantar uma venda dos olhos e, mais uma vez, conseguir enxergar o mundo por um prisma diferente. Sempre fui fascinada pelo funcionamento da mente e o que nos move a fazer as coisas. Poder dar nome à minha sede incansável de entender mais sobre o mundo visual, perceber cientificamente sobre as inseguranças que pairavam nos meus colegas, o efeito que isso pode causar mesmo anos depois, já sendo um tradutor experto, ao se ver em uma situação que remonte à incerteza e insegurança do começo, fez com que eu quisesse muito entender se existia alguma relação entre o início da jornada do tradutor e a percepção que ele tem de si mesmo depois.

No próximo capítulo, dou início às considerações sobre a teoria que passou a guiar a minha busca por conhecimento e investigação científica. Exponho agora, porém, antes de adentrarmos no próximo capítulo, o objeto desta pesquisa; a pergunta de pesquisa; e os objetivos desse estudo, bem como, passo a contextualizar a pesquisa e delimitar a fundamentação teórica dela.

Capítulo 2. Narrando a competência tradutória

2.1. Contextualizando a pesquisa

Neste capítulo serão abordados o conceito de Competência Tradutória, assim como noções relacionadas a ele. Veremos onde a presente pesquisa situa-se nos Estudos da Tradução, será apresentado um breve histórico de pesquisas chave relacionadas à CT, primeiro de uma forma geral, depois aqui no Brasil, apontando a nossa escolha pelo modelo de desenvolvimento da CT do grupo PACTE para, então, apresentar o conceito de Competência Tradutória intermodal (CTi), assim como conceitos relacionados à pesquisa narrativa e a justificativa para a sua escolha enquanto método para a presente pesquisa.

Como ponto de partida, esclareço que esta pesquisa adota o conceito de CT delineado pelo grupo PACTE (2003, 2005) também expresso por Rodrigues (2018b) como um saber agir especializado e complexo que integra efetivamente conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores. O que, por sua vez, compreende a mobilização e aplicação adequada, por parte do tradutor/ intérprete, “de recursos internos (cognitivos, afetivos, sociais, motores) e

externos (físicos, tecnológicos, humanos, temporais) às tarefas específicas de tradução"; o que demanda "solução de problemas e tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório" (Rodrigues, 2018b, p.292).

Ao fazer uso da pesquisa narrativa para buscar compreender o desenvolvimento de aspectos específicos da CT, a presente pesquisa filia-se aos Estudos da Tradução conforme o mapa de Holmes/ Toury (1995 apud Munday 2016) como pesquisa dos Estudos da Tradução "Pura", descritiva, voltada ao processo.

2.2 Breve histórico das pesquisas em competência tradutória

2.2.1 Termos e conceitos iniciais em competência tradutória

Nesse momento, importa destacar que Hurtado Albir (2017, p.18) faz um levantamento de estudos em CT desde as pesquisas iniciais nas décadas de 1980 e 1990, aproveitando um levantamento anterior feito por Orozco (2000 apud Hurtado Albir 2017). Segundo os dados encontrados pela autora, nesse período inicial das pesquisas em CT, muitos autores se utilizaram do termo sem, no entanto, oferecerem uma definição explícita do mesmo, como foi o caso de Krings (1986 pp.501, 522); Wilss (1989 pp.140, 146); Löscher (1991 p.41, 1992 p.426); Toury (1991 p.62, 1995 p.250); Kiraly (1995 pp.13- 19); Fraser (1996 p.87) (apud Albir 2017, p. 18).

Ainda se utilizando dos dados levantados por Orozco (2000, p.79 apud Albir, 2017 p.18) a autora traz à atenção o fato de que nesse mesmo período alguns autores não fizeram uso desse conceito especificamente, porém, utilizaram definições implícitas que parecem se relacionar com as competências requeridas para se poder investigar adequadamente o processo tradutório, como foi o caso de Delisle (1980 p.235 apud Albir 2017, p. 18).

Hurtado Albir (2017 p.18) passa então a nos apresentar algumas das primeiras definições de CT que surgem no período em questão, sendo elas (i) o conceito de Wilss (1982 p.58) de uma super competência baseada no conhecimento de compreensão das línguas de partida e de chegada, o que inclui a dimensão texto-pragmática que o autor define como "a habilidade de integrar duas competências monolíngues em um nível superior, como o nível do texto"; (ii) a definição de Bell (1991 p.43) de Competência do Tradutor como "conhecimento

e habilidades que o tradutor deve possuir para conduzir o processo tradutório; (iii) a definição de Cao (1996 p.326) de CT como os "diversos tipos de conhecimento essenciais ao ato da tradução"; (iv) o conceito da própria autora na década de 90 de CT como "a habilidade de saber como traduzir" (Hurtado Albir 1996a p.34, 1996b p.39).

Outro aspecto interessante apontado por Hurtado Albir (2017 p.18) é a emergência de uma certa variedade com relação à terminologia utilizada pelos diversos autores como (a) competência de transferência (Nord 1988, 1991 p.160); (b) competência traducional (Toury 1995 p.250; Hansen 1997 p.205; Chesterman 1997 p.147; Pym 1993 p.26); (c) competência do tradutor (Kiraly 1995 p.108); (d) habilidade de tradução (Lowe 1987 p.57; Stansfield et al. 1992); (e) habilidades de tradução (Lowe 1987 p.57); (f) expertise de tradução (Gile 1995b p.4); (g) a preferência da autora pelo uso do termo Competência Tradutória, por o termo *competência* já ser cunhado em outras disciplinas como a Linguística Aplicada, Pedagogia e Psicologia do trabalho.

2.2.2 Primeiros passos no surgimento de modelos de competência tradutória

Ao passar pela história da investigação em CT e seus modelos, continuo a me valer de dados já levantados pela pesquisadora Amparo Hurtado Albir (2017 p. 4-33) que nos conduz pelas pesquisas em competência em áreas afins até chegar à pesquisa sobre a Competência em Tradução, terminologias iniciais até a cunhagem do termo utilizado atualmente, como vimos no subtópico anterior e segue a trajetória da disciplina na proposição de modelos, suas características, até chegar no modelo atual do grupo PACTE (2003, 2005), modelo este adotado como base para esta pesquisa.

Importa destacar que não se trata em minúcias dos demais modelos de CT nesta pesquisa, uma vez que a apresentação breve destes apenas serve de embasamento geral para justificar a escolha do modelo supramencionado como fundamentação teórica desta dissertação. Para informações mais detalhadas sobre as pesquisas e modelos aqui citados, pode ser pesquisada a obra aqui referida.

Hurtado Albir (2017) aponta que apesar do fato de que as primeiras propostas de modelos de CT terem surgido nas décadas de 1980 e 1990, a maioria destes se constituiu de modelos componenciais focados em descrever os componentes constituintes da CT. Assim

como houve uma variação nas terminologias empregadas pelos autores do período, também se deu o mesmo com os componentes dos modelos de CT então propostos:

(1) Wilss (1976 p.120) que defendia a necessidade de o tradutor ter três competências: competência receptiva na língua fonte sendo esta a habilidade de decodificar e entender o texto fonte; competência reprodutiva na língua alvo correspondendo à habilidade de utilizar recursos linguísticos e textuais na língua alvo; super competência que envolve a habilidade de transferir mensagens entre os sistemas linguísticos e textuais das culturas fonte e alvo.

(2) Delisle (1980 p.235) que embora não utilizasse a noção de CT, propôs 4 (quatro) competências necessárias para se saber como traduzir, sendo estas a competência linguística, competência enciclopédica, competência de compreensão e a competência de reformulação.

(3) Roberts (1984) que distinguiu 5 (cinco) competências: a competência linguística, a competência de transferência, a habilidade de compreender o sentido e reformulá-lo evitando interferência linguística, a competência metodológica, a competência temática e a competência técnica.

(4) Hewson e Martin (1991) que distinguiam 3 (três) tipos de competência no tradutor: a competência interlinguística adquirida, a competência dissimilativa e a competência transferida;

(5) Nord (1988/1991, 1992) distingue 3 (três) componentes na CT que são a competência de transferência, a competência linguística e a competência cultural nos seus estudos iniciais (1988/1991), acrescentando a estes as competências de recepção e análise de texto, competência de pesquisa, competência de transferência, competência de produção textual, competência de avaliação da qualidade da tradução e competência linguística e cultural nas línguas fonte e alvo (1992 p.47). Para Nord, estas competências são essenciais à tarefa de tradução;

(6) Neubert (1994 p. 412) identifica 3 (três) subcompetências em CT que ele denomina de *competência traducional:* competência linguística, competência de tópico e competência de transferência;

(7) Kiraly (1995 p.108) cria um modelo integrado de competência do tradutor baseado na sua proposta de um modelo psicolinguístico de tradução que integra (i) conhecimentos relacionados a fatores situacionais que possam

envolver uma tarefa de tradução; (ii) conhecimento relevante à tradução que o tradutor possua, como conhecimento linguístico, cultural e especializado nas línguas fonte e alvo; (iii) a habilidade do tradutor de apropriar-se de processos psicolinguísticos intuitivos e controlados para formular o texto alvo e monitorar a sua adequação ao texto fonte;

(8) Hurtado Albir (1996a p.34, 1996b p.39) identifica 5 (cinco) sub-competências: (i) competência linguística nas duas línguas (fonte e alvo); (ii) competência extralinguística; (iii) competência de transferência; (iv) competência profissional; (v) competência estratégica;

(9) Hansen (1997) diferencia entre conhecimento e habilidades implícitos e explícitos, sendo o primeiro automatizado e inconsciente e o segundo consciente. O autor aponta três sub-competências que interagem entre si, sendo estas a competência traducional; competência social, cultural e intercultural; competência comunicativa;

(10) Risku (1998) propõe uma concepção modular de CT envolvendo quatro sub-competências que se integram para construir o sentido: macroestratégia de montagem; integração de informação; planejamento e tomada de decisão; auto-organização.

Ainda nos dados levantados por Hurtado Albir (2017), são encontrados autores que preferem o uso do termo habilidades de tradução, mas que também propõem modelos de categorias de conhecimentos e habilidades. São eles:

(11) Lowe (1987) que propõe 8 (oito) categorias de conhecimentos e habilidades que mapeiam, em sua opinião, o perfil ideal de tradutor: compreensão leitora na língua fonte; habilidade de produzir textos alvo; compreensão do estilo da língua fonte; maestria do estilo da língua alvo; compreensão de aspectos sociolinguísticos e culturais na língua fonte; maestria de aspectos sociolinguísticos e culturais da língua alvo; velocidade; "fator X" que o autor diz ser algo de difícil definição mas que torna uma tradução claramente superior a outras;

(12) Pym (1991, 1992) que apresenta duas habilidades relacionadas à prática que consistem na habilidade de gerar diferentes opções para o texto fonte e

a habilidade de escolher uma opção baseada no propósito da tradução e público-alvo;

(13) Hatim e Mason (1997 p. 205) que abarcam a competência organizacional; competência pragmática e competência estratégica. Eles diferenciam 3 (três) fases no processo tradutório: processamento do texto fonte, transferência e processamento do texto alvo, atribuindo uma série de habilidades a cada fase.

2.3 Modelo do grupo PACTE

O grupo PACTE - que foi formado com o objetivo de investigar a aquisição da Competência em Tradução de textos escritos de, e, para uma língua estrangeira, composto de tradutores e professores de Tradução, trabalhando com combinações de pares linguísticos de 5 (cinco) idiomas - teve como objetivo primário unificar critérios, o que os moveu a criar um modelo de características que definem o tradutor profissional (CT), e um modelo de aquisição desta competência que pudesse ser validado empiricamente. Desde a sua formação, o grupo tem conduzido extensiva pesquisa empírica, testando, analisando e corrigindo as suas proposições (PACTE 2003, 2005, 2017).

O grupo define CT como o sistema subjacente de conhecimento necessário para se traduzir, sendo este conhecimento experto envolvendo conhecimento declarativo e procedimental, sendo este predominante e sendo composta de um sistema de sub-competências interrelacionadas hierarquicamente. O grupo propôs um primeiro modelo em 1998 que após os resultados do primeiro estágio da pesquisa foram ajustados para o modelo atual (PACTE 2003).

O primeiro modelo, holístico, era composto de subcompetência de língua em 2 (dois) idiomas; subcompetência extralinguística; subcompetência instrumental/profissional, subcompetência psicofisiológica; subcompetência de transferência; subcompetência estratégica. Neste primeiro modelo, a subcompetência de transferência era considerada como central e como integradora de todas as outras.

O modelo atual de CT do grupo PACTE (2003) é constituído por cinco subcompetências e componentes psicofisiológicos que são ativados durante todo o processo tradutório. São estes:

- Subcompetência bilíngue: conhecimento predominantemente procedimental necessário para a comunicação em dois idiomas, inclui também o aspecto de controle de interferência por parte do tradutor ao alternar entre os dois idiomas;
- Subcompetência extralinguística: conhecimento predominantemente declarativo, implícito e explícito, sobre o mundo em geral e áreas específicas;
- Subcompetência de conhecimento sobre tradução: conhecimento predominantemente declarativo sobre o que é a tradução e aspectos da profissão do tradutor;
- Subcompetência instrumental: conhecimento predominantemente procedimental ligado ao uso de fontes documentais e tecnologias da informação e comunicação aplicadas à tradução;
- Subcompetência estratégica: conhecimento procedimental que garante a eficácia do processo de tradução e resolve os problemas encontrados neste. Esta subcompetência controla todo o processo tradutório e causa interrelações entre as demais competências;

- Componentes psicofisiológicos: diferentes tipos de componentes cognitivos e atitudinais, assim como mecanismos psicomotores.

Por ser um modelo criado com o objetivo de unificar os conceitos anteriormente diversos relacionados à CT e por envolver extensa pesquisa empírica que por sua preocupação com a replicabilidade dos experimentos e falseabilidade das hipóteses, este é o modelo adotado como base para a compreensão da CT e do seu desenvolvimento nesta pesquisa.

Uma vez que os componentes psicofisiológicos são o aspecto da competência tradutória do interesse particular desta pesquisa, foi formulado um quadro pela própria autora que categoriza os mencionados componentes com relação à sua natureza: aspectos cognitivos, aspectos atitudinais e emoções. O quadro será apresentado a seguir.

Categorias dos componentes psicofisiológicos		
Componentes cognitivos	**Aspectos atitudinais**	**Habilidades**
memória	Curiosidade intelectual	Criatividade
Percepção	perseverança	Racionalização lógica
Atenção	rigor	Análise e síntese etc.
Emoção	espírito crítico	
	conhecimento de e confiança nas próprias habilidades	
	capacidade de medir as próprias habilidades	
	motivação etc.	

Fonte: da autora, baseado em PACTE (2003)

Quadro 1

2.4 Visão geral da pesquisa em competência tradutória nas pesquisas stricto sensu no Brasil

Para conseguir vislumbrar os caminhos seguidos pela pesquisa em CT nos programas de pós-graduação no Brasil, utiliza-se nesta dissertação da ferramenta de buscas do Catálogo de Dissertações e Teses do CAPES. Ao fazer uma primeira busca utilizando o termo "Competência Tradutória", chega-se a 80 (oitenta) resultados.

Dentre estes, apenas 15 (quinze) fazem realmente referência à competência tradutória ou aspectos dela, sendo destes apenas 7 (sete) relacionados à atuação do Tils: (i) Dissertação de Mestrado – Rocha, Nara Caroline Santos Xavier. "O tradutor intérprete de Língua de Sinais e as competências tradutórias necessárias para a elaboração de videoprovas"; (ii) Tese de Doutorado – Silva, Rubia Carla da. "Os tradutores intérpretes de Libras-português nas IES federais do Brasil: da avaliação à importância das competências tradutória e interpretativa"; (iii) Dissertação de Mestrado – Cavalcante, Marcos Eduardo Alvarenga. "As estratégias utilizadas pelo intérprete educacional de Libras em aulas de inglês em escolas da rede pública de Teresina: uma análise do perfil e da competência tradutória; (iv) Oliveira, Pedro Zampier Lopes Vieira de. "Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o

processo de tradução no par linguístico Libras-português"; (v) Dissertação de Mestrado – Cabral, Tayna Batista. "Um estudo sobre a subcompetência estratégica no processo de interpretação língua portuguesa – Língua Brasileira de Sinais"; (vi) Dissertação de Mestrado – Santos, Warley Martins dos. "A tradução português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa; (vii) Tese de Doutorado – Machado, Flávia Medeiros Alvaro. "Formação e competências de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais em interpretação simultânea de língua portuguesa – Libras: estudo de caso em Câmara de Deputados Federais".

Após análise dos 80 resultados gerados e seleção dos trabalhos dentro dos Estudos da Tradução que façam referência às competências tradutórias e que se relacionem com a atuação dos Tils, foi feita uma nova busca com os verbetes "competência tradutória componentes psicofisiológicos" que não apresentou nenhum resultado. Uma nova busca foi feita, desta vez com os verbetes "tradução" e "componentes psicofisiológicos", que levou a uma dissertação de mestrado de medicina relacionada ao controle de qualidade do sono. Outra busca foi feita sob os verbetes (competência tradutória Libras) que apresentou 15 quinze resultados de áreas de formação diferentes, mas que apenas repetiu os mesmos resultados já mencionados acima com alguma ligação aos Estudos da Tradução e às competências tradutórias.

O levantamento de produções de pesquisas a nível de mestrado e doutorado na base da CAPES com a temática da Competência Tradutória e do seu desenvolvimento, chama a atenção para a necessidade do aumento de pesquisas nessa temática específica nos programas de pós-graduação no Brasil, o que torna esta pesquisa sobre a possível influência dos componentes psicofisiológicos no desenvolvimento da CT relevante pelo ineditismo da temática abordada, reiterando argumentos apresentados no início do capítulo um.

Fazendo uso da plataforma Google Acadêmico é possível encontrar inúmeros artigos voltados para a CT e o desenvolvimento desta, especialmente por meio dos cursos de graduação em Tradução, Relações Internacionais e Secretariado Executivo, porém, novamente, as pesquisas de pós-graduação a nível de Mestrado e Doutorado voltadas para esses aspectos importantes do processo tradutório e da formação de tradutores ainda precisam de mais atenção.

2.5 A competência tradutória intermodal

Conforme explanado no capítulo um desta dissertação, por atuar como Tradutora Intérprete de Libras já por quase dezoito anos, é de meu particular interesse compreender o desenvolvimento da CT em Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (Tils). Quando observamos o modelo de CT do grupo PACTE, é digno de nota que é apontado o aspecto variável da interação entre as subcompetências e da ativação durante todo esse processo de componentes psicofisiológicos que envolvem desde aspectos cognitivos como memória, atenção, curiosidade intelectual a mecanismos motores e fisiológicos do corpo. Se o ambiente, discurso, direcionalidade da tradução influenciam nessas interações, é de se esperar que a modalidade de língua também influencie na CT. Como é possível perceber a partir das pesquisas de Segala e Quadros (2015), Rodrigues (2018a) e (2018b) que serão agora apresentadas.

Segala e Quadros (2015) apontam que a tradução intermodal enquanto tipo de tradução foi primeiro proposta por Segala (2010 apud Segala e Quadros 2015 p.257) na sua Dissertação de Mestrado, pelo fato de a intermodalidade estar imersa nos processos intralinguísticos, interlinguísticos e intersemióticos que permeiam qualquer tradução de/para a uma língua de sinais.

Os autores salientam que mesmo que uma tradução parta do registro escrito da língua portuguesa para um dos sistemas de registro escrito da Libras, por os sistemas de escrita gráfica-visual da Libras contemplarem todos os aspectos da modalidade gestual-visual em sua quadrimensionalidade, a tradução permanece uma tradução intermodal. Além disso, por não haver ainda um sistema de escrita da língua de sinais consolidado e amplamente divulgado, os surdos tendem a preferir o registro audiovisual da Libras na sua expressão oral.

Segala e Quadros (2015) apontam então algumas questões implicadas na tradução intermodal: (a) a Libras é apresentada na sua expressão oral pelo registro audiovisual da performance do tradutor; (b) o tradutor está sempre visível durante a tradução por esta ser produzida pelo seu corpo no momento da sinalização; (c) o tradutor executa a sua performance em sinais, organizando discursivamente os recursos linguísticos (o texto em Libras) e paralinguísticos típicos da modalidade visual-especial (descrições imagéticas, antropomorfismo, incorporação e uso do espaço de sinalização). Os autores explicam que a performance do tradutor envolve assumir diferentes papeis enquanto produz o texto sinalizado,

e ao mesmo tempo, os papeis dos diferentes temas propostos por diferentes autores que talvez exijam o uso de recursos não-linguísticos típicos das línguas visuais-espaciais que não necessariamente estejam presentes no texto de partida.

A nível de exemplo do uso de tais recursos visuais não presentes no texto de partida, é a estratégia usada para se resolver problemas de tradução que envolvam termos que não fazem parte da cultura surda. Uma forma típica de se lidar com este tipo de problema de tradução é criar uma cena quadrimensional no espaço de sinalização do tradutor, que então faça o leitor do texto sinalizado enxergar a situação que está sendo descrita. Para isto, o tradutor posiciona cada elemento parte da situação em questão em um lugar específico do seu espaço de sinalização e incorpora tais elementos por inclinações do seu corpo e mudanças nas suas expressões faciais e corporais que remetam a cada um dos elementos e os faz interagir, dando vida à situação que, de outra forma, não faria sentido na língua e cultura surda. Assim, partilho da conclusão dos autores de que estes aspectos precisam fazer parte da formação dos Tils, por ser parte da essência da atividade deste profissional, e por os sentimentos e expressões do tradutor assumirem características gramaticais e linguísticas e poderem alterar o tom ou mesmo a mensagem transmitida.

Rodrigues (2018a) ao argumentar sobre a importância de se refletir sobre a modalidade da língua ao considerar a CT exigida do tradutor, faz referência ao fato de nenhum dos modelos reconhecidos de CT fazer referência direta à tradução e/ou interpretação envolvendo uma língua de sinais e considera o seu texto como uma primeira reflexão sobre como a modalidade da língua poderia trazer implicações ao modelo de CT. Ele também reconhece que a competência tradutória é algo bem complexo que envolve aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e socio-interativos.

O autor conceitua a competência tradutória como um saber-agir especializado e complexo que integra de forma efetiva conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores, assim como a mobilização por parte do tradutor/intérprete de recursos internos "(cognitivos, afetivos, sociais e motores) e externos (físicos, tecnológicos, humanos e temporais) às tarefas típicas de tradução que demandam tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório" (Rodrigues, 2018a).

Rodrigues (2018a) então raciocina sobre os achados do grupo PACTE apresentados em Hurtado Albir (2017) sobre a interação das subcompetências ser variável de acordo com (i) a direcionalidade da tradução; (ii) a combinação linguística (as línguas serem mais próximas ou distantes); (iii) a especialidade da tradução (se é uma tradução técnica, literária, jurídica etc.); (iv) a modalidade da tradução (se é escrita, à prima vista, legendagem etc.); (v) o grau de experiência do tradutor; (vi) o contexto situacional da atuação etc. Seguindo a lógica de que tantos fatores podem interferir na competência requerida do tradutor para uma tradução ou interpretação, o autor menciona a necessidade de reflexões que possam lançar luz sobre maneiras pelas quais a modalidade da língua (i) pode se relacionar aos diferentes componentes da competência tradutória; (ii) pode ser capaz de interferir na interação entre esses aspectos; (iii) pode ser capaz de influenciar na maneira de compreendê-los e defini-los.

O autor destaca dois dentre os vários efeitos que a modalidade pode ter sobre os processos tradutórios e/ou interpretativos intermodais: (i) a performance corporal-visual requerida do tradutor durante a realização da interpretação ou registro da tradução para a língua de sinais; (ii) a possibilidade de sobreposição de línguas durante o processo tradutório/ interpretativo intermodal (code-blending). Assim como Segala e Quadros (2015) Rodrigues (2018a) chama a atenção para a performance requerida do tradutor e intérprete intermodal, por o seu corpo em movimento constituir a língua de sinais com os seus dispositivos específicos. Em adição a isto, uma pesquisa empírico experimental conduzida por Rodrigues (2013a apud Rodrigues 2018a) demonstrou que a maximização da semelhança interpretativa na interpretação para a língua de sinais é obtida em consonância com o maior uso das propriedades gestuais, visuais e espaciais das línguas de sinais por tradutores intérpretes expertos (Rodrigues 2018a).

Rodrigues (2018b) adiciona às reflexões dos autores anteriormente discutidos concluindo que os efeitos da modalidade da língua precisam ser concebidos como parte da competência tradutória de tradutores e intérpretes intermodais e que o treinamento destes deve envolver as diferentes demandas e especificidades do processo tradutório intermodal. Deste modo, vai se poder oferecer as ferramentas necessárias para uma reflexão consciente deste tipo de atividade, o que vai, por sua vez, contribuir para um processo consciente e metacognitivo capaz de guiar a tomadas de decisão do processo tradutório e conduzir a um uso mais proveitoso de estratégias de tradução e interpretação.

2.6 Escolhendo o caminho da narrativa

Investigar a CTi, como os próprios pesquisadores do grupo PACTE explanam na sua teoria, envolve a investigação de aspectos internos e externos ao tradutor. Quando se trata dos componentes psicofisiológicos que são internos ao tradutor, torna-se difícil observar os processos por algum meio que seja externo ao tradutor. Desta forma, como Alves e Detmering (2021) bem delineiam, a pesquisa narrativa abre oportunidades ímpares de investigação por possibilitar a reflexão do tradutor sobre os seus próprios processos.

Sendo uma metodologia já utilizada em outras áreas do conhecimento que tratam de temas mais subjetivos como a aquisição de língua estrangeira de Dutra e Mello (2008) pesquisas na área de saúde Eduardo Barbosa (2008), a pesquisa narrativa abre portas para a investigação de aspectos mais difíceis de se observar por outros meios, como é o caso da investigação aqui proposta.

Por conseguinte, a partir do próximo capítulo, é detalhado o método da pesquisa narrativa apresentando a base teórica para tal, apresentando o desenho experimental da pesquisa aqui conduzida, ajustes feitos após as entrevistas piloto, preocupações, impressões, dados coletados e próximos passos da pesquisa em andamento.

Capítulo 3. Caminho metodológico

"O estudo das narrativas é o estudo das formas que os humanos experienciam o mundo" (Conelly e Clandinin, 1990). Entender este aspecto quase poético da pesquisa narrativa nos faz estar um passo mais próximo de entender a importância deste tipo de pesquisa que é tanto o fenômeno em si quanto o método adotado.

Neste capítulo, alguns conceitos chave relacionados à pesquisa narrativa são mais bem explicados, assim como as normas metodológicas que guiaram esta pesquisa, bem como, o desenho inicial das entrevistas piloto, algumas características da temática proposta a ser investigada, que fizeram da pesquisa narrativa a melhor escolha de caminho metodológico.

Mesmo sabendo ser o melhor caminho para a pesquisa, sentimos receio antes das entrevistas devido ao fato de os aspectos investigados serem particulares demais, o que poderia resultar em não ser algo que os informantes pudessem trazer à tona sem maiores estímulos, o

que, por sua vez poderia gerar a necessidade de ter de modificar a temática estudada para outros aspectos da CT e indicações de como eles se desenvolvem. Após estes receios iniciais e breves comentários sobre as primeiras impressões advindas da primeira rodada de duas entrevistas piloto, relato um pouco do nosso alívio não totalmente livre de angústia com os resultados iniciais, porque meu orientador e eu percebemos que talvez uma ligeira mudança em algumas palavras usadas nas perguntas iniciais da entrevista fosse o suficiente para gerar mais informações livremente oferecidas na narrativa, sem a necessidade de maiores perguntas por esclarecimento. Após isso, falo sobre a confirmação da nossa expectativa de que apenas esta ligeira mudança seria o suficiente, o que nos deu segurança para manter o desenho levemente ajustado como o desenho final da pesquisa.

3.1 Ideias e conceitos importantes em pesquisa narrativa

Tendo começado o nosso capítulo com a razão quase poética dada por Connelly e Clandinin (1990) para estudar as narrativas, fazemos bem em pensar na máxima por trás da descrição. Apesar dos relatos contidos na narrativa serem construídos de uma perspectiva micro, por serem vistas através dos olhos do informante em si, as narrativas podem nos dar vislumbres do aspecto macro, por não acontecerem no vácuo.

Antes, o informante relembra os acontecimentos da sua própria história que ocorreram em um contexto, tempo e espaço específicos, entrelaçados por outras narrativas que apontam para uma cultura específica e padrões de comportamento que podem encontrar eco em outras narrativas de pessoas em lugares diferentes, mas que passaram por experiências semelhantes, ou mesmo dão lampejos de "contextos e relações maiores nas quais essas vidas se encaixam" (Clandinin et al., 2017).

Ainda Clandinin, Cave and Berendonk (2017) nos lembram que após a virada da pesquisa narrativa, existe uma mudança de paradigma no que concerne às narrativas, passa-se a entender a perspectiva de pensar *com* histórias ao invés de pensar *sobre* histórias. Em consonância com isto, Alves e Detmering (2021), falando sobre o uso da pesquisa narrativa nos Estudos da Tradução, dizem que esta abordagem, pode permitir acesso à forma como tradutores e tradutoras em formação percebem o desenvolvimento da sua competência tradutória. Apesar de, diferentemente dos autores do referido texto que fizeram uso de uma abordagem

autoetnográfica, uma vez que a narrativa era de uma das autoras do texto, a presente pesquisa busca entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores já profissionais, atuantes em nível de conferência.

Não obstante, possibilidades similares de investigação se aplicam no caso da presente pesquisa. Dito isto, aponto que o interesse de pesquisa deste trabalho não obrigatoriamente limita-se ao que concerne à percepção dos próprios informantes sobre o seu começo e desenvolvimento da sua competência tradutória, mas também pode, no decorrer da análise das narrativas aqui colhidas, lançar luz sobre outros aspectos que Alves e Detmering (2021) também procuraram vislumbrar, a saber, estratégias de sucesso, fatores desmotivadores ou motivadores, dentre outras coisas.

3.2 Desenhando o projeto piloto

Barbosa (2008) fala sobre aspectos de entrevistas para pesquisas qualitativas e as suas vantagens para a coleta de narrativas, como fornecer uma quantidade de dados muito maior do que o questionário, por exemplo. O autor alerta, no entanto, sobre alguns cuidados que o entrevistador precisa ter, visando o sucesso do processo. Mencionando, dentre eles, a necessidade de (i) bom planejamento prévio; (ii) adaptar a linguagem ao nível da linguagem do entrevistado; (iii) evitar fazer questões longas; (iv) manter um referencial básico para a entrevista; (v) sugerir todas as respostas possíveis para uma pergunta, ou então não sugerir nenhuma (evitando, assim o direcionamento das respostas). Além destas coisas, o supramencionado autor também indica algumas habilidades desejáveis para o entrevistador, a saber: (i) conhecimento do objeto da entrevista; (ii) capacidade de síntese e de decisão; (iii) boa habilidade de comunicação oral; (iv) imparcialidade perante o entrevistado e (v) autocontrole emocional.

No artigo sobre instrumentos de coleta, o autor apresenta uma tabela de vantagens e desvantagens de cada uma das técnicas por ele descritas, sendo elas: o questionário, a entrevista, a observação direta, os registros institucionais (análise documental) e o grupo focal, como indicados no quadro a seguir.

Técnica de coleta	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Questionário	- Garante o anonimato; - Questões objetivas de fácil pontuação; - Questões padronizadas garantem uniformidade; - Deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas; - Facilidade de conversão dos dados para arquivos de computador - Custo razoável.	- Baixa taxa de respostas para questionários enviados pelo correio; - Inviabilidade de comprovar respostas ou esclarecê-las; - Difícil pontuar questões abertas; - Dá margem a respostas influenciadas pelo "desejo de nivelamento social" (grifo do autor); - Restrito a pessoas aptas à leitura; - Pode ter itens polarizados/ ambíguos.
Entrevista	- Flexibilidade na aplicação; - Facilidade na adaptação de protocolo; - Viabiliza comprovação e esclarecimento de respostas; - Taxa de respostas elevada; - Pode ser aplicada a pessoas não aptas à leitura.	- Custo elevado; - Consome tempo na aplicação; - Sujeita à polarização do entrevistador; - Não garante o anonimato; - Características do entrevistador e do entrevistado; - Requer treinamento especializado; - Questões que direcionam a resposta.
Observação Direta	- Capaz de captar o comportamento natural das pessoas; - Minimiza influência do desejo de nivelamento social; - Confiável para observações com baixo nível de inferência.	- Polarizada pelo observador; - Requer treinamento especializado; - Efeitos do observador nas pessoas; - Pouco confiável para observações com inferências complexas; - Não garante o anonimato; - Observações de difícil interpretação;

		- Não comprova/ esclarece o observado; - Número restrito de variáveis.
Registros Institucionais (Análise Documental)	- Baixo custo; - Tempo de obtenção é reduzido; Informação é estável.	- Dados incompletos ou desatualizados; - Excessivamente agregados; - Mudança de padrões no tempo; - Uso restrito (confidencialidade); - Dados difíceis de recuperar.
Grupo Focal	- Baixo custo e resposta rápida; - Flexibilidade na aplicação; - Eficientes para obter informações qualitativas a curto prazo; - Eficiente para esclarecer questões complexas no desenvolvimento de projetos; - Adequado para medir o grau de satisfação das pessoas envolvidas.	- Exige facilitador/moderador com experiência para conduzir o grupo; - Não garante o total anonimato; - Depende da seleção criteriosa de participantes; - Informações obtidas podem ser generalizadas.

Quadro 2

Por ocasião da organização da estrutura das entrevistas, da coleta de dados, estávamos vivendo o período pandêmico, o que fez com que nós nos reuníssemos de forma virtual (orientador e eu) para discutir o desenho do projeto, pensar as perguntas e forma de apresentação da entrevista, assim como a melhor forma de conduzi-la. Optamos pela entrevista semiestruturada para que pudesse haver o mínimo de interferência da nossa parte, mas também não ser algo tão aberto que fosse difícil coletar os dados necessários à pesquisa, devido ao volume de informações.

A pesquisa envolveu diversas etapas que serão primeiramente elencadas e depois detalhadas em tópicos, sendo elas: desenho do projeto piloto; entrevistas piloto e discussão das entrevistas piloto; transcrição das entrevistas e análises dos dados; discussão dos resultados e ajuste na pergunta condutora da entrevista; condução de duas novas entrevistas piloto; discussão dos resultados; condução das entrevistas; transcrição das entrevistas; análise dos dados;

1. Desenho do projeto piloto: tendo a pesquisa se iniciado no período da pandemia, todas as reuniões para desenho do projeto piloto se deram de forma remota por meio da plataforma google Meet. Nelas, o professor Daniel apresentou uma ideia geral de etapas das entrevistas e discutimos como melhor formular a pergunta que guiaria a entrevista e perguntas adicionais que poderiam se fazer necessárias. Com isto em mente, chegamos ao seguinte desenho: teríamos duas entrevistas piloto sendo uma delas com um tradutor com formação nos Estudos da Tradução e um tradutor sem esta formação. Nisto, concordamos que as entrevistas seriam conduzidas de acordo com o seguinte modelo:
    - Cumprimentos: etapa em que de apresentação aos sujeitos da pesquisa, agradecimento pela gentileza de participarem da entrevista e então informe ao sujeito de que iniciaria a gravação para a transcrição dos dados;
    - Início da gravação: neste ponto o sujeito era questionado se desejaria adotar um pseudônimo para a coleta de dados e ele/ela também eram assegurados de que não precisavam se preocupar com a sua privacidade e identidade, uma vez que no momento da transcrição, quaisquer menções que pudessem levar à sua identificação seriam corrigidas;
    - Leitura do TCLE;
    - Breve explicação da pesquisa: ponto em que o sujeito era informado que a pesquisa investigava o desenvolvimento da competência tradutória e que por diversos desses aspectos serem internos ao sujeito, entendemos que a pesquisa narrativa era a que melhor atendia aos nossos interesses, uma vez que o registro das narrativas nos possibilitaria analisar as reflexões do próprio sujeito sobre a sua trajetória;
    - Envio de material explicativo: após a explicação acima, o sujeito era informado de que caso desejasse entender mais sobre a nossa pesquisa, tínhamos um material curto em PowerPoint com essas explicações e teríamos prazer em enviá-lo após a coleta de dados se o sujeito assim desejasse;
    - Breve explicação sobre a etapa da coleta: neste ponto, os sujeitos eram informados que a entrevista poderia contar com três etapas que seriam (a) etapa 1, onde o sujeito nos relataria livremente sobre a sua trajetória ou caminho percorrido até chegar à atuação experta que caracteriza a sua atuação enquanto tradutor profissional naquele momento. Os sujeitos foram então informados que nesta etapa, nós fecharíamos o nosso microfone e apenas escutaríamos o seu relato sem interferências e que eles apenas perceberiam que anotaríamos algumas coisas porque, provavelmente, algo

nos seus relatos nos fariam querer entender melhor aquele ponto específico da fala deles; (b) etapa 2, momento em que perguntaríamos sobre algum aspecto da fala deles da seguinte forma: você nos falou isto, pode falar mais sobre isso? E, novamente, eles fariam um relato livre sobre aquilo ou, caso não se sentissem à vontade para falar sobre aquilo, não haveria nenhum problema, podendo apenas dizer que preferia não falar sobre aquele aspecto em particular, o que nos faria perguntar sobre o próximo trecho da fala que gostaríamos de entender melhor; (c) etapa 3, na qual faríamos perguntas mais diretas caso ainda houvessem informações que gostaríamos de entender e eles não as tivessem mencionado nos seus relatos.

Conforme mencionado por ocasião da explanação da escolha da pesquisa narrativa como forma de investigação, o objeto desta pesquisa é muito interno ao sujeito, então, um dos nossos receios era de que os entrevistados não trouxessem tais aspectos à tona de forma natural. Que tivéssemos que fazer perguntas bem específicas para obter as informações, o que não seria interessante para a pesquisa narrativa, mas, apesar dos receios, montamos o modelo de entrevista semiestruturada constante no apêndice na página 57 (cinquenta e sete).

Com esse modelo de estrutura em mente, iniciamos a primeira rodada de entrevistas piloto. Os sujeitos em questão eram um homem e uma mulher, ambos com experiência como tradutores de línguas orais, sendo um dos sujeitos com formação em Estudos da Tradução (bacharelado em tradução) e outro sem.

Com relação à condução das entrevistas piloto, os seguintes passos foram seguidos:

2. Entrevistas piloto e discussão das entrevistas: as entrevistas foram conduzidas pela plataforma zoom na versão paga por permitir a gravação e não ter limite de tempo. Ao serem conduzidas, as entrevistas seguiram o passo a passo descrito no ponto 1, tendo como pergunta/ solicitação guia para os sujeitos a seguinte frase: Conte para nós a sua trajetória até chegar ao ponto de tradutor profissional que você é hoje.

   Elas foram conduzidas primeiro com o tradutor sem formação nos Estudos da Tradução e depois com a tradutora com esta formação. Realizávamos a coleta e depois o professor Daniel e eu permanecíamos na sala para conversar sobre as nossas impressões iniciais e o que estávamos achando do método até então. Após a segunda entrevista, percebemos que a tradutora com formação nos Estudos da Tradução havia compreendido que o termo “profissional” se referia aos trabalhos que ela tinha

conseguido até se firmar profissionalmente enquanto tradutora, por isso o seu relato se concentrava mais em empresas para as quais trabalhara até então.

Na primeira entrevista, apenas as etapas 1 e 2 foram necessárias para conseguir informações que buscávamos para a pesquisa, o que nos deixou otimistas para a segunda entrevista, porém, como mencionado no parágrafo anterior, a tradutora entendeu que o termo profissional se relacionava a trabalho e não ao fato de ser uma tradutora experta, o que fez as suas menções ao seu desenvolvimento enquanto tradutora serem bem breves, e mesmo na etapa 2, ao perguntarmos mais sobre trechos específicos e pedir para ela falar mais, qualquer coisa que ela considerasse importante nos relatar sobre aquilo, novamente ela se concentrou em aspectos contratuais, falando muito brevemente sobre os aspectos que buscávamos de formação. Nesta segunda entrevista, precisamos chegar à etapa 3 de fazer perguntas mais diretas, mas ainda assim ela sempre conduzia as respostas às mesmas características de trabalhos para empresas, o que nos fez ver que seria o que conseguiríamos daquele relato, então agradecemos o relato e dissemos que estávamos tentando entender o início da formação, ao que ela respondeu que tinha se concentrado nas empresas que tinha trabalhado por achar ser o que gostaríamos de saber. Ao ficarmos apenas o professor Daniel e eu na sala, conversamos sobre a necessidade de pensar um pouco melhor na pergunta da entrevista e ver o que mais necessitaríamos ajustar no método, deixando para fazer isso, porém em um outro dia.

Ao nos reunirmos novamente, já utilizando a plataforma zoom desde o início das coletas, expressamos a nossa preocupação de que os demais sujeitos de pesquisa que tivessem formação nos Estudos da Tradução acabassem por entender que também nos interessávamos pela sua jornada trabalhista enquanto tradutores. Revendo a transcrição da tradutora que tinha expressado isso, pensamos que talvez apenas modificar as palavras da pergunta de entrevista de “conte para nós a sua trajetória até se tornar o tradutor profissional que você é hoje” para “conte para nós a sua história ou caminho percorrido até se tornar o tradutor que você é hoje” e na solicitação para o sujeito relatar mais sobre algum ponto em específico da sua fala, achamos melhor não pedir para contar o que o sujeito considerava importante, apenas pedir para falar mais sobre aquilo. Com esses ajustes em mente, passamos a uma segunda rodada de entrevistas piloto, já utilizando, porém, duas tradutoras do perfil delimitado para a pesquisa, pensando que se apenas os ajustes anteriormente mencionados fossem suficientes, os dados dessas tradutoras poderiam ser utilizados na pesquisa.

As entrevistas aconteceram em fevereiro de 2022 e, para a nossa felicidade, ambos sujeitos de pesquisa trouxeram à tona questões relacionadas aos componentes psicofisiológicos no seu relato livre e na segunda fase da entrevista. Nesta segunda fase, usamos a pergunta: “no seu relato você disse (...), pode falar mais sobre isso?”. Ao responder à pergunta, em geral, o novo relato nos gerava mais situações de repetir a mesma pergunta com agora outro trecho de fala da pessoa entrevistada.

Como a primeira rodada de entrevistas piloto tinha como objetivo principal a investigação do método em si, ver se tínhamos montado a entrevista semiestruturada de maneira satisfatória, se os aspectos do nosso interesse surgiriam naturalmente na entrevista etc., não nos preocupamos em convidar pessoas com o perfil de interesse da pesquisa: Tils expertos com experiência em atuação em contexto de conferência ou no ensino superior. Assim, caso precisássemos ajustar o método, não perderíamos sujeitos de pesquisa.

Essas mudanças pequenas na fraseologia produziram muito mais resultados já no relato livre, porque as pessoas passaram a entender que o que nos interessava era a história delas e qualquer coisa, grande ou pequena, era bem-vinda como informação.

Nas quatro entrevistas piloto, tanto o meu orientador quanto eu estávamos na sala virtual. Foi algo que concordamos por estarmos ainda (i) tentando ver se o método funcionaria, (ii) querendo ter a segurança de que eu conseguiria conduzir bem as entrevistas, (iii) ver se teriam coisas a serem corrigidas etc.

A pesquisa contou ainda com os seguintes passos:

3. Condução das entrevistas: como discutido no ponto anterior, caso os pequenos ajustes lexicais nas perguntas das entrevistas fossem o suficiente para gerar dados para a análise, as duas entrevistas piloto seguintes entrariam para o corpus da pesquisa, o que se concretizou. A condução das entrevistas dali em diante passou a ser feita apenas por mim, já que tínhamos constatado que o método funcionava, e todas elas foram conduzidas de acordo com o passo a passo delineado no ponto 1. As entrevistas foram realizadas utilizando a plataforma zoom e salvas no notebook utilizado para as entrevistas.

Algo que gostaria de chamar a atenção para o método de entrevistas virtuais é que, elas apresentam a vantagem de poder alcançar pessoas de estados diferentes, de outras cidades.

Alguns detalhes, porém, quando considerados, garantem maior tranquilidade na condução das entrevistas ou evitam estresse por coisas que estão além do nosso controle: (i) a instabilidade da internet e energia que podem acabar no meio da entrevista; (ii) é sempre bom pesquisar e familiarizar-se com mais de uma plataforma para conduzir as entrevistas antes de iniciar a sua condução, especialmente no que tange às suas ferramentas, tempo de gravação etc., uma vez que é preciso garantir fluidez no relato do entrevistado; (iii) pensar em meios gratuitos e duradouros de armazenamento como por exemplo um canal no youtube onde os vídeos podem ser armazenados de forma não listada; (iv) o momento pandêmico em si trouxe transtornos para o trabalho feito de casa, como interferências sonoras causadas por carros de propaganda, assim sendo, pensar em um ambiente tranquilo que possa garantir o mínimo de interrupções possível.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, analisamos os depoimentos de 11 Tils profissionais, que atuam ou já atuaram em contextos de conferência, com o objetivo de através das suas narrativas, procurar alguns padrões que nos indiquem como, e se, os componentes psicofisiológicos influenciaram no desenvolvimento da sua Competência Tradutória, assim como o seu possível impacto neles e no perfil de profissionais que se tornaram.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, com um número limitado de participantes, não nos propomos a encerrar a questão, antes, buscamos encontrar lampejos de compreensão sobre esses aspectos tão internos aos sujeitos, que possam abrir caminhos para mais pesquisas, bem como, favorecer o desenvolvimento de metodologias que se utilizem de tais dados de forma orientada, visando a formação de tradutores expertos, confiantes e críticos.

Novamente, estar vivendo o momento pandêmico por ocasião da coleta trouxe as suas dificuldades para encontrar sujeitos de pesquisa. Tínhamos por objetivo entrevistar pelo menos uma dupla de Tils de cada região, com o padrão de um com e um sem formação nos Estudos da Tradução. Apesar da ajuda de amigos de outros estados e regiões que divulgaram incansavelmente a pesquisa, tivemos um número baixo de respondentes. Conseguimos fechar o número de 11 incluindo as duas que fizeram parte da segunda rodada de entrevistas piloto. Para facilitar a identificação e ao mesmo tempo proteger o anonimato dos envolvidos na pesquisa, os Tils foram denominados Tils 1 - Tils 11, sendo estes: 1 do Sudeste, 1 do Centro-

Oeste, 1 do Sul e os demais da Paraíba. Conseguimos dois respondentes do Norte, sendo dentre eles uma com formação em Estudos da Tradução e um sem, mas, infelizmente, nunca conseguimos realmente encontrar uma data para fazer a entrevista que fosse possível para eles e para mim e precisei cortar estas duas entrevistas pelo recorte de tempo programado para a coleta de dados. Ainda tivemos uma outra respondente do Centro-Oeste que entrou em contato por ter visto a divulgação de uma amiga e que se identificou como Tils com formação em Estudos da Tradução mas que, com o decorrer da entrevista ficou claro que não tinha compreendido bem o que significava formação em Estudos da Tradução (tinha uma especialização em Libras) e nunca tinha atuado em contexto de conferência, então optei por cortar essa entrevista das transcrições para esta dissertação por ela ter um perfil diferente dos demais sujeitos – o que dificultaria a análise por busca de padrões nas narrativas. O relato poderá, no entanto, contribuir para futuros artigos levando em conta outros aspectos do desenvolvimento da CTi de Tils.

Visando facilitar a compreensão dos quadros e excertos de relatos que serão apresentados o próximo capítulo, será feito um quadro com a sistematização dos perfis dos entrevistados. O quadro ficará disponível no apêndice.

Capítulo 4. Refletindo sobre o passado para entender o presente

Neste capítulo, é apresentada a análise dos relatos coletados nas 11 (onze) entrevistas, assim como a sua relação com as perguntas que guiaram esta pesquisa e é apresentado um quadro com resultados mostrando aspectos dos componentes psicofisiológicos que os entrevistados apresentam como fatores que influenciaram no desenvolvimento da sua CTi, coisas que os motivaram, desafios que enfrentaram e como conseguiram superar tais obstáculos.

Antes de apresentar os quadros com os respectivos dados e reflexões relativas a cada entrevistado, quero apresentar os passos seguidos para a transcrição e análise dos dados de cada entrevista.

4. Transcrição das entrevistas: Para realizar a transcrição das entrevistas, fiz uso da ferramenta ditado do google documentos. Para realizar a captura, abria o aplicativo de vídeos do computador em metade da tela, o navegador no google documentos na outra

metade, dava play no vídeo e iniciava o ditado, deixando o vídeo tocar inteiro e então finalizando o uso da ferramenta ditado. Feito isto, dava play novamente no vídeo e ia acompanhando o texto transcrito para realizar as devidas correções. Este foi o procedimento utilizado para transcrever todas as 11 entrevistas.

5. Análise de dados: Para analisar os dados das entrevistas, criei uma tabela com três colunas, baseada nas próprias informações do grupo PACTE sobre os componentes psicofisiológicos, acompanhando as categorias por eles delimitadas: componentes cognitivos; aspectos atitudinais e habilidades, com cada coluna contendo os aspectos delineados pelo grupo PACTE para aquela categoria de componentes psicofisiológicos. Após fazer isto, passei a ler novamente cada uma das entrevistas e destacar pontos da fala dos sujeitos de pesquisa que tivessem relação com os componentes psicofisiológicos na sua formação, atuação e em modos que passaram a lidar com eles após o desenvolvimento da sua expertise. Finalizadas a leitura e extração dos pontos destacados, passei a inserir os dados extraídos na tabela criada por mim, tentando encontrar a coluna de categorias na qual cada trecho de fala se encaixasse melhor. Por os dados serem muito extensos, fiz uma tabela para cada participante, introduzindo o perfil deste participante antes da tabela e refletindo sobre direcionamentos que os dados extraídos apontavam.

Para este quadro, será usado como base o quadro já apresentado como categorização dos componentes psicofisiológicos na página 26. Nela teremos a identificação das falas pela numeração atribuída a cada um dos sujeitos que, como explicado anteriormente, foi feita de acordo com a ordem das entrevistas sendo esta: Tils 1 – Tils 11. Antes da tabela, algumas informações chave de cada sujeito serão disponibilizadas sem, no entanto, violar a sua privacidade. Dados como sexo, região, formação acadêmica e período que iniciou o seu contato com a Libras. Este dado é importante de ser apresentado porque temos 3 (três) gerações diferentes de Tils entre os entrevistados. Tils que iniciaram a sua jornada nos anos 1990, nos anos 2000 e após 2010. Levando em conta que a Libras foi reconhecida como língua apenas em 2002, será possível perceber diferenças de oportunidades de aprendizado e de desenvolvimento da CTi, uma vez que a história deles caminha com a própria história do povo surdo e dos direitos linguísticos conquistados por eles.

4.1 Dos resultados e discussões

Neste capítulo, será apresentado um perfil de cada entrevistado, um quadro com as categorias de componentes psicofisiológicos e a frequência com que apareceram nos relatos coletados como aspectos que tiveram influência de modo positivo ou negativo no seu trajeto até se tornarem Tils expertos, de acordo com o perfil desta pesquisa. Para facilitar a leitura e evitar um quadro muito extenso, será apresentado o perfil do Tils entrevistado, um resumo da sua fala e um quadro com os trechos de fala que mais chamaram a atenção. Mesmo sendo uma amostra qualitativa, e não se propondo a encerrar questões, mas antes estimular à reflexão, padrões aqui encontrados podem servir como lampejo de direções nas quais a pesquisa pode ser ampliada.

Após apresentação do quadro, será discutido que tipos de questões apareceram com mais frequência, se houve dificuldades e estímulos em comum, se foi possível perceber padrões em como os tradutores lidaram com os desafios e cresceram como profissionais, bem como de que forma os achados dialogam com as pesquisas que embasaram o presente estudo. Algo também perceptível na análise destes dados é que a categorização dos componentes psicofisiológicos não é estanque, é até mesmo difícil dizer objetivamente se algum trecho de fala deveria estar em uma categoria x ou y com certeza porque os componentes influenciam uns aos outros e interagem com mais fluidez do que a sua categorização parece apontar.

Após as discussões e diálogos com a fundamentação teórica esta pesquisa, o próximo capítulo de considerações finais apresentará um apanhado dos achados, hipóteses e conclusões tiradas aqui e convidará o leitor a ampliar as investigações aqui iniciadas com possíveis novos caminhos a serem traçados a partir daqui.

4.1.1 Tils 1

A Tils 1 é natural do Estado de São Paulo, bacharela em Letras Inglês, mestra e doutoranda em Estudos da Tradução, aprendeu Libras no Sul, teve o seu primeiro contato com a Libras em 2016 ao cursar uma disciplina optativa do curso de bacharelado. Diferente da sua formação enquanto tradutora da língua inglesa, a sua formação como Tils se deu de forma empírica. Atua como Tils desde 2020.

A entrevistada disse que ao entrar em contato com a língua, foi gostado dela e percebeu que tinha facilidade, mas que desenvolveu a sua fluência em contato com a comunidade surda e que enxerga a Libras muito como ligada ao sujeito surdo. Ela começou a intermediar conversas de amigos surdos por estar sempre com eles e ver a necessidade que eles tinham por não conseguirem se comunicar, mas não pensava em vir a atuar de forma profissional ou mesmo achava que tinha essa capacidade. A sua imersão na língua pelo contato com a comunidade e depois o estágio que realizou no PET da universidade onde cursou o mestrado e agora cursa o doutorado (UFSC), a ajudaram em muito a desenvolver segurança. Ela disse que se interessava muito em ver como os intérpretes atuavam com tamanha expertise, o que a fazia observá-los. Também estava sempre na companhia dos seus amigos surdos e aproveitava qualquer oportunidade junto deles para ir adquirindo as nuances da língua. Informou ter muito medo antes da interpretação direta, mas que foi algo que o treinamento junto com o tutor do PET e a sua vivência na comunidade surda a ajudaram a ter a segurança de saber que hoje faz bem.

O quadro a seguir mostra trechos da sua fala em colunas que categorizam os componentes psicofisiológicos.

Tils 1	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- “fui gostando da língua, que eu me dava bem com a língua” - “a Libras, para mim, está muito ligada ao sujeito dessa língua”; - “eu tinha muito medo de fazer voz, então, quando os intérpretes iam fazer, ficava em cima”;	- “estava aprendendo por gostar da língua, ter meus amigos e querer me comunicar com eles”; - “Fui vendo o que outros intérpretes faziam, procurando por mim mesma textos, indo em eventos”; - “comecei a atuar como tradutora intérprete sem querer, porque estava sempre com os meus amigos surdos”; - “eu demorei muito para me colocar como Tils... eu já era fluente, mas eu não tinha essa segurança de falar eu sou tradutora intérprete” - “Eu era fluente, mas não tinha essa desenvoltura na língua suficiente para fazer uma interpretação de Libras para português. Zero segurança”;	- “tu precisas entender uma língua que é totalmente visual e colocada no espaço e transpor para uma língua que é totalmente horizontal”; - “fiz um estágio de interpretação no PET, que é um ambiente de aprendizado, então tinha a segurança de ter o tutor comigo”; - “duas coisas foram importantes para mim durante o estágio: quando ia fazer voz, eram questões internas, eu já conhecia os alunos, então me dava segurança. A forma como o tutor chamava a atenção para pontos da minha atuação também. Ficava só a gente e ele ia dando esses toques... então hoje não tenho mais medo, sei que faço bem”;

		- “eu acho que às vezes a voz é um desafio porque se as pessoas que estão ali são ouvintes que também sabem Libras, vão fazer a voz na cabeça delas também. Vão falar: nossa, ela omitiu muita coisa... então tem essa coisa do julgamento”	- “Senti que faltou muito na minha parte da atuação como Tils, faltou, às vezes, um conhecimento mais conceitual que eu tive na formação do Inglês”; - “às vezes, traduzindo, legendando vídeos que eu não queria legendar, não queria estar vendo aquele conteúdo, eu tinha que dar um jeito de me afastar daquilo, para não afetar tanto o meu emocional”

Quadro 3

É interessante notar pelas falas da entrevistada como ela vê o próprio desenvolvimento e progresso; fala sobre inseguranças iniciais; desejo de aprender; estratégias que utilizou para desenvolver empiricamente o seu conhecimento; coisas das quais sentiu falta por não ter conhecimento conceitual, como teria no curso de bacharelado; como foi amadurecendo na sua expertise e como lida com aspectos até mesmo advindos do tipo de atuação ou texto com os quais se depara. Também, como apontado anteriormente, é possível perceber que os componentes psicofisiológicos são fluidos na sua interação e na influência de uns aspectos sobre outros, o que aponta para o fato de que, apesar de serem categorizados, talvez para sistematizar o conhecimento, são mais complexos e entrelaçados do que qualquer categorização possa contemplar.

4.1.2 Tils 2

A Tils 2 é natural da Paraíba, teve o primeiro contato com a Libras na adolescência nos anos 1990 e se sentiu encantada pela língua de Sinais e pelos surdos com quem tinha contato. Ela fala no seu relato da dificuldade da época por não haver cursos de formação, tendo ela mesma passado por um curso básico no ministério da igreja que frequentava, mas que constantemente sentia falta de algo mais, queria entender mais, aprender mais. Ela atua como Tils desde que a profissão do Tils foi instituída por força de lei. Desenvolveu a sua expertise

em Goiás, teve a sua certificação no primeiro PROLIBRAS e fez parte da primeira turma de Licenciatura em Letras Libras.

A Tils 2 fala da sua caminhada com a Libras e a cultura surda, de como teve o seu interesse despertado, que se tornou uma paixão e de como se sentia ao tentar sempre aprender mais. Ela também não pensava em vir a atuar de modo profissional, fala da suas primeiras experiências interpretando no ministério da sua igreja e da insegurança que sentia ao ver outras pessoas mais experientes avaliando a sua performance. Fala sobre como foi importante a vivência dentro da comunidade surda para amadurecer no seu desenvolvimento enquanto tradutora intérprete e como foi essencial para ela contar depois com a parceria de colegas mais experientes que a orientavam e ajudaram a adquirir mais confiança nas próprias habilidades. Trechos da sua fala são apresentados no quadro a seguir.

Tils 2	**Componentes cognitivos**	**Aspectos atitudinais**	**Habilidades**
	- “eu queria aprender, queria me aprofundar mais, conhecer mais”; - “a princípio eu não via tanto a área profissional, era mais a curiosidade de saber me comunicar com eles”; - “a gente nunca para de adquirir algum novo conhecimento, sempre buscando”; - “o fato da minha ex-professora me encarar e dizer ‘quero que ela faça a minha voz’ me deixou um pouco lisonjeada, por ela confiar na minha capacidade”;	- “despertou o interesse de aprender a Libras, foi se tornando mais sério e uma paixão”; - “quando eu ia lá para cima, eu gelava, ficava nervosa eu me sentia como se eu fosse julgada e estivesse sinalizando errado”; “quando comecei a atuar, a minha insegurança era de ver tantos intérpretes olhando para mim... hoje pode me olhar igual coruja, para mim não importa, estou ali atuando, o trabalho está sendo bem-feito”; - “não foi fácil para mim no início, tinha que estar sempre perguntando para os surdos e usando a datilologia”; - “você tem que se inserir no meio, conviver mais, comunicar-se mais, perguntar mais, ser mais curiosa”; - “é gratificante para mim quando o aluno surdo fica me	- “fiz um curso de 6 meses na igreja, mas não era planejado... foi mais enriquecedor ter me inserido no meio” - “ter alguém mais habilitado do nosso lado nos dava a possibilidade de atuar melhor”; - “trabalhar em equipe, participar de oficinas, trabalhar em dupla e essa troca de conhecimento me fez crescer e sentir segura em relação à profissão e não ter mais aquele medo impactante”; - “algo que tento melhorar até hoje é a versão voz. Você tem que ter um vocabulário maior, depende de cada profissional, do ritmo de cada um, o raciocínio lógico de cada um”; - “desde que comecei a conviver com os surdos, a minha visão foi sendo

		encarando vidrado, porque sei que ele está gostando. Se um surdo começa a conversar com o outro ou mexer no celular, alguma coisa está dando errado”	trabalhada e é como se fosse 360°, não preciso estar olhando para a pessoa para saber o que ela está sinalizando”

Quadro 4

É interessante ver como a própria tradutora vai falando dos estágios que passou para chegar na atual expertise e no que a ajudava e atrapalhava. É também interessante ver a mudança de atitude dela do período em que o seu conhecimento era novato em relação a depois que se tornou experto. Ela disse que o que mais a deixava nervosa era sentir que a sua performance estava sendo julgada por pessoas mais experientes e, em contraste, hoje, enquanto tradutora experta, ela não se importa com quem assista à sua performance porque sabe que o seu trabalho está sendo bem-feito. Ela também aponta para fatores contributivos para este crescimento na sua segurança na forma de formações, oficinas e apoio de pares.

4.1.3 Tils 3

A Tils 3 também é natural da Paraíba e teve o primeiro contato com a Libras nos anos 1990, também por meio da sua religião. Ela atua como Tils também desde a institucionalização nos anos 2000, também foi certificada pelo PROLIBRAS e fez o curso de Licenciatura em Letras Libras.

No relato da Tils 3 vemos o desejo de aprender, as limitações da época por não se ter recursos para aprender ou mesmo cursos formais, sobre a atuação em interpretação no contexto religioso, a necessidade que sentia de um conhecimento mais profundo, a necessidade de certificação e a sua materialização na forma do PROLIBRAS, mas a sensação de ainda faltar algo por a sua expertise ter se desenvolvido de forma empírica. Ela fala da sua busca por conhecimento, de desafios que conseguiu vencer e da mudança de atitude quando passou a se sentir como sendo tradutora, ao invés de estar tradutora, que era como se sentia antes.

Tils 3	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- “meus irmãos tiveram contato com a língua de sinais na congregação e me ensinaram alguns sinais, eu me interessei de imediato” - “tínhamos vontade, mas não tínhamos onde nos formar, não tinha onde a gente realmente estudar parar aprender e desenvolver, então a gente ia meio perdido”; - “eu sentia que faltava algo porque eu queria me aprofundar na língua de sinais, queria entender como a língua funcionava, queria conhecer mais, mas não tinha acesso”; - “eu sentia a necessidade de um curso profissionalizante, técnico, seja lá o que fosse, para que eu pudesse desenvolver melhor o meu trabalho... então buscava cursos particulares na tentativa de ter algum certificado”; - “sempre tinha aqueles que não ajudavam e criticavam a atuação do colega, não somavam, deixavam o colega nervoso... era mais uma questão de competição, de querer ser o melhor, de ter mais oportunidades de trabalho”; - “confesso que tinha medo quando alguém falava assim: vamos trabalhar no IF, porque eu não me sentia preparada... e surgiu essa oportunidade na UF e foi uma surpresa que deu certo e uma surpresa ainda maior o aprendizado que tive e continuo tendo”;	- “havia esse esforço da gente de encontrar os surdos para ensinar a bíblia para eles” - “de repente eu estava intérprete e não me sentia intérprete”; - “veio a febre do PROLIBRAS, eu fiz, passei, tinha o certificado, mas senti que tinha feito uma prova sem estudar a matéria... sinto que eu precisava estudar antes de ter um certificado”; - “antes eu costumava dizer assim: eu não sou intérprete, eu estou intérprete, e hoje, na minha mente, eu digo assim: eu prefiro ser intérprete a professora, eu não me vejo mais professora” - “aprendi na década de 1990, nesse contexto, a gente já atuava em Congressos, em Assembleias, tinham as designações, fazíamos cânticos... já sabíamos qual era a parte, então nos preparávamos antes”; - “eu me sinto intérprete agora, mas eu não me sentia assim... essa mudança na minha mente se deu há pouco tempo, justamente pela forma como foi a formação inicial”; - “acho que quando eu tive contato com surdos mais experientes, estudando na universidade, é como se visse que o que eu aprendi realmente serve, que a língua de sinais é uma língua, que realmente é um idioma e que sei me comunicar com eles e ajudo”	- “onde realmente me desenvolvi foi na escola polivalente, porque eu me preparava e estudava e traduzia os conteúdos que ia ensinar para os surdos”; - “eu observava como eles se comunicavam e fui vendo essa questão da estrutura. Se você não os observa conversando, não percebe realmente como é a estrutura da língua, acha que é só mudar a fala para o sinal e está tudo certo” - “tive algumas formações sobre o que era ser intérprete, sobre o código de ética, quando surgiu a língua de sinais e fui entendendo um pouco mais dessa atuação, dessa área de trabalho”; - “a tradução, eu sei que exige mais esforço. A gente pensar como o surdo pensa e como seria melhor para ele entender certas questões. É algo que vejo que preciso aprender na prática”; - “nesse um ano que estou trabalhando na universidade, aprendi coisas que há muito tempo queria aprender. Meu sonho de muitas coisas que eu estava precisando aprender e desenvolver, como a própria tradução em si”; - “a minha experiência contou como formação. Eu tive que aprender no dia a dia, no contato, na lida com os surdos, com a necessidade, em contato com outros profissionais. A gente trocava ideia e assim a gente se formou”;

			- “antes não tinha esse limite claro de até onde ia a função... a gente não tinha essas pessoas de dizer: não, está errado, o trabalho da gente é assim; isso não é possível de fazer. É algo que estou aprendendo e que é importante de se passar numa formação de intérprete, porque geralmente passam código de ética que parece que a gente é um robô e só tem obrigação... Não tem direito a opinar nada, impor nada, impor limites”;

Quadro 5

A Tils 3 aponta para a própria percepção da sua maturação para uma Tils experta ao entender coisas como a surpresa agradável que foi passar a atuar na academia, que era algo temido por ela antes por não se achar capaz, e mesmo entender sobre o seu lugar de fala enquanto Tils e os limites da sua atuação. Fala sobre como fazia falta entender o que estava envolvido em ser uma tradutora profissional, porque na sua busca por formação, as orientações com relação à profissão se voltavam ao código de ética deôntico, que a fazia sentir como se fosse um robô sem direitos ou opinião, apenas obrigações. Fala também de como a sua formação empírica foi se consolidando na troca com outros profissionais e que finalmente conseguiu vencer a sua insegurança pelo seu início empírico, ao atuar com surdos docentes, pesquisadores na academia e ver que o que tinha aprendido era realmente Libras, não algo regional e que ela conseguia realmente atuar independentemente do nível de formação do surdo para quem atuava enquanto intérprete.

4.1.4 Tils 4

A Tils 4 é natural do Estado de São Paulo, o seu primeiro contato com a Libras foi no início dos anos 2000, enquanto trabalhava como menor aprendiz através de um curso pelo

Senac. Depois ela entrou em contato com surdos na sua cidade pelo ministério na sua igreja e passou viver mergulhada na Libras e na comunidade surda. Hoje ela é dona de uma escola que oferta cursos online ministrados, em sua maioria, por surdos e para surdos. Ela fez graduação em Pedagogia, foi certificada pelo PROLIBRAS e hoje se sente mais como tradutora do que intérprete.

É possível ver no seu relato como a sua mente e emoções estavam envolvidas no processo, ela fala da sua sede de aprender, da falta de recursos e estratégias que pensava para compensar isso, da sua boa vontade em ajudar os seus amigos surdos mesmo quando ainda não tinha competência o suficiente para ser intérprete e de como cresceu junto da comunidade surda e com o apoio de uma Tils mais experiente com quem trabalhou. É possível ver a sua evolução e fatores motivadores ou desafios nos recortes de fala a seguir.

Tils 4	**Componentes cognitivos**	**Aspectos atitudinais**	**Habilidades**
	- "Quando tinha 14 anos, como menor aprendiz, fiz um curso básico de Libras no Senac. Eu fiquei muito empolgada e ficava anotando as palavras que eu entendia, os sinais das palavras, os recursos que me fariam lembrar daquele sinal"; - "eu ficava em casa treinando na frente do espelho os sinais e as expressões" - "eu estava dentro de uma igreja católica e vi um grupo de surdos sinalizando com uma intérprete e eu fiquei encantada com a agilidade"; - "passei dois anos afastada e quando fui nessa igreja, os surdos perguntaram se eu podia interpretar só um pouco do culto, porque não tinha ninguém que fizesse isso... interpretei aquele culto inteirinho e deu vontade de ajoelhar no chão e chorar, ... entendi que aquele era o meu	- "cheguei na catedral e ficava observando atentamente o intérprete o tempo todo e os surdos ficavam me ensinando os sinais. Eu pegava o folhetinho da missa e anotava tudo o que eu não sabia"; - "aconteceu que a intérprete dessa pastoral veio a falecer e eu acabei assumindo como intérprete porque não tinha outra, mas eu não tinha competência para isso"; - "se alguém me perguntasse qual o meu objetivo, não era ser tradutora intérprete, queria ser alguém que queria fazer um trabalho voluntário"; - "comecei a namorar um surdo há 3 anos... quando era um curso dele, ou de quem sou mais familiarizada com a língua de sinais, fazia totalmente a interpretação de voz"; - "quando alguém me diz que quer que eu traduza um vídeo já	- "não tive uma formação... fui aos poucos me interessando, convivendo e eu fiz o caminho um pouco inverso"; - "comecei a participar de alguns cursinhos de formação, workshops, mas já estava meio que atuando"; - "comecei a trabalhar na televisão sem formação, sem nenhuma experiência... aprendia muito com essa outra colega que trabalhava lá comigo"; - "na igreja eu era voluntária, então os surdos me ajudavam, eles me corrigiam, era todo um outro contexto"; - "nessa época, nem imaginava que existia algo além de vocabulário, que havia todo um outro contexto, técnica, gramática. Na minha cabeça era vocabulário e expressão

	lugar e o que deveria fazer da minha vida"; - "quando comecei, era simplesmente a minha memória. Hoje, imagino que a competência tradutória exige muito da nossa memória"; - "foi um período difícil porque percebi que tinha muita coisa a aprender. Quando eu ia para a igreja, passava mal, vomitava o dia inteiro de ansiedade, com medo de encarar os surdos e medo de ter que interpretar e não dar conta"; - "na missa eu já estava apta e me sentia bem segura, porque o padre chegava antes e conversávamos, ele me falava mais ou menos o que ia falar e eu já pesquisava. Na televisão são muito bem-preparados para isso";	gravado, para que eu estude e grave, faço. Eu me sinto uma tradutora, mas não intérprete"; - "lembro que um dia um padre de outra igreja foi fazer uma pregação e foi um tema sexual. Eu não sabia nenhum sinal, nada, eu estava enrijecida no meu tema de igreja... percebi que eu precisava estudar"; - "quando assumi que precisava ir com eles nas demandas de saúde, advogado, escola, eles me passavam o problema junto com a coordenadora, eu ia como uma porta-voz de algo que eu já sabia. Não tinha competência para fazer uma interpretação simultânea... quando tinha algo adicional e não sabia explicar, anotava e passava para a coordenadora que passava para eles"	facial e corporal. Não existiam recursos, era só os surdos"; - "Não tinha uma visão profissional do meu trabalho, mas a Louise trouxe esse caráter profissional porque ela tinha muitas regras de comportamento, muitas regras de conduta e muitas estratégias de tradução";

Quadro 6

À medida em que reflete na sua trajetória, é possível vislumbrar forças internas e externas que a moviam a se dedicar. Tinha a limitação de recursos, então ela se utilizava do máximo de formas que podia para registrar na sua memória tanto quanto pudesse; ela fala do seu nervosismo por ter se deparado com um conteúdo fora da sua zona de conforto, e fala de como estudar, conversar com o padre antes da missa, poder pesquisar o conteúdo a ajudava a ter mais segurança. Fala também da sensação de realização por trabalhar com os surdos e poder mediar um conhecimento de outra forma inacessível para eles naquele momento, assim como fala da expertise que foi desenvolvendo e da sua aptidão para tradução artística. Novamente é possível ver as três categorias de componentes psicofisiológicos como forças motrizes na sua trajetória - às vezes pesando sobre ela de forma negativa, mas sempre tendo alguma influência sobre como ela dirigia os seus passos de forma a lidar com essas forças do melhor modo que conseguia.

4.1.5 Tils 5

A Tils 5 é também natural da Paraíba, teve o seu primeiro contato com a Libras quando estava no terceiro ano do ensino médio, ao perceber alunos surdos na sua escola. Ela está cursando o curso Letras Libras, e fez inicialmente um curso de Libras no meio religioso, depois na Funad, depois fez um curso de extensão na UFPB. Ela atua como Tils já por vários anos.

A Tils 5 teve o interesse despertado ao ver colegas de escola conversando em Libras e isto teve um impacto tão grande nela, que ela passou a treinar saudações para poder todos os dias ter o prazer de passar pelos seus colegas e cumprimentá-los. Ela conta que depois disso teve um curso na sua congregação e ela passou a fazer parte da congregação de sinais, onde passou a ter mais contato com os surdos que se tornaram seus amigos e mediando conversas sempre que necessário. Fala também sobre alguns desafios que enfrentou e conta como tenta superá-los, como pode-se depreender dos trechos a seguir.

Tils 5	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- Quando eu estava no terceiro ano, a minha escola tinha alunos surdos, eu ficava perguntando só para ter o prazer de interagir com eles... Todos os dias eu tinha que passar por eles para dar bom dia, porque eu me sentia feliz de ver, de conversar com eles... eu ia com outra pessoa, ficava observando, falando português e quando sabia algo, Libras';	- 'fiz o curso na minha congregação e fazíamos essa parte de procurar os surdos para ensinar a bíblia, mas tem essa parte voluntária... essa interação em casa com a família, auxílio na comunicação, consultas médicas, interpretar em um banco porque éramos amigos, porque não era assim um trabalho profissional"; - "eu fiz um curso de extensão, fiz uma prova de nivelamento e fui para o quinto módulo, eram seis, aprendi, mas não me sentia muito profissional"; - "quando passei para a UFPB foi mais difícil. Tinha cursos que por ter mais afinidade, ajudou a sentir que interpretava bem, outros, tinha muita coisa que não conhecia. Se fosse um texto que tinha que traduzir, tinha que ler	- "antes não era como hoje que faço uma interpretação simultânea, era mais um resumo do que a pessoa dizia"; - "quando comecei a trabalhar no IF, tinha o revezamento e muitos sinais usados naquele ambiente que não conhecia, então a troca com os surdos e intérpretes me ajudou muito, fui tendo mais contato com o lado profissional, porque também me passavam as fontes, onde achar mais coisas"; - "para onde fui, de onde venho, como fui criado, região onde nasci, envolve conhecer algo também, o jeito que falo, faz diferença. Percebi que tenho dificuldade de me expressar

		duas ou três vezes, pesquisar muito, usar dicionários, porque não entendia o que estava escrito"; - "eu pensava: será que consegui mesmo passar a mensagem corretamente?... vou ter que aprender mais, vou ler mais sobre isso aqui porque estou traduzindo, mas estou demorando mais a assimilar";	apesar de fazer a voz de outra pessoa, qual palavra usar que seja mais adequada para aquele ambiente, então estudo ainda mais quando tem alguma atividade assim. Fico assistindo a muitos vídeos e tentando falar aquilo em português, ou olhando de outros que já fizeram voz, ou procuro um curso, formação para facilitar o que estou tentando aprender sozinha"

Quadro 7

Como com os Tils anteriores, ela não pensava inicialmente em vir a trabalhar como tradutora intérprete. Gostava de estar com os surdos e a interpretação se tornava algo automático pela necessidade de mediação dos seus amigos em situações do dia a dia. É interessante ver como ela analisa os tipos de dificuldade que enfrentou ao se deparar com novos contextos de atuação e como a ajuda de pares, assim como a indicação de fontes de pesquisa foram de ajuda. Também achei interessante ela refletir sobre como o ambiente onde você cresceu e sua identidade influenciam no seu tipo de vocabulário, o que a fez sentir a necessidade de estudar mais para poder ter uma atuação à altura dos professores e pesquisadores com quem trabalhava, já que o vocabulário deveria ser o deles. Também como ela passou a prestar atenção na atuação de colegas que considerava fazer a interpretação direta bem, para ver que tipo de estratégias utilizavam e passou a praticar sozinha vendo vídeos sinalizados e reconstruindo o texto em português oral.

4.1.6 Tils 6

O Tils 6 é natural da Paraíba e teve contato com a Libras por intermédio da disciplina optativa na sua licenciatura. Ele é graduado em Letras Libras, sendo agora mestrando pela linha de estudos semióticos e trabalha como Tils desde 2020.

No relato do Tils 6, nota-se o impacto que a Libras e a convivência com os surdos tiveram na sua vida. Ele se encantou com a língua, passou a atuar como monitor na disciplina e mediador entre o professor surdo e os alunos e o impacto foi tão grande que ele mudou de curso para estudar Letras Libras, buscou cursos de formação, passou a atuar como Tils e cada vez mais se inseriu na comunidade surda e cada vez mais busca se aperfeiçoar tanto pelo seu respeito pelos sujeitos da língua, como pela responsabilidade que considera atuar como tradutor intérprete. No seu relato, vemos sua curiosidade, sede de aprender, criatividade, análise e consciência das próprias aptidões, assim como o seu espírito crítico que o movem a sempre avançar.

Tils 6	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- "escolhi pagar a disciplina optativa de Libras dentro da minha licenciatura, as aulas eram na sexta feira e, por incrível que pareça, eu ficava feliz em acordar muito cedo para estar lá às 7h00 e assistir às aulas"; - "passei na disciplina e comecei a sentir mais interesse de estar no meio" - "eu sabia Libras porque eu tinha muito interesse, mas eu não era uma pessoa da comunidade porque não tinha sido reconhecido ainda"; - "eu fui uma pessoa que era aluno de outro curso, que ficou apaixonado pela língua e resolveu ser uma pessoa bilíngue"; - "o fato de estar ao lado do governador me exigia, demandava, uma responsabilidade ainda maior. Então eu não podia deixar de desenvolver, precisava continuar desenvolvendo, porque eu estava pondo em risco a minha carreira, inclusive, não é? E eu também tive apoio dos profissionais	- "eu era mais avançado do que o pessoal e muitas vezes estava ali fazendo o papel de interlocutor. Não vou falar intérprete porque eu não era ainda. Então eu ajudava na comunicação e me arriscava"; - "não tenho ego para dizer que eu era um intérprete na sala de aula onde eu sabia sinais... eu era um interlocutor, não um profissional... eu estava estudando. Podia estar ali ajudando voluntariamente como aluno, mas eu estava ali para aprender também"; - "Ser fluente na Libras, é diferente de você ser um tradutor intérprete, entendeu? Porque isso vai demandar várias estratégias de interpretação e de tradução"; - "Eu não era só o tradutor intérprete, eu era o tradutor intérprete de Libras e que me comunicava em Libras. E conseguir me comunicar, trocar ideia, trocar informação, contar uma história, contar um relato da vida. Eu não só estava ali só com uma pessoa falando para mim, eu fazendo meu papel profissional. Eu estava em sempre me	- "essas pessoas mais antigas, elas têm feeling muito mais rápido para poder fazer a interpretação, sabe? E eu prestava muita atenção nisso - a fulaninha fez assim. Mas se eu fizer desse outro jeito, também vai entender? – e a partir disso, começava a discutir com eles e a gente crescia nesse diálogo, entendeu?"; - "eu percebi que na tradução, a gente consegue pensar na Libras, pensar em Libras. Você tem tempo de estudo, tem tempo de estruturar a língua"; - "Eu acho que a pessoa aprende muito fazendo tradução. Tendo tempo para fazer tradução. Porque fazer tradução exige uma dedicação muito maior"; - "Você falou dos cursos de formação de tradutores intérpretes. E, como você bem sabe, eu faço estudos e pesquiso a minha comunidade, minha população negra. E eu participei de uma aula que uma amiga da UFxx Que ela

	que estiveram comigo. Isso sempre foi muito bom"; - "eu estava ao lado do governador e isso me demandava uma responsabilidade. Era a minha carreira. Era o meu rosto que estava ali... Então eu tinha que crescer e aprender, ou não aceitar estar no lugar que eu estava"	inserindo na comunidade, sendo acolhido por eles";	tinha um projeto de extensão dentro dessa UF que falava sobre tradução, interpretação de pessoas negras. E eu aprendi uma coisa que eu não sabia - as câmeras fotográficas de antigamente, todas eram feitas para registrar a pele branca. É por isso que nas fotos, por exemplo, de antigamente, as pessoas negras, elas eram desfiguradas. Não tinham nenhum traço. Eram praticamente desfiguradas. E ela me deu uma aula, assim, riquíssima, que eu acho que todo curso deveria ter sobre o chroma key, sobre a câmera, o tipo de câmera, o tipo de lente, o tipo de iluminação. Inclusive na cartilha que nós fizemos, eu fiquei laranja e você ficou com a pele perfeita. Entende o que falo? Você está com a pele perfeita, e estamos tentando melhorar a minha imagem. Mas a iluminação lá não estava o suficiente para o meu tom de pele"

Quadro 8

De alguém que se apaixonou pela língua e passou a ter cada vez mais interesse de estar entre os surdos, o relato do Tils 6 fala sobre ser um interlocutor a princípio por ter coragem de se arriscar na língua, a ter contato com pessoas com décadas de experiência e construir conhecimento junto com elas por discutir formas de se chegar a um produto satisfatório, sabendo que não há apenas uma forma aceitável e correta de se traduzir. Algo que me chamou também a atenção foi a sua expertise ir se tornando mais específica com o auxílio de outras pesquisas, como grupos de pesquisa sobre a população negra. Por ter uma performance corporal (Rodrigues 2018b), a forma como o Tils aparece na tela influencia na mensagem que é entregue, e os seus conhecimentos fizeram com que ele desenvolvesse um olhar mais técnico para esta parte também da sua atuação.

4.1.7 Tils 7

A Tils 7 é natural do Rio Grande do Norte e começou o seu contato com a Libras aos 12 anos, quando acompanhou a mãe em um curso de formação e se sentiu movida pelo que aprendeu. Ela é formada em serviço social e Letras Libras e tem especialização em tradução e interpretação pela UFRN.

No relato da Tils 7 vê-se o interesse pela Libras e desejo de ajudar aos surdos a ter acesso à sua fé; luta com a timidez e embaraço por se ver em uma posição que não entendia poder ocupar, já que precisava subir ao altar da igreja para interpretar; mudança de perspectiva quanto à língua e ao seu papel; busca por aperfeiçoamento; desenvolvimento da expertise e a reflexão metacognitiva que embasa as tomadas de decisão do tradutor experto.

Tils 7	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- "em 2006, um surdo convidou pessoas que tivessem interesse de aprender. E eram palavras soltas, sinais soltos... foram convidados para aprender Libras, para interpretar a missa para os surdos, e aí juntou tudo, amigos, meu perfil com o perfil dessas pessoas ouvintes para a gente aprender Libras e aí a gente aceitou"; - "tínhamos quinze minutos. Nesses quinze minutos, só fazíamos: Deus é bom; Deus é bom; Deus é bom – pronto. Uns quinze minutos de Deus é bom, porque a gente só aprendia isso. Pensávamos que pelo menos não estávamos fazendo algo de ruim... eu estava muito satisfeita, estava trabalhando, estava no caminho certo..."; - "a gente aprendeu com um surdo, ele desenhava muito bem, aí ele desenhava o sinal em Libras..., aí a gente estudava através dessas imagens e a gente também	- "a gente teve a oportunidade de aprender com outras pessoas lindas, a gente, continuou na pastoral do surdo, na igreja católica. Só sabíamos os sinais de santo; de anjo; de que Deus era bom; de igreja; de casa. Só eu sabia esses sinais e ia lá para a frente. Porque o nosso objetivo era fazer o bem. Pronto, aí depois a gente foi melhorando. Os surdos gostavam"; - "fiquei sabendo que existia curso de extensão universitária, e aí foi um curso de extensão universitária que eu fiz. Na UFRN. No campus que tem aqui em uma cidade próxima, que eu fiz de Libras. A partir daí eu comecei a perceber que Libras era um universo. Que não era só casa, igreja, Deus era bom, café e bola. E que Libras era um universo que existe. Além de que Libras era uma língua que era visual, que tinha uma gramática própria e que era independente da língua portuguesa, que o que a gente fazia era português sinalizado e a gente não fazia Libras";	- "a especialização exigia da gente atividades e eram só atividades filmadas. A gente precisava gravar e enviar para a professora para ser avaliado. Depois de ser avaliada, a professora trazia e comentava conosco: que tal fazer assim e não assim? Porque essa forma é obsoleta, não se usa, é português sinalizado. E aí mostrava a forma certa de sinalizar. E os tipos de técnicas, os tipos de estratégia que existem, as estratégias para a versão voz"; - "Tive dificuldades também na segunda banca que fiz, porque eu me lembro muito bem que a versão voz era o professor Xavier fazendo um texto sinalizando e ele é muito rápido na datilologia. E eu precisava ter muita atenção para a datilologia, para a versão voz. E concentração. A gente precisa desenvolver também

	descrevia o sinal. A forma que a gente aprendeu o sinal era descrevendo sinal - a gente aprende dessa forma também para memorizar"; - "E o meu objetivo com a Libras era evangelizar e fazer o meu trabalho social dentro da igreja... Porque se eu quisesse Libras para evangelizar, eu vou ficaria com a Libras que eu já tinha, porque o perfil da igreja católica da minha cidade era esse. Então, eu não precisaria mais me aprofundar"; - "apareceu um processo seletivo para o RN. E eu vi lá o pessoal muito... eu enxergava pessoas de uma capital e eu, que nunca tinha saído do interior, tinha medo de achar que só existia aquele interior, aquela caixinha. E aí quando eu fui para Natal fazer esse primeiro teste mesmo, passar por uma banca de professores, eram dois surdos e uma professora doutora que é ouvinte. E na universidade federal. Ia passar por essa banca. Tremia mais do que vara verde fazendo essa prova que era a versão voz e a sinalizada" - "a gente tinha essa necessidade de aprender mais"; - "Porque se a pessoa conseguir estar naquele determinado ambiente, é porque é merecedora de estar ali, é porque consegue estar ali. E ter autoconfiança, não significa dizer que não vai aceitar o que é novo. Aceitar melhorias. Significa que você tem que fazer o que vocês sabem e aceitar o que for para melhorar";	- "E essa minha amiga que me incentivou a fazer essa pós-graduação, ela dizia muito assim: você tem um perfil para a intérprete de Libras... Eu só me via como uma pessoa que ia para a igreja com o objetivo de fazer o bem para os surdos já que eles não escutavam a missa... Não queria ser intérprete por dinheiro"; - "E em 2018 eu fiz o processo seletivo da UFPB e fui trabalhar na UFPB. Tive um contato com um com a Libras acadêmica. Com tudo que imaginar de sala de aula de graduação, sala de aula de mestrado e doutorado. Congresso, seminário, gravação e Câmera. E versão voz, com o professor surdo em sala de aula, aluno surdo, com todo o tipo de experiência. Foi quando eu percebi que eu tinha condições de estar na área. Eu tinha condições porque eu era uma pessoa que tinha abertura nessa área. Em 2018, eu tinha abertura para receber novidades. E aceitar essas novidades"; - "tínhamos a mentalidade, eu acho, de pessoas de cidade pequena. De que achar que quem mora em capital sabe mais do quem mora em cidade pequena... E aí esse pessoal vinha e dizia, olha o jeito que vocês fazem está errado, a gente vai colocar uma surda lá na frente que é uma surda de Natal, vai colocar uma surda lá na frente e vocês vão ver como é a tradução dela... A gente não entendia nada do que essa surda dizia.... E A gente não aceitava o que elas traziam, por causa desse jeito que não era muito amigável, não era muito amistoso para a gente"; - "Eu já estudava Libras assim e eu já tinha mais percepção de que a Libras não existia só na igreja, existia em todos os outros ambientes que a gente quisesse estar. Então eu precisava estar nos outros ambientes também. Aí eu comecei a pesquisar na	como uma alteração na autoconfiança"; - "quando eu preciso sinalizar, eu escuto na língua portuguesa, eu processo a informação e adapto para a língua de sinais. E aí é um esforço muito grande que a gente faz Processo numa língua adapto para a língua de sinais e jogo para a língua visual motora. E aí precisa muita concentração para fazer tudo isso. Concentração, foco e a autoconfiança, porque para você jogar para a língua de sinais, você tem que fazer com a bagagem que você tem de conhecimento. E confiar no que no que está fazendo";

		internet, a descobrir que existia a Ronice, que existia a Neiva, que existiam pessoas que pesquisavam tradução, interpretação. Que existia um modelo"; - "Eu também encontrei pessoas que diziam que a minha Libras era de beradeiro, conservadora, que era muito fraca. Eu encontrei pessoas assim, mas também encontrei pessoas que disseram que existe o revezamento, o intérprete de apoio e você pode trabalhar junto com o intérprete de apoio. E a gente está aqui para construir e foi uma equipe muito boa, porque era uma equipe que se apoiava"	

Quadro 9

Com a Tils 7, houve algumas mudanças de paradigma primeiro ao entender que era todo um universo e não apenas o que era o seu objetivo inicial. Ela também discorre sobre o impacto negativo nela ao tradutores da capital do seu estado mostrarem coisas que deveriam ser melhoradas de forma não amigável. Fala sobre a necessidade que sentia de aprender mais e de como encontrava estratégias para estimular a sua memória para aprender a língua de sinais, já que não tinha recursos audiovisuais para estudar. É possível ver a sua evolução e como o apoio de pares foi importante para o seu entendimento da sua identidade enquanto tradutora.

4.1.8 Tils 8

A Tils 8 é natural da Paraíba, graduada em Letras Libras e mestranda da linha de pesquisa de Estudos Semióticos do PPGL na UFPB. Ela atua como Tils há vários anos tendo passado pelos mais diversos contextos de atuação.

A sua narrativa é marcada pela admiração pela Libras e pelo sujeito surdo, desejo de aprender para ser de ajuda, curiosidade incessante e constante contato com os surdos, assim como a busca por se aperfeiçoar. Ela relata sobre os dois lados do contato com os pares, tanto

do impacto negativo ao se deparar com rivalidade e competição, quanto do crescimento advindo da parceria com pares que a acolheram e que se esforçam em crescerem juntos.

Tils 8	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- "Começou com o irmão do meu melhor amigo eu fui tentar falar com o irmão dele e ele não entendeu e o meu amigo me explicou que ele era surdo. Só que eu nunca tinha visto um surdo na vida. Aí eu falava com ele, e o meu amigo me disse que ele não falava por ser surdo. Então eu quis entender como era aquilo. Ele nasceu assim? É uma curiosidade, não é? Ele foi explicando. E eu pedi para ele me ensinar para eu poder conversar com ele"; - "Estudando na Funad, tinha um outro professor meu, ele se tornou um amigo A gente sempre teve essa troca muito grande. Eu chegava antes, ficava depois do curso. Sempre ficava para poder conversar, perguntar as coisas e questionar e falar. A gente sempre teve essa troca muito grande. Eu chegava antes, ficava depois do curso. Sempre ficava para poder conversar, perguntar as coisas e questionar e falar"; - "quando chegou na universidade, no curso de educação física, tinha um surdo, A gente ficava conversando em Libras. Perguntava sinal sobre a cultura e porque ele também já era casado na época. Ele falava da vivência dele com os filhos, as estratégias; - "meu medo é estar na mídia, entendesse? Na mira de críticas porque todo mundo critica";	- "Só que eu já estava na área de educação física, então nunca tinha pensado em entrar para a Libras. Mas surgiu uma oportunidade na prefeitura e no estado, aí que eu fui. - "acho que hoje eu me sinto mais segura. Só que, claro que tem pessoas que são bem mais fluentes, são bem assim... elas decodificam muito rápido"; - "Como a Libras ainda era muito nova para mim, tudo que olhava, pensava que sinal seria para aquilo. Aí ia perguntar para o surdo... meu objetivo nunca foi interpretar de maneira profissional, nunca foi ganhar dinheiro com isso. Meu intuito mesmo de aprender isso, sempre foi para ajudar um surdo que quando acontecesse, pudesse começar a fazer isso"; - "quando eu aprendi um pouquinho resolvi que ia falar com o irmão dele. Pensei em falar com ele, para chamá-lo para brincar também, porque ele nunca brincava. Mas ele também era um pouco mais velho, ele não ficava muito com a gente. Fui falar com ele para ver se ele queria brincar com a gente, mas ele não estava mais numa fase de brincar" - "E estamos na área hoje, mas o meu objetivo nunca foi ser profissional da área. Não, nunca. Só que surgiu a oportunidade e eu já estava capacitada. Mas meu objetivo foi sempre ajudar a pessoas surdas amigas. Quis aprender Libras para ajudar os surdos. É porque eu vi uma necessidade";	- "Fui para outra universidade, até a um curso de arquitetura. Foi algo inovador dentro da minha própria formação, mesmo porque o surdo ele era muito empoderado. Então ele ensinava tudo, o sinal novo que tinha a estátua e tudo o que tinha da área de Libras, que fazia em Libras. Ele já assistia os filmes e, depois de um filme, ficávamos conversando ali, então eram vinte e quatro horas na Libras. Para mim foi um dos maiores momentos nessa instituição, não é? E foi interpretando um curso de arquitetura que era um desses surdos. Então eu passava a manhã toda com ele no curso e depois a gente saía e aí deu tudo. De noite, tirando dúvida, ele tinha alguma dúvida dentro do curso, mas terminou de ler detalhes de classificador de conseguir, tipo adaptar um marco, então o sinal de uma beleza eu fazia com classificador";

Quadro 10

O entusiasmo da Tils 8 pela Libras e o seu desejo de se aproximar mais dos surdos foram associados à sua criatividade e racionalidade lógica para vencer desafios apresentados na forma de áreas novas de conhecimento para os surdos que ainda não tinham termos cunhados. A Tils 8 usou a sua vivência intensa com os surdos e com amigos Tils mais experientes para criar estratégias, usar classificadores e buscar cada vez mais alcançar a excelência. Apesar de ainda se sentir desconfortável com a crítica de outros em ambientes de maior visibilidade, ela tem consciência da sua performance experta e se concentra na pessoa surda para desempenhar bem o seu trabalho.

4.1.9 Tils 9

A Tils 9 é natural do Rio Grande do Norte e está concluindo a Licenciatura em Letras Libras. Ela está inserida na comunidade surda desde a adolescência e tem ampla experiência na atuação educacional e artística.

A Tils 9 inicia a sua jornada ao observar colegas de sala que são diferentes e se comunicam movendo as mãos. Isso desperta nela um sentimento que ainda não tinha experimentado, uma paixão avassaladora pelo idioma. Ela se sente movida a incluir os colegas nas aulas e passa a estar com eles constantemente, usando qualquer oportunidade para aprender mais, inclusive praticando sozinha. Ela fala de sede de conhecimento, parceria, timidez e como a sua expertise a faz vencer inseguranças que antes sentia, no início da sua atuação.

Tils 9	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- “quando eu estava no primeiro ano do ensino médio. E tinham cinco alunos surdos na sala e algo me chamou atenção, porque toda	- “em um mês, eu já achava que estava dominando o básico sala de aula com eles, então eu passei a dar suporte e os professores me chamavam, vinham me procurar	- “Porque a gente vai e absorve uma coisa aqui outra ali, é quando você vai adquirir realmente a fluência na língua mesmo. Você vai

	vez que a professora ia fazer a chamada, ela falava, a gente tem cinco alunos especiais, comecei a observar esses alunos especiais e vi que que eles eram quietinhos, calados, e aquilo me chamou a atenção. Aí foi quando eu vi o movimento das mãos. eu me aproximei desses alunos para eles me ensinarem. Eu escrevia as palavras no caderno e eles me passavam o sinal"; - "no primeiro ano mesmo, um dos surdos me pediu em namoro e eu aceitei. E a gente namorou... uma das professoras de língua portuguesa chegou para mim e disse: se você focar nesta área, você tem tudo para ser uma intérprete, porque você é muito desenrolada. De trinta e dois alunos, você foi a única que aprendeu Libras na sala de aula. Então foque nisso, que vai dar certo para você. Mas não era até então, não era algo que imaginei viver ali. A Libras já era só para me comunicar com meu namorado"; - "quando terminamos e fiquei sem contato, comecei a esquecer, mas eu encontrei um surdo dentro de um ônibus, um amigo de escola, e eu olhei e vi que eu queria ter contato com a Libras e eles de novo"; - "para mim, foi uma das experiências mais incríveis que eu vivi e foi o que eu disse que é como o bebê está aprendendo a andar e está engatinhando. Quando está aprendendo Libras é a melhor parte. Eu sinto saudade de não saber Libras porque é uma boa chance que é avassaladora. Todos os dias você aprende mais, mas não mais aquela coisa, aquela emoção"; - "Ficava o tempo todo em cima deles, não os deixava nem respirar. Nem no intervalo, as mesas das escolas ficaram	e eu começava a dar um suporte"; - "Desenvolvi a Língua de Sinais na sala de aula, estando lá na sala de aula. Estavam os cinco e eu fazia sempre trabalho com eles, e passava as informações"; - "Eu Acredito que o domínio da Língua de Sinais realmente se desenvolve quando a gente está no meio da comunidade. Quando a gente está em contato com os surdos"; - "Eu ainda tenho medo, mas não é mais tanto como antes. Tenho vergonha de câmera, mas eu faço assim mesmo. Este trabalho, trabalhos extra que eu fiz, ajudaram muito"; - "para mim isso é gratificante, entendeu? Que eles vejam a mim como alguém de confiança. Porque a gente tem que ter equilíbrio. Existe a sua profissão e a gente como ser humano, precisa saber separar. Porque, por exemplo, já vi casos de intérprete saber algo de um surdo e espalhar, e isso é muita falta de ética. Como uma profissional, eles mesmos chegam e eu passo essa confiança para eles. E isso foi bom para mim, entendeu? Porque quanto mais eu faço, mais eles espalham isso e daí eu fico bem-vista, entendeu? Então, para mim é um retorno do trabalho que eu faço"; - "E eu acredito que até hoje existe sim um bloqueio. Hoje em dia eu não sinto tanto, mas até chegar aqui, levou tempo"; - "se você vir o intérprete travando muito, é alguma coisa que está incomodando a ele. Algo com a plateia ou com alguém que está olhando muito para ele. Ele está constrangido, pode ter certeza"; - "Eu tinha essa sede de aprender. Era algo avassalador. Porque era aquilo que eu queria. Eu queria mesmo e eu fiz de	realmente desenvolver a expressão facial e corporal. Acho que é realmente quando a habilidade se desenvolve"; - "Depois que eu fiz um curso de Libras, foi quando eu comecei a aparecer mais: no ensino, na TV, foi como eu me senti com mais habilidade. A gente sente uma vergonha, não é? E eu acho que a timidez me atrapalhou muito para ficar de frente a uma plateia, em um congresso. Mas com a rotina, se você praticante diariamente, fica mais tranquilo"; - "lá eu aprendi de um tudo. E estando lá eu tanto aprendia quanto praticava. Eu já saia praticando porque eu trabalhava com surdos, tudo lá dentro era com professor, surdo presidente surdo. Os professores dos cursos de Libras eram surdos. E aí vinham muitos surdos também até lá para resolver os problemas deles. Aí eu ia no INSS a primeira vez, da próxima vez que eu fosse convocada para INSS, já não era mais aquele a mesma coisa. Já vinha aquela habilidade na área. Ir para audiências também foi algo enriquecedor para mim"; - "eu comecei a fazer outros trabalhos, atuar repetidamente em outros lugares. Vamos conhecendo as câmeras, e essa timidez foi diminuindo mais. Até hoje ainda tenho, mas não é como antes"; - "Uma coisa que eu procuro é não focar muito nas pessoas. Se tenho esse ímpeto, procuro não olhar para o intérprete. Eu olho para o surdo. Por exemplo, eu estou traduzindo com alguém, uma coisa que eu não gosto de ficar olhando

	cheias de nome a ponto de não ter mais onde escrever. Daí a gente apagava o que estava escrito e eu escrevia mais coisas. Eu queria aprender. Aí eu já comecei a me afastar da comunidade, ouvinte. Eu comecei a só andar com eles"; - "Eu achava muito lindo os surdos sinalizando rápido e eu ficava admirada, olhando. Eu ficava observando cada um, o jeito que eles se expressavam. É a mesma coisa de nós ouvintes com a forma que falamos: uns falam rápido, outros mais devagar, outros falam alto, outros falam baixo... é da mesma forma com a sinalização dos surdos – alguns sinalizam bem calmamente, outros já sinalizam muito rápido, alguns com as mãos mais afastadas, outros com elas mais juntinhas, e aquilo me chamava muito a atenção"; - "Fui ficando cada vez mais curiosa, amava aquilo." - "passou a ser não só mais a Libras, não foi só mais essa questão de dinheiro, ou de ser intérprete, ou de trabalhar como isso e ganhar bem. Não, foi muito mais além, algo humano mesmo que eu tenho. De poder ajudar, independente de se a pessoa vai pagar ou não, pode ou não. E quando eu comecei a aprender, foi algo assim que eu queria. E queria, e tinha que aprender, e quando eu não aprendi, eu quando eu esquecia, isso me martirizava. Por vezes estava muito mal porque eu esqueci um sinal, e aí eu buscava a eles. Eu ia atrás deles, eu sinalizava em casa, sinalizava no ônibus. Quando eu via um surdo na rua que eu sabia que era surdo, eu ia lá e conversava. E era algo que eu estava buscando mesmo. Busquei mesmo de todo o coração. Porque a cada dia que se passava e que eu aprendia algo, eu queria mais";	tudo, tudo mesmo. Eu chegava mais cedo, eu saía mais tarde, eu ficava, eu perdia ônibus para ficar na parada com eles, porque era algo ali que até hoje, a Libras, ela chega a me queimar o coração. Era algo realmente que eu me apaixonei. Pela primeira vez eu vi algo e me encantei. Eu disse: eu vou aprender. E o meu intuito não era ser intérprete. Eu queria aprender Libras para me comunicar com eles. E poder ajudar, dar um suporte." - "isso movia de uma forma, que eu me sentia mal em olhar para eles e ver que eu estava entendendo o que eu estava ouvindo e que eles não estavam ouvindo, e aí eles ficavam meio que dispersos, desligados. Foi então que eu cheguei junto e comecei a ensinar aquilo que eu aprendia, passava as atividades, eles faziam junto comigo e quando algum professor queria dar um recado, ou se algum deles tinha dúvida, eles chegavam para mim, os professores, e eu traduzia para eles"; - "Acredito que de 100% dos intérpretes, 90% dos são tímidos. Principalmente quando existem outros em intérpretes no meio. Isso causa meio que um bloqueio. Por experiência própria, quando estava traduzindo, somente quando eu estava iniciando, quando estava na frente daquela plateia com todo mundo focado só em mim em mim, gerava um bloqueio ali e eu me atrapalhava, eu esquecia os sinais. Eu sabia, mas na hora eu esquecia. Quando tem outros intérpretes mais experientes na plateia, aí que aquele bloqueio aumenta, porque vem o pensamento: nossa, ele sabe mais do que eu. Se eu fizer algo errado, ele vai questionar";	sempre. Se percebi que quando eu estou olhando o meu colega, ele bloqueia e meio que fica perdido na sinalização, então vou olhar para o palestrante"; - "quando a gente trabalha com a Libras, a nossa visão fica muito aguçada também. Você está aqui, mas está batendo um raio x de toda a lateral"; - "Eu olho para o surdo e o surdo olha para mim. Tento não me importar com alguém que não é importante naquele momento. Da minha posição, se o surdo está com foco nos olhos, eu sei que estou conseguindo fazer o meu trabalho"; - "Se eu vi, porque a gente fica com a visão periférica aguçada, que eu vi que tem um intérprete trocando o sinal, aquilo desconcentra a fala para mim. Se eu estou sinalizando, e eu vi que a pessoa está mexendo na mão, aquilo ali vai me chamar a atenção e quebrar o raciocínio";

Quadro 11

Nesta narrativa, os sentimentos da tradutora pelo idioma e pelos seus amigos surdos se associam à sua criatividade e determinação a fim de buscar a expertise. Ela anseia cada vez mais estar imersa no mundo visual e com isso passa cada vez mais tempo estudando e se esforçando para sempre melhorar. Algo que me chamou a atenção foi como mesmo com a sua expertise, os seus sentimentos permanecem intensos com relação à Libras. Ela menciona que a Libras ainda lhe queima o coração. Também é interessante ver como ela avalia a própria expertise ao dizer que hoje não se questiona mais sobre a sua atuação usando os surdos como termômetro de quão bem está fazendo o seu papel e escolhendo se concentrar neles quando algo na assistência pode desviar a sua concentração do que ela considera importante naquele momento, o surdo.

4.1.10 Tils 10

O Tils 10 é natural da Paraíba, graduado em Matemática e Educação Física e está inserido na comunidade surda há vinte e um anos. Ele atua como Tils há cerca de dezoito anos, sendo há vários anos parte da equipe de Tils efetivos da UFPB.

O Tils 10 se sentiu movido a aprender Libras como forma de ajudar os surdos que se interessassem a aprender sobre a bíblia. Ele passou a ter contato constante com a comunidade surda e com um amigo surdo com quem passou a dividir apartamento. Nisso ele aproveitava todas as oportunidades para aprender. A sua noiva na época e outros amigos Tils também o apoiaram e ajudaram a se desenvolver. Ele entendeu que aprender a Libras envolvia conhecer, ter empatia e se doar pelo sujeito surdo e foi o que fez.

Tils 10	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades

	- “no ano de 2004 eu viajei para uma cidade vizinha, para ajudar a congregação Língua de Sinais”; - “mudei para começar a apoiar a congregação de Língua de Sinais. Eu não era fluente ainda”; - “eu comecei a ajudar, fazendo as partes, treinando até o desenvolvimento das partes. Passava do português para Libras, treinava em frente ao espelho, como é que eu ia passar todo aquele discurso do português para a Libras. Então, antes eu fazia um trabalho de tradução, para depois fazer o trabalho de interpretação” - “fiz de tudo para aproveitar ao máximo quase que as vinte e quatro horas, tendo contato com o Luan sempre”; - “Muitos aprendiam Libras para ser um intérprete poder ganhar dinheiro. Por profissão. Ser apenas profissional da Libras. Mas no meu caso, não. Eu me tornei um intérprete de Libras com intuito de ajudar. E isso é muito importante, você se aproximar da pessoa surda, do adulto, amar a pessoa surda. Tentar conversar com ela, tentar se comunicar com ela, usar de empatia, poder perceber que dificuldades o surdo passa no seu convívio diário, no contexto familiar, educacional... E a gente se doar, ter empatia e ter amor à pessoa surda”; - “Queria aprender sempre”;	- “Então eu tive que me aprofundar nos sinais passei a precisar estudar e pesquisar sinais do vocabulário das disciplinas da escola, para melhorar a minha qualidade da minha tradução e da interpretação para esses dois jovens”; - “Quando eu cheguei no IFPB, ensino médio e técnico, eu vi que eu precisava ter uma bagagem maior, aumentar ainda mais o meu vocabulário, então, tive que sentar-me e estudar”; - “O tradutor intérprete de Libras precisa estar sempre estudando”; - “a minha maior preocupação era me fazer entender. Queria passar o texto da língua portuguesa para a Libras. Então eu fui conseguindo fazer isso sem ficar nervoso, quando eu fui ganhando cada vez mais fluência. Eu fui me sentindo cada vez mais seguro. A diminuição da insegurança me trouxe uma fluidez maior. Eu fui ficando mais fluente. Demorei um pouco para utilizar expressões faciais bem. Eu me fixava tanto nas mãos, que deixava as expressões corporais e faciais um pouco de lado. Fui muito orientado, muito. Principalmente com relação às minhas expressões faciais, porque eu ficava muito preocupado em transmitir a Libras só nas mãos”; - “Ter contato com o surdo, gostar de estar com os surdos, gostar de conversar com eles fora do contexto profissional, é muito importante para o Tradutor Intérprete de Libras... é gostar de estar com eles, é amar a pessoa surda e tudo o que eles representam - a comunidade, universo, a língua, a cultura surda - é muito bom”; -- “A gente faz, não só um trabalho de evangelização, mas um trabalho em um contexto social e a gente na época, a gente	- “trabalhei como intérprete de Libras nesse mesmo ano em uma outra escola, onde passei a ter contato com mais de vinte e oito surdos. Então por serem muitos surdos, pude desenvolver mais ainda. Tanto que para os surdos mais adultos, as aulas eram com professores surdos também da escola. Por manter contato com esse grupo, fui me aperfeiçoando na Libras, aprendendo cada vez mais na Língua de Sinais e isso foi enriquecendo o meu trabalho”; - “E estou até hoje estudando, vendo novos termos. Porque a gente procura cada vez mais melhorar o nosso trabalho e melhorar cada vez mais a acessibilidade entre aluno e professor. Tenta fazer o melhor trabalho possível, o trabalho de ter um tradutor”; - “Muitas vezes eu não sabia como passar para a Libras muitas coisas, mas eu utilizava os classificadores. Eu tentava me comunicar com tudo: as expressões faciais, corporais e os surdos percebiam o que eu queria falar e me davam o sinal”;

		era orientado a ajudar os surdos... E com a família, a gente ficava sempre fazendo esse papel, dizendo para a mãe, como é que ele estava intermediando uma conversa dentro daquilo que o surdo queria falar para a mãe que ele nunca teve oportunidade de falar, então agora a gente estava interpretando o aquele surdo sempre quis falar para a mãe";	

Quadro 12

O Tils 10 inicialmente motivado pelo desejo de compartilhar a sua fé com surdos, passou a ter contato com a comunidade surda de diversos lugares e depois a atuar como Tils, usando a sua experiência e dedicação para se desenvolver e cada vez mais se tornar um tradutor melhor. Na sua jornada, mais uma vez é possível perceber a maneira conjunta com a qual os componentes psicofisiológicos agem movendo o tradutor a ir além do óbvio e se desenvolver à medida que desafios são transformados em novas oportunidades.

4.1.11 Tils 11

A Tils 11 é natural de Brasília, é formada em comunicação assistiva e tem ampla experiência no contexto acadêmico e televisivo. Ela iniciou a sua jornada de maneira formal e mesmo antes de concluir o Ensino Médio, já sabia que desejava ser uma Tils profissional.

A Tils 11 relata que tinha tido um certo contato com a Libras por a sua tia ser parte da congregação de Sinais, mas teve a sua atenção realmente despertada por gostar de códigos e línguas não orais e um amigo lhe trazer à atenção o fato de que na Libras você precisa decodificar gestualmente o sentido das coisas. Isso a fez desejar aprender e ser uma profissional ao concluir o ensino médio. Ao levar essa informação a um dos seus professores, ele conseguiu informações de instituições que preparavam tradutores intérpretes da Língua de Sinais. Ela então iniciou um curso e passou a buscar o aperfeiçoamento. Ela também tentava associar os

sinais às coisas que via como forma de gravar o que aprendia e depois que passou a ter contato com a comunidade surda passou a realmente se desenvolver.

Tils 11	Componentes cognitivos	Aspectos atitudinais	Habilidades
	- “a minha tia, que também é testemunha de Jeová, tinha contato com a congregação e os grupos de sinais. Então a minha tia sempre fazia alguma coisinha em Língua de Sinais para mim, como: bom dia, boa tarde, boa noite. As coisinhas simples. Quando eu estava começando o terceiro ano do ensino médio, um amigo que tinha aprendido a Libras e começou a ensinar Libras para nós. Achei legal e comecei a aprender Libras com ele. E como eu já estava terminando o ensino médio, eu tinha que achar uma profissão. Daí eu fiquei sabendo que existe a profissão de intérprete de Libras e me interessei”; - “eu sempre tive uma certa curiosidade com línguas não orais, então sempre gostei de brincar de decodificar códigos de leitura, essas coisas. ele me disse que tinha aprendido algo que eu iria gostar, que era a Língua de Sinais. Que era uma língua não oral onde eu teria que decodificar “gestos” ao invés de palavras. Eu achei muito legal e aí a gente foi começando a brincar como se fosse de mímica, só que era Libras...” - “E era interessante realmente, porque você começava a imaginar aquilo que estava acontecendo, que ele estava sinalizando. Por isso que a Língua de Sinais é uma língua muito visual... Foi a forma diferente como essa língua era utilizada, então acho que eu me encantei mais pela língua do que pela pessoa surda em si”;	- “A partir do momento em que eu comecei a trabalhar na TV Brasil, era diferente eu vi uma oportunidade melhor, tanto de crescimento profissional quanto da visibilidade da TV em si. E pela oportunidade de ter um descanso para o meu corpo”; - “Querendo ou não, o intérprete ele interage dentro da comunidade surda, ele tem um contato com a comunidade surda, ele não é igual a um computador que traduz sem ter contato nenhum”; - “A gente tinha que estudar tanto quanto o surdo. Eu acho que o intérprete de nível superior, intérprete educacional, tem que estudar tanto quanto o aluno”; - “a compreensão do que é aquilo que está sendo dito, facilita na hora da tradução, porque eu vou conseguir achar estratégias tradutórias mais fáceis para a compreensão.”;	- “Era muito difícil você aprender, mas você tinha que fazer alguma estratégia de tentar assimilar aquele sinal que você aprendeu com alguma coisa do seu cotidiano. É tanto que eu andava na rua e aí, do nada, via uma árvore, tentava lembrar em Sinais o que eu via na rua, e tentava sinalizar de volta. Se visse um passarinho, ficava fazendo o sinal de passarinho. Via uma criança, aí eu ficava fazendo o sinal de criança” - “na rua, sozinha, mexendo as mãos na rua. E quando foi para aprender o alfabeto, foi a mesma coisa. Andava na rua, ficava olhando as coisas e fazendo a datilologia na rua, só para ver se conseguia gravar alguma coisa... para você guardar, no final você tinha que fazer alguma assimilação com alguma coisa para você lembrar que aquilo é aquilo”; - “a professora ensinou uma coisa que era que era uma técnica que ela falava para a gente, que era do ouvido em curso... na hora da tradução, da interpretação, deveríamos evitar raciocinar demais a respeito do assunto, porque poderia dar uma interferência na hora da tradução”; - “o que eu mais sabia fazer era cara de paisagem, fingir que estava entendendo.”; - “a professora de Libras, na época falou, a professora de

	- “Eu nunca fui fazer interpretação lá. Só observava. Eu morria de medo. Eu fazia interpretação surda na igreja, não é, no salão. Aí eu me arriscava um pouquinho mais. Mas em outros contextos assim, foi muito difícil começar. Eu morria de medo. Era um monte de coisa que eu não sabia o sinal.” - “Acho que a universidade é diferente de tudo. Você sente o peso da responsabilidade muito maior do que está sendo interpretado ali, porque o que você está colocando ali é uma profissão... se você não está entendendo, tem que ter coragem, no meio da aula, de levantar a mão e falar: professor, desculpa, eu, como intérprete de Libras, não entendi o que significa isso”; - “Eu sentia um peso, uma responsabilidade muito maior daquilo que eu estava traduzindo. Tanto para me mostrar que eu era profissional, digna de estar ali, porque senão os professores iam pressionar a minha superior. Muitas vezes isso acontecia. Eu tive que me impor dentro de sala de aula”; - “a maioria dos intérpretes de Libras, pelo menos aqui em Brasília, primeiro vieram do vieram do religioso. Ou porque interpretava na igreja. Eu fiquei interpretando no salão do Reino. Mas eu comecei a estudar Libras mesmo, eu queria aprender, então comecei Libras no lado profissional”;		tradução, foi que um intérprete de Libras não tem que ter vergonha. Se você tiver vergonha, você nunca vai ser um intérprete. Porque você vai ter vergonha de estar lá na frente, interpretando sobre vários assuntos. Você tem que ter confiança”; - “Aí eu falava bem, professor, eu aprendi um idioma, eu aprendi Libras. Caso o senhor não saiba, eu não sou professora, eu sou uma tradutora. Isto significa que eu vou transmitir para o aluno o conhecimento que você transmitir para todo mundo, mas em outro idioma. Então quem está ensinando ao aluno não sou eu, quem está ensinando ao aluno é o senhor”; - “Tudo o que eu aprendi na universidade, eu tive que reaprender na TV”; - “com respeito aos sinais, o Brasil todo está me vendo. Eu tive que mudar uma estratégia de escolha tradutória, porque eu tinha que escolher aquele sinal que fosse mais visível e mais compreensível para população do Brasil”; - “Eu tenho que achar esse ponto de equilíbrio toda vez que eu vou traduzir na televisão, principalmente o jornal”;

Quadro 13

A Tils 11 que já pretendia se tornar uma Tils profissional desde o início do seu caminho fala sobre como a sua curiosidade, criatividade a ajudaram a aprender e como ser trazida à atenção para a necessidade de vencer a sua timidez foi um ponto de virada no desenvolvimento da sua expertise. Ela também nos conta de como precisou aprender a se ver como profissional

e muitas vezes impor isso ao atuar em sala de aula, assim como da forma que precisou reaprender os limites e formas de expressão ao passar a atuar no contexto televisivo, como precisa estar atenta ao uso do espaço e a delimitação deste espaço no enquadramento audiovisual, assim como da necessidade de usar mais de uma forma de expressão de modo a poder alcançar o maior número de telespectadores em escala nacional.

Dos 11(onze) relatos coletados, é possível perceber que 9 (nove) dos 11 (onze) sujeitos teve início no religioso e destes, apenas 1 (uma) iniciou o seu contato já visando uma carreira. Todos se sentiram atraídos à língua, o que os moveu a desejar aprender e 10 (dez) deles mencionaram que, para eles, a Libras está ligada ao sujeito surdo. Todos mencionaram o desejo intenso de aprender mais e de procurar estratégias para conseguir se aprofundar na sua fluência. Todos mencionaram iniciar a sua atuação no voluntariado, sendo 10 (dez) pela necessidade de amigos surdos, sendo uma parte social da sua atuação no âmbito religioso e 1 (um) para intermediar a comunicação entre o professor surdo e demais alunos.

Com relação aos desafios, 9 (nove) dos sujeitos mencionaram sentir insegurança para atuar antes da expertise por medo de errar e por não se sentir confortáveis com outros tradutores ou bilíngues avaliando a sua atuação. Todos mencionaram sentir vontade constante de aprender mais e destes, 7 (sete) mencionaram a dificuldade do seu período de início por não ter acesso a cursos, fontes de estudo ou meios audiovisuais para registro do que era ensinado ou para pesquisa adicional. Todos lidaram com a situação por se inserir na comunidade surda e manter contato constante com amigos surdos, além de outros intérpretes experientes que os ajudaram a ter uma visão mais profissional da atuação do Tradutor Intérprete de Libras. Todos mencionaram a necessidade de sempre ler, estudar e se atualizar, como uma demanda profissional para desempenhar bem as suas funções. Todos disseram ter um momento de mudança quando passaram a realmente se ver como tradutores, ter consciência das próprias habilidades, a partir desta mudança, todos os sujeitos passaram a se concentrar na pessoa surda

usuária da tradução e/ ou interpretação e preocupar-se apenas em transmitir a mensagem a eles de forma clara.

Dos relatos coletados, 4 (quatro) sujeitos mencionaram dificuldade a realizar a interpretação direta por não se sentir confortáveis com outras pessoas ouvindo e sabendo que talvez tenha omitido algo ou não feito a melhor escolha de vocabulário. Destes todos mencionaram o estudo e apoio de pares mais experientes como forma de vencer o receio e disseram já saber que conseguem fazer bem a interpretação direta.

O padrão percebido nas narrativas torna possível inferir que os componentes psicofisiológicos como curiosidade intelectual, emoção, memória, criatividade, racionalização lógica desempenharam um papel chave no desenvolvimento da CTi dos entrevistados, e fizeram com que eles se empenhassem a chegar no ponto de expertise que se encontram hoje. Também pode-se perceber nos relatos que à medida que a sua competência foi se desenvolvendo, eles também passaram a ter uma visão diferente de si mesmos enquanto apenas bilíngues com amigos ou professores surdos, passando a entender-se como profissionais conscientes das suas habilidades, conforme gráfico a seguir.

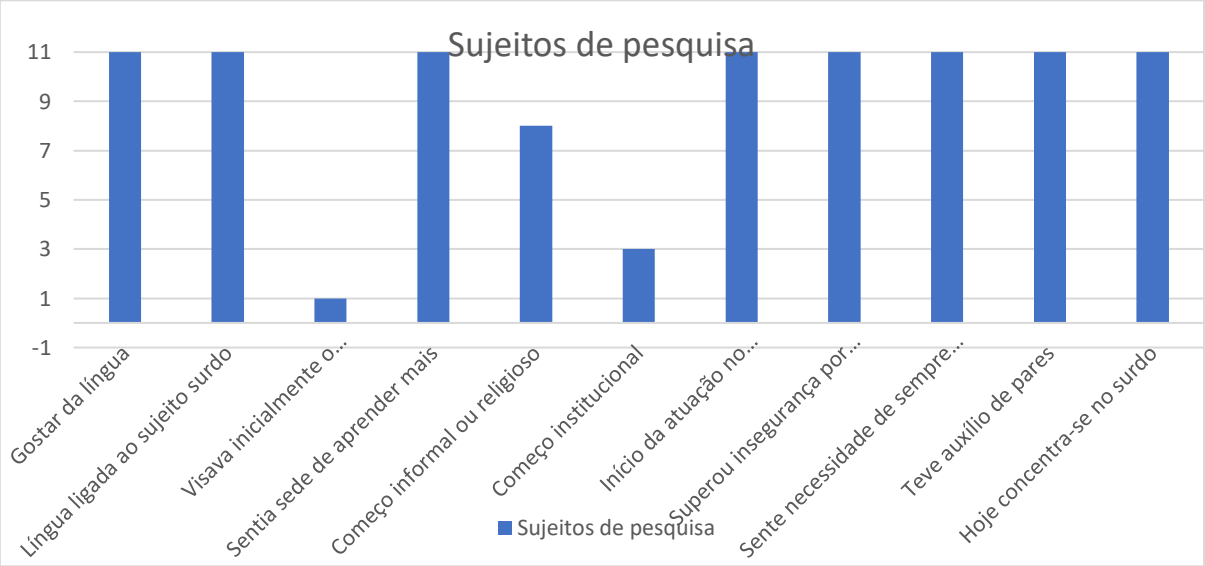

Gráfico 1

Como evidenciado pelo gráfico, todos os Tils entrevistados disseram gostar da língua como um fator motivador a desejar aprender, todos disseram ter sido importante a inserção na comunidade surda e o auxílio de pares para superar inseguranças e que uma das coisas que os ajuda a atuar com segurança é se concentrar no sujeito surdo no momento da sua atuação. Todos afirmaram que sentiam sede de aprender e ter entendido que a língua e a sua aquisição estavam muito ligadas ao sujeito surdo. Todos iniciaram a sua atuação no voluntariado por estarem na companhia de pessoas surdas que precisavam de mediação em algum momento e todos afirmaram ainda sentir a necessidade de estudar e que o estudo constante é parte fundamental da vida do profissional tradutor.

5. Considerações finais

O presente trabalho, amparado nas pesquisas do grupo PACTE (2003) sobre o desenvolvimento da Competência tradutória, faz uso da pesquisa narrativa a fim de investigar, por meio de narrativas de Tils expertos que atuaram ou atuam em contexto de conferência, a possível influência dos componentes psicofisiológicos no desenvolvimento da sua Competência Tradutória.

Composto de 5 capítulos, o trabalho apresentou conceitos chave ligados à Competência Tradutória e à pesquisa narrativa, justificando a escolha desta como método de coleta de dados. Foram analisadas e discutidas 11 (onze) narrativas de tradutores coletadas em por meio da plataforma zoom, gravadas e transcritas para a análise posterior dos dados. Antes da coleta, foi feito um desenho piloto da pesquisa e após isto, os devidos ajustes foram feitos no método, com alterações lexicais na forma de realizar as perguntas, o que resultou em mais fluidez e mais informações ofertadas nos relatos livres oferecidos pelos sujeitos.

Foi percebido um padrão nas narrativas com relação à influência dos componentes psicofisiológicos no desenvolvimento da competência tradutória intermodal dos sujeitos entrevistados. É possível se perceber pelos relatos que a curiosidade e interesse pela língua motivaram o contato inicial, mas o contato com as pessoas surdas fez esse desejo de entender e de auxiliar os seus amigos surdos em demandas do dia a dia ser mais forte do que a timidez ou insegurança e os iniciasse em interpretações a princípio limitadas em contexto religioso ou comunitário. A percepção das próprias limitações, ligada ao desejo de ser de maior auxílio ou de alcançar a expertise, fez com que eles buscassem estratégias e aumentassem o seu contato com a comunidade surda a fim de superar essas dificuldades.

Também foi possível perceber que a insegurança e sentimentos de inadequação foram dando lugar a racionalidade crítica e lógica como formas de se aperfeiçoar e que, quanto mais essa expertise se desenvolvia, mais os tradutores passaram a se concentrar no seu público-alvo, os surdos, o que os ajudou a ter consciência de suas competências pelo feedback dos usuários do seu produto. E, mesmo em contextos de interpretação direta (versão voz), que alguns entrevistados mencionaram sentir muito medo inicialmente de fazer, o desenvolvimento dessa expertise os ajudou a entender que apesar de ser uma atuação mais desafiadora, hoje conseguem fazê-la bem.

Apesar de ser um grupo pequeno de entrevistados, o padrão encontrado nas narrativas lança luz para a necessidade de se ampliar as investigações da relação entre os componentes psicofisiológicos e o desenvolvimento da competência tradutória intermodal, por aspectos como emoção, memória, percepção e racionalidade lógica interferirem diretamente na performance de uma língua de modalidade visual-gestual. Convém que pesquisas futuras busquem ampliar a base de dados neste contexto, assim como busquem entender formas de inserir na formação dos Tils a consciência desta influência e formas que tradutores expertos encontraram de usá-las em seu benefício. Como Rodrigues (2018b) apontou, estes elementos

são parte da competência exigida de um tradutor intérprete intermodal, e por abordar estas questões na formação é que estes tradutores em formação vão poder ter ferramentas para reflexão consciente, o que vai guiar processos metacognitivos de tomada de decisão que possam levar a estratégias de tradução e interpretação mais proveitosas.

Referências

ALVES, Daniel Antonio de Sousa; DETMERING , Edilza Maria Medeiros. Formação de tradutores e tradutoras: sobre o uso da pesquisa narrativa como método para compreender os processos de desenvolvimento da competência tradutória. Belas Infiéis, Brasília, Brasil, v. 10, n. 2, p. 01–20, 2021. DOI: 10.26512/belasinfieis.v10.n2.2021.29132. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/29132 . Acesso em: 9 jul. 2024.

BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. Disponível em: Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais-libre.pdf . Acesso em 9 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 16 nov. 2024.

____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em 16 nov. 2024.

CLANDININ, D. J., CAVE, Mary T., BERNDONK, Charlotte. Narrative inquiry: a relational research methodology for medical education. In 2016 John Wiley & Sons Ltd and The Association for the Study of Medical Education; 89 MEDICAL EDUCATION 2017 51: 89–96.

CONNELLY, F. M., CLANDININ, D. J. Stories of experience and narrative inquiry

FM Connelly, DJ Clandinin - Educational researcher, 1990 - journals.sagepub.com. Disponível em https://scholarpractitionernexus.com/wp-content/uploads/2019/12/Connelly-Clandinin.pdf . Acesso em 21 nov. 2023.

Dutra, D. P., & Mello, H. (2008). Self-observation and reconceptualization through narratives and reflective practice. In P. Kalaja, V. Menezes, & F. Barcelos (Eds.), Narratives of learning and teaching efl.). New York, US: Palgrave Macmillan. p. 49-63.

GONÇALVES, J.L.V.R. (2005). O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. In ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Eds.) Competência em tradução: cognição e discurso, Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 59-90.

HURTADO ALBIR, A. Translation and translation competence. In: HURTADO ALBIR, A. (Ed.). Researching translation competence by PACTE group. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. cap. 1, p. 3-33.

MUNDAY, Jeremy. Introducing Translation Studies: theories and applications. London: Routledge, 2008.

MUYLEART, Camila Junqueira, et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. In Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):184-189 www.ee.usp.br/reeusp . Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCt/?lang=pt&format=html . Acesso em 21 de Nov. de 2023.

PACTE. 'Building a translation competence model'. In Alves, F. (ed). Triangulating translation. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 2003, p. 43-66.

____. Investigating Translation Competence: Conceptual and Methodological Issues. An article of the journal Meta, Volume 50, Number 2, April 2005, p. 609–619. Disponível em https://www.erudit.org/en/journals/meta/2005-v50-n2-meta881/011004ar/ . Acesso em 21 nov. 2023

PAIVA, V. L. M. DE O. E .. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261–266, 2008. Disponível em: SciELO - Brasil - A pesquisa narrativa: uma introdução A pesquisa narrativa: uma introdução . Acesso em: 16 nov. 2024.

PEIXOTO, Janaina Aguiar, POSSEBON, Fabricio, 2018. O 9º artefato cultural: religioso. Em: PEIXOTO, Janaína Aguiar, VIEIRA, Maysa Ramos, Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Ed. Sal da Terra, 2018, p. 190-205.

QUADROS, Ronice Müller. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018a. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tla/a/wgrtd7x9bfqckZNY6nXgs3R/ . Acesso em 21 nov. 2023.

Rodrigues, C. H. (2018). Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. *Cadernos De Tradução*, *38*(2), 294–319. https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294 . Acesso em 09 jul. 2024.

SANTOS, S. A. Intérpretes de língua de sinais: um estudo sobre as identidades. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SEGALA, R. R., QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. 2 (2015): 354-386. Disponível em: Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral | Cadernos de Tradução (ufsc.br) . Acesso em 09 jul. 2024.

STROBEL, Karin Lilian. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008a.

STROBEL, Karin Lílian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **ETD**, Campinas, v. 07, n. 02, p. 245-254, mar. 2006. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922006000000023&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 nov. 2024.

ZAMPIER, P. L. V. O. Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

Apêndice

Organização para a primeira rodada de experimentos	
Sujeitos: ● Um tradutor com formação em Estudos da Tradução;	
● Um tradutor sem formação em Estudos da Tradução.	
Momentos da entrevista	**Características do momento**
Cumprimentos	
Início da gravação	Gostaríamos de avisar que deste ponto em diante a nossa conversa está sendo gravada para posterior análise dos dados.
Identificação	Gostaria de usar um pseudônimo para a coleta de dados? Em caso positivo: ● Qual pseudônimo ● Informamos que todos os dados serão registrados com o pseudônimo escolhido, portanto, não precisa se preocupar com ter a sua identidade revelada (eventuais menções ao nome verdadeiro serão corrigidas na etapa da transcrição de dados).
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	Leitura integral do TCLE
Breve explicação da pesquisa	A nossa pesquisa investiga o desenvolvimento da Competência Tradutória. Por diversos aspectos da Competência em Tradução serem internos ao sujeito, entendemos que a pesquisa narrativa seja o método a melhor atender aos nossos objetivos, por possibilitar ao sujeito reflexão sobre a sua trajetória e tornar possível a análise dessas reflexões por meio do seu registro nas narrativas.
Envio de material explicativo	Caso deseje entender um pouco mais da nossa pesquisa, temos um material curto em PowerPoint que teremos prazer em enviar após a coleta de dados.
Breve explicação sobre as etapas da coleta:	A primeira etapa caracteriza um relato livre por parte do sujeito de pesquisa. As perguntas são impessoais e têm o mínimo possível de interferência do pesquisador; A segunda parte é após o seu relato inicial. Caso necessário, é apenas o pedido de falar mais sobre determinado ponto; A terceira etapa não é obrigatória. Ela ocorrerá apenas se sentirmos a

	necessidade de alguma informação específica. Nesse momento, caso ocorra, faremos algumas perguntas mais específicas.
Início da coleta	Gostaríamos de ouvir um relato da sua trajetória percorrida até chegar ao estágio de tradutor profissional em que você está agora.
	Etapa 1: ● Nesse momento, gostaríamos que você (sujeito da pesquisa) nos relatasse sobre a sua trajetória enquanto tradutor. Que nos falasse do caminho percorrido até chegar ao estágio profissional em que está hoje. Etapa 2: ● Caso sintamos a necessidade de entender melhor algum ponto do seu relato, vamos pedir que você desenvolva mais sobre esse momento específico da sua fala. Etapa 3 ● Caso ainda tenha alguma informação que gostaríamos de saber mais, pediremos que nos responda a algumas perguntas mais específicas. 1. O que, para você, foi mais fácil ou difícil quando começou a atuar como tradutor? As mesmas dificuldades ou facilidades ainda se aplicam? 2. Se algo mudou, poderia falar mais sobre o quê? 3. Consegue pensar em razões para essa mudança? 4. Como foi o seu primeiro contato com a tradução? Em que contexto começou a aprender? 5. Em que contexto começou a atuar como tradutor? 6. Quando começou a atuar como tradutor profissional? Consegue pensar em semelhanças e diferenças do início da sua atuação?
Agradecimento	Agradecemos muitíssimo a sua disposição de colaborar com a nossa pesquisa que não poderia ser realizada de outra maneira.

Quadro 14 (Fonte: da autora)

Anexo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Caro tradutor,

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Daniel Antonio de Sousa Alves

Pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a)dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, ____de _____de _____

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o (a) pesquisador/a --------- pelo telefone ----------, ou pelo e-mail ---------- .

Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: **comitedeetica@ccs.ufpb.br**

Este documento é baseado nas seguintes resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS): Resolução nº 466/2012 – Item II.23; Resolução 510/2016; e Resolução 441/2011.

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável rubricarão todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página deste Termo.

Transcrição das entrevistas

Entrevista Tils 1

- Tils 1, a gente quer te agradecer de todo o coração, por você ter encaixado o seu horário super corrido para participar da nossa coleta de dados, porque a pesquisa narrativa, como você sabe por ter trabalhado um pouco com ela na sua pesquisa, não é, se não tiver o sujeito de pesquisa, a gente não tem o que pesquisar, não tem dado. então nossa gratidão é imensa.

- Imagina

- Você quer usar algum apelido, alguma coisa, um pseudônimo para a coleta de dados, ou pode ser seu nome mesmo?

- Acho que agora, na conversa, pode ser o meu nome, não é, e depois, na transcrição, se quiser colocar um nome fictício, alguma coisa, para não ficar o meu nome.

Você tem preferência por algum nome?

- Não

- Certo. Então depois pensamos em algum outro, está bem? E não se preocupe que quando formos transcrever, não usaremos o seu nome para nada, ok?

- Maravilha

- Vou abrir aqui um o termo de consentimento livre esclarecido para ler para ti, aí depois que terminar aqui eu te envio por e-mail, tá? E se você tiver interesse em conhecer mais da nossa pesquisa também preparamos um material de PowerPoint que posso te enviar após a entrevista se você quiser.

- Beleza

- Deixa eu abrir aqui. Só para te avisar, o termo de consentimento é mais geral, então tem algumas coisas que não vão se aplicar muito à pesquisa da entrevista com você, mas é mais por ser um termo geral, para se, em alguma etapa da pesquisa, quisermos fazer alguma coisa do gênero, já estar lá no termo. Porque senão tem que passar pelo comitê de ética de novo. Está conseguindo ver? aumento a fonte?

- Consigo sim, está ótimo.

- Termo de consentimento livre esclarecido:

Cara tradutora, este é um convite para sua participação na pesquisa intitulada: “Pesquisa Narrativa e o desenvolvimento da Competência Tradutória” que está sendo desenvolvida por pesquisadores do curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Daniel Antônio de Souza Alves. O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da Competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar o processo de desenvolvimento da Competência Tradutória de tradutores em formação, o que poderá beneficiar o nosso campo disciplinar e a nossa área de atuação tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto

servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras. Solicitamos a sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando histórias ou a narrativa da sua formação como tradutora, fazendo uma pequena tradução e respondendo ao questionário.

Esta parte aqui já não vai se encaixar, a gente não vai pedir para você fazer tradução e nem responder ao questionário.

Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2 horas o tempo total da sua participação na pesquisa. Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicar em revista científica nacional e/ou Internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação se concentrar em narrativas livremente feitas pelos sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente contexto de realização do experimento. Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo ou caso resolva, a qualquer momento, desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo. Os pesquisadores também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Esta parte aqui: se mais à frente, por exemplo, você vir que, por exemplo: "Polly, não vai dar certo deixar o meu relato de contribuição para vocês", não tem problema. Especialmente porque estamos na fase piloto agora, então, nem precisa se preocupar. Estamos apenas avaliando o método mesmo. E, só para avisar, de vez em quando eu vou precisar mutar o meu microfone, porque passa muito carro de som aqui.

- Normal, aqui também.

- Portanto, considerando que foi informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a minha participação; dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos da investigação sejam utilizados para fins científicos, divulgação em eventos, publicações. Estou ciente que receberei uma via deste documento.

Sendo que só para você assinar, vai mudar aqui o local, por você não ser de João Pessoa. Então é isso, posso fechar aqui o compartilhamento?

- Certo

- Então, Tils 1, essa nossa pesquisa está investigando como se desenvolve a Competência Tradutória e, como diversos aspectos da Competência Tradutória são internos ao sujeito, nós entendemos que a pesquisa narrativa é a melhor para atender os nossos objetivos, porque vai possibilitar aos sujeitos de pesquisa refletir sobre a sua trajetória. Isto torna possível para nós a análise dessa trajetória, por meio do registro transcrito das narrativas. Então, como eu tinha explicado antes, se você quiser saber um pouco mais, temos material que eu posso enviar para você quando terminarmos aqui.

- Legal

- Sobre como é a coleta: essa pesquisa ela pode ter três passos. Só o primeiro passo é obrigatório; talvez aconteça a segunda e talvez a terceira. Essa primeira etapa é um relato livre seu. É uma pergunta impessoal e tem o mínimo de interferência minha e do Daniel. Você vai fazer o seu relato, você vai contar a sua história, e nós apenas faremos algumas anotações de algum ponto que talvez queiramos mais alguma informação.

- Certo.

- Essa segunda parte, acontece depois que você termina o seu relato. Quando você diz: então, esse aqui é o meu relato; essa é a minha experiência, foi assim que eu me tornei uma tradutora etc. Daí, se sentirmos a necessidade, veremos algum ponto que você falou, diremos: Tils 1 você falou isso aqui, você pode falar mais sobre esse assunto? e daí, novamente vai ser uma narrativa livre, você vai falar o que você acha importante; o que você lembra daquilo ali; o que que marcou você naquilo ali. Um possível terceiro momento é: se ainda assim quisermos mais alguma informação, vamos te fazer alguma pergunta mais específica.

- Beleza

- É só isso

- Tranquilo. Só para deixar Claro, é a minha é formação como tradutora de Inglês ou como tradutor intérprete de Libras? ou as 2?

- A sua formação enquanto tradutora

- Ok. Não é importante o par linguístico, então?

- Não. acho que nesse momento não é, certo, Dani?

- Certo.

- É porque o nosso foco é o desenvolvimento da Competência tradutória. Então, não sei ainda como é que se deu a sua história.

- É que são 2 caminhos bem distintos. Acho que vai ser até legal então para vocês entenderem como foi a minha formação como tradutora de Inglês - português e como tradutora de Libras, que eu ainda estou... a gente está sempre no processo. Mas eu tenho, na minha na minha visão, que o meu processo como tradutora de Libras ainda está se consolidando, então aí eu vou te falar sobre os dois, ok?

- Que legal, então vai ser muito rico para nós que você falar desses dois lados.

- Sim, vou falar dos dois, porque sou tradutora dos 2 pares linguísticos, então...

- Maravilha. Então, com isso em mente, Tils 1, a gente gostaria que de ouvir o relato da sua trajetória, do seu começo, até você chegar nesse estágio em que você está agora, de atuação profissional. Fique à vontade. Eu vou fechar o meu microfone para evitar ruído, interferência, e o Daniel também. Agora aí você fala o que você considera importante. Pode falar das duas, nós agradecemos muito.

- Tudo bem. Se eu travar, se tiver ruim, é só você me dar um aviso com a mão, que a gente tenta outra estratégia.

Eu sou formada em Letras – Tradução/ Bacharelado, na Universidade Federal de Pelotas. Eu me formei em 2018, o meu par linguístico de formação era Inglês - português. Quando eu terminei a graduação, eu fui para o mestrado logo em seguida. Graduei em 2018 entre fevereiro e março de 2018. Em abril eu já fiz o processo seletivo para o mestrado e ingressei no mestrado em julho de 2018. Então foi bem colado né. O meu mestrado foi em uma área totalmente diferente - foi na área da Tradução, mas foi na área de Libras

Na metade da minha formação como tradutora de Inglês, eu fiz algumas disciplinas de Libras que eram optativas para o curso de Letras Tradução, já que eu não era da Licenciatura. A partir das disciplinas de Libras, eu fui gostando da língua, fui vendo que eu me dava bem com a língua, que eu consegui aprender bem rápido - em 2 disciplinas. Então eu fui fazendo isso. Meu TCC foi sobre é tradução de dicionários Inglês - português e Libras, um dicionário trilíngue. Então fui entrando um pouco nesse mundo da Língua de Sinais. Daí eu decidi que meu mestrado seria nessa área, para ver se era realmente isso o que eu queria. O meu mestrado foi voltado para a Libras, também na área da tradução. Eu sou mestra em Estudos da Tradução, na subárea de Língua de Sinais. E a partir de 2018 – 2019, eu comecei a atuar como Tradutor Intérprete de Libras. Eu comecei a minha graduação em Letras lá em Pelotas em 2014, comecei a atuar como tradutora em 2016, uma vez que eu já era fluente Inglês na graduação, mas eu ainda não tinha segurança alguma. Não entendia sobre as questões tradutórias. Nós temos, ou eu pelo menos, tinha muito essa ideia de ser fiel ao texto, essas questões. E tudo isso foi se desconstruindo na minha formação como tradutora. Então, mais ou menos no segundo ano, eu já comecei a traduzir um abstract aqui, um resumo ali, e fui seguindo. A partir 2016 - 2017 mesmo, que eu comecei a realmente atuar. Traduzir artigos como freelancer, porque, na época, eu trabalhava numa escola de Inglês. Dava aula de Inglês, fazia graduação, estudava de noite, e fazia esses trabalhos eventuais como tradutora - sempre no par linguístico Português - Inglês. E o meu mestrado também foi mais um passo para desmistificar algumas coisas: a Libras é mais fácil; o Tradutor Intérprete de Língua de Sinais, por ser uma língua visual, não tem gramática, é mais fácil, vai ser uma atuação mais tranquila. tudo isso foi desmistificado no meu mestrado, porque eu comecei a atuar como Tradutora intérprete de Libras e fui vendo que não é esse mar de rosas, porque é uma língua como qualquer outra - tem a sua gramática; tem a sua estrutura como qualquer outra. Então eu também tive esse processo de desmistificar algumas coisas que foi muito a tradução que me trouxe, e que antes de eu entrar na tradução, eu não tinha noção.

Então, por que eu digo que a minha formação como tradutora das duas línguas é diferente? Porque a minha formação como tradutora de Inglês, foi uma formação institucional: Primeiro você entra na graduação; você aprende as teorias; fiz ali as disciplinas de teoria da tradução e depois que eu comecei a atuar como tradutora. Na Língua de Sinais, foi o oposto. Eu não fui formada, não sou formada em Letras – Libras, não tive nenhuma formação institucional. Eu comecei a aprender a língua, comecei a frequentar as associações de surdos, fiquei fluente em Libras, e daí comecei a atuar. Então foi uma formação mais empírica, na minha visão, a minha formação como Tradutora intérprete de Libras. Também acho que os dois caminhos têm lados positivos e lados negativos.

Eu vejo que a minha formação como tradutora de Inglês, em alguns momentos, faltou esse conhecimento empírico. Umas coisas que eu não tive acesso na formação, por exemplo, foi sobre questões orçamentárias - como emitir nota. Tudo isso, quando eu entrei no mercado de trabalho, comecei a atuar como freelancer, eu tive que ir aprendendo na tentativa e no erro,

porque eu não tive esse tipo de formação na minha graduação. Eu acho que é uma coisa, inclusive, que falta e que é muito importante. Eu não estou falando que isso é uma falta da Federal de Pelotas, estou falando no geral, porque eu tenho vários colegas de outros lugares, que também nem sequer são formados em tradução. A pessoa forma em Letras e vai atuar como tradutor; a pessoa forma em jornalismo, vai atuar como tradutor. Então eu vejo que isso é uma coisa que falta em geral. Então eu senti que isso faltou muito na minha parte da atuação como o tradutor Intérprete de Libras, foi o contrário. Faltou pra mim, às vezes, um conhecimento mais conceitual que eu tive muito na formação do Inglês. Mas é algo que sobrou em um par e faltou no outro. Eu não tinha isso, não sou formada em Letras Libras, então eu fui pegando empiricamente. Fui vendo o que os outros intérpretes faziam, procurando, por mim mesma, alguns textos, e indo em eventos, ouvindo as apresentações. Então as duas formações foram bem distintas.

Eu acho que o legal é poder comparar o que tem uma e que falta na outra. Poder fazer aquele equilíbrio. Então se eu percebo, por exemplo, que isso (institucional) eu tenho muito na minha formação como tradutora de Inglês e falta na minha formação como tradutora de Libras, a partir disso, eu consigo fazer esse jogo, de ir equilibrando tudo isso. Mas quando eu terminei o meu mestrado, eu já ingressei também direto para o doutorado. Também estou fazendo agora, estou estudando, sou doutoranda em Estudos da Tradução com o mesmo orientador, e agora a gente está trabalhando com legendagem para surdos e ensurdecidos e janela de Libras. E quando eu ingressei no doutorado, algumas bolsas foram cortadas. Enfim, eu consegui uma bolsa provisória que eles chamavam a bolsa de 5 meses ou 6 meses só da capes, e quando a minha bolsa estava chegando no final, eu falei: bom, vou precisar trabalhar para me sustentar, não vai ter jeito. E aí eu entrei numa empresa de Acessibilidade de São Paulo e fiquei 2 meses lá, trabalhei como legendadora, que também é uma forma de tradução, só que especificamente fazendo legendas, e ali também eu sentia essa falta. Essa coisa de que você precisar abrir um MEI. E eu fiquei pensando como eu abriria um MEI. O que que é um MEI; qual é a função da nota fiscal; como eu vou emitir. Aí você tem que aprender a entrar no site da prefeitura e abrir. É teoricamente intuitivo, mas seria muito bom se eu tivesse tido isso antes. Já saberia isso antes de eu abrir minha MEI. Eu mandava as notas fiscais para o meu tio que tem uma empresa de comunicação, ele emitia, então era ele quem fazia. Eu nunca tinha emitido uma nota fiscal antes na vida, mesmo atuando como tradutora há 5 anos, porque eu não sabia, eu também tinha medo de fazer alguma coisa errada e tudo mais, mas foi muito bom esse emprego. Eu fiquei ali 2 meses e agora eu já sei. Agora eu tenho esse conhecimento mais técnico dessas questões empresariais, e que se você está no mercado de trabalho, você precisa ter. E agora eu saí desse emprego porque eu consegui uma bolsa é até o final do doutorado, graças a Deus, da Fapesp aqui do estado de Santa Catarina, então eu voltei para Florianópolis. Eu estava em São Paulo, agora estou aqui em Floripa para terminar o doutorado mesmo. Saí do emprego, porque não pode ter vínculo quando você tem a bolsa. Saí do emprego, estou com a bolsa e agora eu estou atuando mais como Tradutora intérprete de Libras do que como tradutora de, porque como o doutorado puxa muito, às vezes eu pegava artigos para traduzir, artigos para revisar e isso tomava muito tempo, então eu meio que dei uma parada. Estou indicando para alguns colegas para fazerem essas traduções quando mandam para mim e estou atuando mais com o Tradutora intérprete de Libras de forma freelancer. Os surdos me indicam algum evento, ou uma live, alguma reunião, alguma coisa, eu interpreto e, concomitantemente ao doutorado, eu também é ingressei no bacharelado em Letras Libras agora. Eu achei que ia ser necessário para mim essa coisa conceitual, essa questão da discussão teórica que às vezes a gente acha que não faz

diferença, mas, às vezes, para mim, eu senti falta quando eu comecei a atuar como Tradutora intérprete de Libras. Então eu também estou no Letras Libras, estou no doutorado. No Letras Libras eu faço algumas disciplinas por semestre, porque se não fica muito puxado, e eu acho que é isso. Essa é a minha trajetória formativa, os pares linguísticos em que eu atuo; também como legendadora de Inglês - português, e consigo ver um vídeo em Libras e legendar para o Português, mas eu vejo que é menos, eu acho que recebi uma vez para fazer isso. A maioria dos trabalhos que eu recebo como legendadora é sempre Inglês - português ou Português - português, para fazer a legendagem descritiva, para fazer a legendagem para surdos e ensurdecidos, que inclusive é o tema do meu doutorado. São essas as frentes que eu mais atuo: tradução em inglês dos textos, abstracts, tudo mais; interpretação de Libras – português. Eu não trabalho com interpretação de línguas orais que eu nunca tive nenhuma base, nenhuma formação e, para mim, é muito complicado, porque eu não tenho o know-how, não tenho expertise e não dou conta de interpretar Inglês - Português, não dou conta. Já interpretei Libras – Inglês/ Inglês - Libras consigo bem, porque como eu estou atuando com português Libras - é uma língua vocal e uma língua é de sinais, então eu vou bem, o Inglês é uma língua vocal aí vai ser uma língua de sinais, eu vou bem também - agora para 2 línguas vocais, eu não dou conta, porque eu não tenho nenhuma experiência, nenhuma formação, não foi o foco da minha graduação. Lá no bacharelado a gente não trabalha com interpretação, não tem nem disciplinas optativas sobre a interpretação, nada, zero. Então, eu não tenho, não dou conta. E é isso, eu acho, a minha trajetória no geral. mas se vocês quiserem que eu esmiuce, fale mais detalhadamente sobre algum aspecto, você me fala. Falei muito.

- Nossa, mas você não tem noção de como seu relato é rico para nós. Tem uma coisa que eu fiquei curiosa, eu queria que você falasse mais um pouco sobre isso. Você disse que falando sobre o caminho bem diferente que foi para você se tornar uma Tradutora de Língua de Sinais, você disse: ah, eu desenvolvi fluência; comecei a frequentar a associação e comecei a trabalhar como tradutora intérprete. fala um pouco mais sobre isso para a gente.

- Eu sinto, por exemplo, mais a diferença pelo próprio status da língua. Então, por exemplo, quando você está estudando para se tornar para tradutor de uma língua como o Inglês, que é uma língua que tem o seu status, que tem toda a sua bagagem, não que a Libras não tenha, mas tem muito isso, de muitas pessoas acharem que a Libras não é língua e chamarem de linguagem, então tem muito isso. Também é uma língua que é falada por uma minoria linguística, enquanto o Inglês é uma língua falada, pela pelo mundo, é língua Franca e tudo mais, então, é acho que eu comecei a atuar como tradutora intérprete sem querer. Porque eu estava sempre com amigos surdos, íamos a um bar, ou em algum lugar e aí eles não conseguiam se comunicar. Então eu acabava ali fazendo a intermediação. É tanto que eu demorei muito tempo para meio que me colocar como tradutora intérprete, muito tempo. Porque eu já comecei aprender Libras em 2015 e em 2018, quando eu vim aqui para Florianópolis, eu já era fluente, eu já conseguia me comunicar, já entendia, já era fluente em Libras, mas eu não tinha essa segurança de falar eu sou tradutora intérprete, ou eu atuo como tradutora intérprete. Demorou muito para eu ter essa segurança. E eu consegui essa segurança convivendo com pessoas surdas. Então eu acho que a questão da Libras, do Inglês, é que a Libras, para mim, ela está muito ligada ao sujeito dessa língua, está muito ligada à comunidade surda. Então eu me sinto segura agora de traduzir, interpretar, porque eu sei que eu tenho essa vivência da comunidade surda, eu sei que eu tenho amigos surdos; eu frequentava a casa de surdos; festas; a própria associação; a própria UFSC que tem muito surdo por causa do Letras Libras, então cada aula da UFSC, ou cada intervalo,

é um momento que você pega a língua. Que você realmente adquire ali a maldade da língua, uma coisa que eu não tinha. Eu sabia, era fluente, mas não tinha essa desenvoltura na língua suficiente, por exemplo, para fazer uma interpretação de Libras para Português, fazer uma voz, não tinha. Zero segurança. E aí, aqui em Florianópolis, eu comecei a frequentar mais ainda casas de amigos surdos, associação, eventos, observando muitos intérpretes aqui da UFSC e também por isso que eu falei que foi a formação um pouco mais empírica, porque isso é uma coisa que eu fui pegando assim - pegando um pouquinho daqui um pouquinho dali e era isso que eu tinha me perguntado, como que foi essa diferença da convivência, de pegar a língua, então pra mim foi isso. Sim, óbvio, que até hoje. Eu estou atuando há poucos anos como tradutor intérprete, estou fazendo Letras Libras justamente para ter uma base maior, continuar aí essa convivência com a comunidade surda e acho que acho que foi a principal diferença mesmo. Porque quando eu entrei na graduação de Letras lá em Pelotas, eu já sabia Inglês, porque eu fazia Inglês na minha cidade e tal, então já era fluente em inglês. Então não teve essa mesma... pegando um pouco de cada lugar. Essa coisa de ir aprendendo um pouco com cada pessoa e observando os intérpretes. Isso foi uma foi uma formação bem diferente. Foi uma aquisição da língua bem diferente também. Eu era fluente em inglês, já entrei com aquele intuito de estar na tradução. e a Libras não. Eu não tinha nenhum objetivo de ser tradutora intérprete, nem achava inclusive que eu jamais seria capaz. Só estava aprendendo Libras por gostar da língua e ter os meus amigos surdos, querer me comunicar com eles, então não tinha nenhum foco nisso. Por isso foi bem diferente, foi totalmente diferente os dois caminhos. Espero que eu tenha te respondido. Se você quiser eu falo mais. Pergunta de novo.

- Não, você está dando ótimas respostas para nós. É o seu relato, a sua história.

- É.

- Eu fiquei um pouquinho curiosa também, porque você falou e você repetiu agora nessa fala, que você foi pegando. Você sentiu falta do conhecimento conceitual, então você foi pegando, você foi vendo o que outros intérpretes faziam e foi pegando textos e indo para eventos, fala um pouquinho mais para nós sobre isso por favor.

- Certo, deixa eu pensar um exemplo clássico. Uma coisa boba, que parece boba, mas eu tinha muito medo de fazer voz, de fazer de Libras para português. E então, quando os intérpretes iam fazer voz eu ficava em cima, cuidando. Até uma vez um intérprete falou para mim: “viu, parece que você fica procurando o nosso erro, porque você fica olhando tanto para nós”. Eu: “não é porque eu estou caçando o erro, é que eu quero muito ver o que você está fazendo, para eu fazer também, para aprender”. E então, por exemplo, quando você está fazendo voz para um surdo, eu sou mulher, eu faço coisas para o surdo, que é óbvio, eu já ouvi assim: não fala obrigada, fala obrigado, porque é ele quem está sinalizando. Essas maldadezinhas da profissão, isso eu não tenho. Não tinha, estou pegando ainda, mas fui pegando. Então, por exemplo, você vai ver ali uma interpretação de um surdo que está dando uma palestra, falando alguma comunicação não sei sobre...

está bom oi eu tinha travado

- Volta um pouquinho, você disse: você vai numa palestra em que está um surdo... e aí começou a engasgar.

- Certo. Um surdo falando sobre um tema muito específico, por exemplo da área de linguística, essas coisas. Como não sou formada em Letras Libras, eu não tenho leituras. Eu não tenho leitura, por exemplo, da linguística da Libras, gramática da Libras. Então essas questões foram textos que eu fui tendo que pegar e ainda estou nesse processo de pegar esses textos e pegar essas informações e conhecimentos que eu não tenho. Mas, por um outro lado, eu tenho muita base nos Estudos da Tradução, porque a minha graduação foi sobre isso. Então, desde a questão da equivalência, até a questão da desconstrução, a formação do campo disciplinar, tudo isso eu tenho. Mas assim que o foco é na Libras, eu não tenho essas leituras. Então são leituras que eu tenho que ir pegando. Eu tive e ainda tenho, ainda sinto que que falta, mesmo eu já tendo terminado o mestrado, eu ainda sinto que falta para mim. É uma coisa que inclusive eu quero sanar agora no meu doutorado. Fazer um cronograma de leituras aí, para ficar bem parelho com as pessoas que leram, que são formadas na área.

Tem só um adendo que as pessoas que estão fazendo Letras Libras, no mercado não valorizam o diploma Letras Libras. Os concursos não valorizam, não tem por quê. Você já é fluente, já está atuando como tradutora intérprete, não precisa gastar os seus anos fazendo isso. Mas é uma coisa que eu sinto que, para mim, falta. Que eu comparo muito a formação como tradutora de Inglês. Então, para mim, eu acho que essas leituras, esse convívio com a área institucional, uma formação institucional, faz muita diferença. Por isso que eu continuo firme e forte com o Letras Libras, mesmo fazendo duas disciplinas por semestre. Tem tempo, não é uma coisa que eu tenho que terminar para ontem, então não desisto dele.

- Mais uma coisa que eu fiquei super curiosa Tils 1, você falou assim: por exemplo fazer uma versão voz, tinha medo de fazer a versão voz. Fala mais sobre isso para nós.

- Tinha e ainda tenho, porque para mim é bem desafiador na verdade. Porque é como eu falei - por muito tempo, eu fui só com convivendo na comunidade. Então eu não precisava traduzir aquilo, eu estava entendendo o que o surdo estava falando para mim, não precisava pensar como eu transformaria aquilo em português. A partir do momento em que eu comecei a atuar como intérprete em 2019 - 2020, eu passei a precisar entender e reproduzir aquilo em português. Tu precisas entender uma língua que é totalmente visual totalmente colocada no espaço, e precisas transpor para uma língua que é totalmente horizontal, que é o Português. Então ainda hoje eu tenho, é um desafio, mas eu já faço bem. Já tive várias experiências de fazer voz. Eu fiz um estágio, na época, no PET Letras aqui da UFSC. É o Programa de Educação Tutorial, e eu atuei como tradutora intérprete por alguns meses ali. E ali, como é um espaço justamente de aprendizado, era um estágio em interpretação, então eu tinha essa segurança, tinha um tutor comigo. Então a gente fazia a voz porque tinha um aluno surdo dentro do PET, então, nas reuniões, eles faziam em Libras eu fazia a voz, e o tutor sempre junto comigo. Foi muito graças ao PET que eu perdi esse medo de fazer voz. Não estou falando que é mais fácil, é mais difícil, que hoje eu sei tudo, não é isso, mas eu perdi esse medo. Para mim é um desafio fazer, mas eu não tenho mais medo. Se aparece, várias vezes aparece um surdo, por exemplo, uma questão com uma coisa que estou interpretando. Um surdo de Porto Alegre, um surdo do norte, já tive essas oportunidades. Sabe aquela interpretação relâmpago que a pessoa chega e você tem que fazer a voz? então é um desafio, mas eu não tenho mais medo, eu não fujo não fujo da voz mais, muito graças ao PET. Porque ali foi um espaço de formação com uma pessoa junto comigo, com um tutor que já era intérprete há muitos anos junto comigo. Eu sabia que ali era o espaço para aprender, então fica a dica, gente – PET. Eu sei que tem PET em várias universidades. E

o espaço de formação do PET Letras aqui da UFSC foi essencial para a minha formação como como tradutora intérprete de Libras, essencial.

- Você pode falar um pouquinho mais sobre essa formação de “ter um tutor junto comigo”

- Sim, foi legal, foi...

- Deixa eu só complementar para não perder, porque é a mesma coisa assim...

- Certo.

- O que que esse tutor fazia, quais eram as iniciativas dele, de que forma é que ele te ajudava a superar esse medo?

- Beleza. A gente tinha algumas situações de interpretação do PET. Então a gente tinha, por exemplo, eventos que eu interpretava, eventos do PET, que o PET promovia. Só que aí era majoritariamente Português - Libras, porque eram pessoas, sei lá, eventos diversos, desde a área de nutrição até cinema, então eram pessoas falando em português e eu sinalizando para a Libras. As questões da inversa, quando era de Libras para português, eram mais coisas internas. Então eram reuniões do PET, ou apresentações que pessoas surdas, alunos surdos, que eram petianos dentro do PET faziam, e aí eu fazia a voz deles. Duas coisas que foram importantes: esses alunos surdos que estavam dentro do PET, eu já os conhecia, então eu já conhecia a sinalização deles, eu já sabia as variações que eles iam usar, isso para mim foi bem importante, porque eu já sentia uma segurança a mais. E o que o tutor fazia: ao final de cada interpretação, seja dessas reuniões internas ou de ações externas, de eventos e tudo mais, que a gente ficava na sala e ele ia dando ali ... não sei se chamaria assim, não eram correções, porque às vezes não era corrigir, ele ia só falando: olha isso que você fez foi legal; ou essa coisa do obrigado – olha, estava interpretando para voz um surdo homem e você falou obrigada, cuida, faz obrigado, porque é um homem falando. Então ele ia fazendo essas... vou chamar de correções, mas nem sempre eram correções, era um é chamar a atenção para alguns pontos da minha atuação. Então coisas assim até do tipo: faz o sinal aí para mim de show, sei lá, aí eu fazia. Ele: tem certeza de que é esse aí? Eu: tenho. Ele: não é. Então assim ia corrigindo de uma forma bem tranquila, porque era depois da interpretação, não era como se eu tivesse ali atuando e a pessoa lá assim na Câmera: olhe está fazendo errado, nada disso. Então deixava eu terminar, todo mundo saía da sala, e ficava só a gente, e aí ele ia dando essas dicas, esses toques, de uma forma bem tranquila, bem leve e foi muito bom, porque aí depois disso, eu já não repetia mais aquele erro. Então até hoje eu sempre eu fico cuidando, se é um homem que eu estou interpretando, é obrigado. Se é mulher, é obrigada. Ou alguns sinais específicos, assim por questões muito metafóricas também, porque, por exemplo a gente foi interpretar uma coisa do cinema, então, nossa, muito jargão, muita coisa metafórica. Às vezes você não sabe isso, mas você consegue fazer um classificador, ou você só com a expressão você já consegue isso. Esse tutor que também falava muito para mim: naquela hora eu vi que você ficou em dúvida e você omitiu, ou eu vi que você ficou em dúvida você fez a dactilologia, você pode fazer assim, uma expressão, um classificador. Então era mais esses toques assim, que era essa troca desse tutor com a gente. Comigo que eram duas intérpretes sempre, eu e outra intérprete, então era bem legal. E como éramos nós duas, também, às vezes, eu aprendia com o que ele falava para ela, e com certeza ela aprendeu com o que ele falava para mim. Nesse final estávamos só nós três na sala. Isso foi bem bom. O PET foi muito importante para mim.

- Mais uma coisa que eu fiquei curiosa, é que você disse assim: aí quando eu via que tinha versão voz, e eu ficava assim cuidando, e aí os intérpretes falavam para mim: parece que você está caçando erro da gente. fala um pouco mais disso para nós.

- É, depois que eu recebi esse toque, eu falei, aí eu vou tentar olhar de uma forma mais discreta então. Porque, até então, eu nunca tinha atuado como tradutora intérprete e realmente o feedback do público te influencia muito. Se você vê que tem alguém que está acenando para você e fazendo assim, balançando a cabeça positivamente, ou se tem alguém assim, outras pessoas que, você está interpretando e elas estão no celular... como eu comecei a atuar já na pandemia, eu não tive muito isso da sala de aula, da coisa presencial, foi muito pelo computador. e a gente sabe que no computador, as pessoas deixam a Câmera fechada, então assim isso foi uma coisa que, para mim, não pegou muito. Mas eu, depois desse toque, percebi. Eu falei: não, agora vou tentar olhar de uma forma mais discreta para eles. ou chamar antes, falar antes. Isso é uma coisa que eu fiquei pensando depois. Então eu estou querendo começar a atuar, agora eu já estou atuando mesmo, na época pensei assim: estou querendo começar a atuar, eu vou ficar prestando atenção em vocês para tentar aprender alguma coisa. Talvez isso já tranquilize a pessoa. Foi uma coisa que eu não tive maturidade, também não tive a ideia de fazer isso na época, mas foi isso. Como eu falei agora, com a questão da pandemia, para mim... fizeram uma metáfora uma vez para mim: você começou a atuar igual que a gente começa a dirigir um carro velho. Você pega toda a dificuldade do carro velho, você pega um carro novo já está show. Quando eu comecei atuar na pandemia, é Câmera, é luz, todo mundo com a Câmera, com as câmeras fechadas, você está interpretando só com uma tela. Você não vê feedback de ninguém, você não vê o surdo fazendo assim (nodding) ou você não vê as pessoas... não sei, então, eu não tive muito essa vivência. Comecei a interpretar na pandemia, então eu estou muito acostumada com a Câmera para notebook. Se não tem ninguém olhando para mim, eu estou interpretando normal. Então não sinto falta disso, porque eu não tive muito. Então, para mim, é tranquilo sim. Mas agora eu já sei, se vou ficar prestando atenção, vou ver se eu aviso antes, ou se fico de forma mais discreta. Não sei, pode atrapalhar realmente a atuação da pessoa.

- Só mais uma, é que você vai falando, é justamente sobre isso que você falou: o feedback do público influencia muito. e você falou: você ficar olhando atrapalha a pessoa. Fala mais para a gente sobre isso.

- É que, como eu falei, eu estou acostumada a interpretar para o notebook só, e para quadrados de pessoas com Câmera fechada, ou a pessoa que está com a Câmera aberta está falando em português, ou o surdo que vai falar abre a Câmera e sinaliza eu faço. Então eu meio que me acostumei a interpretar assim, então eu não tive muito que assim essa coisa do feedback. Eu sei que, por exemplo, as que as vezes que eu interpretei presencialmente, tanto de forma informal, por exemplo, em uma loja, em um bar ou, enfim, em questões mais informais assim, eu sei que você está ali fazendo e a pessoa: beleza é isso mesmo. Ou até alguns surdos que fazem um pouco de leitura labial, você está falando e eles confirmando, você consegue perceber que é aquilo mesmo que ele está sinalizando. Ele está vendo você falar, ele está acompanhando a sua leitura labial e ele está acenando, então você sabe que está no caminho certo, beleza. Então, pelas minhas vivências informais, eu sei que faz diferença. E as vezes que eu interpretei pela câmera, é difícil do surdo ficar te olhando na câmera para saber se ele está ele está acompanhando a sua leitura labial, que também é uma forma de feedback. Então eu tive bem pouco isso, bem pouco mesmo. Ali no PET tinha acompanhamento do tutor, mas eu percebia

que ele fazia muita questão de ficar bem neutro, para justamente, eu acho, não influenciar a gente. Depois, no final, realmente dar essas dicas, esses toques com base no que a gente realmente fez, não com base no que eu estou acompanhando dele: acho que ele está fazendo assim, então continuo, ou ele está meio sério, eu vou trocar de estratégia. Então eu acho que é isso, não sei, é uma suposição minha. Então para mim, eu sei a importância do feedback, mas eu não tive muita vivência com o feedback, porque, na maioria das vezes, das minhas interpretações, sempre foi com câmeras fechadas das pessoas, do público. Também, nem é por culpa do público, muitas vezes, sei lá, você está interpretando no google Meet para 80 pessoas, todo mundo fecha as câmeras para ficar só o intérprete e quem está falando aqui, o orador, e, ultimamente, eu estive interpretando algumas reuniões como voluntária de um evento e tem muitos surdos de fora e muitos surdos de variadas localidades do país. Então é muita gente, então deixa tudo fechado, só eu e o orador e eu vou interpretando. Então eu tento, inclusive, isso é uma coisa que eu fui aprendendo, com a pandemia, também com essas interpretações de tentar fazer uma Libras assim que os surdos do norte, surdos do sul entendam. Até porque eu como eu aprendi Libras em Pelotas no Rio Grande do Sul, quando eu vim para Florianópolis, eu percebi que as minhas variações eram muito gaúchas, e muito de Pelotas. Porque Pelotas tem as suas próprias variações com relação ao estado do Rio Grande do Sul, então quando eu vim para Floripa eu percebi que eu precisava dar uma aumentada nessas variações. Para algumas coisas eu continuo como lá, por exemplo para os números, que eu aprendi 1, 2 (quantidade) que aqui em Floripa eles fazem 1,2 (números cardinais). Eu não consigo fazer esse 1, não consigo fazer esse 2, não é natural para mim. Só que eu sei que 1 e 2, eles vão entender, independente que seja daqui ou seja no Norte, então essa é uma variação que eu não me preocupei em mudar. Mas por exemplo o sinal de achar eu aprendi, a achar assim (indicador com movimento flexionado para frente na testa), é muito de Pelotas. Aí eu faço: acho que sim ou eu acho que não. E vi que eles fazem assim, (mão aberta, dedo médio ligeiramente dobrado, tocando a têmpora) alguma coisa aqui em cima. Quando eu estou aqui com amigos e tudo mais, eu faço acho (variação de Pelotas), continuei fazendo. Mas, por exemplo, nesses eventos que tem surdos do Brasil inteiro, eu acho que esse achar (variação usada em Florianópolis) é um pouco mais icônico para todos eles entenderem, então já na minha atuação, eu já penso que tem algumas coisas assim de sinais mais icônicos, ou usar um pouco mais do mouthing, ou, às vezes, fazia datilologia e depois fazia o sinal. Por exemplo, um sinal muito específico, não sei, é reunião, por exemplo que eu aprendi assim (dedos indicadores na altura da bochecha, fazendo semicírculo, encontrando-se à altura da boca), reunião, mas eu sei que bastante gente usa esse (mãos em configuração de "R", dedos indicador e médio configurando o "R" na altura da bochecha, fazendo movimento semicircular, encontrando-se na altura da boca), por causa do r, então eu já falei: eu vou trocar, vou fazer reunião (segunda variação), e aí já fica mais claro para surdos no Brasil todo entender. É muito difícil você atuar para surdos que você não conhece, você não sabe de onde eles são. Então eu tenho que fazer a Libras mais nacional, nem sei se existe isso, fazer a Libras mais nacional possível sabe, para todos. E eu não estou vendo a ele, sabe, isso que é o pior. Então, todo mundo com a câmera fechada, não sei se estão entendendo o que eu estou falando nesses sinais de específicos, então uso muito do mouthing, uso muito da datilologia - sinal. Tipo, reunião, não, mas algum outro que eu não lembro agora. Faço a datilologia - sinal para continuar sabe. É isso.

- Tils 1, tem uma coisa do seu relato, que você está me dizendo e do comentário que é os intérpretes falaram, eu senti uma diferença de vocês dois. Você está falando muito assim: eu vejo que o surdo é de tal de tal lugar, então eu faço o sinal de tal forma que eu acho que ele vai

entender. E esses intérpretes, são de eventos no caso que você foi, não é, que os intérpretes falaram assim: aí você está aqui, você está em cima, está procurando o erro na atuação da gente.

- É.

- Você pode tentar falar um pouquinho mais para a gente sobre isso, o porquê dessa diferença.

- Eu acho que talvez seja muito a coisa de você ser ouvinte, eu no caso. Eu sou ouvinte, eu também sei Libras, eu também sei português. É diferente do surdo, porque, na minha na minha visão, você está fazendo voz e você tem pessoas ouvintes que sabem Libras. Elas estão vendo aquela sinalização da qual você está fazendo a voz. É diferente de você fazer a voz para um surdo com um público de ouvintes que não sabem Libras. Eles não vão conseguir entender de qualquer jeito, eles não vão falar: ué, mas ela falou errado, ela não sinalizou aquilo ali não. As pessoas ouvintes que não sabem Libras, elas estão dependentes 100% da sua interpretação e elas não vão saber se você omitiu, ou se você, sai lá, adicionou. Então eu acho que teve muito isso. Por isso que eu falo. eu não tenho nenhum rancor. Não culpo nem um pouco esse intérprete, essas pessoas que falavam: nossa você está olhando muito incisivamente assim para a gente. Porque eu sou uma pessoa ouvinte, eu sei Libras, eu sei português. Então, eles estavam ali atuando, não era como se eu não soubesse nada. A pessoa que não sabe nada, se ela não é fluente na língua, ela está olhando, ela está admirando o que as pessoas falam. Aí eu fico num evento, vejo intérprete de Libras, eu fico olhando porque é muito bonito, é diferente. Eu estava em uma posição como estudante também sabe, então é um papel diferente. Eu acho que hoje eu entendo totalmente essa preocupação, essa coisa: poxa, você está olhando. Claro que a pessoa vai pensar que está caçando erro, porque você sabe as duas línguas. Se eu não soubesse, tenho noventa por cento de certeza que isso não ia incomodar, porque ela pensaria: ah, ela tá aproveitando. Está vendo ali a gente sinalizar, é diferente, é uma língua visual, tarará. Então eu acho que tem muito isso sim, de a pessoa saber ou não. Por isso que eu acho que às vezes a voz é um desafio, porque se as pessoas que estão ali são ouvintes e sabem Libras, elas também vão acompanhar a sinalização e vão fazer a voz dentro da cabeça delas. Vão falar: nossa, ela omitiu muita coisa, ou: poxa, ela pulou essa frase inteira, não fez a voz dessa frase inteira. Então tem isso também. Essa coisa do julgamento, talvez seja a palavra, não sei. Acho que é por aí.

- Posso fazer uma perguntinha rápida? É só porque no seu relato da sua formação como intérprete, não é, é em vários momentos você fala coisa de como você se inseriu na comunidade, de você sair com os amigos, para a casa de seus amigos e aí você agora há pouco estava falando da pandemia, desse isolamento, e do isolamento das pessoas com a câmera fechada. Aí eu queria saber se dava pra você falar um pouquinho dessas duas coisas.

- Sim. Eu Acredito que isso tem a afetado muito assim as pessoas que estão entrando agora na área, entrando agora na comunidade ou entrando agora no curso. Imagino que quem entrou no Letras Libras no começo da pandemia tem isso. Acaba que você perde essa vivência. Porque eu acho que, inclusive, puxando um pouquinho para as minhas leituras do mestrado, chamando o PACTE, essa competência cultural, essa coisa da extralinguística, por exemplo, isso é muito na área da Libras. É muita coisa que você pega na comunidade, indo à associação, convivendo com surdos. E como eu já tive essa construção antes da pandemia, quando a pandemia entrou, eu sempre chamava meus amigos surdos para fazer vídeo chamada comigo. Falei: gente não posso esquecer né, vai que a gente esquece. Mas você fica enferrujado. E aí, logo em seguida, eu comecei a atuar como intérprete, então acabou que foi um timing muito bom para mim,

porque eu já tinha essa vivência e aí entra a pandemia. A pandemia entrou em 2020 e aí eu comecei a atuar. O primeiro evento em que eu atuei como tradutora intérprete foi na metade de 2020, junho. Inclusive foi a primeira vez que eu interpretei de Inglês para Libras, de forma voluntária, mas foi um evento online com as palestras e reuniões e tudo mais. Então, para mim, a pandemia, não vou dizer que não afetou em nada, porque afetou, mas eu acho que não foi tão negativo assim. Porque eu já tinha essa vivência e aí eu tinha essa liberdade de chamar amigos surdos: gente vamos fazer uma videochamada. E aí eu comecei a atuar como intérprete, e aí com os outros intérpretes, você também tem a vivência. Então para mim não foi tão ... Claro que a pandemia foi negativa, mas eu digo na questão da língua mesmo e da interação com a comunidade. Diminuiu sim, mas eu acho que eu consegui contornar com essas estratégias. Porque foi o timing muito certo. Na metade do ano 2020 comecei a atuar, conseguia fazer isso: vou ser tradutora intérprete desse evento. Daí eu entrei no PET na pandemia. Então eu tinha ali o tutor, tinha os alunos surdos que eram petianos, a gente fazia reuniões 2 vezes por semana, 3 vezes por semana, e aí a gente sempre na reunião interna do PET, todo mundo com a Câmera aberta, porque não é tanta gente. Então deu para contornar. Claro que influenciou, mas eu acho que deu para contornar.

--Eu acho que eu não tenho mais nada para perguntar não, você tem Dani?

- Porque em vários momentos você estava falando e o modelo que adotamos é justamente do PACTE, aí em vários momentos você falava e eu ficava pegando aqui: olha ela está falando isso, estava fazendo referência exatamente ao que estávamos tentando coletar.

- Não esqueci e fiz disciplina com a Maria Lúcia dois semestres, Maria Lúcia Vasconcellos.

- Ela também foi minha orientadora.

- Aí que legal, meu orientador fez o pós doutorado junto com o PACTE lá em Barcelona. Então a gente tem muito essa influência do modelo do PACTE. Usei muito no meu mestrado também algumas questões da competência instrumental, também na pandemia e tal. Então é isso que eu falo que falta para mim na minha atuação como tradutor interprete de Libras

-Aham

- Essas relações eu não fiz conscientemente, fui fazendo inconscientemente. Leituras que eu fiz há quatro anos, mas que ficam e nessa situação, nessa formação como tradutora intérprete de Libras, eu não tenho essas leituras. Então é isso que eu acho que falta. Essas relações inconscientes.

- É. A gente está agora mais conversando de forma mais livre aqui. A gente está tentando identificar justamente os componentes psicofisiológicos. Aí por isso que a gente fica falando: você falou que você estava com insegurança, como é que você superou a insegurança? E essa questão do medo, como que faz? Então a gente fica tentando caçar esses pontos quando as pessoas falam sabe. Que é o que a gente está tentando ver, como que a gente descobre esses componentes psicofisiológicos, de onde que vem para onde que vai, como que passa. Então é por isso que a gente fica fazendo essas anotações.

- E posso até fazer um comentário sobre isso, porque eu percebi que, às vezes, você vai atuar, você vai traduzir, você vai interpretar coisas que você não concorda, com discursos que você não se sente confortável em fazer. Você não faria se fosse você, só que não é você fazendo,

você está traduzindo de alguém, está interpretando de alguém, mas passa por você. Então eu percebi que, às vezes, até traduzindo, legendando, legendando vídeos que eu não queria legendar, não queria estar vendo aquele conteúdo, mas era o meu trabalho. Então eu tinha que dar um jeito de tentar me afastar o máximo possível daquilo, e pensar: poxa, eu estou, sei lá, tornando isso acessível para alguém. Então eu tentava sempre pensar nisso para não me afetar tanto, o meu emocional, mas eu já tive algumas questões assim, eu não conseguia dormir à noite por conteúdos que eu não... se eu pudesse escolher, eu não veria de forma alguma. Mas a gente está aí para isso né. E agora eu vejo que eu posso escolher, por exemplo, tem uma interpretação de uma consulta médica, ou de alguma coisa eu não atuo mesmo, porque eu acho que eu não tenho competência ainda para isso, e porque é um lugar que me afeta muito. Por exemplo, fui ao postinho agora de manhã, eu não gosto, eu não me sinto muito confortável em ambientes hospitalares e tudo mais, então é uma atuação que eu... não eu recuso... Claro que uma emergência, pelo amor de Deus, estou passando mal, preciso ir, vamos juntos. Mas se eu puder escolher, olha, tem vários intérpretes eu pensei em você - não, passe adiante para alguém que sabe, que se sente mais confortável com isso. Porque afeta muito o nosso emocional. Ainda mais que a pandemia e tudo.

E o nosso emocional afeta o nosso trabalho, e não só naquele momento não é. às vezes afeta muito mais coisa também. E é interessante, das outras coletas que a gente fez nesse estudo piloto também, tinha uma coisa que aparece, é como a formação não se encerra na universidade. E aí uma das intérpretes, uma das tradutoras, perdão, a gente conversou, a gente estava falando sobre isso, que ela falava: eu vi uma coisinha assim na graduação, mas nem prestei atenção, e aí quando apareceu o trabalho para ela, falou: agora eu tenho que aprender, e tem que aprender na marra, e tem que aprender rápido. E é uma coisa que aparece, aconteceu, com você, não é?

- Com certeza a graduação teve esse papel. Óbvio, a graduação em Letras em tradução em inglês, obviamente. Mas aí depois que eu fui pegando algumas coisas, tipo a fazer um freela, quanto que você cobra, aí a gente teve essa coisa lá de ver a tabela do SINTRA, e depois ver a tabela FEBRAPILS quando eu comecei a atuar com tradutora intérprete. Você não vai cobrar aquele valor, você vai cobrar metade, porque você acabou de se formar. Então, óbvio que a formação não se encerra na universidade. Forma, vai ser muito depois.

- Bom, não sei se a Polly tem mais alguns comentários, que é só fazendo o bate-papo

- Nada, eu estou pensando no quanto que o relato da Tils 1 foi rico para a gente, não é, Dani. É um monte de coisa que a gente queria. E quando a gente estava pensando nesse estudo piloto, o Dani tinha pensado primeiro ser só duas pessoas. E foram dois de língua inglesa que ele já conhecia. E eu estava dizendo: Dani, mas eu sei que vai sair coisas diferentes quando a gente entrevistar intérpretes de Libras. Eu sei porque eu estou na área há muito tempo, intérprete conversa nos eventos, então eu sei o que que sai. E realmente, não é Dani, saiu muita coisa assim que estávamos buscando.

- Que bom! Fico muito feliz de ter dado uma contribuição. Porque eu falei para ela, falei que quando eu fiz o mestrado também teve essa coisa do participante e tal, e você, sem participante, a pesquisa não vai para a frente. Então foi o maior prazer. Fico feliz que tenha sido uma contribuição. Se fizerem mais coisas depois, sei lá por e-mail, sei lá, pode mandar mensagem, estou aí, estou disponível, tá bom. Vamos apoiar a pesquisa brasileira, estou à tua disposição.

Só quem já foi pesquisador, sabe o sofrimento que é. Então, se eu puder ajudar, estou aí. Podem me chamar que eu estou aí.

- E é tão legal, Tils 1, que você também adota o modelo do PACTE. Então as coisas que a gente faz, que de repente soariam estranhas para quem não tem contato com a leitura, com você já foi mais tranquilo a gente usar os termos, justamente porque eu já sabia que você já era das teorias da tradução, da teoria dos Estudos da Tradução e com o Carlos, eu sabia que você tinha contato com essa leitura. Então não era coisa que você... porque é uma coisa da pesquisa narrativa é: se a gente fala, usa termo que a pessoa não conhece, a pessoa vai tentar encaixar aquilo no vocabulário dela, influencia narrativa, não sai natural.

- Aham

- E não é o seu caso, porque já era a sua leitura e a vivência mesmo.

- É, o pessoal aqui da UFSC e da área dos Estudos da Tradução, quem é dessa área, óbvio né, usa bastante para... essa parte. Inclusive eu quero tentar o doutorado sanduíche em Barcelona. Vamos ver se vai dar certo. Isso aí, gente

- Deus abençoe

- Amém

- Vai fazer o concurso da UFSCar?

- Eu fiz a prova, já teve né. vai sair hoje resultado.

- "Vai passar, amiga.

- Mas é porque é aquilo não é, você vai tentando. Tipo, eu tenho amigos que fizeram 8,9,10, 11 concursos até ser aprovados. E se você não faz, você não pega experiência. Então não tem jeito, tem que fazer. Eu fiz mais pela experiência mesmo, porque é importante, para ver. Eu estava em São Paulo já, mais perto, então...

- E vai pegando a maldade do concurso também.

- É tipo assim, eu levei duas canetas, levei uma azul e uma preta. aí eu falei: gente se a azul acaba no meio da prova, ela fica meio azul, meia preta. Então isso é uma coisa que eu já sei, por isso que eu vou levar duas azuis e duas pretas. Então essas que estão vindo assim, de prova escrita, que a gente fez com ENEM1 há, sei lá, 9 anos, que eu já não lembrava mais.

- Nossa, tu tens que ver eu quando vou fazer prova: duas garrafas de água, três canetas azuis, três pretas, barra de chocolate, balinha, um monte de coisa, porque a minha glicemia cai, então eu já sei.

- Vou saber lidar com a coisa do sorteio também. Porque eu fiz dois concursos na pandemia, dois concursos totalmente online. Só que de substituto, então foi só sorteio de prova didática, prova de didática envio, de documentos, beleza. Esse foi o primeiro concurso que eu fiz com prova escrita. Então: ah, tem o sorteio uma hora antes, aí tem que chegar no local, essas coisas assim, sabe. Estou fazendo para... mandem aí gente, concurso, que eu vou fazer até passar em algo né.

- Dessa maldade, nada a ver coma entrevista, mas só com o papo mesmo, eu lembro da minha época de concurseiro, eu lembro que a prova era do tipo só caneta preta. E aí eu estava na porta só caneta preta e passavam os ambulantes gritando: só pode caneta azul, tem que comprar caneta azul. E eu sabia que o cara estava errado, e eu estava com uma trama assim está falando errado, que tinha gente comprando e desesperada.

- É a coisa da das maldadezinhas de concurso, você tem que ver essa coisinha aqui, essa coisinha ali.

- Então depois eu te digo como é que foi, se eu passei para segunda fase. Não sei se eu passei. Caiu um tema bem amplo, eram quatro temas em um, então não sabia nem por onde começar direito.

- E dá um ódio não é, que eles botam um tema totalmente aleatório,

- "Muito amplo, e eu torcendo para cair tradução audiovisual. Eu: ai, tradução audiovisual, tradução audiovisual... mas aí caiu... por fim foi bom, porque ficou bem parelho, que caiu no tema muito amplo, então todo mundo que fez, eu acho que estava meio que na mesma assim, no mesmo barco não é. Então é isso que que é a diferença.

- Bom boa sorte ficamos na torcida lá do concurso

- Obrigada

- Você manda notícias aqui tá bom

- Eu mando sim quando vier

- Eu vou parar aqui a gravação viu.

Entrevista Tils 2

- Deixa eu encher minha garrafinha, porque eu já bebi tanta água. Eu já volto, só um minutinho.

- Mas aí Tils 2, daqui a pouco a Polly te explica toda a estrutura dessa conversa.

- Joia

- Os termos de consentimento e tudo mais. Daí, só por enquanto ela está lá, para falar que é a gente está em um momento de estudo piloto. Então fizemos uma rodada de coletas com dois tradutores, uma terceira coleta com um intérprete, e aí a sua seria quarta. Nesse momento, estamos testando o método mesmo, sabe, para ver se conseguimos levantar o tipo de dado que a queremos analisar e o que dá para corrigir no método, itens que precisam ser levados em consideração e tudo mais. Então você pode ficar bem tranquila mesmo em relação a tudo. Daqui a pouco ela te dá mais detalhes, mas é o que eu sempre falo com ela: que se for para a pesquisa dar errado, o momento de dar errado é agora porque a gente consegue corrigir tudo. Se der errado daqui a 8 meses, aí a gente tem que aceitar e lidar com o erro. Fica tranquila que é bem bate-papo. Daqui a um pouquinho a Polly explica com mais calma os detalhes. É uma extensão desse bate-papo que a gente está fazendo.

- É

- E, na verdade, Tils 2, a nossa pesquisa, por ela ser narrativa, é uma contação de história mesmo. A gente vai ouvir a tua história, e é supertranquilo. Às vezes a pessoa pensa: meu Deus, eu preciso me preparar? Não. Você não se prepara para contar a sua história, a não ser que você vá inventar alguma coisa. Quando você vai só contar uma coisa que aconteceu mesmo, você usa as suas palavras e diz o que foi acontecendo e basicamente é isso. Deixa-me abrir os arquivos, porque tem um roteiro para seguirmos que é para eu não me perder. Porque a pessoa conversa pouco, daí precisa de ordem no tribunal.

- Sim e outra coisa, eu estou participando desses momentos, porque, justamente, a gente está numa fase piloto. Daí daqui a pouco a Polly já vai assumir isso, eu só vou ver os resultados.

- Deixa eu só abrir o termo de consentimento. Pronto. Tils 2, querida, queremos agradecer imensamente a sua gentileza de participar dessa etapa. Para a nós, você não faz ideia do quanto é importante, especialmente nessa fase piloto, porque a gente está testando um método. É como o Daniel disse, se tiver que dar errado alguma coisa, agora é a hora de dar errado. E agora é hora de afinarmos o método, porque depois que tiver coletado os dados de diversas pessoas, que estiver fazendo o tratamento, análise desses dados, e: aí eu deveria ter mudado isso... estará sem jeito. E o mestrado só tem 2 anos. Eu já estou no segundo semestre, então tem um pouco mais de 1 ano pela frente, agora é a hora de ajustar as coisas mesmo. É fundamental. E por ser uma pesquisa narrativa, sem sujeito pesquisa, não tem pesquisa. Então essa é a sua importância na nossa pesquisa. Deixa eu abrir aqui, projetar para te mostrar o termo de consentimento livre esclarecido que eu vou ler aqui para a gente. Depois irei explicar um pouco mais, brevemente, sobre o que é essa nossa pesquisa e sobre o passo-a passo do que vai ser essa entrevista, essa conversa com você, está bom?

- Está bom

- Pronto. consegue ver bem aqui?

- Sim.

- Vou ler aqui para nós: Cara tradutora este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada: a pesquisa narrativa e o desenvolvimento da competência tradutória que está sendo desenvolvida por pesquisadores da graduação em Tradução e do programa de pós-graduação em Letras, ambos da universidade federal da Paraíba, sob a orientação do professor Daniel Antônio de Souza Alves. O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras e identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória. Informação que poderá beneficiar o nosso campo disciplinar e a nossa área de atuação tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto com a elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras. Solicitamos a sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando histórias ou a narrativa da sua formação como o tradutor; fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2 horas o tempo total da sua participação na pesquisa. - O termo de consentimento ele é bem amplo, para poder encobrir qualquer coisa que a gente poderia vir a usar em algum momento, mas, nesse momento, é só a história mesmo. Você não vai ter que fazer a tradução e nem preencher formulário. - Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou Internacional. Na publicação dos resultados, o seu nome será mantido em sigilo absoluto. Essa pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos sujeitos, não há expectativa de riscos físicos ou psicológicos para o participante e nem para o ambiente e contexto de realização do experimento. Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento, desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo. Os pesquisadores também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando que fui informado dos objetivos da relevância do estudo proposto, de como será a minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos, divulgação eventos e publicações. Eu estou ciente de que receberei uma via desse documento.

Aí, como fala aqui, em qualquer momento, se por exemplo, mais à frente, você vir que então: não, é melhor que não use mais esse meu relato. - Então você pode retirar sua permissão também, sem problema. E, nesse momento, a gente está testando o método, então só de você nos contar sua história, já vai nos ajudar bastante. Posso interromper o compartilhamento?

Você gostaria de usar um pseudônimo para a coleta de dados?

- Não, pode deixar assim.

- Uma pequena explicação: essa nossa pesquisa está investigando o desenvolvimento da Competência Tradutória, essa habilidade... perita, essa expertise que o tradutor tem de fazer a tradução, a mediação de uma língua para outra, de uma cultura para outra. E, como diversos

aspectos da Competência Tradutória são internas ao sujeito, então a entendemos que a pesquisa narrativa é o método que vai melhor atender os nossos objetivos, porque vai permitir ao sujeito, você, refletir sobre a sua trajetória, sobre o seu processo para se tornar um tradutor profissional. Também vai tornar para nós possível a análise das suas reflexões, porque a gente transcreve as entrevistas depois. É por isso está sendo gravada. Se você quiser conhecer um pouco melhor da pesquisa, quando terminar aqui a nossa conversa, aí eu envio para você por e-mail, um PowerPoint curto que preparamos, que explica um pouco mais sobre essa nossa pesquisa. Sobre o que pretendemos com ela.

Agora, como vai se dar essa nossa conversa: ela pode ter 3 fases - a primeira com certeza acontece, a segunda talvez, a terceira, dificilmente. A primeira parte é um relato livre. Você vai contar para nós a nossa a sua história desse seu processo até você se tornar a tradutora profissional que você é hoje. Na segunda etapa, depois que você termina, você diz assim: é isso o que eu consigo pensar, foi isso que aconteceu, é assim que eu me tornei uma tradutora profissional… Daí, se virmos algumas coisas no seu relato que queremos entender um pouco melhor, vamos dizer: Tils 2 você falou isso e isso. Você pode falar um pouco mais sobre isso? Daí, novamente de forma livre, você vai falando o que você lembra sobre aquilo ali. O que você acha importante, o que você acha daquilo ali. Você estende mais o assunto sobre aquilo. Caso, ainda assim, ao terminar esta parte, ainda queiramos saber alguma coisa mais específica, faremos alguma pergunta mais específica para você. Vamos dizer: Tils 2, sobre tal coisa, você poderia falar pra gente como foi isso, se você passou por isso e não sei o quê - mas não é obrigado acontecer essa parte. Agora, para a começarmos, o palco é seu. Queremos ouvir a sua história. Esse seu percurso, esse o seu caminho até você se tornar a tradutora profissional que você é hoje.

- Bom, vou começar. Eu cresci numa família com 6 tios surdos, um avô surdo, porém eu não tinha, vamos dizer, ainda o interesse de aprender a libras. Mas conseguia me comunicar de uma forma mais… vamos dizer, usávamos uns gestos compreensíveis. Então, quando eu fiz 14 anos, comecei a conviver com alguns adolescentes surdos que eu encontrava em praças, no shopping, na rodoviária... tinham points onde eles sempre se reuniam. Aí despertou em mim o interesse de aprender a libras. então isso foi se tornando mais sério e uma paixão. Os meus outros primos, eu tenho 2 primos que são intérpretes desde pequenininhos, porque são filhos de pais surdos, CODAS. Querendo ou não, tinham duas línguas: o português e a Libras. Nas escolas não existiam intérpretes ainda na década de 90. Não existia curso de libras. Porque eu queria me aprofundar mais, eu não queria soltar. No convívio, aprendendo ali no dia a dia. Mas eu queria conhecer mais. Então, eu acredito que foi em 98-99, surgiram alguns cursos de libras em algumas igrejas. Acho que duas igrejas, não, três, e eu fui. Isso, para mim, ainda não era tão completo, eu sentia que faltava mais alguma coisa. Porque era um curso de 3 meses a 6 meses e sei lá... Então, quando foi no ano de 99 para o ano 2000, algumas escolas começaram a contratar intérpretes. Sim, teria que passar primeiro no processo seletivo, e eu fiz, e, na época, exigia apenas um curso de libras básico, e eu fui, consegui. Essa prova foi em Brasília e me encaminharam para à cidade de Goiânia, para trabalhar em Goiânia, no estado e na prefeitura. Então daí surgiu o PROLIBRAS. É que existiam alguns cursos, mas não garantiam nada para a nossa categoria profissional. Eu sempre fiz curso básico de Libras, então o primeiro PROLIBRAS foi tipo... fui cobaia. Foi a primeira prova nacional. Passei com nota máxima e comecei a atuar em universidades privadas, porque na federal ainda não tinha nenhum surdo lá em Goiás. Então surgiu o Letras Libras. No início me senti um pouco insegura com relação ao

curso, que eu fiz o segundo vestibular. Na época era semipresencial pela UFSC. Ainda era algo experimental, é tanto que os surdos da primeira turma se sentiam inseguros ainda, porque não tinha nada garantido. Tipo: ah, o futuro como vai ser, como a gente vai atuar. E o que eu fiz, não foi para tradutor, bacharelado, foi para a licenciatura. E foram quatro anos maravilhosos para mim, porque foi uma turma com 30 alunos e de ouvinte só tinha eu e um amigo. E todos os professores eram surdos, nenhum professor ouvinte. Aliás tinha um, que era a Ronice, eu acho que era a única professora ouvinte na época. E isso foi muito valioso para mim, muito valioso, passar pela etapa do primeiro PROLIBRAS, pelo curso de Letras Libras e a começar a atuar em universidades. atuei na PUC, na Universidade de Salgado de Oliveira e na universidade federal de Goiás. E a convivência com estes profissionais que já vinham há décadas atuando como intérpretes e que haviam atuado por muito mais tempo do que eu pude crescer, aprender, evoluir como profissional. Isso foi muito bom para mim. Lá em Goiás, nas universidades privadas, a gente não atuava em duplas na época, no início do ano 2005 em diante. Era complicado, cansativo, muitas vezes a gente não conseguia continuar uma aula atrás da outra. E quando foi no ano de 2008 em diante, aí começamos a trabalhar em duplas, revezamento de 20 a 30 minutos. E além de não comprometer a nossa saúde física, a gente aprendia muito com a dupla, porque sempre tinha sinais novos a ser aprendidos. Às vezes interpretávamos algo que não estava tão assim no contexto, quando eu ia fazer versão voz também em TCC, sempre tinha um colega que dava dicas de como melhorar. Também tinha alguns cursos que a UFG dava para nós sobre tradução, interpretação, constante reciclagem. Porque sempre surge uma novidade no nosso meio profissional. A gente nunca para de adquirir algum novo conhecimento. Sempre buscando. E eu vim para cá e estou aqui há 5 anos. Aqui em João Pessoa, atuei no instituto federal por 1 ano e meio, em seguida eu trabalhei em outras instituições, e agora eu estou na UFPB. Só que a minha trajetória, a maior parte da minha trajetória, foi atuando no ensino superior. E é isso, eu acho que eu contei de uma forma bem resumida. Se quiserem perguntar algo, podem falar.

- Queremos sim, porque seu relato é muito rico e, com certeza, ficamos curiosos para saber mais. Eu acho até que o Dani e eu, marcamos as mesmas coisas para perguntar.

Logo no começo, você falou que aos 14 anos começou a conviver com adolescentes surdos e isso despertou o interesse e virou uma paixão. fala um pouco mais disso para nós por favor.

- É… quando despertou isso mim, a princípio eu não via tanto a área profissional, atuar profissionalmente. Até porque naquela época não existiam intérpretes em escolas, só existiam nas igrejas. Era mais a curiosidade mesmo em saber me comunicar com eles, porque sempre quando tinha um encontro, eu me sentia sobrando. Era muito diálogo, muita conversa e eu sempre pedia a um colega que sabia Libras para passar para mim o que eles estavam dizendo. E esse colega dizia para mim: eu não vou fazer isso, se você realmente quer aprender pergunte. Não é por maldade, mas é porque você tem que ir apanhar um pouquinho. Porque é assim que a gente aprende. Não é comigo facilitando muito para você. - Então não foi fácil para mim no início, tinha que estar o tempo todo perguntando para os surdos, e a datilologia: que sinal é esse, aquele... Então, no decorrer de uns dois anos eu já me sentia bem assim. Bem à vontade para ir, para entender a comunicação.

- Hum que legal. Depois você falou que não tinha curso de Libras, daí em 98-99 surgiu o curso de Libras em algumas igrejas. Fala um pouco mais para nós sobre isso.

- Esse curso tinha uma duração de uns seis meses. Era mais voltado para o religioso em si, não era tanto para o campo profissional. Lá aprendi sinais bíblicos, músicas, como interpretar as músicas. Uma coisa bem básica mesmo, nada que garantisse a fluência, você sair preparado para atuar lá fora. Mas dentro do âmbito religioso...

- E aí vocês aprendiam a interpretar música, como interpretar?

- Sim só que não eram… vamos dizer técnicas para aprender a interpretar. Era mais formas de como contextualizar na Libras as letras da música em português. Mas não aprendemos técnicas. Hoje existem técnicas para a gente poder pegar uma música e fazer bem bela, bem perfeita a interpretação para compreensão do surdo. Mas era bem assim aleatório, porque após o curso a gente fazia da forma que a gente entendesse. E ainda me sentia insegura. Com esses 6 meses de curso, havia momentos em que eu ficava nervosa. Eu participava de algumas reuniões e, enfim, quando eu ia lá para cima, eu gelava, porque não tinha o costume de interpretar músicas.

- Só pra não perder o fio da meada, você falou 2 coisas que são interessantes. Você falou de dentro do curso e como foi aprender, está dando para me ouvir?

- Estou, é porque está baixinho aqui, mas dá para escutar.

- É porque você falou do curso não é, desse curso que você fez 6 meses e como ele funcionava e você também falou né da sua colega, que falou que você precisa apanhar um pouco para aprender e você tem que se esforçar, aí eu queria se você pudesse falar um pouquinho, comparar como foi o aprendizado em um com a aprendizagem no outro.

- Ah sou. Bem com essa minha amiga que atua até hoje como intérprete, professora, eu sou muito grata pela forma com que ela me abordou com relação a aprender a Libras. Porque se ela não pusesse essa... não vou dizer exatamente... mais dificuldade, tipo um impulso, um empurrão, tipo: vai lá, mete a cara e está na sua frente, está tudo aí. - Você tem que se inserir no meio, tem que conviver mais, se comunicar mais, perguntar mais, ser mais curiosa. Então isso aí é algo que eu aprendi que até hoje eu ponho em prática. De você ir aí, ali e conseguir. E já no curso era tudo muito dado, muito fácil. Era algo que ficou... posso dizer para você que era copiado, não era bem algo planejado, uma aula que você planeja e tem aquela de didática, que tem tudo aquilo, não. Então para mim foi muito mais enriquecedor ter me inserido no meio, ter apanhado bastante e é isso. isso trouxe muito resultados para mim.

- Pegando ainda esse fio da meada sobre ter apanhado e ter sido bom para você, aí você falou para coisas interessantes de ir depois do curso quando você começou a atuar na igreja, você disse: eu ainda me sentia insegura, eu ficava nervosa, gelava. Fala um pouco mais sobre essa experiência para a gente, sobre como era lá e isso que você sentia.

- Bem, quando eu comecei a atuar nas primeiras reuniões, a minha insegurança era de ver que havia muitos intérpretes ali, olhando para mim. E eu sentia como se … não fosse um suporte para mim, um apoio, mas eu fosse julgada naquele momento e que eu estivesse errada, sinalizando errado. E o outro lado era: como eu era uma novata ali, na frente de tantos surdos, eu acho que tinha uns 80 surdos na reunião, em alguns momentos me paravam para corrigir. Não é que isso fosse ruim, era bom - olha não é assim, faz assim. aí o outro surdo: não, olha, assim. - paravam em alguns momentos para corrigir. Mas nem era isso o que me inquietava mesmo, o que me causava insegurança, era ver tantos intérpretes focados em mim. Dava um nervoso saber que eu era nova ali e eles já estavam há tanto tempo e olhando daquela para mim.

Aí eu pensava que se eu sinalizasse errado, eu dançaria. mas meti a cara e fui. Errei muitas vezes, mas foi com os erros que eu aprendi.

- Daí depois, a partir de quando você foi lá para UFG, principalmente, eu sinto que teve essa mudança, você passou a ter um outro tipo de experiência. você já tinha feito PROLIBRAS, e já estava fazendo a licenciatura. Aí você disse: eu convivia com intérpretes que atuavam há décadas e isso me ajudou muito a crescer. Fala mais sobre isso.

- Foi sim. Esses intérpretes que já estavam na UFG, cerca de seis intérpretes, éramos coordenados por uma intérprete que veio da UFSC. E nós trabalhávamos numa instituição particular, numa faculdade particular. Os cinco a seis intérpretes, contando comigo, todos saíram da universidade privada e foram para UFG e eu fiquei sozinha com só um intérprete na outra instituição. Então, a coordenadora percebeu que faltava mais pessoas na equipe e que eles buscassem mais alguém capacitado, e entraram em contato com mim comigo para uma reunião com ela. E nessa reunião não fizeram nenhum teste, não fizeram tantas perguntas, apenas chegaram e disseram nós já trabalhamos com você conhecemos o seu trabalho, toda a sua trajetória profissional, cada um de nós já atuou com você em dupla na universidade e queremos convidar você para fazer parte da nossa equipe. Porque aqui é diferente, o sistema é diferente, estamos aqui para te oferecer essa oportunidade e com a gente você vai aprender. Quando eu comecei a trabalhar com o mesmo pessoal que eu já havia trabalhado e com uma coordenadora que sempre trazia novidades para nós, havia momentos de estudo nosso em que ela participava e dava muitas dicas importantes de como atuar. Nessa época ela atuava com outra pessoa e, nossa equipe, os seis intérpretes, só em sala de aula e era o curso de Letras Libras licenciatura uma turma lá em Goiânia que hoje é mesclada, mas na época era só de surdos.

- E aí é você falou que como eles tinham bastante experiência, essa atuação com eles ajudou você a crescer.

- Muito. É verdade. Principalmente quando a gente atuava... havia uma semana que a gente pegava, cada dupla, por semana, uns sete TCCs, seis a oito TCCs para interpretar. Então foi difícil, foi pesado, porque um mês antes a gente tinha que receber o material, o projeto de cada surdo, estudar bastante, se reunir e, mesmo assim, no dia a gente tinha dificuldades. E foi em meio a essas dificuldades que eu pude aprender bastante. E eu sei que os que estavam comigo, alguns que fizeram dupla comigo, tinham o mesmo tempo de trajetória profissional que eu, só que a presença da coordenadora ali foi boa, porque ela sempre estava ali do lado nos auxiliando, dizendo: olha vocês precisam melhorar nisso, erraram nisso, então tem que prestar atenção em cada fala, em cada parte. Então ter alguém mais capacitado, mais habilitado, tanto para a tradução como para interpretação ao nosso lado, nos dava é a possibilidade de atuar de uma forma melhor.

- Fala um pouco mais sobre essas dificuldades que você falou: essas dificuldades que ajudaram a gente a crescer. Dá exemplos para a gente.

- Olha, a dificuldade que eu mais encontrei, que eu pude melhorar e ainda busco melhorar até hoje, é a questão de fazer a versão voz. É que você tem que ter um vocabulário maior, depende de cada profissional, do ritmo de cada um, o raciocínio lógico de cada um. Mas os momentos da interpretação em que eu participei da interpretação de versão voz, foram bem desafiadores para mim. Os primeiros eu acho que foram esses TCCs. Havia colegas até que surravam meu ouvido para dar um up e melhorar um pouco. E com esse com esse processo eu fui aprimorando.

Mas o mais desafiador para mim foi quando eu fui interpretar uma das minhas professoras do Letras Libras que é surda e foi palestrar em um Congresso na UFG, ela olhou para todos os intérpretes e falou: eu quero ela. Eu gelei, falei: nossa, eu nunca peguei um surdo assim de fora. – Então os meus colegas falaram: ela já viu uma reunião que tivemos com o professor surdo daqui e você fez muito bem a versão voz. Ela é oralizada, por isso, ela percebe quando você está falando algo que sai do foco. Então ela quer você agora e ela conhece a cada um de nós, então vai lá, mete a cara. E eu fui. Foram 20 minutos a 25 minutos. Foi bem desafiadora, mas, enfim, é algo que eu ainda procuro trabalhar muito em mim, a questão da versão voz.

- Mas como desafiador?

- Em certos momentos, os surdos se expressam de uma forma em que você tem que ter um vocabulário que se encaixe com aquilo que ele quer dizer, para deixar bem claro. Não é qualquer palavra chula, outra coisa bem assim abaixo do nível que ele tem, tem que ser de acordo. Não pode ser nem menos e nem mais, tem que ser de acordo com a linguagem dele. E muitas vezes eu encontro essa dificuldade.

- Agora ficou Claro

- Deixa eu só aproveitar antes de irmos para outro assunto, o que você falou desse momento em que a professora falou que ela queria que você que fizesse a versão dela e antes você tinha falado de ser feita a prova, ter feito exame, de começar a atuar e que essa experiência também foi muito valiosa para você. Eu queria que você falasse sobre essas experiências. Porque agorinha há pouco você falou desse momento em que a professora olhou para você e falou: eu quero que você me interprete. - Um pouquinho antes, você tinha falado de você ter sido feito um exame nacional, ter sido aprovada e você chegou a dizer que foi muito valioso para você e aí eu queria que você falasse sobre essas experiências. E se tem outras experiências também desse tipo que se pode contar.

- Está bom. Esse exame nacional pegou a gente de surpresa na época, porque havia amigos meus que já vinham atuando por muitos anos e todo mundo ficou nervoso, não sabia como seria assim a prova, apesar de que o edital vinha explicando e tudo, mas nos deixou muito nervosos. É que foi uma prova simples, para outros não foi simples, mas para mim e para os meus colegas foi uma prova tranquila de fazer. A versão voz de alguns vídeos, de dois vídeos, eu acho, na época, de algum surdo ou falando sobre alguma narrativa, um poema, como literatura. E a prova objetiva que era bem direta e todos nós, pelo menos os meus colegas na época, conseguiram esse certificado, os que já vinham atuando há um tempo. E qual foi a outra pergunta mesmo, a de comparação, foi essa da prova…

- E o momento em que a professora escolheu você para fazer isso, que você também falou um pouquinho sobre isso, sobre a experiência.

- Ao mesmo tempo me deixou um pouco nervosa, o fato de ela me encarar e dizer: é você - isso me deixou um pouco lisonjeada também por ela confiar em minha capacidade, acreditar em mim. É tanto que no final, após o Congresso, ela me procurou, almoçamos e ela disse: eu percebi que você ficou um pouco nervosa, nas próximas vezes em que eu lhe chamar não fique assim, porque você é uma profissional competente. - A fala dela me deixou mais. “É normal ficar nervoso, mas relaxe que você consegue. Você não conseguiu fazer a minha fala? e depois eu

fui perguntar aos outros". Então ela disse que foi perguntar e todos gostaram da performance, então ficasse tranquila, não ficasse assim que só atrapalhava

- Então está bom

- Ainda no fio disso que o Dani perguntou, você falou que um outro momento que foi marcante para você também, foi fazer a licenciatura em Letras Libras e você ainda se sentia insegura porque era a primeira turma, era meio experimental e era uma turma que tinha 28 surdos e 2 ouvintes. Conta mais para a gente sobre isso daí, sobre esse seu sentimento.

-A maioria dos meus colegas foi fazer o vestibular na UFSC para bacharelado, e quando eu disse que ia fazer para licenciatura, muitos me reprovaram na época dizendo: você não deveria fazer, porque são turmas voltadas só para surdos e licenciatura é para ser professor e nós somos intérpretes, então você deveria fazer para bacharelado, mas eu não quis saber. Falei: não, mesmo que eu quebre a cara, que não dê certo, eu vou fazer. E passei em terceiro lugar e encontrei um amigo meu na sala. E ele falou: nossa você está aqui também, então vai ser fácil ou não vai ser não é, vamos ver - então não só eu me senti insegura, mas os surdos também, porque era algo incerto o Letras Libras. Era algo, vamos dizer, experimental ainda, muitos que já eram professores aceitaram bem meu colega e eu na sala. A insegurança era mais com relação à atuação profissional como professor no futuro. - Será que esse curso vai garantir algo para nós, será que vai se expandir, porque também está em 15 polos em todo o Brasil, talvez vá dar zebra, talvez a gente perca o nosso tempo de ficar nos 4 anos aqui - e não foi aquilo que a gente pensava exatamente. É algo que se expandiu, muitos que estão aí na profissão querem fazer o curso, estamos aqui hoje. Os meus amigos meus atuando como professores, e eu aqui continuo como intérprete, que é um trabalho que eu amo.

- Agora você falou dessa insegurança que você teve no começo do curso, você também tinha falado dessa vez, desculpa vou começar de novo, você falou agora não é da insegurança quando você começou o curso, porque você também falou da insegurança quando você começou a atuar como profissional, aí eu queria que você falasse um pouco mais sobre esse sentimento, como foi lidar com ele, se existe alguma coisa que tenha sido trabalhada para diminuir ou para resolver.

- Está certo. Desde o curso, a minha insegurança em si era ter a total fluência, não no sentido tipo de saber Libras, qualquer pessoa aprende Libras. Vai lá, faz um curso, sai ali, atua. Mas era me garantir como uma boa profissional, não estar ali por estar entendeu. Não fazer o trabalho incompleto e dizer: ah, eu sei Libras, eu estou aqui e acabou. Não. Não deixar nada pela metade. Por exemplo, eu pude perceber na primeira universidade particular que eu fui, eu sempre perguntava para o surdo: ficou claro para você o que o que foi passado? Porque se não ficou, você pode conversar com o professor e de novo, e cada vez mais o surdo, alguns surdos me teciam elogios. Diziam que sim, tinha ficado claro. E eu pude ver que realmente, com o passar do tempo, atuando em dupla, participando de alguns estudos, que também me ajudaram muito, de oficinas e cursos para a tradução e interpretação, e principalmente, o que me deixou mais me sentindo uma profissional, uma boa profissional, foi quando eu fui para UFG, porque lá a gente tinha mais recursos e atuamos com profissionais de fora que tinham a questão do regionalismo de Sinais de fora, de Santa Catarina, de São Paulo, Minas, Tocantins, Maranhão então isso me ajudou muito, essa questão de trabalhar em equipe, participar de oficinas e a questão da dupla também, que não existia, então sempre havia essa troca de conhecimento e

isso me fez crescer bastante e me sentir mais segura com relação à profissão, a atuar, e não ter mais aquele medo impactante de tipo: ah, tem um colega meu na minha frente e eu não vou sinalizar de da forma que eu sei, para que depois ele não discordar ao contrário. Hoje é diferente, hoje eu tenho um colega na minha frente e que se ele, no apoio, olhar para mim e disser: "olha, não é assim, é assim." Eu aceito e abraço aquele conselho, entendeu. Então hoje eu me sinto melhor com toda essa experiência.

- Que legal você falar isso do apoio. Aí só puxando um pouquinho mais, para saber um pouquinho mais sobre isso, você falou assim: trabalhar em dupla me ajudou. e aí você falou um pouco do apoio, fala um pouco mais para a gente sobre isso.

- É, posso falar da experiência que eu tive no curso de letras libras lá na UFG. uma sala com 30 alunos surdos e, por dia, eu tinha um colega atuando comigo em dupla. Então, eu posso dizer, que sempre tinha, eu não vejo tanto hoje isso, mas, na época, tinha muito suporte. Muitos momentos em que, por exemplo, uma aula de linguística, um sinal, uma palavra específica, aí a gente esquecia e não sabia e, no momento da interpretação, o colega sinalizava de forma bem discreta para ajudar, para gente não se perder durante a aula e vice-versa. Também quando algum surdo se pronunciava e algum colega tinha dificuldades de compreender a sinalização dele, às vezes era um surdo que aprendeu Libras há pouco tempo, ou um surdo que não dominava bem a Libras, então a gente trocava, dizia: "não fica aí, eu vou porque eu conheço bem a sinalização dele", sabe? Nesses momentos difíceis, a gente sempre dava um apoio ao outro, isso è muito bom, essa questão o positiva, esse lado positivo do apoio.

- Tinha um lado negativo?

- Bem, vamos dizer, eu acho que, para mim, não. Eu, com a minha experiência, não. Mas havia colegas que o tempo todo ficavam interrompendo para sinalizar uma determinada palavra. Tipo, você sabe que tem uma palavra que pode ter três sinais, variações, pode ter dois, três e eu usava a que eu já vinha usando e o colega interrompia e dizia; não, não é assim, entendeu, com muitas correções uma atrás da outra. Isso um pouco que atrapalhava. Então, eu gostava também quando eu tinha uma dupla que observava a minha sinalização de todo o momento da aula e, no final, chegava até mim e dizia: "olha esse sinal não é mais assim, atualizou. A maioria dos surdos não usa mais é este sinal." Eu agradecia, dizia: "nossa, bacana. Então agora vou utilizar, esse aí já faleceu, isso é, já se foi, agora eu vou utilizar esse. Valeu, obrigada mesmo." O que atrapalhava mesmo era durante a aula ficar interrompendo o tempo todo. Eu acho que, no apoio, há momentos em que você deve ir lá. Percebeu que o colega esqueceu o sinal? Sinaliza e dá para ele o sinal, ajuda um pouco. agora o tempo todo ficar interrompendo, não dá não é. Ou no final, procurar a gente, conversar e dizer: "olha pra melhorar dou essa sugestão, que que você acha?" Assim, dessa forma, flui não é.

- Eu não consigo pensar em mais nada para perguntar. Tu queres, Dani, perguntar mais alguma coisa?

A Polly já tinha agradecido, eu agradeço imensamente. Então eu acho que a gente pode conversar mesmo, um papo mais livre. O que a gente está tentando a levantar com essa pesquisa, são justamente alguns desses fatores que você falou e em diversos momentos da sua história, essa questão de superar a insegurança e que tipo de apoio, que tipo de estímulo ajuda sabe. Então, por isso que a Polly falou lá no começo que a gente está tentando usar esse método da

narrativa para levantar coisas que são internas a esse sujeito. Aí por isso que a gente foi insistindo nesse ponto. Pode falar.

- Não eu fui ajeitar o computador porque eu estou numa posição diferente, eu estou Gasparzinho, brilhando aqui na tela.

- Ah sim. E aí, para a gente, é superbacana, é muito rico, quando aparecem todas essas coisas que você trouxe e tudo o mais. E aí a gente começa a ver os padrões de comportamento, o que funciona com as pessoas, o que não funciona, que é bem parte dos nossos objetivos sab. Então a Polly pode me corrigir se eu estiver falando errado, mas teve um outro sujeito que também falou dessa coisa de que tem a ver com a comunidade, assim se inserir na comunidade sabe, que você estava comentando.

- Para mim é uma satisfação falar com vocês, porque é um assunto em que eu não compartilho com muita gente. Só pessoas próximas a mim como a Pollyana, que já sabe um pouquinho da minha trajetória, bem resumidamente. Eu acho que entrei em mais detalhes agora não é. Então é algo que eu não comento muito, mas para mim foi bom. Eu quero conhecer um pouco mais do projeto de vocês. Da pesquisa de vocês.

- E a ideia quando a gente levanta essas diferentes narrativas, é ver o que tem de comum, o que tem de diferente entre elas, essa parte da interação com a comunidade surda também apareceu numa outra coleta que a gente fez nesse estudo piloto. Aí ela falava assim dessa coisa de o surdo conversar com ela e dar um toque também, então assim, são essas coisas que a gente está tentando observar sabe.

- É verdade.

- Isso é uma coisa dos intérpretes olhando também, não é

- Verdade

- É como se tivesse com um binóculo me analisando dos pés a cabeça, é uma coisa que me deixava muito nervosa, mas hoje em dia não, hoje em dia eu não ligo mais para isso. pode olhar igual coruja, de qualquer forma, pra mim não importa, estou ali atuando, estou fazendo meu trabalho, está sendo bem-feito. O importante estar bem claro para o público, pra para o surdo né, de forma bem claro. E, só reforçando, o período em que eu estive no letras libras, como a sala era toda de surdos, professores surdos, então foi enriquecedor também, porque eu pude aprender muitos sinais novos, do curso não é em si. Sinais que carrego comigo até hoje, que trago comigo, a forma de se expressar melhor na libras, então ali, na convivência, eu acho que para mim foi o segredo. Na convivência não só com alunos surdos, na UFG, no dia a dia, mas com surdos que foram acadêmicos como eu, que lá fora também eram profissionais, professores. Então isso aí, essa troca de conhecimento, foi enriquecedor para mim, foram os 4 anos mais maravilhosos que eu tive.

- E isso aí que a Polly falou que apareceu também, da pessoa ficar olhando e de como isso pode ser positivo, pode ser negativo, como essas interferências, não é interferências a palavra que eu quero, é essas formas de intervenção, eu acho ne, que podiam ser um pouco mais...

- Isso. Olha, por exemplo, ontem eu acompanhei com um colega uma aula de pedagogia e ele não está há tanto tempo na área e eu procurei não olhar tanto para ele, olhava de vez em quando, às vezes ele me chamava, olha essa palavra que tem um sinal, tu conheces esse sinal? Ou então

algum momento eu interrompia, digitalizava, dizia, não é esse sinal aqui, tem um sinal. E ele continuava entendeu. E como eu tenho uma visão… é como se fosse a visão que o surdo tem 360°, eu consigo ver uma barata atrás de mim, enfim, entendeu. Então desde a infância, desde que eu comecei a conviver com os surdos, eu acho que isso foi trabalhado, e eu sei o que ele está sinalizando, mesmo que eu não esteja olhando para ele, mas eu sei o que está sendo sinalizado. Então eu não olho, não fico encarando entendeu, porque ontem eu percebi que ele estava um pouco nervoso, e aí eu vou deixá-lo à vontade. Não vou olhar, só em alguns momentos quando eu puder ajudar.

- Eu acho engraçado, que a Polly até fez um curso, foi nessa época do isolamento social, que eu fiz, que é dessa coisa da insegurança, desse medo. Isso é uma coisa super comum do ser humano.

- É verdade

- E embora a gente saiba que qualquer ser humano tem, é uma coisa ao mesmo tempo tão difícil de a gente conseguir encarar, falar sobre isso. Às vezes, eu já passei por isso, não sei se você já passou, mas tipo, eu vou fingir que eu não estou inseguro, porque eu não quero que as pessoas percebam que eu estou inseguro, e às vezes não ajuda em nada né. A Polly quer dizer alguma coisa?

- Não, a gente faz cara de paisagem para não influenciar até a mensagem não é, porque como corpo é o vetor da língua na Língua de Sinais, se você está de olhos arregalados, então você está o tempo todo fazendo uso de orações exclamativas, você está com os olhos esbugalhados o tempo todo, então a outra pessoa está gritando? Por que você está assim? entende? então você precisa controlar, mas você está morrendo lá e está com cara de paisagem.

- Eu fiquei imaginando o surdo a vendo isso né, você com a cara assim, e ele pensando: por que que ele está tão nesse contexto tão simples, por que as afirmações são tão esbugalhadas?

- Mas o engraçado é que quando o surdo encara gente, no meu caso, não sei se para todos os colegas de trabalho, mas quando o surdo me encara demais, para mim já é um bom sinal. Eu me sinto confortável, porque eu estou vendo que ele está ali vidrado no conteúdo, então está chamando a atenção dele, ele está gostando, está entendendo. Então isso é gratificante para mim, quando tem alunos surdos que fica, me encarando vidrados para mim. Se o surdo começa a conversar com outro, ou começa a olhar o celular, é porque alguma coisa está dando errado.

- Verdade

- É aí é que a gente se preocupa. o problema é o ouvinte não é. Para muita gente, o problema é o ouvinte.

- Não sei se a Polly quer acrescentar mais alguma coisa assim não é, mas tipo, mais uma vez eu quero agradecer demais. Foi um prazer ouvir sua história, é um prazer imenso. E, esse PowerPoint que a gente tem, se você quiser, a Polly pode mandar depois, é meio que explicando isso, o que que a gente está vendo, por que que a gente bate esse papo, por que a gente está tentando coletar dados assim né. Se tiver curiosidade de saber depois.

- Para mim é uma satisfação, se após esse momento surgir alguma pergunta, algo que queira esclarecer, eu estou à disposição então de vocês. É isso.

- Aham

- Obrigada querida. E, mais uma vez, é só gratidão mesmo viu Tils 2, de você tirar do seu tempo, que ela deveria estar no horário de estudo agora, aí eu: “ai amiga, não dá pra fazer a entrevista?” ela: “dá” e a gente sente muita gratidão, eu vou parar a gravação agora que a gente está só tricotando por que senão sei que eu vou ter que transcrever um monte de coisa que não tem nada a ver.

Entrevista Tils 3

- É engraçado, porque quando a gente fala assim: “é uma entrevista”, então o pessoal fica nervoso, não é. Diz: “eu tenho que me preparar? o que que eu vou fazer?” mas não é assim, porque é uma pesquisa narrativa, você simplesmente coleta a história da pessoa, só isso.

- Aí hoje foi que eu parei para pensar, eu acho que ela vai gravar, porque para poder depois estar revendo as respostas.

- É para eu poder transcrever os dados. Na verdade, não é bem uma entrevista, porque você vai me contar sua história. Eu vou perguntar uma coisinha aqui, outra ali. Antes de começar, eu vou projetar aqui o termo de consentimento para ler para você, está bom? depois eu vou explicar como é a pesquisa, como é que funciona, aí depois a gente conversa um pouquinho mais. Um instante. Está conseguindo ver aí? Pronto. Está vendo aí termo de consentimento livre esclarecido?

- É

- É que eu estou com duas telas do word abertas. “Caro, tradutor ou tradutora, este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada “Desenvolvimento da Competência Tradutória que está sendo desenvolvida por pesquisadores do curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba sob a orientação do professor Daniel Antônio de Souza Alves. O principal objetivo do estudo, é entender o desenvolvimento da Competência Tradutória de tradutores e tradutores e, nessa perspectiva, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da Competência Tradutória e de formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e a nossa área de atuação tanto com uma maior compreensão sobre o tema quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de um material voltado para a formação de tradutores e tradutoras solicitamos a sua participação contribuindo para a pesquisa nos contando histórias ou a narrativa da sua fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário não será necessário pesquisa estimamos em cerca de 2 horas o tempo total da sua participação na pesquisa solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo absoluto informamos que essa pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa coração se por cada 100 narrativas livremente feitas pelos sujeitos não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental tão pouco para o ambiente o contexto da realização do experimento esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e portanto não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira estão um pouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador caso decida não participar do estudo ou caso resolva a qualquer momento desistir de participar você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo também estão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa aí aqui é o eu vou mandar essa parte para você por isso porque precisa ser assinado está certo considerando que foi informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto de como será a minha participação dos procedimentos estudo declaro meu consentimento e participar da pesquisa como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos que é a divulgação em eventos e publicações estou ciente que receberei uma via deste documento.

Eu vou só explicar algumas partes disso daqui que talvez não tenham ficado claras. Investigamos o desenvolvimento da Competência Tradutória, eu não sei se você já ouviu falar sobre isso, eu falo às vezes nisso. A Competência Tradutória é essa expertise que separa o tradutor de um falante bilíngue. Essa habilidade de traduzir, de interpretar, que a gente tem. Aqui também fala sobre algumas coisas: sobre a conversa o relato em que você conta a sua história; a segunda parte que é um pequeno experimento de tradução, mas essa parte vai ser feita na formação. Se você não estiver na formação, aí eu posso fazer com você em separado em outro horário e responder a um questionário. Esse questionário, ele já está pronto, é um formulário do Google. São respostas curtas ou então de múltipla escolha. Só para dar um conhecimento mais geral sobre o seu perfil e sobre também os conhecimentos que você tem sobre Tradução. Como diz aí no termo, qualquer parte que você não quiser fazer, não tem problema, você não é obrigada. E se, em qualquer momento também, você resolver que não quer mais participar da pesquisa, não quer que seus dados sejam utilizados, é só informar também.

- Por mim pode utilizar, eu acho importante essas pesquisas, até porque a gente teve um início muito rústico e... a área precisa muito disso.

- É justamente por isso a minha investigação, porque a maioria dos que estão há muito tempo no início foi assim.

- Eu estava conversando com a Lene hoje, a gente abriu, a gente que quebrou, abriu a estrada. O pessoal hoje está... acha ruim, mas ruim já foi.

- Eu vou interromper aqui o compartilhamento, ok?

- Certo

- Eu vou te explicar um pouquinho mais sobre essa outra parte, de como vai ser essa parte aqui da conversa. Já está gravando desde antes que estávamos só conversando, aí é só para te informar que quando aparecer na minha pesquisa, não vai aparecer seu nome. vai aparecer Tils e algum número. eu achei mais fácil colocar Tils 123 de acordo com a sequência que foi entrevista, porque ter que inventar um nome para cada pessoa, dá muito trabalho. Então número fica mais fácil.

- Isso

- Então, no caso, você é a Tils 3. Quando você ler no futuro, você ler a minha dissertação algum trecho que você vir a Tils 3, você vai reconhecer sua fala e você vai saber que foi você, mas outras pessoas não vão.

- Entendi, está certo

- Porque isso protege o sigilo da pessoa, evita de expor dados e tudo. Entendemos assim, tanto o Dani quanto eu, que na verdade boa parte dessa essa Competência Tradutória e como ela se desenvolve, essa expertise que temos, ela se dá dentro do sujeito, dentro da cabeça do sujeito, e não tem como abrirmos e olharmos o que está se passando, o que que está acontecendo. Foi por isso que entendemos que a pesquisa narrativa é a que vai atender melhor as nossas necessidades, porque o próprio sujeito vai falar, vai refletir e vai contar como foi que aconteceu, o que foi que aconteceu. E, se você tiver interesse de entender um pouquinho melhor, que eu não posso falar muito agora, porque se não pode enviesar seu relato, no sentido de que coisas

que você não iria dizer, aí você: ah a Polly quer saber disso, e fala. Entende? E, na verdade, a ideia é que venha naturalmente de você. Daí se você tiver interesse de saber mais, quando terminar, que você responder o questionário, fizer a tradução, eu mando um PowerPoint para você. Se você quiser responder o questionário e fazer outra parte do experimento de tradução, aí eu vou mandar para você depois de você concluir essas partes, eu mando o PowerPoint para você. Então, essa entrevista, ela tem 3 momentos: no primeiro momento, você vai contar a sua história com o mínimo de interferência minha. Você vai me contar o que foi que aconteceu, como foi que se deu isso até você se tornar uma intérprete, e o seu avanço até você se tornar a profissional que você é hoje. Daí, enquanto você estiver falando, eu vou ficar com meu microfone fechado, para evitar algum ruído, porque às vezes passa um carro de som, alguma coisa assim, e você vai ver que eu vou anotar algumas coisas. Tem algumas coisas que você vai falar naturalmente que eu vou considerar interessante, e que talvez eu queira que você fale um pouquinho mais sobre aquilo. Daí, quando você terminar, você disser: pronto é isso que eu consigo pensar, você falar tudo o que você lembrar, que você quiser falar, daí eu vou dizer: Tils3, você falou na sua fala sobre isso aqui, você pode falar um pouco mais sobre isso? e aí você fala mais sobre aquela coisa. você fala as coisas, teve isso e isso e isso, e se mesmo com essa segunda parte, ainda tiver algumas coisas que eu quero saber mais especificamente, eu posso fazer alguma pergunta mais específica para você e a gente ter uma conversa assim mais livre. Eu vou falar um pouco mais: ah tem isso, tem aquilo, E daí três momentos, essas três partes, então, entram para a minha análise de dados. Sei que é a sua história, mas que vai ser investigado cientificamente, para podermos entender como é que se desenvolve isso.

- Direto do túnel do tempo.

- Túnel do tempo mesmo não é.

- Quase uma terapia.

- Ah sim. Pronto, então agora o palco é seu, fica à vontade, e conta para mim sua história

- Está bom. Então, quando eu estava no segundo ano do ensino médio, magistério, eu tive, meus irmãos tiveram contato com a Língua de Sinais, através da congregação, da nossa religião e chegaram me contando como foi, o que eles aprenderam numa reunião que eles foram, e me passaram alguns sinais, me ensinaram alguns sinais. Eu achei muito interessante e me interessei de imediato, comecei a estudar o livro. O livro que, na época, era a linguagem de sinais, da associação da torre de Vigia e começou-se um arranjo de procurar pessoas surdas para ensinar a bíblia. Então a gente ia procurando os surdos, e os surdos eles também não sabiam sinais, a gente também não sabia muito. A gente estava aprendendo ainda mas havia assim esse esforço da gente não é, de ir atrás desses surdos para ensinar a Língua de Sinais, para ensinar a bíblia para eles na verdade. E a gente estava aprendendo ainda Língua de Sinais. A gente não tinha ainda domínio e o que nós tínhamos, o que nós tínhamos para aprender, era esse livro, que na época era a linguagem de sinais, e nós aprendíamos sinal por sinal, nos reuníamos, e eu nós fazíamos cursos e estudamos o livro inteiro. Era um grupo grande de pessoas né, os irmãos se reuniam estudavam um livro inteiro, depois ensinavam. A gente fazia o curso de uma brochura que ensinava a bíblia que tinha muitas imagens, que isso, logo nós percebemos, que o uso das imagens ia ser de grande ajuda para poder chamar a atenção dos surdos e ensinar a bíblia, conseguir ensinar a bíblia para eles com maior facilidade. E fomos também recortando figuras fazendo tipo pastas com temas, para ensinar sinais que eram de coisas abstratas, e a gente foi

assim aprendendo a Língua de Sinais. Mas o que nós aprendíamos não era Língua de Sinais, nós fazíamos o português sinalizado na época. Então, tanto que alguns anos depois, alguns surdos que na época já eram fluentes, eles diziam que gostavam da nossa companhia, mas na verdade eles não entendiam muita coisa que a gente falava, justamente por isso, porque a gente se deu conta que nós usávamos o português sinalizado, não era Língua de Sinais mesmo. Até o desenvolvimento que houve após eu sair, eu deixei de apoiar o grupo do trabalho de pregação com os surdos e fui trabalhar numa escola só para surdos, porque o meu foco era esse. Eu tive a formação como professora polivalente e eu queria trabalhar, e na época apareceu a oportunidade de trabalhar numa escola só para surdos, então eu era uma professora bilingue, porque eu conhecia Língua de Sinais, conseguia me comunicar, na medida do possível com os surdos, e fui estudando mais e aprendendo mais de fato nessa escola. Essa escola era pública, então ali eu tive contato com muitos surdos que eu conheço até hoje, que eu ensinei. Eu era professora polivalente até o quinto ano, então lá eu ensinei com a quarta série na época, quinta série, fui professora da disciplina de ciências, até porque na época não havia professor que fosse ao mesmo tempo bilíngue e soubesse Língua de Sinais, para que eles contratassem para ensinar cada disciplina, então eles aproveitavam a gente que já sabia a Língua de Sinais e a gente usava o que a gente já sabia e ensinava. Eu era professora de ciências, até hoje muitos surdos acham que eu sou professora de ciências, de biologia. Porque eu realmente me preparava e estudava, e eu aprendi muito mesmo lá. O que eu aprendi mais de Língua de Sinais, foi com surdos lá dessa escola. Então acabaram as escolas especiais, a escola fechou e os surdos foram enviados para as escolas públicas, para as salas regulares. E foi quando eu fui também para a escola pública, da prefeitura inclusive. Era a Lana na época que estava à frente aqui na prefeitura, no setor que encaminhava os intérpretes para as escolas, então eu me vi, eu estava intérprete, eu não me sentia intérprete. Então eu era professora, a minha formação era como professora. Mas, de repente eu me tornei intérprete, mas ao mesmo tempo não. Na minha cabeça não. Porque eu fui para uma escola de ensino fundamental, era um aluno do primeiro ano e ele também não sabia Língua de Sinais, então eu tinha que ensinar para ele a Língua de Sinais. Eu não podia ensinar conteúdo para ele, eu tinha que ensinar a Língua de Sinais para ele. Então era muito confusa essa questão. Você ser intérprete para uma criança que não sabe nem o que é isso, não sabe nem o que é a Língua de Sinais. E assim eu fiquei alguns três a cinco anos nas escolas da prefeitura acompanhando esses alunos, em salas regulares, sempre prefeitura. Eram crianças, era até o quinto ano. E tínhamos algumas formações. Aí lá eu tive algumas formações sobre o que era ser intérprete, código de ética do intérprete, quando foi que surgiu a Língua de Sinais, com a história da educação do surdo, e aí sim que fui assim entendendo um pouco mais dessa atuação, dessa área de trabalho. E aconteceu que no ano de 2008, na época a gente não tinha acesso a cursos de formação para intérpretes. Até hoje não tem não é. Tem online, mas escola mesmo que você diga: essa escola é de formação para intérprete, na época que não tinha mesmo. E o que eu procurava, conheci a professora Luna, na época ela oferecia cursos, então eu e alguns outros colegas que conheço até hoje, que trabalham comigo, sempre a gente fazia cursos com ela. E o nosso interesse era termos um certificado nessa área que a gente estava atuando como intérprete de Libras, mas infelizmente a gente nunca recebeu nenhum certificado nessa área que a gente estava atuando. Tínhamos vontade, mas não tínhamos onde nos formar, não tinha onde a gente realmente estudar para aprender e desenvolver, então a gente ia meio que perdido não é, não sabia o que mais, não sabia como desenvolver realmente. Aí foi quando veio essa febre do PROLIBRAS, em que você conseguia um certificado de que você é proficiente na Libras. Você faz esse processo seletivo, e aí você tem um certificado. Fomos fazer, mas na verdade não

tinha... eu fiz, eu me sinto assim: eu fiz uma prova sem ter estudado a matéria. Eu, muita gente até hoje nunca passou nesse PROLIBRAS. e muita gente que na época já era boa. Mas eu fiz, passei na primeira etapa, e passei na segunda etapa, a minha nota foi 7 e meio. Não foi, não é uma nota tão ruim, porque a menor nota para passar era 6, depois eu fiquei sabendo. Mas eu sentia que faltava, porque eu queria, eu queria me aprofundar na Língua de Sinais, eu queria entender como a língua funcionava, eu queria conhecer mais sinais, queria ter mais fluência na Língua de Sinais, mas não tinha acesso. E foi quando veio a oportunidade de aprender. Tive contato com outros intérpretes quando eu trabalhei na escola do ensino médio, na escola de magistério, na época ainda era magistério. Uma intérprete que hoje é professora, Lela, ela fez até um trabalho lá de pesquisa no quarto ano do magistério, para uma surda que eu acompanhava. Eu acredito que ela fez também nessa área, sobre o trabalho dos intérpretes, então ela me ajudou muito também com alguns sinais, algumas pesquisas, e foi quando eu pensei em voltar a estudar, fazer O Letras Libras, já que era um curso EAD. Eu não tinha condições de fazer presencial, não tinha. E quando eu entrei no curso Letras Libras, foi que eu comecei a aprender realmente. Eu entendi o que antes não entendia, eu tive muitas respostas que antes eu não tinha, mas faltava ainda não é, alguma coisa, porque a questão da fluência você não vai adquirir numa licenciatura. mas aprendi muita coisa. Mas essa questão de pegar um material para traduzir de fato, a minha atuação sempre foi mais interpretação. Foi sempre mais na área de interpretação, não foi tanto na área de tradução, de pegar um material e traduzir, digamos, como agora eu faço na universidade, como já fiz. mas que eu acredito que na época que eu fiz, também não chegou a ser tanto a tradução. A gente chegou num período emergencial, a gente tinha que entregar rápido, mas assim meu trabalho mais, é mais a questão da interpretação. Porque a tradução, eu sei que exige bem mais esforço. A gente pensar como surdo pensa e como seria melhor para ele compreender certas questões. É algo que eu vejo que eu preciso aprender na prática, porque na teoria é uma coisa não é. Agora você realmente praticar, você fazer, é outra. E, depois que eu entrei na universidade, embora faça apenas um ano, mas eu aprendo, o que eu aprendi nesse um ano que eu que eu trabalhando na universidade, é, foi muito, foi muita coisa. Porque é onde eu estou aprendendo coisas que há muito tempo eu queria aprender. Muitos sinais, muitas coisas, a questão da tradução mesmo. Meu sonho de muitas coisas que eu estava precisando aprender e desenvolver. Então antes eu costumava dizer assim: eu não sou intérprete, eu estou intérprete, e hoje, atualmente, eu, na minha mente, eu digo assim: eu prefiro ser intérprete a professora, não me vejo mais professora, entendeu. Mas no início que me levou para educação de surdos, a trabalhar com surdos, foi o objetivo realmente de ensinar, de ser professora. E hoje, profissionalmente falando, eu me identifico como intérprete, não como uma professora.

...

- Nossa, que legal Tils 3. é isso, você concluiu seu raciocínio?

- Acho que sim. Se eu esqueci de alguma coisa.

- Porque você parou de falar e eu fiquei esperando

- Eu acho que sim eu não estou nem pensando, mas eu vou falando se eu lembrar mais alguma coisa.

- Não, está ótimo. Eu anotei várias coisas aqui. Eu achei tão interessante assim, tão massa essa parte do começo, que você começou, e era num livro que tinha uns sinais e vocês sentavam

estudavam esses sinais em grupos, e só que depois de um tempo quando vocês vieram ter mais contato com os surdos, aí os surdos diziam que gostavam de vocês, mas não entendiam por que vocês faziam um português sinalizado.

- Isso e olha que isso foi muito tempo depois de a gente já estar sinalizando em congressos e assembleias.

- Então vocês já interpretavam.

- Eu interpretava, a gente interpretava, tenho fotos para provar.

- É porque, quando eu falo Competência Tradutória, vem logo na cabeça esse lado da tradução e produção de material, mas a interpretação também é uma forma de tradução, só que uma interpretação ela é simultânea, então essa que é a diferença. mas me fala mais sobre isso daí, sobre essas experiências.

- Então, na época, quem tomou a dianteira aqui na minha cidade, acredito que foi é Liz e Darcy e hoje eles são viajantes não é. Eu Acredito que foram eles na época, e meu irmão também, ele fazia cursos. Eu lembro que o que os irmãos deixavam usar o prédio da congregação para ele dar os cursos de Língua de Sinais e enchia o prédio. Tinha muita gente lá e a gente aprendia os sinais. Então era sinal por sinal lá do livro, depois já era brochura. E eu fui. Depois quando fui apoiar a obra no interior, eu lembro que eu ia, era próximo de tal cidade o território que que eu atuava e eu lembro que eu ia para essa outra cidade e lá tinha outra voluntária na época. Hoje ela está em outra cidade, mas ela morava lá. Eram Jane e Mary que moravam lá e elas eram fluentes, elas já trabalhavam em uma capital vizinha nessa área, e elas eram voluntárias nesse interior. Elas davam curso para os voluntários da nossa religião da redondeza. Iam para lá uma vez na semana, aí elas faziam círculo lá na congregação e iam ensinando os sinais usando a brochura entendeu, para a gente ensinar para os surdos do território que a gente encontrasse. Ainda tinha um estudante surda onde eu trabalhava, onde eu servia. E aí nesse contexto, a gente já atuava em Congressos, Assembleias, tinham as designações, fazíamos cânticos, interpretávamos entrevistas. Tinha um palco à parte, os irmãos tinham os arranjos e cada um fazia uma parte. Era junto, era no mesmo dia que os ouvintes, então era tudo junto. Então eram 2 arranjos. Isso foi quando eu estava nessa região do estado, quem tomava a frente era Bingley, quando estava aqui na minha cidade, quem tomava a frente era Harry, Ron tinham muitos irmãos. É a região metropolitana, era todo mundo junto. Tenho muitas fotos, os irmãos fazendo lá os sinais.

- E daí vocês estavam aprendendo e como era o contato de vocês assim com os surdos? Porque você disse que tinha uma estudante surda, e aí você tinha só esse contato dela, de ensinar a bíblia para ela, ou tinha outra situação em que você estava junto com ela também?

- No caso dessa estudante que eu tinha, foi num interior quando eu estava lá. Esse só era o contato com ela, eu ia na casa dela, usava brochura e ficava tentando ensinar os sinais das coisas. Mas também era uma surda limitada. Aqueles surdos de interior, que não vão para a escola, que só estão em casa e, assim, tinha a limitação dela e a minha não é. E os surdos daqui de João Pessoa eles também tinham a limitação deles, os que eu tinha contato, e a Lene também tinha contato mais com os que eram mais fluentes, tinham um pouco mais de fluência não é. Mas também não era tanto.

- E aí vocês iam para os eventos não é, para assembleia, para o Congresso e já caiam de paraquedas na interpretação?

- Então, tinham os arranjos, eles tinham a programação e a gente sabia quais eram as partes que a gente ia subir e fazer. só sabia que era entrevista. “Essa parte vai ter tantas entrevistas, então vai você, você e você. está certo.” aí a gente ficava sempre com aquela parte ali palco e a gente fazia a interpretação. Tinha os cânticos, tinha uma parte toda, assembleia toda. Cânticos.

- Vocês já iam interpretar a música?

- Interpretar os cânticos era a melhor parte.

- Que legal e você gostava disso?

- Eu gostava. Isso antes de haver os vídeos da sede. Quando não tinha realmente, foi bem no início mesmo, quando só tinha um livro. Bem antes de haver os vídeos. E quando houve a mudança que houve, mas também quando houve a mudança, eu não estava mais a congregação de sinais. Eu nunca fui realmente da congregação, eu apoiei enquanto era grupo dentro da minha congregação de ouvintes. Aí a Lene que acompanhou até hoje.

- Fala sobre outra coisa que achei tão interessante aqui. Você disse que na escola que trabalhou era professora polivalente e depois acabou escola especial e foi para a escola da prefeitura, daí você se viu intérprete, mas não se sentia intérprete. Fala mais sobre isso para mim.

- Depois que eu saí da escola especial, quando eu tive que sair. Depois que sai e fui para escola regular porque eles fecharam as escolas especiais, foi a questão política, vamos colocar todos os deficientes em salas regulares para serem incluídos na sociedade. E aí colocou surdos também dentro das salas de aula. Eu sinto que eu fui trabalhar como professora, mas aí para que eu continuasse trabalhando com os surdos, eu fui contratada como intérprete de Libras, mas eu me sentia professora, continuava me sentindo como professora. Porque o surdo também nessa faixa etária, já que eram crianças, não eram nem adultos do ensino médio, nem nada, eram crianças, então eles também não sabiam Libras, estavam ainda aprendendo e eu me sentia mais professora deles do que intérprete. Então na minha cabeça foi meio complicado. Eu era mais ajudante da professora, eu não deixo de ser.

- Que interessante. Mas Tils3, quando você começou a interpretar, como era isso para você?

- Deixa eu ver, quando eu comecei, no início mesmo, realmente, eu fazia o que todos faziam - português sinalizado, tanto que a gente tinha sinal até para a preposição para.

- O seu áudio conecta e desconecta

- Voltamos é porque vai...

- Você estava falando de quando você começou a interpretar.

- Pronto, então no início, realmente era um português sinalizado. A gente pensava que cada sinal, cada palavra, tem um sinal. então vamos fazer do jeito que a gente fala. A gente não entendia que a estrutura era diferente, a gente apenas repetia nas estruturas do português. Na mesma estrutura do português, a gente fazia os sinais. Mas depois, com o tempo, a gente começou... a gente tinha necessidade de, digamos, fazer a tradução dos cânticos. Aí tinha aqueles cânticos com as letras grandes, e íamos vendo as palavras e substituindo pelo sinal e

quando aquela palavra não tinha um sinal, pensávamos em qual palavra serviria para substituir. Mas a gente continuava na mesma sequência. Embora a gente mudasse algumas coisas, mas a sequência era a mesma. A gente não entendia essa questão da estrutura. Nesse curto tempo com trabalho na escola especial, foi que eu realmente aprendi a interpretar, porque eu preparava as aulas. E eu tinha que resumir o conteúdo, separar as partes mais importantes. Então eu via como eles se comunicavam e fui vendo essa questão da estrutura, como eles falavam. Tendo contato com surdos fluentes, na verdade, como que eles conversavam. Porque quando você pensa só: ah como é que faz isso aqui? Ah, é desse jeito, mas não tem contato em observar eles conversando, você não percebe realmente como é a estrutura da Língua de Sinais. Você acha que é a mesma coisa da sua língua, que é só mudar a fala para o sinal e está tudo certo.

- Que legal. Eu anotei mais coisa que eu queria perguntar. É que estou anotando aqui outras coisas que você falou. Teve outra coisa que eu achei tão interessante, que você falou. Você disse: aí depois, foi para o ensino médio, aí não tinha curso, não tinha acesso a curso de formação para intérprete. Então estava lá, mas não se sentia intérprete ainda. Depois teve o PROLIBRAS e fez, mas se sentiu fazendo uma prova sem estudar. Falo um pouco mais disso para mim.

- Então, eu sentia que precisava de uma formação. Porque eu fui trabalhar como intérprete, mas na verdade eu era professora. Professora polivalente. E tive formação na prefeitura, na área que eu estaria atuando, uma formação continuada que eles chamavam. Mas eu sentia a necessidade de um curso profissionalizante, técnico, seja lá o que fosse na minha área, para que eu pudesse desenvolver melhor meu trabalho. Então quando eu fui, buscava cursos particulares, na época que fiz os cursos com a professora Luna, outros colegas e eu, a gente queria um certificado. A gente não tinha um certificado que a gente pudesse mostrar e dizer: olha, eu sou intérprete de Libras. Na época a gente tinha essa dificuldade. A gente fazia os cursos que apareciam. Eu estudava, a gente pagava, mas, no final, eles não davam para a gente o certificado. Daí o que aconteceu, é que quando houve o PROLIBRAS, foi a oportunidade de a gente ser certificado, mas eu me sentia assim: eu fiz, eu tenho um certificado de intérprete, mas eu sinto que eu precisava estudar antes para ter um certificado. Eu sentia que precisava mais, ali era só para um comprovante de que eu trabalhava naquilo. Então, quero dizer, que a minha experiência contou com formação. Eu tive que aprender no dia a dia, no contato, na lida com os surdos, com a necessidade. Então a minha formação foi já na atuação, em contato com outros profissionais. E a gente trocava ideia e assim a gente se formou.

- E como era esse contato com esses outros profissionais.

- Sempre tinham aqueles que tínhamos mais afinidade e alguns que era mais conturbado, gostava muito de competir, de colocar defeito de dizer: o fulano é bom, o cicrano é ruim. A interpretação é assim, é assado mas, a verdade é que eu sentia falta de que houvesse grupo ou uma união com os intérpretes, para que a gente pudesse socializar e fazer trocas de experiência e até de sinais que a gente usasse no dia a dia do nosso trabalho. Então, onde eu trabalhei, em um colégio eu tive contato com surdos que eram professores de Libras, que socializava com eles, então ajudaram muito também. Esses surdos ajudaram muito. O contato com os surdos que eram fluentes é que ajudou de fato.

- E esses intérpretes que você trabalhava e você disse: tem uns que eram mais parceiros e outros que gostavam de competir de apontar.

- Depois da ligação ficou tão baixa a tua fala.

- Não está no mesmo jeito?

- Depois da ligação ficou baixa.

- Melhorou agora ou não? está me ouvindo bem?

- Eu escuto um pouco longe, mas escuto.

- Deixa eu pegar o fone de ouvido, então. Espera aí.

- Foi depois da ligação da minha filha.

- Eu vou pegar o fone de ouvido espera aí. Ouve bem agora?

- Melhorou um pouco.

- É porque tem um microfone, vai direto a voz nele. Pronto. Eu estava perguntando para você, porque você disse que quando começou a trabalhar no estado, aí trabalhava com outros, tinha contato com outros profissionais também. E você falou assim: aí tinha uns que eram mais parceiros e tinha outros que eram mais competitivos e ficavam apontando que a interpretação de fulano era boa, a interpretação de cicrano não era boa. Como era isso?

- Deixa-me lembrar. Assim: sempre tinha aqueles que que não ajudavam e que criticavam a atuação do colega e não somavam. Deixavam o outro nervoso, como que: eu sei mais do que você e não ajudo. E não vou ajudar. Porque essa questão era assim: tinha uns que tinham mais experiência, eu percebi que eles tinham muito contato com outros surdos mais experientes, surdos que tinham mais acesso à educação, estudavam, faziam faculdade, então eles tinham mais fluência. Mas também não tinham a disponibilidade e nem aquela vontade de querer estar compartilhando o que eles sabiam com os outros. Era mais aquela questão de competição, de querer ser melhor e com uma questão de ter mais oportunidades de trabalho. É mais a competição nesse sentido: vai aparecer tal oportunidade, então eu vou pegar, não vou dizer para ele que tem, porque aí tem menos pessoas, menos concorrência. Era mais essa questão aí, entendeu.

- E aí vocês trabalhavam, vocês interpretavam juntos?

- Oi?

- Vocês interpretavam juntos?

- Geralmente no estado a gente ficava em salas diferentes. Cada intérprete ficava numa sala diferente, acompanhando um aluno surdo. E a gente tinha que trabalhar junto mais em eventos que fosse haver na escola: alguma palestra, ou outros eventos que houvesse lá na escola - reuniões pedagógicas que a gente tinha que participar, interpretar para professor. Tinha duas professoras surdas lá, então toda reunião a gente tinha que trabalhar, tinha que interpretar. Mas, geralmente, na maior parte do tempo, era é cada um por si.

- É porque eu fiquei pensando, porque você disse que eles ficavam avaliando - a interpretação do fulano é boa, interpretação de sicrano é boa... fiquei pensando como eles viam. É porque nos eventos vocês estavam juntos não é?

- É.

- E depois que você teve o PROLIBRAS, você falou que ainda se sentia como se tivesse feito uma prova sem estudar. Que foi a sua atuação que contou como formação para isso. Daí você falou de um contato com outra intérprete que hoje é professora que ajudou você. Fala mais um pouco sobre isso para mim.

- É. Quando eu trabalhava então na escola tal, eu interpretava para uma aluna, Kitty, ela estava no último ano do magistério, na época ainda tinha quarto ano, não era só até o terceiro. Isso, acho, em 2009 e essa professora, Lela ela é professora e ela é intérprete. Na época, ela estava fazendo alguma pesquisa de mestrado e ela fez comigo. Então eu gostei muito, porque a Kitty apresentou o TCC e ela ajudou a Kitty e a mim também. A gente fez a pesquisa do trabalho, ajudou a Kitty a fazer a pesquisa do trabalho e ela ajudou também nos sinais que ela devia usar. E a gente pegou muitos sinais que ela passou para a gente. Aí foi muito bom nesse ano, porque já trabalhava nas escolas, então a gente trabalhava muito isolado. Por exemplo, nessa escola só tinha eu de intérprete, então nem tinha outro intérprete, para trocar nenhuma ideia e eu nem tinha um grupo de apoio para dizer assim: qual o sinal disso aqui? Quando que você faz isso. E quando aparecia alguém, era bom estar com alguém da área, que eu pudesse compartilhar alguma coisa.

- E aí você falou que foi bem diferente quando você entrou na universidade na UFXX. Fala mais para mim dessa sua nova experiência, nova atuação.

-Para mim está sendo. E no início foi bem diferente, porque a gente trabalha com... foi tendo contato com todo mundo, com a equipe. E a gente aprende uns com os outros. A gente compartilha conhecimentos e eu tenho tido contato com todos e tendo acesso também a formações também, que são realizadas para os intérpretes, tendo contato com surdos que são proficientes na Libras, então, tudo isso faz com que eu cresça muito mais. Então eu fico até pensando assim: meu Deus, por que eu não tentei antes, consegui assim um trabalho nessa área, assim nessa esfera? Porque eu confesso que eu tinha medo quando as pessoas diziam assim: vamos trabalhar no IF. Tinha um amigo que dizia: vamos, tem uma vaga, eu boto você lá. E eu, comigo: não, não vou. Porque eu não me sentia preparada. Eu disse: não, vou não. Na época eu tinha passado no concurso da prefeitura que estava tentando ainda entrar, porque na época não tinha ainda o diploma, na época, uma amiga minha conseguiu entrar depois, quando o diploma saiu, eu não consegui. Aí eu dizia não, eu evitava de sair da minha comodidade, porque eu digo que você trabalha no estado, é claro, você trabalha porque precisa, mas, na área da gente, por questões de você desenvolver profissionalmente, você não desenvolve. Isso porque eu não me sentia preparada, eu achava que eu não era... Eu não conseguiria dar conta. E, quando surgiu a oportunidade da UFXX, eu fiz com a cara e com a coragem, porque eu estava sem trabalhar há uns 4 anos, que eu tinha saído na época que meus pais foram para o interior, quis ficar em casa com as meninas, não deixar elas só. E Lene veio para cá e eu consegui para ela ficar no meu lugar no estado. Aí eu, depois de 4 anos, falei: vou trabalhar, eu estou precisando. E surgiu essa oportunidade e foi a surpresa quando deu certo. Mas, foi a surpresa maior ainda o aprendizado que eu tive, que continuo tendo. Porque todos trabalham. Claro que existem as imperfeições, mas eu vejo muito mais a ajuda, todos querem crescer juntos, porque o que uma falha reflete sobre todos. Mas, assim, a ajuda, profissionalmente falando, de desenvolvimento e aprendizado é grande. E eu amo ir acompanhando, a cada semestre, disciplinas diferentes e áreas diferentes, que se vai aprendendo sinais diferentes, coisas diferentes, eu estou gostando muito dessa experiência.

- E aí você falou também que tem as formações também que ajudam muito. E falou duas coisas que eu achei superinteressantes, que eu senti como se fosse uma mudança para você, que você disse que quando começou, estava assim - antes você dizia: não, eu estou intérprete, mas eu não me sinto intérprete. E você falou que tem um ano que está na UFXX, mas, hoje em dia, você se vê mais como intérprete do que como professora. Eu achei isso tão legal. E, também, você falou assim: a gente tem muita troca, está todo mundo querendo crescer junto e tem as formações que a gente tem acesso também. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso.

- A questão das informações que gente troca, porque é uma equipe grande e que todos estão envolvidos no trabalho, e cada um tem experiências diferentes, em áreas diferentes, então parece um círculo. Eu passei por uma disciplina agora, então tenho experiência e tenho um acesso aos sinais. No próximo período, eu não vou precisar, mas um outro colega vai precisar, eu vou passar para ele o que eu aprendi. E os sinais de que eu tenho acesso, eu passo para os outros que estão precisando. A questão das formações também, são muito importantes. Porque a gente, no meu caso, que eu entrei agora na UFXX, sobre questões de logística de departamentos, de gerenciamento, então, para mim, é tudo novo. E a cada formação, a gente vai entendendo melhor como funciona dentro da universidade. Embora eu tenha uma graduação, mas a minha graduação foi totalmente à distância, então várias coisas lá dentro da universidade, eu não conheço, eu tenho dificuldade de me localizar, de saber o que é, para que serve. Eu fiz à distância e foi à distância mesmo. Meu polo era em um interior, eu ia só para fazer prova. Então, as formações são muito importantes para a gente entender como funciona dentro da universidade, o trabalho da gente, onde a gente pode, é, os setores que a gente tem que ir, onde se localizam as questões também principalmente.

- Eu agradeço demais a sua participação, fico bem contente, você não faz ideia de como o seu relato é de ajuda para mim.

- Eu me sinto intérprete agora, mas antes eu não sentia. Os últimos anos que eu trabalhei foi em uma escola aqui perto, eu acho que um ano só na escola. Agora é tranquilo. Essa mudança na minha mente se deu há pouco tempo, mas não faz tanto tempo, porque, justamente, essa formação inicial foi dessa forma não é.

- No caso a formação inicial que não teve, não é?

- A gente foi, a gente percebeu o diploma sem ter feito o curso. Isso foi na prática, foi na vida.

- Ai, coisa boa Tils 3. Agora a gente está na parte só de uma conversa mais livre mesmo. Eu achei tão legal você falar isso eu me sinto intérprete agora que antes eu não me sentia. essa mudança faz pouco tempo. você consegue pensar o que que fez você mudar assim, o que deu essa virada para você de: não, agora eu sou intérprete, eu sei que eu sou.

- Eu acho que quando eu tive contato com surdos assim mais experientes e eu conseguia realmente conversar com eles, entender o que ele eles diziam e, claro, ver os surdos estudando na universidade, fazendo é graduação, fazendo pós. Então, é como se eu visse que o que eu aprendi fosse realmente algo que serve, que a Língua de Sinais é uma língua, que realmente é um idioma e que eu sei me comunicar com eles e ajudo. Eu fiz um projeto na escola que eu trabalhava, foi em 2016. Para você ver como era, porque na escola do estado, o contrato da gente era como professor intérprete de Libras, então até nisso não ajudava, então era assim. Aí até hoje tem esse projeto no estado - mestres da educação. E a diretora era muito, muito carrasca,

e ela não tinha respeito pelo trabalho da gente. Chamava a gente de intérprete. Dizia: mas hoje, o intérprete é um recurso didático. E botava a gente para andar para lá e para cá. Uma vez ela me colocou para interpretar duas provas diferentes na mesma hora. Nessas provas, foi prova Brasil para medir o Ideb, cada surdo recebeu uma, eu pegava, lia, interpretava, toma. Aí eu fiquei: meu Deus, pronto, não sei se estou... se essa mulher não está sabendo, então era aquela coisa assim. Foi aquela questão, você tem que saber seus limites. Não tinha aquela coisa assim de... me defender, dizer não, olha só, você tem que entender como é que funciona o nosso trabalho, nosso trabalho não é assim. Nem isso a gente conseguia fazer. Eu digo isso porque as meninas também não falavam nada. Quando foi no último ano que eu trabalhei lá, por 2016, eu disse: eu vou fazer esse projeto, escrever, porque no meu contracheque tem professor intérprete de Libras. Professor de Libras, nem intérprete. Aí eu fiz o projeto com a ajuda de outra intérprete, que ela vai colocar nas normas direitinho para mim, espera, tive houve consulta com os dois alunos surdos que eu acompanhava na sala de aula, eu preparava cartazes com eles, preparava material, fazia um monte de coisa lá com eles, tiravam fotos tudo para poder registrar e receber. Eu ganhei, era um salário que a gente recebia no final do ano, além do nosso salário do mês. A atuação da gente era assim, meio lá e meio cá. Mais como professor do que como intérprete, porque até as pessoas deixam muito na nossa mão, em escolas fundamentais. Mas quando você vai para um ensino médio e superior, você acaba conseguindo atuar realmente como intérprete. Você deixa de estar ali também ensinando. Você começa a atuar também como intérprete. Mais como intérprete. Você deixa de ser mais professor para ser intérprete mesmo.

- Uhum. Porque é o que você falou, que sentia que não tinha um limite claro, de dizer: não, a minha atuação vai até aqui, não vai passar disso daqui... é bem diferente na UFXX, não é?

- De que?

- Nesse sentido de ter os limites claros – não, é até aqui, passou daqui não vai, a gente não vai fazer, a gente não trabalha dessa forma, não é. Todo mundo tem que dizer a mesma coisa.

- Quem já tem experiência passa isso para a gente entendeu. Eu digo isso no meu caso, porque a gente não tinha essas pessoas assim que tinham a experiência de dizer: não, você não... isso aí está errado, o trabalho da gente tem de ser assim, assim e assim. isso aí não é possível fazer, isso aí ...entendeu. Aí é esse tipo de coisa que a gente, que eu, pessoalmente, estou aprendendo. Que é uma coisa importante de se passar para uma formação de intérprete, porque geralmente o que é que eles passam para a gente: o código de ética do intérprete. Que você é um robô, é um fantoche, então aí você só tem obrigação. Você não tem direito a opinar nada, a impor limites é como se fosse isso não é.

- Uhum. Eu tenho muito problema com esses códigos de ética deônticos. É: deve/ não deve; faz/ não faz. Mas não cabe tudo ali naquelas caixinhas e a gente precisa refletir, a gente precisa pensar: e aí, quando surge essa outra situação, a gente vai fazer o quê?

- É tudo novo ainda não é.

- Uhum. Eu acho que eu não tenho mais nada para perguntar não.

- Pois é essa história.

- E você começou em que ano Tils 3? você começou em que ano?

- Eu comecei o que?

- A ter contato com a Língua de Sinais.

- Deixa eu lembrar... no segundo ano do médio então foi 90 e... acho que 93. Foi 94.

quase 30 anos.

- Imagina vai fazer 30 anos por aí. Que legal Tils 3. É bem a história do começo da trajetória do que foi o intérprete, que nem era intérprete, nem existia ainda.

- A gente, quando ia interpretar, aí a gente usava camisa branca. Tu não lembras desse tempo não? Tu não és desse tempo não?

Não, eu comecei a ter contato em 2003 e eu ingressei mesmo na Língua de Sinais em 2005.

- Eu nem sei, meu Deus já tinha passado 10 anos. Eu vou mandar as fotos para que tu vejas. A gente se achando.

- Tils 3, e quando você se viu assim nessa situação que ia lá para o prédio da congregação, ia aprender e tinha as duas que eram fluentes, depois quando você foi para o interior tinham duas que eram fluentes e aí elas iam ensinando. No caso já era Libras?

- Sim já.

- Já era Libras, ensinando para os outros. Você também interpretava nesse período?

- Eu interpretava, no caso, antes. Eu fui para lá em 95. Pronto, foi logo no início, antes de ir para lá, eu tinha acabado de ter contato na verdade, com a Língua de Sinais. Quando eu tive contato no finalzinho do ano 94, digamos, aí fui para o interior já no final do ano, início do outro e aprendi com as irmãs lá no interior, aí ensinei para surda, tive contato com a surda. Aí quando voltei para cá em 96, ainda ajudava o pessoal aqui na congregação, mas essas 2 irmãs elas já trabalhavam nessa outra capital, porque lá em começou muito antes, lá é muito avançado. elas eram fluentes.

- Aí você ajudava o pessoal na congregação, você interpretava também? tinha surdo na reunião?

- Tinha.

- Aí você interpretava também lá?

- Em um interior, sim, no outro, não. Eu só ia na casa da surda. Mas aqui na minha cidade tinha uns três, quatro surdos que iam para a reunião, aí a gente fazia na parte de trás. A gente passava a reunião para eles. Tanto que teve até dois surdos que se batizaram.

- Legal, e como era, quando você foi começar a interpretar, como era para você?

- Aí eu gostava. aí eu gostava.

- É diferente de quando você foi para o estado? não é porque aí já eram outras pessoas e aí você disse tinha uns que deixavam alguns nervosos. Você era uma das que ficava nervosa?

- Não, ficava chateada, mas eu não ficava nervosa. Mas percebia sabe, os que gostavam de ficar conversando demais.

- Uhum. Está bom. Pronto, então a gente pode encerrar aqui Tils 3. Eu agradeço demais, demais, demais a sua participação gentil na minha pesquisa, vou interromper aqui a gravação viu

Entrevista Tils 4

-Vou projetar aqui o termo de consentimento livre esclarecido, para poder ler pra ti, certo?

- Certo.

- Depois eu vou explicar, rapidinho, como é. É bem tranquilo. Às vezes as pessoas ficam nervosas, achando que precisam se preparar, por ter o nome de entrevista, mas é uma pesquisa narrativa, então a pessoa vai apenas contar a história dela.

- Ótimo. Já estou cansada de contar essa história, então, já sei de cor e salteado.

- Então está ótimo. Já está acostumada com ela, e realmente...

- Já está na ponta da língua.

- Vou projetar aqui.

- Está bom.

- Está conseguindo ver?

- Estou.

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente

feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Temos essa parte aqui, a parte da conversa. Do relato da sua narrativa; existe também um questionário que é do Google forms, e se você quiser responder também vai ajudar bastante. Mas nenhuma das partes é obrigatória e existe um pequeno experimento de tradução, mas que se você não tiver tempo, também não tiver interesse de fazer, não tem nenhum problema. É como disse, não é obrigado a participar de nenhuma das fases da equipe. Inclusive depois você dizer assim, ai não Polly, não vai dar, eu acho melhor você não publicar resultado relacionado a mim, não tem problema também.

- Tudo bem.

- Essa parte final do termo, é a parte da sua fala:

Considerando, que fui informado(a)dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Após a nossa conversa, eu envio o termo para você por e-mail, certo?

Antes de começarmos, ficou alguma dúvida sobre essa parte?

- Não

- Então eu vou parar o compartilhamento. Agora, vou apenas explicar como é esta parte da conversa contigo. Ela tem 3 momentos - em um primeiro momento, você vai me contar o seu relato, você vai me contar a sua narrativa de como foi o seu começo, como foi até você desenvolver sua competência tradutória. Eu não sei se você é familiarizada com o termo.

- Sim, tranquilo,

- É que, às vezes, o pessoal acha que quando fala em competência tradutória, tem que ser a tradução audiovisual e não é assim. Pode ser a interpretativa, a competência tradutória intermodal. É só essa expertise mesmo que separa o tradutor do bilíngue normal. Então, você vai me contar o seu relato, eu vou fazer algumas anotações e não vou te interromper, vou deixar meu microfone fechado até, para evitar ruído, porque às vezes passa um carro de som, grita um vizinho, um cachorro late etc. Depois disso, provavelmente vai ter alguma coisa que você me falou que eu vou querer saber mais sobre aquilo. Daí, vou dizer: Tils 4, você falou sobre isso, você pode falar mais sobre isso? E você fala novamente.

- Certo.

Fique à vontade, não fique preocupada, por exemplo, achando que algo não é importante, vai só tomar o meu tempo etc. Pode falar à vontade. E um terceiro momento, é uma conversa mais livre depois que a gente terminar aqui. É que, às vezes, após o seu relato podem surgir algumas coisas que eu vou te perguntar mais especificamente, quando estivermos conversando. Talvez eu fale algo do que estamos pesquisando e isso faça você lembrar de algo que ainda não falou, pode ficar à vontade para falar.

- Certo.

- Caso você queira também responder ao questionário depois, eu te mando quando concluirmos. E, se você quiser saber mais sobre a minha pesquisa, vou te mandar um PowerPoint. Só que eu vou te mandar só depois de você terminar todas as fases. Portanto, se você quiser participar do experimento de tradução, vai ser só depois dele. se você quiser só fazer apenas a entrevista e o questionário, vai ser só depois do questionário. Se você quiser fazer apenas a entrevista, depois que terminar aqui eu mando para você o powerpoint.

- OK.

- Pronto, meu bem, é só isso, agora é com você.

-Vou começar formalmente, como eu sempre começo: sou a Tils 4, tenho 34 anos, estou inserida dentro da comunidade surda há cerca de dezoito ou dezenove anos. Começou quando eu trabalhava como menor aprendiz numa empresa, aos catorze anos. Minha família nunca teve muitas condições, então, comecei a trabalhar cedo e, dentro desse programa menor aprendiz, existia um curso também que fui fazer no Senac para agregar ao meu trabalho. Estava ainda no ensino médio. Então, eles disseram que a gente teria um módulo de Libras bem curtinho, bem básico. Um professor surdo dentro de um curso de dois anos. Eu nunca tinha ouvido falar. Não tinha ideia do que era, nunca tive contato muito próximo com nenhum surdo, mas fiquei muito empolgada com aquela possibilidade. E naquela época, dezoito a dezenove anos atrás, não tínhamos muitos recursos para aprender, para pesquisar. Então não existia: O YouTube, internet, smartphones, aplicativos que a gente tem hoje para fazer as pesquisas. Você pesquisa um sinal, aparece o Hugo sinalizando. A gente não tinha esses recursos. um grande recurso, eram aqueles dicionários bem grandes do Capovilla, de papel mesmo, que os desenhos não têm muito movimento. Então esse era o maior recurso que a gente tinha na época, para conseguir pesquisar algum sinal. Eu fiquei muito empolgada e ficava anotando as palavras que eu entendia, os sinais das palavras, os recursos que me fariam lembrar daquele sinal: mão na boca..., mas eu nunca imaginei que existiam os parâmetros linguísticos que eu poderia utilizar. Eu quase escrevi os parâmetros sem conhecer os parâmetros: Qual era o ponto de articulação, enfim. E eu ficava treinando na frente do espelho em casa, minha família começou a achar que eu estava maluca, porque eu ficava na frente do espelho, treinando as expressões, os sinais. Eles entendiam muito bem o que era aquilo e se aquilo tinha campo. Então eu nunca fui muito encorajada pela minha família nesse ponto, de falar: olha que legal, ela está interessada nisso, vamos investir para que ela aprenda. Eles não tinham condições financeiras, o que era primeiro impedimento. O segundo impedimento era que a minha família era uma família muito simples. Geralmente, quem não tem educação, a educação no sentido da área de educação mesmo, não valoriza a educação. Então eles nunca foram assim, os grandes incentivadores para que eu pudesse aprender Libras. Existia um único curso na minha cidade que é do interior de São Paulo. E eu lembro exatamente que custava cinquenta reais, parecia uma Fortuna para a minha

família. Eles disseram: não, a gente não vai investir nisso. Você não conhece nenhum surdo. Isso não dá nenhum futuro. Então eu parei. Eu ficava estudando só aquilo lá, mas uns dois anos se passaram assim. Eu estava dentro de uma igreja católica e vi um grupo de surdos sinalizando com uma intérprete e eu fiquei encantada com a agilidade. Na minha cabeça, a maior dificuldade da Língua de Sinais é a rapidez de entender. Será que as pessoas conseguem captar com os olhos tudo isso que está sendo sinalizado nessa pressa, nessa rapidez? Então, na minha cabeça era assim: se um dia eu conseguir entender nessa agilidade, aí vou ser muito boa nisso. Eu não imaginava que existia uma gramática, que existiam várias outras regras, uma profundidade nessa língua. Que não era só agilidade. Só que ao término dessa missa, eu fui conversar com os surdos o que eu sabia, que era bem basicão - oi, tudo bem? Onde você mora? Eu já achava que eu já sabia muita coisa. E uma senhora, que estava acompanhando os surdos, fazia parte da pastoral dos surdos da minha cidade. Ela me convidou a participar: Olha, você não gostaria de estar junto com eles? Temos as missas todo domingo que a gente se reúne na catedral, no centro da cidade. E, eu fui mãe muito nova. Eu me casei muito nova. Então, aos dezesseis anos, já estava casada. Aos dezessete anos, já estava grávida, então todas essas coisas me impediam, porque era longe. Eu era dependente do meu marido na época. Mas enfim, aceitei o desafio e comecei a frequentar essa pastoral dos surdos. Então eu fiz o caminho inverso, não é? Não tive uma formação, não teve essa coisa de: eu vou conviver com a comunidade surda e depois eu vou trabalhar na área. Não. Eu fui, aos poucos, me interessando, convivendo e eu fiz o caminho um pouco inverso.

Então eu cheguei nessa catedral, nessas missas, eu ficava observando atentamente o intérprete o tempo todo. E tinham os surdos que estavam em cada semana me ensinando os sinais. Eu pegava o folhetinho da missa, anotava tudo que eu não sabia. Eles ensinavam, eu voltava para casa, e a Lizzy, minha filha, já nasceu no meio dos surdos. Então, ela nasceu, os surdos, já foram visitar a ela, na festa de um aninho dela, tinha um monte de surdos, os filhos dos surdos brincavam com ela na igreja enquanto a gente estava na missa. Então, ela pequenininha já sinalizava para essas crianças. Eu ficava pensando: como é que ela sabe que eles não ouvem? Ela era muito pequena, era muito involuntário, eu ficava observando-a sinalizar, pensava: meu Deus, ela está brincando de boneca, apontando os brinquedos. Ela com 2 aninhos, 3 aninhos. Era muito interessante para mim. Eu não conseguia nem imaginar como que ela tinha essa consciência que essas crianças não a escutavam. Eu fiquei cinco anos trabalhando nessa pastoral e a gente fazia todo tipo de trabalho. Ia com surdo na reunião de pais, no advogado, no médico. A gente fazia as nossas festas: Festas Juninas, festas de Natal, amigo secreto, tudo ali com a comunidade surda católica do local. E aconteceu que a intérprete dessa pastoral acabou..., ela era a única intérprete, eu auxiliava, mas não tinha competência para assumir esse papel, e ela ficou... Ela veio a falecer. E aí eu assumi lá, acabei assumindo lá como intérprete porque não tinha uma outra, tinha a coordenadora, mas ela é não interpretava, sabe? Ela coordenava tudo, sabia Libras, mas ela não a interpretava, falou: Tils 4, vai ter que ser você.

E aí foi aí que eu comecei a participar de alguns cursinhos de formação, sabe, workshops? workshop aqui, workshop ali, mas já estava meio que atuando. Eu lamento muito, tadinhos desses surdos. Quando a gente conta isso hoje é um crime, não é? A gente não encoraja ninguém a fazer isso hoje. Só que naquela época a gente não tinha nenhum tipo de outro recurso. Então, hoje eu falo para as pessoas, olha, esteja preparado antes de atuar. Mas ou era isso ou não era nada naquela época, não é? Hoje, graças a Deus, a gente tem mais pessoas, tem uma

demanda maior, tem mais profissionais na área, mas a gente realmente não tinha. E, a partir daí, eu trabalhando bastante nessa pastoral dos surdos, surgiu a oportunidade, caiu no meu colo. Eu trabalhava no comércio, 10 horas por dia com uma filha pequena, e eu acredito que muito que eu plantei ali eu colhi. Porque o bispo da diocese me indicou para uma televisão que é a emissora tal de televisão, que ainda, existe. Que a cabeça de rede é em tal cidade, que é uma cidade do interior, mas ela veicula a televisão para rede nacional. Para o Brasil todo. Eles queriam colocar intérprete de Libras nas missas, no terço, em alguns programas, no jornal também. E aí eles contrataram a mim e a uma outra colega que chegou na pastoral. O nome dela é Charlotte. E aí eu comecei a trabalhar na televisão, sem formação, sem nenhuma experiência. Só que eu cheguei nessa televisão, e o meu marido, naquela época, contando um pouco meu lado pessoal, era extremamente machista, não queria que eu trabalhasse, mas achei que ele colocava vários impedimentos para os meus cursos de formação: A gente não tem dinheiro; a nossa filha é pequena; não gostaria que você fosse. Então cheguei nessa televisão e falaram: olha, você vai trabalhar aqui com a gente, mas todo mundo que trabalha aqui com a gente tem curso superior. Você precisa escolher um curso e a gente vai pagar. Então foi um divisor de águas na minha vida, eu ter entrado para essa televisão.

Eu lembro que na época eu ganhava três mil reais, que parecia uma Fortuna, naquela época, e ainda tinha convênio médico, ainda tinha a faculdade que eles pagavam para mim. Eu não trabalhava muitas horas, trabalhava poucas horas por dia. Então fiquei nessa TV, acredito que uns 5 anos, eles pagaram na minha faculdade para cursar. Na época, ainda não existia o Letras – Libras, o curso veio depois. E aí eu fiz pedagogia. A escolha que eu fiz foi pedagogia, por ser o mais próximo daquilo que eu pensava ser da área do surdo. Pensei: eu faço pedagogia, depois eu faço uma pós em Libras. Eu acho que nem existia ainda, não me lembro disso. Faço uma pós em Libras e está tudo certo. E aí foi onde eu entrei para pedagogia, fiz mais alguns outros cursos fora de Libras e aprendia muito na minha troca com essa outra intérprete que trabalhava lá. Quando eu saí da televisão, eu saí, porque eu me divorciei na cidade onde morava e eu precisei mudar de cidade. Meio que por uma situação conturbada. Meus pais moravam em outra cidade do interior de São Paulo, que é a cidade que eu moro hoje. Daí eu tive que trabalhar, fazer faculdade, estudar, cuidar de filho pequeno e trabalhar na televisão. E a televisão é sábado, domingo, feriado, todos os dias. Nisso, os meus pais falaram - vem para cá porque a gente ajuda a cuidar da Lizzy enquanto você estuda e trabalha. Então abandonei o trabalho na televisão, pedi as contas e vim morar nessa cidade atual. Voltei a morar com os meus pais, com filha pequena, aquela situação. Eu acredito que eu não estava bem comigo mesma nessa época, porque os surdos me... Eu me sentia muito sufocada por toda a situação, entende? Porque era um trabalho voluntário, mas até então eu não sabia equilibrar. Hoje, graças a Deus, eu sei como equilibrar o trabalho voluntário com o meu trabalho profissional, com a Tils 4 mãe, que tem que cuidar de filho, com a Tils 4 estudante que tinha que estudar pedagogia... enfim, eu tinha muitas demandas, eu não sabia... Eu me sentia sugada pelos surdos. Eu digo isso, com toda sinceridade do meu coração, porque era como eu me sentia. Porque eu não tinha como, eu não conseguia dar um limite para isso, sabe? Eu pensava, eu me sentia muito mal em falar não, também. Eu pensava: Como é que eu vou falar não, eles estão precisando de mim. Mas eu estava sobrecarregada. Vinha mudando de cidade, mal imaginei que eu mudei para a cidade que é referência no implante coclear no Brasil, que é essa cidade, e os surdos do Brasil inteiro vêm para cá para fazer implante. Eu nem imaginava isso. Não tinha conhecimento disso. Eu fui fugir de surdo na cidade que tem um monte de surdo. Só que eu cheguei muito traumatizada, acredito, pelas minhas... pelo momento que eu estava vivendo. Divórcio, eu precisava terminar a

faculdade com filho pequeno, voltando a morar na casa dos pais. Eu falei: não quero mais saber de surdos, não quero mais saber de Libras e não quero mais estudar isso. Não quero nem saber. Eu fiquei dois anos assim, fingindo que eu não sabia Língua de Sinais. Fiquei dois anos totalmente assim: se eu visse um surdo na rua, só que engraçado, não é, porque as pessoas falam: eu nunca vi um surdo. Eu falo: não é que vocês não viram. Vocês nunca os notaram. Eles estão por toda a parte, só que como você não tem interesse, ou nunca foi atrás, você talvez não perceba. Eu percebo surdo em tudo quanto é lugar. E aí eu ia no mercado, via surda; chamava um Uber, era surdo; todo lugar surdo, surdo, surdo, me perseguindo. E a Lizzy falava para mim: mãe, você não vai lá falar com ele? Então eu não tenho nenhum orgulho de contar isso, mas foi uma fase que eu vivi. Essa é a verdade. Eu ignorei completamente a existência da Libras e dos surdos na minha vida, eu queria esquecer. E comecei a trabalhar.

Como tinha pedagogia, comecei trabalhar numa escola convencional no ensino fundamental. Ensinava as crianças a ler e escrever, enfim, formei. Depois eu fiz uma pós-graduação em Libras à distância, EAD. E acontece que assim, dois anos depois disso, uma amiga minha estava precisando de um auxílio, e me chamou para ir a uma igreja evangélica, mais para acompanhar a ela. Era uma igreja bem longe da nossa casa. Ela queria fazer uma visita, era um tema que ia ser pregado sobre família, e eu falei: está bom, vou te acompanhar. Chegando lá nessa igreja com a pastora falou assim... ela nunca tinha me visto, nunca a vi, nunca fui à igreja dela, nem conhecia ninguém lá, ela falou: nessa noite eu tive um sonho, que nessa igreja ia ter um ministério de surdos. Porque existem muitos que moram aqui ao redor, mas não vêm porque não tem intérprete. A gente não tem quem faça esse trabalho e tal. Minha amiga já doida para fofocar que eu sabia. Eu falei para ela: não fala nada. Primeiro que eu não quero saber de surdo; segundo que eu não sou crente. Falei, como é que eu venho, quando venho na igreja de crente, ou então saio lá do outro lado da cidade, atravesso a cidade para vir aqui, não tenho nenhum interesse.... Mas assim, Eu Acredito que existem pessoas que são executoras do nosso destino, em algum momento entram na nossa vida para fazer a gente executar uma rota. E essa pastora foi uma dessas pessoas, porque depois ela soube né, a minha amiga contou para ela, ela soube que eu sabia Libras. Mas ela não veio me pedindo nada, pedindo para trabalhar, pedindo nada. Ela só veio falando para mim que queria me conhecer melhor. E me convidou para marcar um horário com ela, uma reunião. Eu lembro exatamente o dia. uma quinta-feira, trabalhava o dia inteiro na escola, saí do trabalho, fui direto para a igreja só para conversar com ela, para a gente conversar, para orar por mim, eu contar minha vida para ela. Foi isso o que aconteceu.

Contei minha vida, que eu não trabalhava mais com surdos, que eu não tinha interesse, que eu me sentia muito sobrecarregada, que não tinha mais tempo, tinha outras prioridades. E aí que ela falou para mim assim: mas eu falei para dois surdos que você ia estar aqui hoje, eles ficaram... queriam muito te ver, conhecer. Pensei: ferrou. Agora fiquei procurando um lugar, uma aresta na janela para eu fugir. Pensei: meu Deus, e agora? Agora, se eles vão saber que eu sei Libras, vão começar a me mandar um monte de mensagem. Já existia smartphone, vão me ligar na webcam o dia inteiro, e eu vou voltar a não ter mais vida, porque eu não sei falar não. Eu não sei falar que eu estou ocupada, que eu não posso atender. Eu botei os meus pés para fora, e tinha esses dois surdos lá. Os olhos deles até brilhavam, acredito, pela fé que eles professam; por estar dentro da igreja; pela necessidade de querer estar ali e não ter ninguém que fizesse esse trabalho. E conversei com eles ali, o básico total. Eu me apresentei, eles também, ia começar um culto em instantes. Aí, um deles, o nome dele é Lennon, eu nunca vou esquecer

esse surdo, ele é meu amigo até hoje. Fui madrinha do casamento dele depois. Ele falou assim para mim: Tils 4, vai começar um culto daqui a pouco, você interpreta só um pouquinho para gente, só um pouquinho. Pensei: nossa, ferrou, nem sei se eu sei mais Libras, dois anos parada, sem sinalizar nada. Interpretar ainda. E outra, lembra que até então, eu nunca tive formação de tradução, nunca tive. Até então era convivência, contato, muito contato, muita convivência, pedagogia, nada a ver com Sinais, não é? Não era pedagogia bilíngue, era simplesmente curso de pedagogia, então falei: nossa, lascou. E o pastor me autorizou, então interpretei aquele culto inteirinho para ele. Quando acabou aquele culto, eu tive vontade de ajoelhar no chão e chorar, porque eu estava muito emocionada. Emocionada no sentido de pensar: nossa, por que eu fugi tanto tempo disso? É isso aqui o que eu tenho que fazer. Esse é o meu lugar. Eu sei que é o crime dentro da vida acadêmica a gente falar isso aqui é minha missão, não é? Mas eu não falo só como missão de enxergar os surdos como inferiores ou superiores ou iguais, não é isso. Missão no sentido de propósito de vida. Quando, sei lá, você escolhe ser médico - Poxa, eu estou aqui dentro do meu propósito, é isso o que eu quero fazer. Você é um profissional, você está sendo remunerado, mas você está ali dentro daquilo que você queria fazer. Eu estava fazendo aquilo. Eu me sentia fazendo aquilo que eu deveria fazer e não outra coisa. Sentia que estava preenchida por aquilo com a certeza de que era aquilo o que eu deveria fazer. E aí acabou aquele culto. A gente se abraçou, eles falaram para mim: você vem domingo? Falei: meu Deus, nem crente eu sou, Senhor, nem evangélica eu sou e agora? Aí falei, ai, venho. E fui no domingo também. Já não tinha mais 2 surdos, já tinham 3. Interpretei o culto inteiro do domingo, e aí depois eles falaram: você vem quinta? Falei: venho. Vim quinta, domingo, e aí de 3 surdos, passaram a ser 30, a igreja encheu de surdo. Eu estava novamente sobrecarregada, muito cansada, trabalhava o dia inteiro, fiquei... não dá para ficar só interpretando o culto. Tem aniversário de surdo, tem os atendimentos que às vezes eles precisavam, tinha que interpretar alguma outra coisa e tinha estudo bíblico. Aí tinha alguma festa que a pastora queria que os surdos participassem, e eu não tinha ninguém que revezasse comigo, e eu falei: meu Deus, eu estou lascada. Então, eu nunca imaginei.

Hoje eu tenho escola, eu não falei isso no começo aqui, mas eu já tenho uma escola online de Libras, mas não é só Libras, curso básico, intermediário, avançado tem todo tipo de curso de formação que vocês imaginarem para surdos. Geralmente, por exemplo, algum lugar no Brasil. Se alguém pensar em acessibilidade vai falar, a gente vai lançar, sei lá o curso de sexualidade, vai botar um intérprete que já é bem legal. Só que no meu caso aqui na escola, não. Eu contrato um professor surdo que tem a formação nessa área. Então é professor surdo sexólogo; professor surdo TI; professor surdo Trader; professor surdo... enfim, de todas as realidades. um professor surdo empreendedor; professor surdo do marketing digital. Então eu tenho muitos cursos diferentes para surdos, ensinados por surdos em Língua de Sinais. Se tiver algum ouvinte lá, ele é minoria. E geralmente ele é fluente em Libras, óbvio, não? Para estar num curso que o surdo está ministrando, então assim, nunca imaginei que fosse acontecer. E não era objetivo nunca falar... Se alguém me perguntasse: qual que é o seu objetivo, ser um tradutor, intérprete? Não. Até porque eu não me sinto assim. Não me sinto tradutora intérprete. Eu era alguém que queria fazer um trabalho voluntário. Esse era o único e principal objetivo, um trabalho voluntário. Ponto. Sonhava em ser fluente? Sim, sonhava em ser fluente agora: eu vou pegar uma demanda, eu vou abrir uma empresa? Não, não, nunca imaginei isso. Vou interpretar o presidente da República? Não, nunca imaginei. Então, eu fiquei nessa igreja aí durante dois anos, trabalhando.

Em algum determinado momento, o pastor falou para mim assim: Tils 4, você não quer dar curso de Libras para arrumar pessoas para te ajudar? Porque a gente está vendo que você está sobrecarregada. E aí a gente monta o material. Falei: mas eu não sei ensinar Libras. Eu não sei nem como é que eu aprendi. Eu não tinha um passo a passo, porque eu quando eu aprendi, eu não tive um passo a passo. Foi, entre aspas, aleatório, foi contato, convivência, festa, missa... estudo bíblico e aí cada semana ia aprendendo alguma coisa nova e aquilo foi me formando... entre aspas, mas eu não tive um passo a passo. Eu falei: olha, não tenho como fazer isso, porque não tem o passo a passo, não tem material, eu não tenho nada e eu só sou professora de Ensino fundamental, alfabetizadora. Ele falou, não, a gente vai montar o material junto, e me encorajou super, porque ele me botou na parede, a gente tem que fazer isso. Eles queriam ampliar o Ministério. E aí acabamos montando o material que eu tenho, inclusive, essa apostila até hoje. Às vezes até uso ela, minha apostila de estimação. E aí eu comecei dar curso na igreja para quem queria aprender, para me ajudar. Esse era o objetivo. E aí de lá desse curso saíram muitas pessoas e nesse curso também saiu a ideia de um Congresso para a surdos. E aí a gente fez um Congresso, surdos do estado de São Paulo inteiro, vieram para minha cidade, tinha mais de 100 surdos. A gente ofereceu até hospedagem na chácara da igreja, com toda alimentação paga porque corri atrás de patrocínio de comida, de tudo que vocês imaginarem, de lembrancinha. Tudo um milagre. E lá estava eu me doando de novo. Só que aí, quando eu saí da igreja para voltar para minha cidade que eu morava antes, eu falei: agora vou voltar. Eu cheguei lá, falei: e agora vou fazer o quê? Vou dar aula em escola, vou trabalhar com curso de Libras, vou ser intérprete? Eu não sabia exatamente o que eu ia fazer. E aí um rapaz, me ofereceu uma sociedade, ele tinha uma sala para alugar e aí foi onde eu dei meu primeiro passo pra abrir minha empresa.

Eu tinha três alunos, mal pagava o meu combustível para ir, mas eu tinha muita fé de que isso ia fazer com que essas pessoas falassem para outras pessoas que era legal o curso, que eu era uma boa professora. Então hoje, eu te falar, sendo muito sincera, eu me sinto muito mais alguém professora, não professora de Libras, hoje eu me sinto professora de surdo, sei lá. Eu amo explicar. Eu amo que eles me perguntem alguma palavra do português que eles não saibam e eu explico em Libras. Eu amo que eles vão me perguntar alguma metáfora. Alguma expressão idiomática, algo sobre sexualidade que tem muitos tabus, não só para surdos, mas também para ouvintes. Mas eu comecei a fazer uma aposta minha em sexualidade para ensinar. Então me sinto alguém muito feliz em ensinando algumas questões que eu vejo que não tem informação dentro da comunidade surda, então assim, ensinei ali os primeiros cursos de Libras e isso foi se ampliando. As pessoas foram indicando a outras pessoas. E aí a escola tal me convidou para dar um workshop lá para os funcionários. Foi meu primeiro trabalho muito bem remunerado, que eu falei: meu Deus, acho que com esse dinheiro eu vou abrir a empresa real, vou abrir a minha sala. A minha escola. Porque, até então, eu tinha três alunos e ainda dividia com o rapaz que era o dono da sala, então não ganhava nada.

E eu peguei tudo. Eu lembro de um monte de dívidas, eu peguei todo o dinheiro, e falei: não vou pagar minhas dívidas, eu vou investir na minha escola e aí coloquei isso aqui. Só que, assim, o objetivo nunca foi eu dar aula. Eu queria botar os surdos para trabalhar. Mas, por enquanto, eu era pequena, então ia dar só curso básico, que era o que eu me sentia apta para fazer. E foi onde eu aluguei um lugar, um espaço na minha cidade atual, porque eu tinha mais alunos, mais procura nessa cidade. Morava na outra cidade, ficava indo e voltando para cá. Para dar essas aulas, esses cursos básicos, que era o que eu dava. Só que aí começou a aumentar

muito a demanda, me chamaram para dar aula em pós-graduação, me chamaram para dar um cursinho em outra cidade. Aí eu fechei com uma prefeitura em outra cidade, então eu ficava viajando, dando aula na prefeitura, dando aula para professores, dando aula numa pós, dando aula na cidade que moro agora, voltava para minha cidade e não aguentava mais.

Olha, minha vida social com os surdos, sempre gostei de participar, nunca deixei. Fora esses dois anos que eu parei, eu nunca deixei de estar atuante com eles: tem uma festinha de surdos, tem festa Junina de surdo, qualquer coisa, eu estou lá no meio. Enfim e aí, nesse tempo as coisas começaram a melhorar financeiramente para mim. Eu já tinha dinheiro para botar algum surdo para trabalhar comigo. Aí quando eu contratei a primeira pessoa surda na minha cidade atual para trabalhar junto comigo, então ela dava as aulas nessa cidade e eu já consegui ficar mais tempo na outra cidade que eu morava. Aí abri lá o outro polo. E eu contratei outra professora também. Então eu era professora lá, professora na outra cidade, dava aula na Pós, aquela loucura, E aí veio pandemia, eu fiquei assim... todo mundo achando que ia fechar muito aqui, acabar muito rápido. A gente ia ser vacinado rápido, que em um ou dois meses a gente voltaria a ter uma vida normal e não entrava dinheiro. Eu tinha os aluguéis para pagar, foi uma fase assim, de loucura, que gerou muita ansiedade, insônia, adquiri muitas coisas no período inicial da pandemia. Só que antes disso, antes de pandemia, eu comecei a namorar um surdo. Esse seria o nosso terceiro ano. E ele é referência na área da Libras. Eu acho que o pessoal deve conhecer, o Darcy. E ele vem de várias gerações de famílias surdas. Então quer dizer que eu tenho todo esse contato com o surdo, mas antes de namorar o Darcy, eu já namorei outro surdo, mas foi um namoro relâmpago. Então não vale entrar aqui na história, namorei um surdo, namoro relâmpago. Depois comecei a namorar o Darcy logo em seguida, e o Darcy foi alguém que me ensinou muito. A gente é muito amigo, conversa todos os dias e ele tem tios surdos, pai e mãe surdos, irmã surda e tem um ouvinte na família dele. Então a surdez deles é genética. E aí o Darcy falava para mim: vamos fazer um workshop assim, assim, assim? É online. Eu falava: eu preciso acreditar no online primeiro, sabe, para vender alguma coisa que eu amo vender. Eu tenho espírito empreendedor, marketeiro, mas eu preciso acreditar para eu vender, sabe? Não consigo mentir, para as pessoas, vender uma mentira. Então eu comecei a colocar nas minhas listas, quais eram as vantagens de oferecer um curso online - eu ofereceria professores que, presencialmente, jamais conseguiria trazer. Será que um professor referência lá de tal UF, o professor referência lá da UF tal, um professor muito bom lá da região tal. Como a gente tem aula com todos esses professores no curso? Só online a gente consegue. Então eu comecei a pensar, mas eu vou ter que pagar isso, pagar aquilo, pagar aquilo? Mas eu também pagava aluguel. E o meu medo de cortar com os meus aluguéis, acreditar 100% no online? Eu levei uns dois anos para construir 120 alunos. Eram 120 alunos fiéis ali, que acabavam um curso e começavam outro. Eu falei: agora vou jogar esses120 alunos na lata do lixo e tentar abraçar o Brasil. E se não vingar? Mas muitos desses alunos continuaram estudando online com a gente. E eu era bem conhecida aqui na escola, dentro da Libras, nessa cidade, aqui no meu estado, e as coisas começaram a aumentar. Outras pessoas do Brasil inteiro começaram a me procurar. Eu via chegando no meu celular DDD diferente, falava gente do céu... e aí comecei a fazer muita live com esse povo, e foi bem legal que eu comecei a ter contato com professores que eu sonhava. Meu Deus, eram a minha referência, pareciam pessoas muito distantes, de repente, estava fazendo parceria. Vamos trabalhar comigo. E aí eu comecei a fazer umas análises. Perguntava quanto essas pessoas ganhavam? Qual é a formação dela, porque elas cobravam muito alto, e aí quando eu vi que não era barato trazer um professor, por exemplo, professor doutor, para ministrar workshop, pensava: meu Deus, eu tenho que vender 35 cursos, sei lá,

Para pagar esses professores e quinze para me pagar. Então era uma loucura, mas eu aceitei esse desafio, sabe? Falei agora estou aqui na chuva para me molhar. Vamos ver o que que vai dar. Eu não tinha alternativa quer para o sim, quer para o não. Ou eu ficava esperando a pandemia passar, ou eu fazia alguma coisa. e foi onde eu comecei a encontrar gente. Mas eu não queria qualquer professor, sempre os bons professores, ousada, os mais caros. Eu não falo nem caro. Eles merecem ganhar o que eles ganham. Acompanhando mais, principalmente o Darcy mais de perto, quando eu conheci mais de perto, ele era mestre e depois no doutorado, toda luta, ansiedade dele para se formar, aquela batalha de um doutorando. E eu pensava, nossa, isso aqui é a árduo. Meu Deus, tem que ganhar muito bem e eles merecem ganhar o que eles ganham. E a gente paga até feliz. Por saber que galgaram tanto. Galgaram muito para chegar aonde chegaram. E aí que comecei a contratar, então o pessoal já tinha expectativa de bons cursos, porque eu só trazia bons professores. Falei, agora eu não posso cair. Agora não posso oferecer um curso mais ou menos. E aí quando eram cursos do meu namorado do Darcy, ou de quem eu era mais familiarizada com a Língua de Sinais, eu fazia toda totalmente tradução de voz, interpretação de voz. Então, o que que eu tive de formação? O meu contato e os cursos que eu fazia, minicursos. Agora se você falar: você fez um Letras Libras, Tils 4? Não, nunca fiz um Letras Libras. Eu comecei a fazer esse ano agora nesse semestre, eu com 34 anos, depois de quase 20 anos de Língua de Sinais, resolvi fazer Letras Libras agora. E a prática eu penso, até mesmo porque depois disso, eu comecei a empreender, eu nunca mais atuei como tradutor intérprete. Então, por exemplo, quando alguém me fala, Tils 4, a gente quer te trazer para interpretar um vídeo, traduzir um vídeo. É um vídeo que já está previamente gravado. Eles me mandam um vídeo para que eu dê uma estudada, gravam, então me sinto uma tradutora, não uma intérprete. Porque eu nunca mais me senti apta. Aliás, eu acredito hoje, olhando para tudo isso que eu já estudei, dentro da minha própria escola, os cursos que ofereço, é que eu não estava apta, que não era apta para fazer isso, o trabalho de interpretação, mas um de tradução, sim, consigo. Eu consigo pensar numa tradução.

Então eles mandam, por exemplo, algum trabalho que eu pego, por exemplo, esse final de semana. Agora eu fui contratada pela mesma escola de novo, que eu já sou bem conhecida lá por eles, vou lá para a cidade tal gravar. Falei para eles que eu precisava de um consultor. Já fiz alguns trabalhos, então tem alguns que respeitam esse tipo de exigência que a gente faz e outros não. Mas eles, essa escola, sempre respeitam. Falei: preciso de um consultor surdo. São 40 vídeos de 5 minutos, então é bastante coisa. Cobrei bem deles e aí um trabalho como esse, eu pego. Eles vão me mandar o vídeo hoje à noite, vou estudar amanhã. Vou levar um consultor surdo e aí eu me sinto segura para pegar e traduzir. Agora, se for uma interpretação simultânea, eu não pego esse tipo de trabalho, porque não me sinto apta mesmo. Até mesmo porque já fiz uma vez, peguei e terminei, falei meu Deus, por que que eu peguei esse trabalho? Não estava preparada. Foi uma porcaria, e aí, depois disso, são lições que a gente vai tirando. Poderia dedicar um tempo hoje para: Tils 4, você já está na área, você faz traduções, dedica aí o seu tempo, então, para você se tornar uma boa intérprete, no Letras Libras. Mas é que hoje os meus objetivos de vida mudaram. Hoje eu tenho a escola, então eu fico o dia inteiro trabalhando na administração da escola. Fico o dia inteiro vendo vídeos de surdo, que a gente tem mais de 500 alunos surdos. Então eles mandam, a maioria, vídeo, então fica o dia inteiro vendo vídeo respondendo por vídeo, imagina só. E hoje também trabalho como influencer, porque o Instagram foi crescendo ao longo desse tempo, fazendo Lives. Então eles também demandam muito tempo lá. Ser influencer também me demanda tempo. Então é o qual é o meu objetivo hoje? é de fazer crescer a minha escola E não mais me crescer como intérprete. Talvez um dia

que eu tenha muito mais pessoas trabalhando comigo, eu possa falar: agora eu vou me dedicar só isso. Então hoje eu tenho trinta professores. A maioria surdos e alguns ouvintes, intérpretes. Então na hora que eu vejo, falo: nossa, tem muita coisa acontecendo, eu não dou conta de fazer mais absolutamente nada. E é isso.

Por isso que eu me sinto uma tradutora. Pego alguns trabalhos aleatórios, como tradutora, se tiver um vídeo que eu possa estudar antes, consultar um surdo, e é isso. E professora. Gosto muito de ensinar. Gosto muito de ter essa troca com surdos, tenho prazer nisso. Mas intérprete já foi na época da igreja. Então, se for algo de igreja, dentro do contexto religioso me sinto até confortável, porque era aquilo que eu trabalhei durante anos como voluntária. Então, como eu não estava recebendo, eu acho que, na época, era aquela cobrança menor e porque sabiam que eu estava aprendendo. Então eles me corrigiam, eles me ajudavam. Tinha todo um outro contexto do que é hoje de, por exemplo, pegar uma interpretação no contexto político que eu vejo o pessoal pegando. Eu fui ao Congresso, estive no Congresso, lá em Florianópolis, eu fiquei boquiaberta com o nível de profissionais, com o nível de tradução, interpretação. Assim, chocada, pensando: meu Deus quanto profissionalismo, como essas pessoas pensam rápido para fazer essas traduções, interpretações. E a interpretação de voz foi algo que me chocou muito e eu admiro. Quero trazer esses profissionais para trabalhar comigo.

A grande maioria dos intérpretes olha para esses profissionais e fala: nossa, eu quero ser como eles. Como hoje meu objetivo mudou, eu admiro, mas não tenho mais essa pretensão, talvez, de ser uma grande tradutora/intérprete, uma grande intérprete, vamos dizer assim. E até mesmo assim, tendo um namorado surdo que é um surdo professor e tradutor, então ele dava muito palpite nas minhas traduções. Então, por exemplo, eu gravava um vídeo em Libras no Instagram, ele falava: ficou mais ou menos. Ficou faltando isso, aquilo. Então foi uma escola, namorar com ele. Inclusive, esse trabalho que a gente tem nesse final de semana agora, vamos fazer juntos, ele é o meu consultor. Eu tenho certeza de que ele vai ser o mais crítico possível, que ele era bem crítico. Então foi uma escola e tanto ter um coach surdo lá, me dando chinelada. Mas foi ótimo. É isso.

Então eu já vi aí que tem uma prova, entre aspas. Eu não ligo não, porque eu gosto de passar por provas, mas fiquem cientes, eu não sou intérprete. Ai, Deus do céu, é isso? Acho que eu falei tudo. A minha escola cresceu hoje, atendo hoje gente que o Brasil inteiro. Tive, em dois anos, mais de dois mil alunos, graças a Deus. Sou muito bem respeitada pelos surdos. Sempre tive um medo tremendo, um medo gigante de ser cancelada pelos surdos, de fazer alguma coisa que tomasse o lugar deles. Esse era o meu maior medo. Então hoje eu tenho como base no meu trabalho, não fazer nada para eles sem eles. Tem aquela tag, não é? Nada sobre nós sem nós. Escutem a nós surdos, eles lançam umas tags. Como sou influencer, estou sempre ligada nas tags. E agora, a tag do momento é privilégio ouvinte. É: escuta nossos, e tem também a: nada sobre nós sem nós. Então eu ficava pensando, nossa, eu não quero fazer.

Estou criando agora uma festa, eu vou criar uma festa para a gente. É uma festa de verão para os surdos no meu estado, junto com uma formação. Só que eu pensei, gente, eu vou fazer tudo isso, eu preciso fazer com um surdo. Já convidei um surdo para ser meu sócio, para estar comigo para esse trabalho. Então não quero realmente tomar lugar deles, nem fazer nada que os ofenda, sabe? Tenho muita essa preocupação. Acho que por isso que hoje eu me sinto muito amada, recebo um carinho surreal dos surdos que nem eu imaginava. Que, geralmente, quando eu entrei nesse mundo, eu vi que era algo como: você é ouvinte, então a gente não quer.

Ou então não é muito bem aceito. E, a partir do momento que eu fui respeitando esse espaço deles, eles passaram a admirar, a gostar do meu trabalho e comprar o meu trabalho. Tenho muitos alunos, todos compram. Eles acreditam no que eu falo, eu vou falar do curso de vocês, eles compram e acreditam. Então eu nunca quero perder essa confiança, sabe? Aquele medo de perder a confiança, de tudo que você construiu a vida inteira, fazer alguma coisa que ofenda e, de repente, ir tudo por água abaixo.

É isso, Polly. tem alguma coisa que eu esqueci de falar ou falei alguma coisa errada, alguma coisa a mais ou a menos?

- Ai, não tem como ter alguma coisa errada, porque a sua história. É a sua história.

- Mas a história tem muita coisa errada

- Se é a sua história, é você quem sabe dela. Mas tem algumas coisas que eu fiquei super curiosa de saber. Tils 4, você não tem noção da riqueza do seu relato para minha pesquisa. Tem umas coisas principalmente o começo, de quando você foi aprendendo, você foi desenvolvendo essa sua competência. Você disse assim: não tinha muito incentivo na família e tal. E aí, de quem era o dicionário? E você disse da primeira vez que você foi numa igreja, numa missa e você viu os intérpretes e os surdos e você dizia: meu Deus como isso é rápido. Como é que as pessoas conseguem acompanhar desse jeito?

- Nunca vou ser capaz.

- E depois teve o convite para ir para a pastoral, não é? E aí você disse que observava os intérpretes o tempo todo, anotava, perguntava para eles, perguntava para os surdos, eu queria que você falasse mais sobre isso.

- Essa fase foi a fase de é mais difícil, porque eu não conseguia entender nem um contexto. Tem gente que fala assim: eu entendi o contexto. Eu entendi mais ou menos, não. Eu entendia sinais isolados. Sabe, a pessoa sinaliza e sinaliza e sinaliza e eu falava: eu conheço o sinal de mulher, isso é o sinal de mulher. Esse é o sinal de vida. Às vezes, pela expressão, eu sabia se era uma coisa ruim, ou uma coisa boa. E aí, eu lembro que eu tinha uma frase decorada que era assim: calma eu aprendendo. isso aqui sempre ficou tão gravado na minha memória, que eu ensino para os meus alunos todos. Quando um surdo estiver falando contigo e sinalizando muito rápido, você faz bem assim: calma, eu aprendendo. Eu fluente não, eu aprendendo. Então aí os surdos já até mudavam a postura, desse jeito que eles sinalizavam. Só que eu percebi que, óbvio, era insuficiente, tanto na minha comunicação, quanto, depois, na minha interpretação. Mas foi muito passo a passo. Muito devagar. Porque, por exemplo não consigo pensar nem em um sinal, deixa eu pensar... o sinal de feliz. Uns sinalizam feliz assim (mãos em f, movimento zigue-zague descendente), outros sinalizam muito assim (ponta dos polegares tocando as pontas do indicador, movimento zigue-zague descendente). Daí eu já pensava: mas ele falou para mim que feliz é assim, e o outro falou que é assim. É a mesma coisa, não é? Só que o jeito de sinalizar maior, com mais amplitude, com menos amplitude, aquilo bugava minha cabeça. Para mim, já era outra coisa que ele estava dizendo, não era feliz. Então foi uma fase muito difícil, porque, quando chegasse em casa, eu não tinha webcam para eu ligar e tirar dúvida. Era simplesmente a minha memória. Então hoje, eu imagino que a competência tradutória, principalmente, exige muito da nossa memória para você guardar todos esses aprendizados na cabeça e fazer alguns exercícios de memória, que, na época, acho que eu tinha a cabeça fresca, eu era jovem, ou

estava ali muito constantemente em contato, ou tinha menos afazeres. Porque hoje eu percebo que eu tenho menos memória. Às vezes acabei de aprender que algo aqui. Daqui a pouco eu já esqueci. Eu pergunto de novo o mesmo sinal. e eu também percebo... Agora você me falou um negócio, me veio um insight na cabeça. Parece que hoje, parece não, a Libras tem mais vocabulário. Por exemplo, um sinal abrange muitas coisas. Hoje, por exemplo, a gente tem sinal para quase tudo. E fica aquela: Nossa, como assim isso tem sinal? Antigamente, uma coisa simples, por exemplo, "óbvio". "Claro". "você vai vir tirar uma foto minha?" "Claro, tiro". É isso. É óbvio que no meu tempo, isso não existia ou, se existia, os surdos que eu convivia, não usavam ou não conheciam. Então, óbvio que com as redes sociais, os surdos ganharam mais poder, ganharam mais força, conseguiram sair do círculo que eles viviam ali no interior. Surdo que era do interior, só convivia com os surdos do interior. Hoje o surdo que é do interior, ele assiste vídeo do surdo lá de São Paulo, lá de Florianópolis. A sinalização deles é muito mais evoluída. Então naquela época, para mim era extremamente difícil guardar na cabeça todos esses sinais e era muito devagar. Eu era escrava das minhas anotações. E como o meu objetivo era missa, eu não tinha tanto interesse em aprender outras coisas. É Sinal de política, é um sinal de saúde. Eu queria aprender o que estava ali naquele folheto. Então como que era a missa? Como que era o mistério da fé, como é que era a hóstia? Entendeu? Como é que era a comunhão? Como é que era céu e inferno? Eu lembro que numa interpretação minha, tinha um padre que era diferente, que eu nunca esqueci, ele entrou num assunto sexual, era uma pregação. Eu nunca vou esquecer isso porque eu não estava acostumada com esse assunto. Com esse tema. Eu nunca tinha buscado, um surdo nunca tinha falado. Eu nunca tinha tocado nesse assunto, lembra que não fiz curso? Até então, meu contato era só aquele. Então eu estava ali, enrijecida no meu tema: religião, igreja. Ele começou a falar de sexo oral, sexo anal, de gravidez indesejada, de perder a virgindade, e eu não sabia nenhum sinal. Não estou falando nem em interpretar, não sabia um sinal nem de periquita, nem de pênis, nem de vagina, nem de pelos pubianos, sabia? Eu fiquei lá parado na frente, igual uma estátua. Mas alguns surdos tinham sido oralizados, então eu fazia com a minha boca e aí eles iam sinalizando para mim, eu ia copiando-os. Olha só a situação. Aí foi onde eu caí na real, de que eu precisava estudar, porque eu não ficaria só interpretando Deus, Jesus, Maria, missa, não seria só isso. Teria algum momento em que o padre falaria sobre política; teria algum momento em que falaria sobre a situação econômica do país e eu não saberia nada. E foi onde eu entendi que tinha muita coisa ainda para aprender. Foi uma fase completamente difícil. Tanto é que quando eu ia para igreja eu passava mal, eu vomitava o dia inteiro de ansiedade, com medo de encarar os surdos ou com medo de ter que interpretar e não dar conta, sabe? Era uma ansiedade e aí eu não tinha dinheiro para ter esses dicionários, esses dicionários que você perguntou, eu nunca tive. Para você ter noção, a nossa vida de pobre, era de pobre de verdade. Eu não estou falando aqui de brincadeira. Os meus pais eram, minha mãe era faxineira, meu pai era costureiro bordador. Quando eu me casei, queria me casar, casei-me nova, meu marido era desempregado. Eu era novinha, tive filha nova, não tinha emprego, então, assim, nunca tive condições. E eu lembro que o dicionário Capovilla era tipo R$ 300,00, comprando pela internet e quem tinha internet? Nem internet a gente tinha. Então hoje, já valeria muito dinheiro, naquela época, então..., eu nunca tive condições de ter. Quando eu comecei a trabalhar e ganhar um dinheiro com a Libras, eu comprei esse dicionário só por sonho, porque eu nem usaria mais. Já não se usava mais. E outra, vocabulário, já não é mais uma coisa que a gente estuda, vocabulário. A gente estuda a técnica. Com o passar de um tempo, é um sinal, outro que a gente pergunta: qual é o sinal de tal coisa? Que sinal vocês usam aqui para isso? Não é mais o foco principal, como era no começo. No

começo, o nosso foco era no vocabulário. Depois de um tempo passou a ser em outras coisas. E aí eu comprei esse dicionário recentemente. Acho que uns 5 anos atrás, só para realizar o sonho de ter. Eu não tinha. A moça que trabalhava comigo na pastoral, ela tinha dicionário, mas ela tinha ciúme dele. Ela não emprestava. Então era alguma coisa que eu perguntava para ela, ela mesma ia lá no dicionário dela, sinalizava para mim e eu copiava. Ela não emprestava. Nisso eu fiquei com trauma, menina, na época. Eu pensava: nossa, não custava nada. Se fosse eu no lugar, eu teria emprestado.

- Isso foi a intérprete que faleceu?

- Não é uma outra aqui. Que ela entrou no final. Ela entrou comigo na televisão. Na hora que ela chegou na pastoral, a gente foi convidado a trabalhar na televisão e eu trabalho com ela até hoje. Ela é uma grande amiga minha. Ela passou em concurso. Intérprete da Câmara lá de tal cidade, e eu sempre falo para ela: você lembra Louise, que nem o dicionário você me emprestava? Ou seja, não tinha nenhum recurso, eram só os surdos. E aí tinha um surdo meu amigo que era de confiança, que eu perguntava mais para ele, que ele era tipo o líder dos surdos, líder da associação. Mas foi um momento de dificuldade para mim por causa do vocabulário. Porque, até então, eu nem imaginava que existia uma técnica. Existia toda uma gramática, isso tudo foram coisas que eu fui aprendendo com o tempo. Na minha cabeça era vocabulário e expressão facial e corporal. A expressão, eu tinha noção de que a expressão mudava completamente um contexto de uma frase. respondi sua pergunta ou não?

- Sim. Você vai me respondendo e vai me dando mais Pergunta.

- Sem problema

- Teve outra coisa que eu achei o máximo, eu fico com um olho no peixe e outro no gato, e começo a não olhar o que eu estou anotando para poder olhar para você, sabe?

- Então manda eu dar uma paradinha, porque eu falo muito rápido.

- Não, está tranquilo. Depois, quando estiver na parte da conversa mais livre, eu vou te falar uma situação que eu passei esses dias com interpretação consecutiva da Libras. E aí teve um negócio que eu achei superinteressante também. Você falou dessa parte de quando você começou a ser auxiliar da intérprete lá na pastoral, e daí você estava lá em tudo - reunião de pais, advogado, médico, você auxiliava, mas você ainda não se sentia competente o suficiente para ser intérprete. E teve que assumir quando ela morreu, porque a coordenadora falou: vai ser você, porque eu só tenho você. Mas para você, como que era nesse campo, que eram essas primeiras coisas, essas primeiras situações, e que de repente você se viu lá. Meu Deus! Advogado, médico e você junto com surdo, e aí?

- Eu não ficava interpretando o que eles falavam, porque eu não tinha essa competência, não conseguia. Então, por exemplo, eles já me passavam o problema, então eu chegava lá e já chegava comentando o problema: olha, o problema é esse, esse, esse e esse. Então não era uma interpretação simultânea. Eu já chegava meio que para ser porta-voz de algo que eu já sabia, um assunto prévio que, muitas vezes, quando eles queriam já me contar o problema deles, tinha outra pessoa, ou a coordenadora para me ajudar a entender o que eles estavam sinalizando. Então, já ia meio que com o problema, e se surgisse algo a mais ali, já passava batido, porque eu não tinha condição de fazer a interpretação. Mas era uma boa vontade de auxiliar. Por exemplo, a minha filha não está indo bem na escola e eu quero saber o que acontece com a

mediação da professora, que não faz nenhum trabalho adaptado. Então eu chegava com esse assunto específico ali para a professora e ela me explicava e eu explicava para eles. O que ficava sem eu conseguir passar, eu explicava para coordenadora da pastoral e ela terminava de contar para eles. Porque não dava para ser um português ali, já que a maioria deles não entendia muito bem o português. E não tinha intérprete na escola, a professora não entendia, e com advogado também era a mesma coisa. Lembro que eu fui ao INSS, todo o linguajar do INSS, eu não sabia nem sequer um sinal - documento, aposentadoria e previdência privada, eu não sabia nada, mas eu tinha boa intenção. Eu conseguia entender mais ou menos. Eles faziam muita datilologia para mim. Olha, que fase, viu? Mas era ali, na boa intenção de ajudar e de ser voluntária. Eu não tinha intenção de: vou ser intérprete aqui, eu vou ganhar o dinheiro, nada disso. Era só na boa intenção de fazer alguma coisa, já que quando eles me procuravam para isso é porque eles já estavam no nível extremo. Porque geralmente eles levavam as famílias. Você vai, leva a mãe, leva a irmã etc. Mas eles chamavam a gente para resolver, porque a família não se importava mais ou porque já tentou e não deu certo. Então hoje as pessoas já vão se apresentando como intérprete, mas não é intérprete coisa nenhuma.

- E daí, quando você começou a interpretar, a intérprete faleceu e aí você não passou a ter só esses atendimentos, você começou a interpretar a missa também.

- Deu errado, eu acho, mas um pouquinho. Eu falo tudo errado porque eu já tinha o vocabulário da missa. Lembra que eu falei que fiquei um ano observando. Mas aí eu fazia o português sinalizado.

- Normal do começo de antigamente.

- É isso. Era o mistério da fé; Jesus disse que ia para aquela cidade... porque, por exemplo, hoje a gente ainda tem noção espacial. A gente aponta para lá. E na época, não. Eu fazia tudo aqui no mesmo lugar mesmo. Pode? Jesus disse que ia lá e todo mundo ia para lá e não tinha esse negócio da organização do espaço. Não existia nada disso, era tudo aqui, (no centro). E era isso. E eu interpretava cheia de pulseiras nos braços. Ai, meu Deus, eu tenho foto, eu acho, disso, eu preciso fuçar nas minhas coisas aqui para achar, porque é tão dinossauro que a gente não tinha nem registro.

- E daí você caiu na TV. Como foi isso?

- Só que quando eu caí na TV, eu já estava me sentindo mais segura com relação à interpretação de missa. Eu não era apta para fazer o jornal igual a Louise era. a Louise, já estava bem avançada. Quando eu estava com cinco anos de Libras, a Louise já tinha quinze. Ela veio de tal igreja, então ela tinha muita experiência lá. Então a Louise já estava mais apta, daí eu falei para ela: Louise, preciso de ajuda, eu não posso pegar o jornal. Porque tinha notícia de tudo quanto era coisa e eu não conseguia lidar com aquilo, sabe? E aí a Louise pegou o jornal só para ela, era fixo, e eu peguei a missa. Na missa, eu já estava bem apta. Já me sentia bem segura, porque ele (o padre) chegava antes, nós conversávamos, ele já falava mais ou menos o que eu ia falar na homilia, na parte da pregação, e eu já pesquisava. Chegava duas horas antes, já pesquisava, então já estava super pronta. Não é, na hora da missa, porque eu tinha material prévio. Na televisão, eles são muito bem-preparados para isso. Não é igual a gente chega nos lugares para interpretar e as pessoas não têm nenhum material, não tem noção do tipo de atuação, não. Na televisão, pelo menos lá nessa emissora, era muito bem-organizado. Até o tempo de fala, eles davam para a gente. Vai falar um minuto, a gente falar dois minutos, falar cinco minutos. Então

eu estava muito bem-preparada para isso. Caso ele falasse: hoje eu vou dar um exemplo do cachorro do poço. Eu já ia lá pesquisar o poço, cachorro, o classificador que iria fazer. Eu estava muito confortável, mesmo que fosse ao vivo a missa. Eu estava muito confortável, sabe? Então não tinha grandes surpresas. Eu não tinha grandes surpresas.

- E você acha que isso te ajudava? Diferente do que era quando você falou que teve que começar a interpretar a missa, que você passava mal? Então essa parte de não ter surpresa, de saber o que te esperava, ajudava nisso?

- Eu me sentia mais segura. Então eu sinto que, na TV, eu até me soltava mais. Sentia, no começo, aquele nervosismo por ser na TV, aquela pressão de cinco minutos; 5, 4,3, 2, 1; você não pode se mexer muito; um minuto; se você dançar muito lá na hora da música, você tem que cuidar para não dar um passo muito para o lado; essas pressõezinhas da televisão. Mas fora isso... E na TV, eles têm uma mente rígida com a unha, com cabelo. Eles eram muito rígidos com brinco, faziam tirar mesmo. Eu fiquei lá cinco anos, agora não lembro exatamente, mas eu não pintava as unhas de outras cores, então eles tinham muita exigência na televisão. Fora essa pressãozinha, o conteúdo ali da missa, eu estava acostumada. Eu evoluí muito nesse tempo, em que eu acabei estudando bastante sobre missa, sobre igreja católica, as festas da igreja católica, bíblia, muita bíblia. Então isso ajudava bastante. O terço também era a mesma coisa. Ave Maria, pai nosso. Não tinha muita surpresa. O mais desafiador, agora lembrei, foi um programa que eles colocaram em Libras e se chamava o santo do dia, que contava a vida de um Santo em 5 minutos. Cada dia era o dia de um santo. Aí eu pegava um dia para gravar dez santos do dia. Nossa, que difícil que era. Porque eu tinha que lembrar o nome dos sinais dos países. Até então, nessa época, eu não precisava lembrar sinais de todos os países. Mas dali em diante, eu tinha que lembrar. E os lugares que essas pessoas nasceram. Qual era o hábito daquela época. Eram coisas muito diferentes do que eu estava acostumada. Então, o santo do dia me tirou da zona de conforto. Fazia a datilologia muito rápida do nome do santo, porque não tinha sinal, tinha de pesquisar nome, sinal de Santo. Meu Deus. Mas, fora isso, o tempo da TV foi muito gostoso, tranquilo, e eu aprendia muito.

Nesse tempo eu já comecei a ter contato por e-mail, porque não tinha rede social, com os intérpretes que assistiam. Porque a gente assistia às duas emissoras religiosas para aprender. Para ficar ali observando e tudo mais. Então, tinham intérpretes que assistiam e já mandava mensagem por e-mail, falando que me acompanhavam. Trocava carta, trocava e-mail com intérpretes do Brasil, por exemplo, o Bingley, a Lídia. Conheci assim o Bingley que é também um dinossauro da Língua de Sinais. Acabava mandando mensagem, fazendo perguntas. Era desse jeito. Mas a tv em si, abriu muitas portas para mim, porque, como eu falo, agora eu me sinto mais do ensino da Libras, do que da interpretação. Uma faculdade de tal estado, nessa época eu tinha 21 anos, estava começando minha faculdade de pedagogia, e essa universidade me convidou para dar uma palestra lá. Para falar sobre o meu trabalho como intérprete, mas eu não era intérprete. Eu era intérprete atuante, mas não era uma. Como é que eu vou lá, falar para eles da formação de intérprete, sendo que eu nunca tive uma formação? Aí eu falei, e olha só, eu nunca tinha viajado de avião na minha vida, só que eles falaram: a gente não conhece outras pessoas que façam esse trabalho. Realmente, não sei se é porque não existiam muitos, mas a gente não tinha rede social para contatar essas pessoas, para saber de onde elas eram, então era mais difícil. Por eles me verem na TV, era mais fácil. Mandar um e-mail para emissora e conseguir o contato da intérprete, era mais fácil. E aí eu nunca tinha viajado de avião, nunca

tinha ficado em um hotel, nunca dado uma palestra na minha vida e eu aceitei. Olha só que cara de pau, eu aceitei. Eu falei, olha, mas o que eu tenho para compartilhar, é a minha experiência. Eu, aos vinte e um anos de idade, já tinha seis anos de caminhada ali na Libras, e eu fui e compartilhei a minha experiência, igual eu estou compartilhando com você aqui. Como era o trabalho a gente fazia na pastoral, como eu aprendi, enfim, e aí fui para esse estado pela primeira vez de avião, conheci um monte de surdo ribeirinho, desse estado e de outro vizinho e foi uma experiência riquíssima para mim, sabe? E aí voltei com a minha cabeça, assim: meu Deus, eu preciso estudar isso melhor. Só que a gente não tinha o Letras Libras. O máximo que tinha era o ProLibras. Eu prestei ProLibras em 2009 e aí eu passei. Nível médio e tudo mais, mas na maior cagada. Sem nenhum preparo, porque quando eu falo preparo, estou me referindo a formação. Eu me sinto alguém que tinha muito contato. Alguém que estava muito próxima dos surdos, que tinha muito contato, mas se me perguntasse: você teve formação para isso? Não tive formação para isso.

- Eu também achei bem legal que você falou que nesse período da pastoral, entrou uma outra intérprete, já no final, que foi trabalhar com você na TV e você disse que o contato com ela te ajudou muito. Fala um pouco mais sobre isso.

- A Louise. Porque, até então, eu sentia tudo muito amador. Mas muito amador, não porque eles faziam um trabalho ruim, de modo algum, mas porque o objetivo ali era evangelizar. Deixar os surdos na igreja. Era aquela visão que as pessoas, e que, aqui, a grande parte das igrejas têm sobre os surdos, de que eles são inferiores, ou coitadinhos, ou deficientes. Então essa visão fazia com que o trabalho que a gente estava fazendo ali fosse um favor, entre aspas. Nunca pensei assim, sabe? Mas é meio que aquela tradição de igreja, por ver o surdo assim. Então, não tinha uma visão sobre o meu trabalho e o trabalho que a gente fazia, como um trabalho profissional. E a Louise trouxe esse caráter profissional, porque ela tinha muitas regras de comportamento, muitas regras de conduta, tinha muitas estratégias: plano a, plano b, plano c. Ela tinha algumas estratégias para a tradução de algumas coisas que a gente não usava, então a trouxe para mim um novo olhar. Às vezes eu fazia de um jeito e, observando a Louise, achei o jeito dela melhor, e resolvi começar a fazer assim como ela. Por que que você usa essa ordem gramatical? Por que que você usa esse sinal? Então aprendi muito com a Louise. Até hoje ela é incrível. Interpretamos juntas recentemente, ano passado, a live de tais cantores. Eu só peguei, porque a gente tinha exatamente o que a gente interpretar, como disse, não sou intérprete. Eu tinha todo o meu roteiro, ela tinha todo o roteiro dela, o tempo, a hora em que eu ia entrar, então estava segura. De tudo o que eu ia fazer. Então, por isso que eu que eu peguei, caso contrário, não teria pegado. Como eu disse, não estou preparada. Não me sinto preparada, por essa questão de formação, como eu já disse no começo.

Mas o meu contato com a intérprete, com a Louise, fez toda diferença, porque ela me ensinou muito vocabulário, gramática e expressão que ela fazia. Eu ficava encantada, falava: meu Deus! a organização que ela tinha do espaço; o olhar dela, olhar que ela fazia, então eu aprendia muito. Ela foi, acredito que, depois dos surdos, minha maior professora.

- Maravilha. sempre tem, não é? Sempre. Especialmente a gente que não teve essa formação formal, que vem dos 1900 e antigamente, sempre tem algum tutor, não é? Alguma pessoa que meio que adotou a gente, carregou debaixo do braço e dizia: não é assim, faz assim.

- Embora a gente, na época, não se desse tão bem. Hoje a gente se dá melhor, porque a pressão de televisão... era uma pressão, sabe? E ela queria fazer as missas também. Só que acontece que eu não tinha, não conseguia, não estava apta pra fazer o jornal. O que tinha mais audiência era a missa, então ela queria fazer as missas, mas assim, entre aspas, ela renunciou à missa para eu fazer, não, porque eu queria mais audiência, mas porque eu não sabia mesmo. Eu não sabia fazer o Jornal. Como eu ia fazer? Eu ia passar vergonha. E aí ela acabou pegando. Daí, depois que eu saí, ela pegou as missas. Ela ficou lá mais cinco anos. Acho que ela ficou na televisão. Ela ficou mais cinco anos, traduziu missa, ela não estava nem aguentando mais. Eu: está vendo, você queria tanto as missas, agora está aí com a missa toda pra você. Agora fica com a missa.

- Tils 4, tem uma coisa que eu que eu achei curiosa. Você disse que não é intérprete. Mas tradução você faz. Tradução, você se sente apta. Interpretação, não. Fala mais sobre isso para mim.

- Nossa, porque, de repente, eu ouço uma música e eu me pego, eu travo em vários momentos que eu penso: não era isso o que a música queria dizer. Aí tem essa metáfora aqui que eu não sei como explicaria. Porque na verdade eu sei como explicaria em Libras, mas dentro do tempo da interpretação eu não conseguiria colocar tudo o que está na minha cabeça. Então eu travo: nossa, como eu faria isso em três segundos, em cinco segundos. Então eu travo em muitas interpretações que eu tento fazer, por exemplo, em casa eu travo. Agora, quando eu vou pensar na tradução? Eu sento e falo: nossa, eu acho que daria certo fazer isso, e aí quando eu faço, eu acho que ficou legal.

- Não, perdão. Pode continuar

- Eu penso, eu consigo pensar no classificador, eu consigo pensar em um outro sinal que substitua, um outro sinal melhor. Não estou naquela pressão da rapidez. Então às vezes eu faço, por exemplo, se você acompanhar as músicas que o Darcy faz, às vezes, no Instagram dele, fui eu que traduzi. Ele me copiou, entre aspas, óbvio, que com a sinalização dele, perfeita. A gente discute tradução, mas antes de ele fazer, eu sempre explico a música inteirinha para ele em Libras, ele entende perfeitamente e faz. Eu penso, nossa, eu sou boa nisso. Eu me sinto assim, eu sou boa nisso. Agora me põe uma coisa para interpretar, eu não consigo.

- Mas isso interpretação artística ou qualquer tipo?

Qualquer interpretação que eu pego. Aí vou fazer os cinco minutos do jornal que eu estou aqui assistindo, então eu travo em vários momentos. Eu falo: nossa, se eu estivesse ali ao vivo, eu não conseguiria fazer, já não conseguiria. Agora se eu pensar sobre o que eu vou fazer, eu sei o vocabulário, entende. Eu sei o vocabulário disso. Porque eu me pego pensando assim: Meu Deus, se eu estiver nessa pressa, eu vou fazer um português sinalizado. Eu não vou conseguir passar o sentido real. Eu tenho medo de não conseguir passar o sentido do que aquilo está querendo dizer. Sab? De não ficar claro?

- Eu acho que eu não tenho mais muita coisa para te perguntar, não sei. Já me deu tanto dado que você nem imagina.

- Ai que bom! Eu estava pensando: será que vai ter relevante?

- Meu Deus! você não tem noção de como são relevantes essas que você falou.

- Ai que bom!!

- Porque eu estou investigando um aspecto muito específico da competência tradutória, que é muito interno à mente do tradutor e que não tem como a gente abrir e olhar lá e dizer: foi isso que aconteceu, foi desse jeito então. Tem que sair com a sua história, Entende?

- Entendi

- E, às vezes, é por isso que é bom dizer: conta a sua história. Porque quando você fala: é competência tradutória, então, a pessoa.... Eu já percebi pela fase piloto que a gente precisou ajustar, que as pessoas achavam muito que eu queria saber sobre tradução audiovisual. Então eu vou falar sobre tradução, sobre tal aspecto, então vai ser a coisa técnica. E não é bem isso.

- Eu entendi perfeitamente, porque é como você foi construindo aos poucos, não é? Como eu fui construindo, até chegar no que eu sei hoje - o vocabulário que eu tenho; as técnicas que eu utilizo, não é? E tudo isso é muito interessante, porque eu estava lá no Congresso. Eu estava vendo a sinalização e ouvindo aqui a tradução, a interpretação e, óbvio, a interpretação, com linguajar acadêmico. Que é, obviamente, muito, muito mais aprofundada. E aí eu sei que tinha momentos em que eu tirava o fone e falava: eu acho que eu sei mais Libras do que português. Eu ficava tão confusa, eu ficava olhando a sinalização das pessoas e eu queria ouvir as técnicas que a pessoa estava usando, porque eu achava incrível pensar: Meu Deus, a pessoa sinalizou isso. A pessoa falou isso. Mas aí eu queria entender a palestra, não queria ficar só ligada nesse negócio de interpretação, não é? E a gente é intérprete, a gente fica só nessa coisa de olhar a interpretação, e esquece que está acontecendo. Eu tirava e falava: nossa, estou entendendo melhor agora.

- Você está no Congresso de interpretação, é lá no alto, mais alto nível da academia, são os pesquisadores, mestres, doutores, mestrandos, doutorandos. Então, o vocabulário deles, não é o nosso vocabulário da mesa do bar.

- Meu Deus, eu falava: deixa eu ficar vendo a palestra só em Libras mesmo. O problema é que quando eu via só em Libras, às vezes me dava sono, um dia inteiro lá. À tarde já estava com sono. Eu falava: eu preciso de um barulhinho aqui no meu ouvido.

- E, a gente abaixou a cabeça, a gente perde, não é.

- Perde. Então, o olho já estava cansado. Eu falei para as meninas: eu acho que eu sou ruim de português também, é só em Libras mesmo. Ai meu Deus.

- Mas é. O intérprete tem que melhorar muito no português. Tem que ter um vocabulário muito aprofundado. Eu digo muito ao pessoal que chega na UFPB: Leia. Leia bula de remédio, frasco de xampu, tudo o que passar pela frente. Você precisa ter vocabulário.

- Voltei lendo um Monte de livro.

- É. Tenta assistir às aulas. A gente está na aula da pós, entra, senta-se e assiste. a universidade é aberta. Todo mundo pode entrar e assistir a qualquer coisa, então vai pegando o vocabulário. Porque depois não faz feio quando tem que fazer a voz do surdo. Está o surdo lá, doutor, e a pessoa interpretando feito índio, feito o nosso estereótipo de índio. Podre, não é?

- Horrível.

- Aí eu vou parar aqui a gravação, então, porque já encerrou.

- Espero ter contribuído

- Ai, demais.

Entrevista Tils 5

- Está melhor agora? Então, vou projetar.

Caro tradutor,

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada A Pesquisa Narrativa e Desenvolvimento da Competência Tradutória, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução do Programa de Pós-Graduação em Letras—ambos da Universidade Federal da Paraíba—, sob a orientação do professor Daniel Antônio de Sousa Alves. O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e a nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras. Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de duas horas o tempo total da sua participação na pesquisa. Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo. Os/As pesquisadores/as também estarão disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Nessa parte aqui, tem três momentos diferentes. Tem essa conversa, a sua narrativa agora; tem uma outra parte que é responder um questionário e tem uma outra parte, que é um pequeno experimento que tradutório. Nenhuma das três partes é obrigatória, certo? Então, se você quiser fazer só o relato, pode. Se você quiser responder ao questionário, ajuda, mas se você não quiser, também não é obrigatório. Se você não quiser fazer o experimento tradutório, também não é obrigada. Apesar de que, eu vou usar este experimento tradutório na formação que vou ministrar, então você vai acabar fazendo já que vai estar lá. Mas, se a qualquer momento você sentir que prefere não ter divulgadas nada das informações da sua entrevista, também não tem problema. Está bom? Eu não posso usar o seu nome, então, você vai ser a Tils 5. Eu estou numerando os intérpretes e os tradutores de acordo com a ordem das entrevistas, por isso o número cinco. Então, você vai saber que é você. Você vai reconhecer a sua fala, se tiver algum trecho com sua fala, mas ninguém vai saber que é você.

- Então vai ser usada também no dia da formação que eu vi que estou? Também está na escala, não é, da formação?

- Não. Não vai ser usado. Isso aqui é para minha pesquisa de mestrado. Só que como eu vou fazer uma formação voltada para a tradução em um dos dias programados, aí eu vou aproveitar e já usar o mesmo experimento de tradução que eu vou fazer com os sujeitos da pesquisa, até porque eu vou entrevistar a maioria do pessoal que vai estar lá.

Com relação ao que diz no fim do termo, vou precisar da sua assinatura. Depois eu vou entregar para você. Vou mandar para você por e-mail. Mas eu acho que eu também vou imprimir e levar no dia da formação, assim fica mais fácil. Alguma dúvida sobre isso aqui? Então vou parar de compartilhar, certo? Desliguei.

Quando você for falar, eu vou fechar também o microfone porque o cachorro da vizinha está latindo aí, paciência. Sobre essa parte do relato, você vai contar para mim a sua história. Vai contar, como é que foi lá o seu começo; como foi esse contato; Como que você foi se desenvolvendo até você se tornar uma intérprete? É simplesmente isso. Aí tem o primeiro momento, que é o seu relato. Isso que você vai falar. E eu vou fazer algumas anotações aqui porque sempre tem coisa que eu vou querer te perguntar mais depois que você terminar; que você disser é isso. É isso que eu consigo pensar. Terminei meu relato aqui, tal, aí eu vou fazer algumas perguntas. Vou dizer assim, Tils 5, você falou sobre isso aqui, você pode falar mais sobre isso. Ai você fala. Fique à vontade. Pode falar à vontade. É aí, depois disso, depois de terminar essas coisas, a gente tem uma conversa mais livre. Aí eu vou falar um pouquinho mais sobre a pesquisa. Só porque Às vezes você lembra de alguma coisa e fala, ou então Eu quero saber ainda alguma coisa mais específica. Eu digo: tem isso, você pode falar mais sobre isso daqui? e aí você fala também, mas é só isso.

- Está bom, vou começar então.

- Eu vou fechar aqui meu microfone para o barulho e não te atrapalhar e fique à vontade, viu? Agora você conta sua história.

- Eu comecei no ambiente religioso com dezessete anos de idade. Não desculpa, perdão. Eu tinha começado quando eu estava no ensino médio. Com dezesseis anos, no terceiro ano do Ensino Médio, aí eu estava, fazia parte da escola, que era, inclusiva. E nessa escola tinha um anúncio dos matriculados, para alunos surdos e foi a primeira vez que eu tive mais contato com a comunidade surda. Porém, nessa época eu não sabia a Língua de Sinais. Mas eu já tinha curiosidade em aprender. Aí os alunos que sabiam alguma coisa conversavam com os outros, o básico mesmo. Só cumprimentos, perguntas relacionadas a escolas e professor que iria vir, essa disciplina, algumas coisas. Aí eu ficava perguntando, só para poder ter aquele prazer de interagir com os surdos? Aí comecei a ter contato dali, mas era muito básico. Aí terminei o ensino médio e surgiu um curso de Língua de Sinais para pessoas que estivessem interessadas para participar de uma congregação de Língua de Sinais. É como se chama nas Testemunhas de Jeová, a minha religião. Aí eu fui nesse curso de 1 mês. No ano 2013, o curso foi de um mês e nos ensinou mais sobre a comunidade surda do que o idioma. E eu comecei a me interessar e a e a partir desse momento, eu participei. Teve início a minha participação da congregação de Língua de Sinais. Aí só no âmbito religioso, nas reuniões. Em serviço voluntário. E depois disso? Ai, alguns amigos que eram intérpretes foram fazer cursos na área de Libras. Ai o primeiro curso que eu fiz foi pela prefeitura da cidade onde eu moro. Foi um curso básico, que

durou 6 meses. Acho que foi um semestre inteiro. Aí era um curso bem resumido. Porque a maioria também já sabia Libras. Era mais um curso só para conseguir um certificado de Libras e se quisesse trabalhar futuramente na área, que conseguisse um certificado que comprovasse que eu tinha conhecimento em Libras. Aí fiz esse curso básico. Olha, eu nunca tinha pensado em trabalhar nessa profissão, nessa área. Aí foram se passando os anos, não é? Acredito que eu voltei a fazer outro curso de Libras em 2015 - 2016. Aí fiz outro curso, eu fui lá na FUNAD, que eu ouvi de uma pessoa, que certifica também pessoas, do certificado de que você tem habilidade no idioma e houve um curso lá que é o de intérprete de Libras, que reconhece que você é um profissional Intérprete. Mas desses cursos lá na FUNAD e na época, aproveitei quando eu tive conhecimento de que a universidade federal, ela tinha um curso de extensão. Porque eu não sabia até então disso, que era um curso uma vez por semana, para você aprender mais da língua. Também teria um certificado universitário. O nome da universidade certificada, aí eu fiz um curso destes de Libras também. E nesse meio tempo, eu tive o primeiro contrato como intérprete de Libras na prefeitura em outra cidade, uma cidade da área metropolitana de João Pessoa. Esse foi por acaso. Uma amiga trabalhava lá e precisou viajar e pediu para que eu a substituísse. Depois ela saiu e fiquei. Aí foi um contrato de um ano que foi renovado novamente. Eu trabalhei dois anos nessa prefeitura. Aí trabalhei no ensino fundamental. Do sétimo ano ao oitavo ano. E depois também desse contrato na prefeitura eu tive alguns trabalhos. Aí eu trabalhei no Senai, na área de cursos técnicos. E foram cursos rápidos não foi contratos de longo prazo. Teve um curso técnico na área de edificações. Também trabalhei no Senac. Na área de cursos de estética. Um de maquiagem, outro de cabeleireiro. É, e se for isso, eu comecei a trabalhar e fiquei trabalhando assim, diária por fazendo um diário. Ou no Senac, o Senai ou também comecei no IFPB. Esse já foi um pouco mais... foi dificultando o conteúdo, não é? Porque eu já peguei ali no ensino médio, também com os cursos técnicos lá, para traduzir - Interpretar, na verdade. E palestras no ensino superior. Onde primeiro trabalhei no ensino superior foi no curso de administração. Aula de inglês. No inglês e administração também. Lembre-me de traduzir, ter interpretado aula de química. E aulas que eu vi na área Técnica de computadores. Aí outro curso que eu também completei. Já fui para outra universidade, a FPB, que é particular e era um surdo matriculado em um curso de design de interiores. Ai eu também fui traduzindo, eu completei esse curso. Que foi o último trabalho, foi esse aí. Fixo, ao menos, todos demais foi com diárias. E agora, atualmente na Universidade Federal da Paraíba. Ai, é só isso. Mas você vai fazer outras perguntas, não é? Eu vou responder ao longo porque foram vários trabalhos, porém fica um pouquinho vago, não é, falta aquele aprofundamento?

- Não, não. Mas antes mesmo do seu trabalho, eu achei interessante que você falou aqui que primeiro, o que despertou sua curiosidade foi que você via que tinha surdos na escola onde você estudava. E aí, você tentava, ficava perguntando para ter o prazer de se comunicar com eles. Ai, como que era isso? Fala um pouquinho mais para mim sobre isso.

- A única coisa que eu falava na época era bom dia. Todos os dias, eu tinha que passar por eles para dar bom dia, porque eu me sentia, feliz de ver, de conversar com eles. E eles ficavam se perguntando mais, achando que eu sabia, mas eu não sabia, aí alguém que sabia que estava perto, ficava traduzindo: não, ele estava falando assim, assado. Está perguntando sobre o professor tal, atividade tal. Aí eu respondi, o fulano, né? E na época, também tinha um surdo lá que ele era também da mesma religião que eu, também era Testemunha de Jeová. Aí eu não sabia, também não sei como, eu sabia que queria conversar, que era conversar mesmo. Nem sabia na época que também existia congregação de Língua de Sinais e que era perto da minha.

Aí tentava conversar um pouquinho mais sobre esses outros aspectos. Mas era assim, mais outra pessoa falando em Língua de Sinais e eu ficava observando, falando português, quando sabia, Libras. Alguma coisa para saber esse bom dia, tudo bem, tchau. Às vezes, tinha alguns sustos também. A escola que achava que eu sabia e pedia favor, dizia assim, alguém disse que ela não conseguiu comprar o lanche, não quer comprar ali o lanche dela, perguntar o que ela quer comprar? Ou: não achei alguns documentos, tem que comprar o papel, tem uma papelaria ali perto, quer ir com ela? aí eu nem sabia quase nada mesmo, era só algo, era mais mímica. Ela estava comprando recursos, apontavam para o tipo de papel. Eu dizia, né? A gente faz, já faz isso aí, que realmente era sem saber. E era bem rápido. Durante o intervalo, esses momentos.

- Aí você falou que depois teve um curso de um mês na sua congregação. E aí, você aprendeu mais sobre a comunidade surda e daí depois você começou. Tinha a parte da congregação e você fazia também trabalho voluntário. Fala um pouco mais sobre isso.

- Pronto, na congregação de Língua de Sinais, é quase o mesmo trabalho da procura, que é o trabalho de evangelizar, pregar, ensinar as pessoas a respeito de Reino de Deus. E nesse trabalho na Língua de Sinais para os surdos, aí essa é a parte voluntária vinha. Tinha trabalho de ensinar a eles da bíblia. E dependendo também se há um surdo que não sabia também a Língua de Sinais, então a gente também ensinava. Assim, montava apostilas ou pesquisava pela internet mesmo os sinais para imprimir e poder estar ensinando o básico para eles, menina. Essa interação assim em casa, com a família, comunicação, às vezes, de alguma forma. Se ele estivesse ainda em anos escolares, alguns sinais em algumas coisas, sabe nem muito. E ajudávamos nisso de forma voluntária. Nesse serviço de casa em casa, temos contato com suros de diferentes níveis de Língua de Sinais, porque tinha uns que tinham muito mais habilidade. Desde cedo estavam inseridos na comunidade surda, tinham a tendência de fazer tudo por conta própria. De comprar, viajar para qualquer cidade e essa sua independência financeira. Então não vai precisar tanto de você, faz quase tudo sozinho. Ia resolver alguns assuntos pessoais, ninguém aqui acompanhava.

- E quando havia esse auxílio? Era interpretar?

- Consultas médicas, ou interpretar em um banco, ou ajudar a ir comprar alguma coisa ou até em casa também, geralmente. Queria fazer isso, aí a família não entendia. A gente ia lá conversar com ele e a família, interpretar conversa com a família. Ai que foi desenvolvendo assim mais um pouco contato com a comunidade. Com eles. Quanto mais tempo passava por um churrasco e aprendendo a Língua de Sinais.

- E essas suas primeiras experiências, assim interpretando. Você disse: a gente interpretava consulta, ia no banco com eles, interpretava a conversa com a família - como era isso aí?

- Éramos amigos, porque na religião não tinha, não era assim um trabalho profissional. Onde você sabe bem que há um tanto de mensagem que você deve passar ou não. Aí pensa vou passar a mensagem completa. Primeiro, para poder dizer nossas palavras. - Ele está dizendo isso porque quer fazer tal serviço. Esperava uma pessoa falar. Era assim. Eu tenho uma opção. - A gente às vezes acabava aqui. É um trabalho mais demorado do aquele trabalho em simultâneo, com interpretação simultânea, porque tinha que compreender bem tudo o que a pessoa fala não é. A pessoa falou assim; tinha que esperar o surdo falar – ele aflou assim- Acho que o trabalho deve ser dessa forma e era mais algo como: acho que ele está dizendo isso. É o que eu estou entendendo. E no caso do atendimento médico, informação errada pode até arriscar matar o

paciente. Mas esperava a pessoa do banco explicar para explicar como é que resolveria. Não era simultânea.

- Era no caso consecutiva, não é? A pessoa falava, concluiu o raciocínio, você resumia, dizia. Aí é outra pessoa, falava, concluía o raciocínio, resumia, dizia.

- Isso. E aí onde ficava a palavra ou toda a mensagem? Pegava o principal entendido, para poder passar, mas tinha perda de uma língua para outra.

- É, eu achei interessante um comentário que você fez dessa sua atuação. Gostei de você dizer assim: era um desafio, porque não éramos profissionais, então não sabíamos que tanto de informação devíamos passar. Fala um pouco mais para mim sobre isso, por favor.

- É hoje como profissional, certo? Eu vou tentar. A gente tem que passar o que está sendo feito. Então eu acho que é mais um passo da interpretação simultânea mesmo. Por exemplo o surdo começou a fala dele e o intérprete ele já começa: está falando assim, assim, assim, assim. E depois, quando a pessoa começar a falar, sinalizar também. É isso que eu faço hoje. Antes eu nem sabia que deveria ser feito. Assim, uma tradução, a interpretação. Era só o resumo, não está dizendo e intervindo, só um resumo. Então, não era simultâneo, por isso.

Entendi. É, teve outra coisa que eu achei bem interessante. Que aí teve essa parte do serviço voluntário e depois você fez o curso caso só para poder ter certificado isso. Mais para ter um certificado dizendo que sabe Libras.

- Não era um certificado profissional, era só um documento que dizia que eu já tinha aprendido coisas da Libras. E tinha apenas um certificado, especificando assim números, alfabeto, pronome. Bem básico.

- Entendi. Aí teve o seu primeiro contrato, não é como intérprete que foi na prefeitura de uma cidade da região Metropolitana de João Pessoa, eu acho que é isso. Como que foi isso lá? Como foi esse seu primeiro trabalho?

- Eu tinha uma amiga da congregação de Libras também, e ela trabalhava lá nessa prefeitura. Aí ela teve alguns dias que ia viajar, fazer uma viagem no momento. OK, ela conversou com a diretora da escola, conversou com o centro de inclusão da cidade para quando ela precisar. Se tivesse uma pessoa para substituir ela e, ela, por conta própria, iria me pagar. A prefeitura e a escola responderam que contanto que não ficasse sem intérprete, não tinha problema. Aí foi quando eu tive o primeiro contrato nessa escola. Necessidade. Fui fazendo isso. E mantive contato com a escola, aí depois precisou de mais intérpretes lá. Ela foi mandada para outro. Eu acabei começando lá. E quando eu comecei mesmo, fui contratada para o sétimo ano. Fiquei o sétimo ano, oitavo ano e no nono ano, não fiquei.

- E aí, no caso agora, você já era intérprete mesmo da escola, certo?

- Isso. A interpretava do segmento de português matemática de dia para mim. As disciplinas curriculares normais do ensino fundamental. Então era em sala de aula simultânea. E foi quando, nesse mesmo tempo como esse contrato aí que eu convivi, eu fiz um curso no primeiro ano do contrato, eu fiz um curso de extensão na universidade. Aí eu lembro que fui, quando eu cheguei no curso de extensão, para entrar nesse curso, eu fiz uma prova de proficiência para saber o nível da Libras. E nesse nivelamento, passei para o quinto. Eram seis módulos, aí no quinto módulo, o professor ensinou muito sobre a parte mais artística. Aprendi, mas não me

sentia muito profissional. Fomos para o sexto módulo. Aí foi mais sobre a, profissão do intérprete. Aí eu comecei a fazer coisas que eu não sabia. Como o que abrange a parte de vestimenta, comportamento e tudo o que o profissional intérprete precisa dar atenção. Foi assunto de prova. E a gente começou a apresentar uns conteúdos mais profundos. E eu não tinha feito assim. Foi preciso ser primeiro, começar a trabalhar para depois aprender o que é que tinha que ser feito. Foi algo assim, mais espontâneo. Como se eu fosse verde ainda. Então, na verdade, o normal é ter a formação e depois trabalhar. Comigo foi ao contrário.

- Aí você também falou outra coisa bem interessante. Aí você falou de outros trabalhos que teve de diárias trabalhando no Senai, cursos rápidos no Senac, na área de estética, nisso você trabalhou como intérprete desses cursos. Interpretação simultânea.

- Mas eu já tenho passado depois, eu por esse tempo de extensão nessa época, pelo curso.

- Aí depois você foi para o IFPB. E aí você disse que lá foi um pouco mais difícil, já foi um pouco mais assim...

- Já foi mais um desafio. Eu falo um pouco mais sobre isso. Quando eu cheguei, já era um outro sistema, porque quando eu vim da escola, era o tempo inteiro sozinha. Ninguém dizia: é assim que se faz, é assim que se chega lá. Era diferente lá. Os intérpretes precisavam revezar, então não pensava tanto nessa coisa do tempo, visto que era acostumada a estar em direto na escola, a manhã inteira pelo período que tivesse. Já no IF, tinha o revezamento e o vocabulário mais diferente, porque tinha muitos sinais que eram usados naquele ambiente e que eu não tinha aprendido nada. Assim, novamente cada a área era quase um curso por assim dizer, não é? Porque tem que aprender palavras novas. Tem determinados cursos de vocabulário que a gente não usa, não sente confiança porque não tinha aquele conhecimento, mas assim cada área era praticamente um curso para mim, porque eu não tinha, não conhecia o vocabulário que era usado. Então ia conhecendo, aprendendo os sinais, jogos, aí a cada arquivo, curso, aprendi sinais de Libras. Acho que a gente continua essa parte de vocabulário e fui aprendendo com os surdos e com os intérpretes. A gente usa esse sinal aqui para falar sobre tal palavra.

E como era isso? Fala um pouco mais sobre como que era esse trabalho com outros intérpretes e esse aprendizado. Fala um pouco mais para mim sobre isso.

- Não eram só os sinais que usavam naquela disciplina, não é? Também iam passando as fontes também. Onde aprender mais, o site onde poderia aprender mais um pouco, também WhatsApp que os outros tradutores compartilhavam essas coisas. Aí eu fui ter mais contato com o lado profissional. Porque até então não tinha esse contato, não conhecia tantos intérpretes. Com todas essas coisas, tem que se atualizar, e aí foi a primeira vez. E trabalhar no ensino superior, não é?

- Isso aí fala um pouco mais sobre isso aí.

- Aí no ensino superior, os cursos eram meio variados porque tinha na área de computação. Outro também era um plano totalmente diferente, a gente não conhecia aquelas palavras muito. Então, tinha que pensar mais em classificadores. Além também de fazer a voz para os surdos. Os surdos eram muito mais desenvolvidos e já tinham aquela voz ativa, gostavam de participar nas aulas, apresentavam mais seminários. E os cursos, que eu me lembre, eram esses - computação, administração e química.

- Aí você começou a fazer a interpretação direta, a versão voz, no caso Libras português lá no IF.

- Sim. Os surdos eram mais ativos, porque eles precisavam resolver muitas coisas. Além da informação em sala de aula, isso era normal, comum, mas tinha as apresentações deles. E coisas pessoais que eles resolviam lá. Porque ela tem atendimentos também, psicólogo ou qualquer problema que eles estivessem tendo com alguma pessoa, alguma coisa que precisasse resolver. Aí eles mesmos que diziam - olha, eu vou precisar resolver isso. Eu fui como uma profissional. Nunca, só na parte voluntária que eu tinha feito isso.

- E aí depois você falou que entrou na UFPB. Aí, como foi? Fala para mim como que é agora? Para entrar, foi feita uma seleção primeiro, não é?

- Teve uma seleção para respondermos uma prova oral e depois teve uma avaliação onde a gente teve que interpretar. Fazer interpretação simultânea. Do português para Libras e outra, com outro tema, da Libras para o português. Aí depois que eu comecei, na UFPB, aí era só ensino superior. Aí tinha uns cursos que tinham que, para mim, por sentir mais afinidade, eu achei mais fácil de compreender o que estava sendo passado. E isso me ajudou a sentir que eu interpretava bem. Alguns cursos, quando já passou para cursos de pós-graduação até mesmo no português, que é a minha língua, tinha muitas palavras que eu não conhecia. Se fosse um texto que tinha que ser traduzido, eu tinha que reler uma, duas, três vezes para poder entender, pesquisar muito, usava dicionário para pesquisar as palavras, porque eu não entendia tudo o que estava escrito lá. Então, foi mais difícil por isso.

- Aí você falou uma coisa assim e eu achei interessante. Agora tinha alguns cursos que eu senti mais afinidade. Eu senti que eu interpretava bem, tinha outros que você sentia que não.

- Pensava: Será que ele ficou na dúvida, será que eu consegui passar mesmo essa mensagem corretamente? Será que o surdo que faz o curso, está compreendendo? Tinha feito questionamento meu mesmo. Não tem problema, você precisa melhorar. Nem era mais meu assim, de cobrança, antes, será que ele está conseguindo compreender? Será que eu estou me saindo bem dessa forma? Eu vou ter que aprender mais, vou aproveitar depois. Eu vou ler mais sobre isso aqui porque eu estou traduzindo, mas eu estou demorando mais para assimilar ,o que está sendo vital. Assim fica uma tradução mais demorada.

- Aí você acha que resolveu, essa sua estratégia de: vou ler mais. Eu vou pesquisar mais?

- É. E eu faço isso sempre. Eu fico fazendo isso já por muito tempo. Não é um trabalho assim que eu possa pensar: que bom, qualquer local que eu for agora, eu sou super fluente, não. Tenho que sempre estar estudando e aprendi muito na universidade também de procurar sempre me capacitar. E foi quando eu vi também a importância de que nessa área não é assim - Já sou formada e pronto, acabou, morreu ali. Tem que estar sempre aprendendo. Sempre estudando. Que além de também envolver línguas, a pessoa está onde tem sempre algo novo para ser aprendido. Está sempre nesse movimento. Tem isso também e que gera muito essa quebra de raciocínio. A gente está num curso, por exemplo, no curso pedagogia pela tarde e, à noite, na aula de direito. Que são cursos diferentes. Então temos que estudar um pouquinho mais, viver um pouco mais, pesquisar mais. E nós já vínhamos naquele curso, naquela disciplina, muda muito e muda muito a cada semestre.

- Como assim, quebra de raciocínio?

- A gente, está, eu estou pela tarde trabalhando na aula de pedagogia. Aí tem sinais de autores que eu já conheço também, um conteúdo que eu estudei e tal. Só que, terminou ali, à noite vou para o curso de direito. Aí é outro assunto diferente, outra pessoa falando, às vezes muito mais rápido, e a minha cabeça estava com aquele pensamento assim, mais leve, começa a puxar mais. E, enquanto o outro intérprete está lá trabalhando, está fazendo a parte dele, eu estou na minha, no meu "descanso" de certa forma. Mas eu fico sempre atenta, porque não estou acostumada a saber de tudo que está sendo passado a, já estou pesquisando outra coisa, porque o professor já falou sobre outro ator que eu não conheço e talvez tenha um sinal. Talvez não. Talvez tenha uma palavra nova daquele curso. Então ele (raciocínio) se quebra um pouco.

- Entendi. Aí no caso, esse seu tempo. Você está com outro intérprete, é você está no seu "descanso", o tempo de revezamento, dos 20 minutos, você está trabalhando?

- Eu estou prestando atenção ao que está sendo interpretado e pesquisando alguma coisa daquela disciplina.

- Aí é comum essa prática de que, por exemplo, enquanto o outro está sinalizando, você está prestando atenção, pesquisando o que está sendo dito ali?

- Para ser um suporte. É isso. Isso em algumas matérias. Por que algumas não davam suporte até mesmo para mim também, porque em algumas matérias é tranquilo. Eu consigo prestar atenção ao conteúdo inteiro. Já em outras tenho mais dificuldade. Eu também ouço algo novo e penso: Vou ver isso aqui. Se tem sinal para isso, para poder ajudar ao colega.

- Aí é prática comum dos seus colegas também fazer isso com você?

- Enquanto eu estiver traduzindo, ele estava pesquisando o algo que eu percebi. Alguns. Porque nesse momento em que eu estou traduzindo, você não pode estar checando o status do WhatsApp, não é? Se é algo que eu não sei, se ele pesquisou na hora ou antes já sabia, está me passando agora.

- Entendi. Eu acho que é o que eu tinha para perguntar, eu acho que foi isso. Eu agradeço demais a sua participação. Tem muita informação bem interessante para a pesquisa que você falou. Eu achei também superinteressante você falar da sua parte. Do processamento da sua mente, de como chegou em tal coisa; que era mais difícil, mas aí você foi atrás disso; foi fazer isso de tal jeito, mas não deu certo, daí foi atrás de outro. É muito legal, muito interessante a sua estratégia. E pelo fato de que a gente não está numa região que tem o bacharelado em letras Libras, então, não existe um curso superior de formação de intérpretes, são 5 universidades no Brasil inteiro que têm, então muitos dos intérpretes aqui têm essa formação empírica. Aprendeu na prática, está lá junto à comunidade surda e começa a fazer esse serviço voluntário. Vai com o surdo, sei lá, para vários médicos, vai no banco, interpreta uma conversa com a família e depois de um tempo daquilo ali e aqui, começa a trabalhar realmente. E você? Quando você começou a entrar em contato? Foi em 2013, não é, que você teve esse primeiro contato? Não, foi em 2012, na escola, em 2015 fez o curso aí, quando foi, em 2016, fez o curso pela Funad e só depois disso é que você foi começar a trabalhar, não é? Então, foram 3 anos de contato e da parte voluntária, para você poder começar a trabalhar como intérprete.

- Eu gostava de trabalhar em administração, aí eu tinha outro trabalho. Nessa época trabalhei 2 anos, acabei o contrato que prestava a uma empresa de auxiliar administrativo. Era de menor aprendiz. Ainda assim, era meio período. Passei em um curso também nessa área. Nesse tempo

eu não tinha tempo para me dedicar tanto à Libras. Estava somente voltada para trabalhar na minha área. Não tinha esse pensamento. Eu gostava daquela área, daquele ambiente. E fui focando somente em terminar esse trabalho. Ai, quais foram minhas opções de trabalho profissional? Depois surgiu uma oportunidade nessa mesma empresa, mas em outra área mas eu não gostava desse. Não sentia que eu para trabalhar ali. Não tinha aquele desejo. Aí eu tinha em outra área da empresa que eu tinha explicado que era de logística. Pensei que ia ser outra coisa - é logística aqui, ó, vai ter lógica. Mas não tinha nada de maravilhoso nessa época, era só vendas. Aí depois eu fui, agora que eu trabalhava. deixava currículo se a empresa tinha vaga nessa área de administração. Só que tinha muitos amigos que eram intérpretes. Nunca havíamos falado desse trabalho de perto, porque ali tem a lei tal que é oficial. Eu não conhecia as lutas como idioma. Não quis o pensamento como profissional.

- E aí foi por acaso, não é que você começou a trabalhar como intérprete? Por que a sua amiga pediu para tirar uns dias para ela? Mas e quando você tinha amigos surdos?

-Sim. Era gostoso. A primeira amiga surda, era super desenrolada, a gente conversando, não via diferença do surdo por não ouvir. Ela era minha amiga, mas ela não precisava muito de mim, porque ela sabia fazer as coisas dela, resolver tudo. E ela morava em um bairro bem. Eu moro em uma parte da região metropolita e ela em outra bem distante. Para mim era longe. Visto que ela vinha sozinha, ela ia para a minha casa e passava uns dias, daí voltava para casa dela. Às vezes eu ia para lá. Às vezes a gente se encontrava nas reuniões, na congregação de Sinais ou em outras atividades, como sair para passear. Ao fazer isso, fazer aquilo, foi quando eu aprendi muito com ela, porque ela que me ensinava bastante. Ensinar implica seguir, a gente usa sinal para ir para aquilo, ou ensinava sinais do dia a dia, no caso. No dia que era mais um dia. E sobre os fundos - camisa rosa, os surdos olham bem; tem surdos que sinalizam de tal forma, outros não. Temos alguns que são mais caseiros. Eles vão assim - Então eu não sabia. Aí eu aprendi muito nessa parte de Libras.

- Além dela, tinha outros amigos surdos?

- Tinha? Mas eu lembro dela, porque foi a mais paciente.

- Aí você interpretava para eles?

- Não era bem interpretar mesmo, era mais para eles resolverem coisas. Eu acho que não.

- Minha querida, eu agradeço demais a sua participação. O seu relato foi muito bom, ele vai ajudar muito na minha pesquisa? Aí, quando a gente terminar aqui, eu vou encerrar a gravação. Aí eu vou mandar para você o questionário. Aí depois, quando for na semana que vem, eu acho, a gente vai ter o experimento de tradução e depois, se você quiser saber mais da pesquisa, eu vou mandar um PowerPoint para você, mas só depois que finalizar as 3 coisas, porque senão, posso dar algum spoiler das coisas. Eu estou mais assim, quieta, não estou falando tanto porque, você, por si mesmo, já falou muita coisa que é interessante para o que eu estou investigando. Mas se eu fosse falar, talvez você fosse falar sobre essas coisas, porque eu disse isso. Não é interessante para pesquisa isso. E quando falou de pesquisar, eu achei interessante, porque eu tenho curiosidade de saber também como outras pessoas se tornaram intérpretes. E porque é uma coisa que é muito dentro da cabeça da pessoa. É muito difícil você investigar por algum método que seja externo. Como é que você observa de fora o que está se passando na cabeça da pessoa enquanto ela está aprendendo como fazer aquilo? Porque a competência tradutória é

um conjunto de competências, na verdade, de habilidades que a pessoa desenvolve, que separam o tradutor ou intérprete profissional do falante bilíngue. Então é uma expertise, é um conhecimento diferenciado que essa pessoa tem. Como é que você vai entender como se desenvolve isso, se passa dentro da cabeça da pessoa? A maioria das coisas, ao menos.

- Entendi.

- Por isso que eu estou investigando e colhendo relatos das pessoas, para poder tentar achar parâmetros, tentar achar padrões de coisas assim e ver como que esses aspectos ajudaram a pessoa ou não, ou atrapalharam para ela desenvolver essa competência tradutória dela.

- Só uma coisa mais que eu fiquei curiosa, você disse que tem coisas, que tem algumas aulas que você sente ter mais dificuldade. Que você fica se perguntando se você está conseguindo interpretar direito, se o surdo, está entendendo. Faz diferença para você, o tipo de atividade que você está interpretando ou o lugar? Se, por exemplo, é uma aula ou se é um evento. O se a versão sinalizada ou se a versão voz. Acha que faz diferença para você?

- Eu acho que faz. Eu. Eu sinto que faz, principalmente a versão voz.

Por quê?

- Assim, para onde eu fui, de onde eu venho, às vezes, envolve conhecer algo também, não é? Como você foi criado, a região em que você foi nascido, a língua que você fala, o jeito que você fala, que eu falo na verdade, faz diferença. Quando eu entrei na universidade, Percebi porque eu tenho muita dificuldade de me expressar, apesar de eu fazer a voz de outra pessoa. Eu vou ter que expressar o que a pessoa está falando, isso na universidade, você está falando com palavras usadas naquele ambiente. Quando eu não tenho essa informação, eu sinto essa dificuldade. E, como no português tem muitas palavras, e na Libras, às vezes eu pensei - isso não é tal sinal, ele pode significar muitas palavras em português. Esse sinal na língua portuguesa pode ser o quê? E qual eu vou usar naquele momento? Uma que seja mais formal. Qual é a palavra mais formal para o que aquela pessoa está me dizendo? - para eu poder falar, expressar, sinto essa dificuldade. Eu olhei assim essa dificuldade e pensei - eu sinto que eu preciso melhorar mais nisso - É algo que, sempre quando tem uma atividade assim, eu preciso estudar ainda mais. Ficar assistindo muito. Eu fico assistindo muito, muito um vídeo e tentando falar aquilo em português. Ou de outros integrantes também, que já fizeram voz, eu fico olhando essas informações. Então, sempre, como eu estudo mais pessoal mesmo, procuro uma formação, um curso para facilitar o que, eu sozinha, estou tentando aprender.

- Entendi. Muito obrigada. Sua experiência é muito rica. Muito obrigada, de verdade.

Entrevista Tils 6

Eu quero, primeiro, agradecer imensamente pela sua gentileza em participar da minha pesquisa, da nossa pesquisa. Antes da gente começar, eu vou ler para você o termo de consentimento livre esclarecido, Aí depois eu vou te explicar um pouquinho melhor sobre como que é, bem tranquilo. Está vendo aí?

"Caro tradutor,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa."

Só para explicar um pouquinho essa parte aqui, estamos, na verdade, tentando entender o desenvolvimento da competência tradutória e interpretativa dos Tradutores Intérpretes de Libras. E, quando eu falo tradutor, às vezes, a pessoa liga direto à produção de material, mas não, é essa expertise, na verdade, que separa o intérprete e tradutor do falante bilíngue. Essa

capacidade diferenciada que eles têm. Então a gente está investigando como isso se desenvolve. E, para isso, a gente entendeu que a melhor forma de entender se como se dá isso, seria com os tradutores intérpretes, contando a história deles para a gente, porque esse processo é interno ao tradutor. Não tem como a gente abrir a cabeça e olhar - Aconteceu isso assim e assim, não é? Então, é um relato livre, você vai contar a sua história. E, como mencionado, você não tem obrigação de participar de nenhuma etapa, e se, a qualquer momento, também você quiser retirar a sua permissão, você também pode. Se você disser: não quero mais que divulguem nenhum dado relacionado a mim e tal, pode. Mas você nunca vai ser identificado. Você vai ser o Tils número 6. você vai saber que você é o Tils número 6, ninguém mais. Só você e eu. E, se, na minha pesquisa, na minha dissertação e artigo que for publicado, tiver algum trecho de fala sua, você lendo, vai reconhecer a sua fala, mas ninguém vai saber que é você. Porque é uma exigência do comitê de ética, que resguarde a privacidade das pessoas.

- Sim,

- Também tem três momentos diferentes. Tem essa parte aqui da pesquisa que é a sua narrativa, tem um questionário e tem um pequeno experimento de tradução. Este pequeno experimento de tradução, você vai participar, porque você vai estar na formação lá do nosso setor e aí vai ser esse mesmo experimento, então você vai fazer lá, mas, se você não quiser que use os dados do experimento, não precisa usar. Na verdade, as três coisas vão me ajudar e ajudar ao Daniel também. Vão ajudar a gente a levantar melhor esses dados. O questionário também é bem simples, bem objetivo e, se você quiser responder, se você topar responder, eu vou mandar para você depois que eu terminar aqui.

- Certo

- Aí eu vou interromper esse compartilhamento, vou só ler essa última parte aqui.

" Considerando que foi informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto de como será a minha participação dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro meu consentimento de participar da pesquisa, como também concordo com os dados obtidos na investigação sejam utilizados para apreciativas, divulgação eventos, publicações e sociais que receberia uma via deste documento."

Então eu vou imprimir. Vou levar amanhã.

- Certo.

- Aí você assina e eu fico com uma via assinada e você fica com a outra.

- Está bom.

- Eu vou interromper que eu compartilhamento.

- Certo.

- Agora eu vou explicar um pouquinho melhor sobre esse momento de agora. Como é uma pesquisa narrativa, você vai contar sua história. Então, nesse primeiro momento eu não vou te interromper em momento nenhum, você vai contar, você vai falar, como que foi, o que aconteceu, como foi a sua experiência, como foi seu processo e aí você fala à vontade. Depois que você terminar, que você disser: "pronto, eu acho que é isso, eu não consigo pensar em alguma outra coisa. Aí você vai ver que enquanto você estiver falando, eu vou estar com o

microfone fechado para evitar ruído, porque às vezes o cachorro da vizinha late, ou passa um carro de som. Porque, também, para não quebrar o seu raciocínio, aí depois você vai ver também, que eu vou fazer anotação. Porque sempre vai ter alguma coisa que você vai falar, que eu vou achar interessante e vou querer saber mais sobre isso. E aí, quando a gente terminar, eu vou dizer: Tils 6, você falou assim e assim. fala um pouco mais sobre isso para mim, por favor. Novamente, pode falar à vontade. Fala o que você quiser falar a respeito daquilo ali. Então, mesmo após essa segunda parte, se ainda houver alguma coisa que eu queira saber mais especificamente, eu vou dizer: você pode me falar sobre isso e Isso? Isso, Claro, como sempre, é uma coisa voluntária. Se você não quiser falar a respeito, você não fala.

- Está bom.

- E, tem uma parte mais livre. Uma conversa mais livre. Talvez eu diga: estamos investigando sobre isso e, talvez, você se lembre de alguma coisa relacionada, e você queira falar. então, mas é basicamente isso. Todas as conversas, até agora, não duraram mais do que 1 hora e meia.

- Está bom, mas como a gente colocou lá no termo até 2 horas

- Está bom. Então eu vou fechar meu microfone e aí você começa.

- Está bem. Eu sou Tils 6, eu moro em João Pessoa, tenho 27 anos, sou aluno concluinte do Letras Libras. Ainda faltam algumas disciplinas, porque a EAD tem essa dificuldade em ter tantos professores para todas as disciplinas e, acaba que, em alguns períodos, nem todas as disciplinas são ofertadas. Eu atualmente atuo como tradutor intérprete no governo. Trabalho no setor de referência e apoio a pessoa com deficiência, uma instituição pública, e trabalho na UFPB. Eu comecei a minha carreira lá em 2017, mais ou menos. Estudava biologia na UFPB e estava em um período bem desgastante, bem triste, com tudo, porque já havia passado por processos de greve, o falecimento da minha mãe, e eu não estava me encontrando na área. Foi então que escolhi pagar a disciplina optativa de Libras Dentro da minha licenciatura, que era biologia. As aulas eram na sexta-feira e, por incrível que pareça, eu ficava feliz em acordar muito cedo para estar lá às 7:00 e assistir aula às Sete horas da manhã. Eu tive uma professora maravilhosa e foi a primeira turma dela, inclusive, na UFPB, depois que ela passou para o concurso, que estava professora, docente. E foi quando começou a minha história, minha carreira com a Libras. Foi o meu primeiro contato. Eu não tive contato direto com a comunidade surda. Eu tive contato com a Libras acadêmica. A língua. E aí eu passei na disciplina e comecei a sentir mais interesse de estar no meio. E foi quando eu tentei a monitoria e depois de dois semestres eu consegui, como monitor e depois como voluntário. Entrei em curso na instituição em que trabalho hoje, o curso de Libras de lá. Eu comecei a estudar Libras verdadeiramente, porque só com uma disciplina de 60 horas de carga horária, não dá para você aprender a língua, você aprende sinais, praticamente. E foi quando eu comecei, fiz um curso. Eu era mais avançado do que o pessoal e, muitas vezes, eu estava ali fazendo um papel de… Interlocutor. Não vou falar intérprete porque eu não era ainda. Então eu ajudava na comunicação e me arriscava, porque eu acho que as pessoas têm muito receio de ter contato com o surdo, mas eu não tinha. Então eu tinha uma interação muito boa com o professor e isso foi me ajudando. Depois eu soube que teve seleção para a extensão na UFPB, o projeto de extensão de Libras, e eu fui fazer a prova de nivelamento e passei para o nível 4. Já passei para o módulo 4, nessa prova de nivelamento. Nisso, eu abandonei o curso lá da outra instituição e, nesse mesmo período, nesse mesmo semestre, na verdade, abriu o edital para o Letras Libras. E aí eu lembro que que foi no

domingo, um amigo, que inclusive é tradutor intérprete também, me mandou esse edital, e eu vi uma esperança ali. Eu acho que era uma oportunidade para mim agora e, eu, Dono de casa, moro só, precisava trabalhar, que, como consequência não mais me permitia permanecer no curso presencial com disciplinas de manhã, outras, talvez à noite. E não tinha como me manter. Se eu quisesse trabalhar, eu precisaria ter um horário, pelo menos um horário fluido para poder estudar. E aí eu passei. Passei para o polo em um interior próximo no Letras Libras. E estou defendendo o TCC nesse semestre, e tenho estado na área. E, por estar na área que eu fazia o curso, por me formar no curso de extensão, eu tive a oportunidade do meu primeiro trabalho como tradutor Intérprete de Libras na prefeitura de uma cidade aqui da região metropolitana. E meu primeiro contato foi com um surdo dentro de sala de aula, foi com uma criança de três anos de idade, que tem implante coclear em um ouvido, mas seria implantada no outro por escolha da mãe. A mãe era muito resistente à Libras, muito resistente aos tradutores intérpretes, inclusive, dentro de sala de aula. E a criança não sabia nada de Libras. E junto com a outra intérprete também, a gente começou a desenvolver esse trabalho pedagógico. Eu todos os dias, e ela, uma vez na semana, como se fosse uma sala de recursos. Só que não existia uma sala de recursos na creche. E foi quando começamos a ensinar Libras ali. E ele se desenvolveu muito. E pegou todos os meus cacoetes, todas as minhas expressões, e usou perfeitamente, fazia quase tudo o que eu fazia. Todas as minhas expressões. E era muito engraçado, porque todo mundo lá na creche dizia que ele era meu filho, porque ele fazia as mesmas coisas que eu fazia, porque ele me tinha como referência. Eu era a pessoa que se comunicava com ele. Eu era a pessoa que tentava se fazer entender e que o fazia ser entendido. Então a gente tem uma relação muito boa. E este foi o meu primeiro trabalho, onde passei dois anos na prefeitura dessa cidade. Acho que nem dois anos. Só passei um ano e uns 8 meses e aí apareceu uma oportunidade de trabalhar na instituição onde fiz curso. E aí eu comecei lá na instituição. Foi logo em seguida. O meu contrato do município acabou, porque lá era contrato. Contratados ganhavam um salário-mínimo. Tinha que pagar quase 25% do meu salário só de passagem, porque era numa cidade vizinha. Mas foi o meu desafio, foi o meu primeiro emprego. Esse foi o primeiro lugar, no qual eu recebia, por exemplo, o meu contracheque como intérprete de Libras. E aí foi quando minha carreira realmente começou dentro dessa outra instituição. Dentro dessa instituição, convivo com surdos diariamente. Surdos de todos os tipos, de fluência na língua, na língua deles, inclusive. E de ter contato com os surdos que usam Libras caseira. E tem que atender todas essas pessoas. Foi como a minha carreira realmente desenvolveu. Eu comecei a desenvolver mais porque eu acho que quando eu cheguei nessa instituição, eu sabia Libras porque eu tinha muito interesse, mas eu não era uma pessoa da comunidade. Não era uma pessoa da comunidade, porque não tinha sido reconhecido ainda. E eu acho muito importante esse processo de reconhecimento, de inserção da comunidade, porque é uma língua deles, não é uma língua nossa. E foi dentro dessa instituição que eu comecei a desenvolver contato, tinha contato com muitos surdos, também tenho contato com outros intérpretes. Intérpretes muito bons, com os quais aprendo muito, a gente aprende muito um com o outro. Porque o que eu sei, eu compartilho, porque o que eles sabem, eles compartilham também. E aí também comecei minha carreira na UFPB no ano passado, quando abriu um edital. O certame para a contratação de terceirizados. Antes disso, eu tinha passado no edital para estagiário. Estagiário de tradução e interpretação de Libras. No primeiro edital, eu estava lá junto a uma colega para poder ajudar o grupo de tradutores que estava passando por uns perrengues por conta da alta demanda e serem poucas pessoas para atender a UFPB. E aí eu passei nesse edital de estagiário e, em seguida, fui contratado como terceirizado e estou até hoje. E dentro da UFPB também pude

desenvolver muita coisa, porque lá dentro existe uma área acadêmica, uma forma de sinalizar diferente, uma língua mais culta, a Libras mais culta, mais formal. Também participei de projetos, eu tenho participado do projeto tradução desde o começo. Assim que começou com o projeto, acho que a primeira vez que começou com o projeto, só foi quando a gente já estava lá. E entrei como estagiário e como colaborador do projeto. Ajudando no projeto que a nossa colega criou para poder atender às demandas de tradução. Porque os professores não sabiam o que fazer. Todo material estava em português e não tinha nenhum acervo para que se tivesse acesso a esses materiais em Libras. Então, foi quando ela começou o projeto. A gente começou a desenvolver e começar essas traduções. Tudo de forma muito amadora, porque a gente não tinha espaço, local adequado, com todos os equipamentos necessários, tudo o que precisava para que numa tradução ficasse bem-preparada. Diferente de hoje, por exemplo, que hoje a gente tem acesso à TV UFPB. Então a gente faz gravação com a Câmera profissional. A gente tem estagiário de mídias. E ele faz a edição do material. Eu acho que é um personagem fundamental, porque você ser tradutor e ainda ser editor de todos os vídeos, é demandar muito tempo. E a gente fazia isso: gravava, mas antes de gravar, a gente estudava, a gente fazia glosa, para só então gravar e, depois de gravar, ainda ter que editar postar e publicar. E o postar e enviar o link, na verdade, que seria criado. E tenho estado com a tradução também, esse último semestre, eu fiquei com a tradução. Não ele todo, foi a metade do semestre. Eu fiquei com ele, nesse projeto, continuei com a tradução junto com outro colega e a demanda de materiais continua chegando todo começo de semestre. Mas a minha história com a Libras foi praticamente essa, não é uma história muito longa, não é uma história… religiosa, como muitas pessoas têm essa história, já que a Libras se desenvolveu a partir do meio religioso. E aí religioso evangélico, os TJ também têm um acervo de Libras que é superintendente, admirável. Mas eu não. Eu fui a pessoa que era aluno de um outro curso, que ficou apaixonado pela língua e resolveu ser uma pessoa bilíngue. E aí foi quando eu comecei minha carreira com Libras. Hoje, eu sou uma pessoa inserida na comunidade. Eu sou uma pessoa aceita na comunidade. Eu sou uma pessoa que vive com a comunidade. Tenho amigos surdos, a gente se encontra, a gente se diverte, a gente brinca e a gente também tem os momentos de ensino, porque estando na frente de um surdo, é… estar na frente de uma pessoa que detém a língua. Agora, é claro, o surdo que é consciente e tem a sua identidade formada. E a gente aprende todo dia. O que é muito importante, mas o resumo da minha vida com a Libras, é esse.

- Nossa, seu relato é muito breve, mas você não tem noção da riqueza de detalhes que você colocou pra mim, de quantas coisas importantes que queria, que eu precisava ouvir e que são tão interessantes para a nossa pesquisa e que você falou. você falou tanta coisa interessante que eu fiquei com vontade de saber mais. Eu vou por partes. Aqui está o primeiro - logo no começo, você disse que você entrou em contato quando você decidiu fazer a disciplina optativa, aí você se apaixonou. Aí você sentiu o interesse de manter esse contato. Daí você tentou a monitoria e tentou como voluntário e você fazia o papel de interlocutor. Fala um pouco. Falo mais para mim sobre isso, por favor.

- É. Hoje em dia, eu entendo, a importância da profissionalização da nossa categoria. E eu não, não tenho ego o suficiente para dizer que eu era um intérprete na sala de aula, onde eu sabia sinais. Eu venho de uma estrutura de ensino na qual a Libras é ensinada por sinais, inclusive pelos surdos. É uma deficiência que eu acho que precisa ser ultrapassada, vencida. E, eu falo deficiência, não no sentido de condenação, mas no sentido de: "Vamos superar isso aí. Como que a gente vai fazer com isso?". E eu venho desse ensino. Então eu estava ali em sala de aula

como interlocutor, porque eu não era o tradutor intérprete de Libras, eu não conseguia fazer versão direta da voz do surdo. Eu não conseguia fazer uma frase estruturada na Libras, eu poderia fazer o português sinalizado ali. Então eu era um interlocutor, não era um profissional de trabalho. Eu estava estudando. E poderia estar ali voluntariamente, também como aluno e ajudando todo mundo. Mas eu estava ali para poder aprender também. Só que eu sabia um pouco mais do que a turma e, por saber um pouco mais, eu era mais solicitado para poder manter essa comunicação entre o professor e aluno. Coisa que sempre batia na tecla e dizia: não, vocês têm que falar e vocês têm que se esforçar para poder interagir. Mas não, eles ficavam sempre na minha dependência, por saber mais um pouco. Então, é isso o que eu falo sobre a profissionalização. Não trabalhei com o profissional, eu atuei apenas como um aluno que sabia um pouco mais de Libras.

- Que legal. Teve uma outra coisa que você falou e que eu fiquei um pouco confusa. Eu fiquei sem entender. Porque você disse assim - Você fez uma prova de nivelamento, daí você ficou no nível 4. Isso foi na extensão da UFPB?

- Sim, na extensão.

- Então você disse: "aí depois eu deixei o da outra instituição." então você antes fazia o curso na outra instituição e depois você…

- Isso.

- Hum,

- Porque eu não teria como conciliar os dois, até por conta do meu tempo. Naquela época eu trabalhava em um call center. Então eu tinha que ter 6 horas da minha vida para poder estar no call center ali trabalhando, e eu precisava trabalhar. Então essa foi a minha escolha.

- Aí, depois que você estava nesse curso de extensão, você disse que tinha uma boa interação com os professores surdos. E você de novo, era um interlocutor entre o professor e os alunos, então?

- Então esse meu bom contato com os professores foi na outra instituição. Porque na extensão da UFPB, eram poucos os professores surdos. Eu acho que de 6 módulos, eram, eu acho que vinte e quatro turmas, se eu não estou enganado, ou menos do que isso. E tinham, acho, que uns três surdos apenas que ministravam aula.

- Humm

- Então, a minha interação maior era na outra instituição, com os professores de lá.

- E você passou quanto tempo lá? Nessa instituição?

- Eu acho que eu só passei 1 semestre.

- Humm

- Foi. Logo em seguida eu passei na extensão. Foi muito rápido o meu processo. Eu estou como profissional há três anos. Aprendi Libras em um ano, entendeu?

- Aí, depois que você entrou na extensão foi que surgiu essa oportunidade lá da cidade vizinha?

- Foi depois que eu terminei a extensão. Porque como eu passei no nível 4, eu só fiquei um ano estudando. Então eu estudei esse ano aí, até vou reformular, não, eu não aprendi Libras um ano. Eu comecei a desenvolver um pouquinho mais, porque eu acho que nem aprendi Libras ainda o suficiente, nem vou poder nunca, porque é uma língua. Então, a gente sempre vai aprender alguma coisa. Mas foi muito rápido, porque eu lembro que tive que esperar até o certificado sair para poder entregar a documentação. E aí depois também eu fui ser professor, monitor da extensão. Ainda peguei uma turma e em seguida veio a pandemia.

- Que legal. Você disse uma coisa bem interessante sobre o trabalho na cidade vizinha. Você disse que seu primeiro contato foi com uma criança surda de três anos, mas essa criança não sabia Libras, era implantada de um ouvido e a mãe queria implantar o outro e não queria Libras, e não queria intérprete, e aí você fazia um trabalho pedagógico.

- Exatamente. É isso. Eu não era um tradutor intérprete de Libras. Eu ganhava um salário lá, estava no quadro de funcionários como intérprete de Libras. Era intérprete de sinais que eles colocavam. Mas, lá, eu estava como pedagogo. Eu acho que o papel ali, talvez, nem devesse ser meu, precisaria de um instrutor ali, um instrutor surdo. Mas eu fazia o papel pedagógico, porque não tinha, por exemplo, como a professora deles, das crianças, falar na aula e eu fazer Libras. Porque ele não ia entender nada. Então tinha que ensinar a ele o que era o alfabeto, o que era cada letrinha, e aí tinha que pensar que, por exemplo, a não é a de abelha. Entendeu? A, é de abelha no português, porque para ele, se eu mostrasse uma abelha, eu teria que fazer o sinal, não tinha nada a ver com a, entendeu? Então era um papel pedagógico mesmo que eu tinha. Não era de intérprete de Libras.

- Interessante, e aí venceu essa resistência e o menino acabou desenvolvendo?

- Ele desenvolveu, a mãe, não. A mãe, inclusive, eu soube recentemente, que ela foi lá no centro que tem de apoio para as pessoas com deficiência e disse que não queria mais o intérprete. Porque a fonoaudióloga e o médico a aconselharam que ele não tivesse contato com Libras, porque ia prejudicar no desenvolvimento auditivo do menino. Agora, que desenvolvimento auditivo? Ele odiava o aparelho. Então, era esse o meu papel mesmo, papel pedagógico.

- Bem interessante essa sua posição porque não era a sua função. Então é bem interessante a sua postura com relação a isso. Você falou que depois disso, entrou para a outra instituição, você passou um ano e 8 meses e aí apareceu a oportunidade de trabalhar na outra instituição. E aí você disse: lá foi que eu me desenvolvi mesmo. Por causa do contato diário com os surdos de diversos níveis e com os outros intérpretes também, intérpretes muito bons. Fala para mim sobre isso.

- É o que eu falei. Ser fluente na Libras, é diferente de você ser um tradutor intérprete, entendeu? Porque isso vai demandar várias estratégias de interpretação e de tradução. E eu sabia Libras. Aprendia, eu assistia a vídeos, dizia: "não, eu quero aprender, eu quero aprender". Mas eu não estava inserido na comunidade. E aí quando eu comecei, as pessoas não sabiam quem eu era na instituição. E essa instituição é um centro de referência muito grande aqui. Todos os surdos passaram por lá, todos os surdos vão passar por lá um dia. E o setor onde eu comecei a trabalhar é composto por muitos surdos, professores e professoras. E foi quando eu comecei esse contato diário. Todo dia ter que trabalhar e ver todos os surdos lá, entendeu? Então eu tinha essa interação, e aí foi quando eu comecei a desenvolver, porque eu tinha um contato diário com eles. Eu não era só o tradutor intérprete, eu era o tradutor intérprete de Libras e que me

comunicava em Libras. E conseguir me comunicar, trocar ideia, trocar informação, contar uma história, contar um relato da vida. Eu não só estava ali só com uma pessoa falando para mim, eu fazendo meu papel profissional. Eu estava em sempre me inserindo na comunidade, sendo acolhido por eles, e aí foi quando começou a minha história e, além disso, estavam todos intérpretes de Libras do lado. Alguns muito antigos, muito antigos aqui no meu estado, nessa cidade especificamente. E o fato de estar ao lado do governador me exigia, demandava, uma responsabilidade ainda maior. Então eu não podia deixar de desenvolver, precisava continuar desenvolvendo, porque eu estava pondo em risco a minha carreira, inclusive, não é? E eu também tive apoio dos profissionais que estiveram comigo. Isso sempre foi muito bom. Falo que eu não sou hoje a pessoa que fui ontem. Hoje já aprendi sinal novo, amanhã, talvez aprenda mais, e assim vou. Então, por isso que eu desenvolvi na Libras. Porque eu estava inserido na comunidade, estava sendo parte integrante.

- Fala um pouco mais sobre isso. você disse: lá tinha intérpretes muito antigos aqui na minha cidade e esses intérpretes me ajudaram. E você falou uma outra coisa: Eu estava do lado do governador, então isso me fazia ter que crescer, fala mais para mim sobre isso.

- Então, eu estava ao lado do governador e isso me demandava uma responsabilidade. Era a minha carreira. Era o meu rosto que estava ali. Então eu não poderia apresentar um trabalho meia boca, não poderia ser meia boca ali. Não poderia falhar com as informações que estavam sendo passadas. Então eu tinha que crescer e aprender, ou não aceitar estar no lugar que eu estava. Porque, se tem uma coisa que eu gosto de ter, é ética. Pelo menos eu tenho tentado. Quero sempre continuar tentando para não ter que errar. Então eles me exigiam a responsabilidade de crescer e trabalhar com pessoas que, por exemplo, estão na área há mais de 30 anos. Bem mais que isso. Você começa com conhecer as competências. E aí, depois que você estuda um pouco mais, você diz: esse fulano aí já ficou um pouco para trás. Eu já desenvolvi mais um pouquinho. Mas essas pessoas mais antigas, elas têm feeling muito mais rápido para poder fazer a interpretação, sabe? E eu prestava muita atenção nisso - a fulaninha fez assim. Mas se eu fizer desse outro jeito, também vai entender? – e a partir disso, começava a discutir com eles e a gente crescia nesse diálogo, entendeu? É isso.

- Que legal. Deixa-me só terminar de anotar o que você falou. Teve outra coisa que eu achei muito legal também. Por que você estava do lado do governador? Você fez escolhido para essa função ou…?

- Sim, sim. O governador do estado, após a pandemia, ele criou um decreto, acredito, ou uma lei, alguma coisa institucional, de lei orgânica, que atribuía janelas de intérprete em todas as transmissões do governo do Estado. E foi aí quando começou a ser solicitado à instituição onde trabalho que os intérpretes fossem, onde o governador estivesse. Então, toda segunda-feira ele tem um programa que chama: fala governador. Toda segunda-feira tem uma equipe escalada para estar com ele, entendeu? Fora os outros eventos.

- Nesse caso são todos, certo? Não é só você.

- São todos. Trabalhamos por escala. São escaladas as pessoas.

- Teve outra coisa bem interessante que você falou. Depois você entrou como estagiário. Você passou no certame como terceirizado, mas antes você entrou como estagiário. E você disse

assim: aí eu pude me desenvolver por ser uma área acadêmica. A sinalização é diferente, a Libras é mais culta. Fala mais para mim sobre isso.

- É. Como eu falei, na outra instituição, eu tenho contato com surdos de vários níveis. Surdos que falam a Libras caseira. E aí é quando a gente precisa de um espelho de outro surdo para poder essa comunicação vir a fluir, sabe? Mas quando eu cheguei na UF, eu me deparei com o cenário acadêmico. Com, além do português que precisa ser culto, a Libras também. Os professores de lá surdos, eles possuem a Libras acadêmica sim. Eu acho que só acadêmico resume tudo. Então era um ambiente mais formal. E, até outro dia, estávamos um colega e eu aqui da UF questionando a formalidade. É a formalidade da Libras ou é a formalidade do português. Porque o surdo pode fazer o mesmo sinal na área acadêmica e na área informal e ter conotação diferente. E aí o tradutor intérprete que estiver na hora, ele que vai fazer essa interpretação, não é? Do que ele está falando. E se usar da estratégia. E a gente estava se perguntando exatamente isso. De onde vem a formalidade? Será que na Libras existe essa formalidade ou é uma coisa que foi construída? Porque eu também posso pegar um sinal muito formal, digamos assim, e colocar no ambiente informal e ser entendido da mesma forma. Então, é basicamente isso, falei formal, mas aí eu me questiono exatamente isso também sabe? sobre essa formalidade.

- Tudo bem, legal. É aí você sentiu uma diferença, no caso, no discurso, não é?

- Isso

- A fala é diferente da do que estava acostumado. Aí teve…, mas a gente já está chegando no final (risos).

(Risos)

- E você disse que também participou de um projeto de tradução. E você disse assim: no começo a gente fazia uma coisa mais amadora, porque a gente tinha que fazer tudo. A gente não tinha um ambiente próprio para isso, então a gente fazia, tinha pesquisa, tinha um estudo antes, tinha tradução do material, mas era a gente que tinha que editar e hoje não. Hoje a gente tem acesso à TV. hoje tem um estagiário que é quem faz a edição. A gente vai lá, traduz, e ele é quem faz a edição. Fala mais para mim sobre isso, sobre essa experiência de tradução para você.

- É. Foi um boom muito grande, não é? Para o pessoal da UF. E os terceirizados, quando entraram, foram uma salvação para todo mundo. Começou com os estagiários, foram dois, outra colega e eu, depois os terceirizados que adentraram na universidade. Então chegaram muitas, muitas demandas, muitas coisas para ser interpretadas, porque o ingresso de surdos aumentou na uf, consideravelmente. Temos um surdo que é da área do direito. Então começaram a chegar materiais, muitos materiais, e a gente não tinha estúdio, a gente estava no meio da pandemia, a gente não estava trabalhando presencial. Os materiais continuavam chegando. Então, eu não tenho estúdio em casa. Tinha que ser na minha parede, com meu celular, meu aplicativo gratuito, porque eu não pago aplicativo de edição. Então, a gente tinha que fazer todo esse trabalho de pesquisa, estudo, tradução e edição, entendeu? E aí hoje em dia, agora, com a volta do presencial, apesar do uso de máscaras, hoje a gente está na tv UFPB. Porque só esse semestre, agora, no finalzinho dele, a gente conseguiu um contato mais próximo com o diretor da TV. E ele cedeu, dois dias da semana, que são a segunda e terça. Tanto para gravação quanto para a ilha de edição, porque é como a gente faz a edição de material, porque precisa de um

computador muito bom e de um programa muito bom para poder ele ser suportado pelo computador. Mas eu, quando posso, faço pelo celular mesmo, porque para mim tem um aplicativo gratuito muito bom e eu consigo fazer todas as edições. Apesar que, por isso eu falo que foi de forma amadora. Hoje em dia a gente pode fazer isso de forma mais profissional na TV com um profissional das mídias, entendeu? Mas antes a gente mão tinha isso. Era muito amador mesmo.

- E você sente assim alguma, alguma diferença de, por exemplo, porque você vinha trabalhando com interpretação, não é? interpretação, interpretação e depois começou a trabalhar com tradução. Você sente alguma diferença de um para o outro?

- Eu senti. Eu estava até comentando isso com uma outra colega. Que eu percebi que na tradução, a gente consegue pensar na Libras, pensar em Libras. Você tem tempo de estudo, tem tempo de estruturar a língua, não é? A estrutura da Libras, de como se formula uma frase, como surdo vai entender. Na tradução, a gente pode fazer isso, a gente tem tempo para fazer isso. Na interpretação, muitas vezes a gente não tem. A menos que você tenha um costume, uma prática, uma experiência, você vai conseguir fazer isso rapidamente. E, na tradução, percebo que você tem mais tempo, inclusive para aprender mais Libras. Eu acho que a pessoa aprende muito, muito, fazendo tradução, sabe. Tendo tempo para fazer tradução. Porque fazer tradução exige uma dedicação muito maior. Eu pelo menos tenho entendido assim.

- E por que que você acha que exige uma dedicação maior?

- Por conta do estudo. Eu preciso saber, por exemplo, se eu faço uma pesquisa na internet de um sinal através de uma palavra, eu preciso saber se essa variação é usada aqui. Eu preciso saber, por exemplo, como eu colocaria, na estrutura frasal, esse sinal, entendeu? Então a gente acaba que estudando dessa maneira. Quando a gente vai para interpretação, a gente já está com feeling ali de sabedoria de como, por exemplo, ficaria melhor, entendeu? Então eu acho que a tradução me ajudou a ter essa perspectiva mesmo, de parar e pensar como estruturar as coisas.

- Das perguntas que eu tinha para te fazer, eu não consigo pensar em mais nada, porque a gente conversou bastante coisa e, agora, é mais um momento de conversa mais livre mesmo. E é tão legal o tanto de coisa que você falou, porque muita coisa é bem o que a gente está pesquisando. E é interessante, porque eu nunca conversei com você sobre a minha pesquisa.

- Não.

- Nem poderia. Se eu conversasse com você sobre a minha pesquisa, eu não poderia te entrevistar porque senão iria enviesar o seu relato, você iria me dizer o que eu queria ouvir.

- Exato

- E é muito legal porque a gente consegue ver alguns padrões, sabe? Nos relatos que vai coletando dos intérpretes, e eu estou pegando pessoas de diversos lugares, sai muita coisa semelhante e é uma coisa muito legal.

- É uma coisa comum entre nós da categoria.

- Aham. E é uma coisa muito interessante, porque é como coisas que você falou de, por exemplo: eu era um interlocutor, que queria ser um bilingue. Só que hoje em dia, não, hoje em dia eu vejo que é diferente. Eu sou um tradutor, eu sou um intérprete, é diferente, eu não sou

mais um bilíngue. E é isso o que a gente está investigando. É esse processo para sair daqui para chegar ali. Para sair desse bilingue para chegar nesse tradutor e intérprete. E você fala umas coisas interessantes - Aí tem um feeling, você já consegue perceber, você consegue pegar. Aí você estuda e os tradutores antigos eles têm esse feeling mais rápido. Você falou muita coisa muito interessante. Então, é muita gratidão. Eu fico superfeliz por você contribuir com o seu relato. Aí você fala: ah, a minha história é curta, tem pouco tempo - mas riquíssima de coisas para a pesquisa.

- Que bom que eu estou lhe ajudando também. Desejo muito que a sua pesquisa seja muito bem-sucedida, e eu sei que você vai conseguir. Que, assim como eu, você também é uma pessoa muito perfeccionista, então, você vai procurar os mínimos detalhes ali para deixar tudo organizado.

- Sim, é.

- Parabéns por sua pesquisa, que ela contribua para nossa categoria também.

- É o objetivo, não é. e a gente tem pouca pesquisa. Na verdade, não tem nenhuma pesquisa relacionada a Libras, investigando esse desenvolvimento da competência tradutória interpretativa no contexto da nossa atuação. Investigando os aspectos específicos que eu estou investigando. Tem a dissertação do Scott, é um orientando do prof. Mc.Coy, que investiga sobre a desenvolvimento da competência tradutória, mas é num contexto de tradução mesmo de material, e ele faz uma análise das ementas dos cursos de bacharelado. Ele tem algumas hipóteses, e é bem diferente do que eu estou fazendo. Então veja que no Brasil inteiro a gente tem duas pesquisas sobre isso. E o meu orientador, ele foi fazer uma palestra na UFSC e daí uma das professoras de lá comentou que tem um doutorando que está estudando também um aspecto da competência tradutória que eu estou estudando. Mas veja, são duas pessoas no Brasil inteiro que estão estudando isso.

- É.

Então é uma coisa que falta para a gente, porque até pela questão do curso de formação de tradutores intérpretes, ainda ser uma coisa muito não padronizada, porque temos cinco cursos de bacharelado no Brasil inteiro. Que é um curso que forma o tradutor intérprete. Então a gente tem muita gente que, como você disse, teve um começo religioso e depois faz curso para poder ter um certificado, igual a você. Você já tinha aptidão, mas você teve que esperar sair o certificado para começar a trabalhar.

- Exatamente.

- Então tem muita gente que está ali começando no voluntariado, começou na interpretação comunitária porque era amigo de surdo, porque vai junto com o surdo para todo o canto, e ia em banco, ia em médico, ia em todo lugar e interpretava, mas não tinha certificado para isso. E, depois, vai atrás de um curso de extensão, ou fez um PROLIBRAS, ou alguma coisa para poder ter um papel que diga: eu sou intérprete. E isso é o caso da grande maioria dos intérpretes do Brasil. Porque os mais antigos e, nem quem começou da minha época. Até uns 10 anos atrás, que eu comecei há 17 anos…

- Você passou pelo PROLIBRAS, foi?

- Sim. Eu comecei há 17 anos, então eu fiz o PROLIBRAS em 2008. Mas, antes disso, eu já estava há três anos na área atuando e eu nem... os surdos me reconheciam como intérprete, mas eu dizia: eu estou aprendendo; eu sou ouvinte, eu estou junto com os meus amigos. Eu não tinha interesse em trabalhar como intérprete.

- Era uma pessoa bilíngue.

- É. Eu não tinha interesse de trabalhar como intérprete. Eu gostava de estar com os surdos e interpretava porque estava junto deles. Mas eu nunca tinha pensado em ser uma profissional intérprete. Veio por acaso isso também. Então é muito legal ver assim a as experiências, com começos diferentes, como você começou com a área acadêmica, mas acaba indo para a mesma coisa. Tem o contato com o surdo, aí começa a trabalhar e tal. Então é gratidão demais.

- Está bem. Ainda bem que era exatamente o que você precisava, e estou conseguindo lhe ajudar com a minha história, não é?

- Eu vou parar aqui a gravação. Pode falar,

- Significa dizer que a gente, praticamente, vive no mesmo espaço, no mesmo ambiente. Sempre se encontra no mesmo lugar, onde sempre vão ter essas dificuldades e que você agora está pesquisando, não é? Quer falar mais sobre elas não é. Até para as pessoas verem também que existe esse lugar, esse espaço.

- É. E é como termo de consentimento livre, esclarecido, fala. É uma forma de você dar um retorno para a área. Porque quando você entende, você, por exemplo, acha padrão esses processos, e você consegue entender melhor o processo, você tem como abrir o espaço para se montar um material orientado, que usa aquelas informações de forma orientada para uma melhor formação dos tradutores intérpretes. Então é uma forma de você dar um retorno para a área também, que é a sua área de atuação.

- E aí você falou uma coisa também, que eu achei importante. Você falou dos cursos de formação de tradutores intérpretes. E, como você bem sabe, eu faço estudos e pesquiso a minha comunidade, minha população negra. E eu participei de uma aula que uma amiga da UFxx Que ela tinha um projeto de extensão dentro dessa UF que falava sobre tradução, interpretação de pessoas negras. E eu aprendi uma coisa que eu não sabia - as câmeras fotográficas de antigamente, todas eram feitas para registrar a pele branca. É por isso que nas fotos, por exemplo, de antigamente, as pessoas negras, elas eram desfiguradas. Não tinham nenhum traço. Eram praticamente desfiguradas. E ela me deu uma aula, assim, riquíssima, que eu acho que todo curso deveria ter sobre o chroma key, sobre a câmera, o tipo de câmera, o tipo de lente, o tipo de iluminação. Inclusive na cartilha que nós fizemos, eu fiquei laranja e você ficou com a pele perfeita. Entende o que falo? Você está com a pele perfeita, e estamos tentando melhorar a minha imagem. Mas a iluminação lá não estava o suficiente para o meu tom de pele.

- Eu vou encerrar a gravação porque a gente está mais conversando, senão, fica um monte de coisa para eu escrever.

Entrevista Tils 7

- Eu vou compartilhar o termo de consentimento para ler, viu?

- Certo?

- Aí, depois que eu compartilhar, eu explico, como é aqui. Está conseguindo ver aí?

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antônio de Sousa Alves.

O Principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Só explicando um pouquinho melhor esse segundo parágrafo, quando eu falo de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras, às vezes a pessoa liga a tradução audiovisual ou a tradução escrita para o português, mas, nesse caso, refere-se a uma linha de pesquisa de Estudos da Tradução que investiga essa expertise que os tradutores intérpretes têm e que diferencia dos falantes bilíngues. É uma espécie de conhecimento, perito,

então o que a gente está investigando é justamente como se desenvolve esse conhecimento, essa expertise que o tradutor intérprete tem, que o falante bilíngue não tem.

- Aham

- Aí por ser uma coisa que acontece muito dentro da cabeça do tradutor, então o melhor modo para isso, que conseguimos pensar, foi a pesquisa narrativa mesmo. Porque aí o próprio tradutor intérprete vai contando a sua história, vai refletindo sobre o seu processo. E nisso a gente consegue, talvez, identificar algum padrão ou ver alguma coisa que possa nos ajudar a entender como funciona esse processo.

Como fala no penúltimo parágrafo também, você não tem nenhuma obrigação de fornecer nenhuma informação que não queira. E se depois você disser assim: não, Polly, eu acho melhor não publicar nada relacionado à minha entrevista, ou, não quero, eu desisti de participar - não tem problema, é seu direito também.

- Uhum.

- Aí, essa outra parte aqui, vou enviar para você porque são duas vias, aí eu preciso que você assine e retorne para mim, porque eu preciso ficar com uma via assinada. Os seus dados sempre vão ser resguardados. Porque é uma exigência do comitê de ética no caso, você vai ser a Tils número sete, então só nós duas vamos saber disso. Qualquer pessoa que leia o meu texto vai ver aqui a Tils número 7, mas não vai saber quem é, só você e eu vamos saber quem é. E se por acaso você ler o texto depois, você poderá identificar a sua fala, já que você vai saber o que você falou, mas ninguém vai saber.

Eu posso parar o meu compartilhamento?

- Pode.

- No termo mencionava contar sua história, responder a um questionário e fazer uma pequena tradução. Nessa parte aqui da conversa, essa parte na qual estamos, não se preocupe, você fica à vontade para falar, não vai ser usado o nome de ninguém, nem de nenhuma instituição específica que possa vir a identificar você. Iremos sempre usar assim: a instituição de ensino em que trabalhou, porque evita que alguém identifique a sua história. Então não precisa se preocupar com isso, já que na hora da transcrição dos dados essas informações serão omitidas. Aí essa parte pode ter três momentos: a primeira parte é um relato livre, onde você vai contar sua história de como foi o seu contato com a Libras, como começou, como foi o seu processo até você se tornar um intérprete. Aí você vai ver que o meu microfone ficará fechado, para que evitemos ruídos e interferência. Você vai verá que farei algumas anotações, porque provavelmente terão coisas no seu relato que acharei interessantes e pedirei a você para falar mais sobre aquilo. Quando você terminar, você me disser: pronto. É isso o que eu consigo pensar, ou então: foi esse o meu processo etc. - aí eu vou dizer: obrigada. Você falou aqui sobre isso e isso. Pode me falar mais sobre isso? E, de novo, você fica à vontade. Pode falar à vontade sobre aquele assunto, o que você quiser falar, o que você se lembrar. E assim a gente vai. E, se tiver alguma coisa mais específica que eu queira saber, perguntarei mais diretamente, mas, como em qualquer parte da entrevista, você não é obrigada a responder a alguma coisa que não queira ou não se sinta confortável para falar. Também, após isso, teremos uma conversa mais livre. E é mais ou menos isso.

- Está certo, excelente.

- Essa segunda parte, tem um questionário, que é um questionário simples do google forms. Se você quiser responder também, quando terminar aqui eu mando para você. Se você não quiser responder, não tem problema, nenhuma parte é obrigatória. É mais porque tem mais informações que ajudam a entender melhor o seu perfil de tradutor intérprete e os conhecimentos que você tem sobre os Estudos da Tradução. E sobre a tradução em si e interpretação. O experimento de tradução tem que ser em outro momento, porque ainda está em produção. Tem um texto sinalizado de no máximo cinco minutos para poder fazer a tradução e o outro é um texto escrito curto. Fique à vontade agora.

- O meu Primeiro contato com a Libras foi em 2002. Eu tinha entre doze e treze anos, mais ou menos, e foi o meu primeiro contato com a Libras em si. Foi um contato muito superficial, e foi quando iniciou a lei da Libras. A prefeitura do interior onde eu moro teve um interesse de ministrar um curso básico de Libras para os professores do município e a minha mãe é professora. Era pedagoga, concursada da prefeitura em 2002. Então, voluntariamente, um surdo quis ministrar esse curso porque era a convite da Secretaria de Educação na época, e a minha mãe foi para esse curso e me levava junto com ela, porque como eu era muito apegada, eu sou muito apegada à minha mãe, para todo lugar que ela ia, eu ia junto. E para esse curso não foi diferente. Eu ia junto com ela. Só que minha mãe tinha outras tarefas como pessoa da sociedade. Ela precisava trabalhar, dar conta de tudo e precisava fazer outras tarefas de casa, cuidar da família, da casa também. Como professora, o trabalho formal e tinha trabalhos informais. Os bicos. Ela fazia bolo, fazia salgado, fazia para um trabalho para fora de casa e acabou que ela desistiu desse curso. Porque ela não tinha muito tempo. Só que eu continuei a fazer esse curso junto com os outros professores do município. O surdo se identificou comigo, ele achou interessante uma pirralha se interessar por aprender a língua que ele usava. Aí eu continuei, só que era superficial. Esse curso de sinais soltos. Não ensinava em contexto a Libras. Era bom dia, boa tarde, boa noite e coisas assim. Então a gente aprendeu isso e acabou o curso. Foi só isso. Só que aí eu participava de grupos de dança da minha escola, eu era muito apegada também à minha irmã, e ela participava de outros grupos de dança. E dentro desses grupos de danças que a gente participava da nossa escola, um desses surdos participava também dessa dança e participava da escola que a gente convivia no interior, na nossa cidade. Na época, aqui tinha vinte mil habitantes e todo mundo se conhecia, e todo mundo interagia entre si, e na escola foi do mesmo jeito. A gente tinha esse contato e conversava de modo muito superficial e usando de muito gesto. Contato com a comunidade surda mesmo, não tinha, só o surdo que ensinou esse curso, e outros surdos a gente foi desenvolvido melhor, aliás, por causa desse contato, dessa convivência que eu tinha na escola. Alguns anos depois de eu ter o primeiro contato com a Libras, uma pessoa vivia em Natal, é natural daqui do meu interior e foi morar em Natal, daí por algum motivo ela voltou após ter tido um curso de Libras em Natal, um curso básico. Ela teve um interesse de criar, ampliar esse curso que ela aprendeu para mais pessoas aqui, trazer da capital para o interior esse conhecimento que ela tinha. E essa pessoa, que chamarei de Mônica, quando ela trouxe esse curso para cá, ela trouxe para igreja católica, porque ela tinha vontade de formar um grupo religioso na igreja católica. Ela ensinou a duas pessoas, duas mulheres e elas tinham vergonha de se expor, de ir lá para a frente da igreja, porque a gente não compreendia de jeito nenhum, que a Libras é visual e a gente precisava de um certo destaque, porque era uma língua visual e a gente não compreendia ainda isso de jeito nenhum. Pensávamos que as pessoas que estavam ali na frente, queriam aparecer e chamar a atenção das

pessoas que estavam ali para participar da missa. Então essas duas pessoas que aprenderam Libras com a Mônica, não aceitavam de jeito nenhum interpretar a missa para os surdos, para a comunidade surda e aí, o surdo disse: mas eu conheço uma pirralha que lá em 2002, quando eu comecei, dei um curso por um tempo essa pirralha era danada, ela vai lá para a frente. Aí lá em 2006, ele convidou pessoas que tivessem interesse de aprender. E eram palavras soltas, sinais soltos. E aí a gente lutasse para depois entender qual era a frase que a gente queria formar. Eu fazia o terceiro ano do ensino médio e frequentava muito a igreja. E aí o pessoal que frequentava a igreja fazia o curso de filosofia na mesma universidade estadual e aí eu tinha interesse de fazer filosofia também. Por isso que eu tinha um contato com essas outras pessoas ouvintes. E com esse movimento, estes também foram convidados para aprender Libras, para interpretar a missa para os surdos, e aí juntou tudo, amigos, meu perfil com o perfil dessas pessoas ouvintes para a gente aprender Libras e aí a gente aceitou. Eu lembro muito bem que foi no sofá, gente se sentava no sofá da Secretaria paroquial e tinha dois surdos que eram mais expressivos e eles nos ensinavam. Éramos cerca de cinco pessoas que tinham vontade de aprender Libras. Eu acho que nem era Libras, eram sinais soltos – bola; café; boa tarde; boa noite; bom dia - depois ele pegou o jornal da missa e ele ia mostrando palavras que ele conhecia, o surdo, então ele nos dava o sinal daquela palavra. Quando ele não conhecia, ele dizia que não precisávamos dizer em Libras - você só diz assim, você, Deus é bom - gente, quando eu me lembro disso, dá vontade de rir porque era humilhante, tínhamos quinze minutos. Nesses quinze minutos, só fazíamos: Deus é bom; Deus é bom; Deus é bom – pronto. Uns quinze minutos de Deus é bom, porque a gente só aprendia isso. Pensávamos que pelo menos não estávamos fazendo algo de ruim. Pelo menos estávamos dizendo que Deus é bom. Então, eu estava muito satisfeita, estava trabalhando, estava no caminho certo. E o ministério foi melhorando com o tempo, vinham muito para o interior, pessoas de Natal e faziam muita intervenção. Só que as intervenções que eles faziam eram muito agressivas: olha você não é intérprete. Dá vergonha olhar para a frente. Vocês parecem um sofá lá - Então, meu primeiro contato foi na igreja católica. E aí esse pessoal trazia dessa forma as novidades da Libras, só porque não traziam de uma forma muito confortável para nós. E aí a gente teve a oportunidade de aprender com outras pessoas lindas, a gente, continuou na pastoral do surdo, na igreja católica. Só sabíamos os sinais de santo; de anjo; de que Deus era bom; de igreja; de casa. Só eu sabia esses sinais e ia lá para a frente. Porque o nosso objetivo era fazer o bem. Pronto, aí depois a gente foi melhorando. Os surdos gostavam. Ensinavam para a gente mostrando uma imagem e o sinal depois. A gente aprendeu com um surdo. E ele desenhava muito bem, aí ele desenhava o sinal em Libras. Ele tinha dicionário em casa, dicionários. Ele fazia o desenho daquele dicionário e dava para a gente, porque ele não tinha condições de tirar xerox naquela época também. Aí a gente estudava através dessas imagens e a gente também descrevia o sinal. A forma que a gente aprendeu o sinal era descrevendo sinal - em b, as duas mãos em b, batendo dois toques. Caso seria carro. A gente aprende dessa forma também para memorizar - e foi passando o tempo e a gente tinha só contato com a igreja católica. Só que aí eu comecei a cursar filosofia, fiz o vestibular, fui aprovada. Depois eu desisti, eu fiz até o quinto período desse do curso de filosofia. Depois eu desisti, entrei no curso e eu percebi que dentro de universidade existia uma substituição que eu nunca nem tinha ouvido falar, mas por causa do curso de filosofia, eu fiquei sabendo que existia curso de extensão universitária, e aí foi um curso de extensão universitária que eu fiz. Na UFRN. No campus que tem aqui em uma cidade próxima, que eu fiz de Libras. A partir daí eu comecei a perceber que Libras era um universo. Que não era só casa, igreja, Deus era bom, café e bola. E que Libras era um universo que existe. Além de que Libras era uma língua que era visual,

que tinha uma gramática própria e que era independente da língua portuguesa, que o que a gente fazia era português sinalizado e a gente não fazia Libras. Tira o que a gente aprendeu. Estava muito distante do que realmente era e aí eu fui fazendo esse curso de extensão universitária depois. Eu entrei no curso de serviço social. Aí eu parei um pouco com a Libras, fiquei muito reflexiva sobre o que eu queria com ela. E o meu objetivo com a Libras era evangelizar e fazer o meu trabalho social dentro da igreja. Era o meu objetivo. Só que quando eu terminei Serviço Social, uma colega minha da igreja, uma amiga minha da igreja, que é intérprete também da pastoral do surdo, ela queria fazer uma pós-graduação em Natal, então eu terminei 2017. E essa minha colega dizia: vamos fazer essa pós-graduação em Natal. Eu dizia, não, não tenho condições de fazer. Ela dizia vamos fazer uma pós-graduação de tradução, Interpretação e de proficiência para intérprete. Aí eu disse: não, eu não vou fazer. Aí eu acabei fazendo, ela me incentivou muito. E no meio da pós-graduação, da especialização, eu fiquei muito reflexiva sobre eu que queria. O que é que eu queria com a Libras? Porque se eu quisesse Libras para evangelizar, eu vou ficaria com a Libras que eu já tinha, porque o perfil da igreja católica da minha cidade era esse. Então, eu não precisaria mais me aprofundar. Só que aí eu fui tendo muito interesse, e eu fiz um curso de extensão universitária, curso, para os níveis intermediário a avançado na UFRN. E continuei nesse curso de especialização e lá as professoras diziam assim - tenha paciência, porque quando você é sentir o momento do que você quer com a Libras, vai aparecer para você um momento, mas você tenha paciência - E essa minha amiga que me incentivou a fazer essa pós-graduação, ela dizia muito assim: você tem um perfil para a intérprete de Libras, você tem perfil. Algumas pessoas têm que se esforçar para aprender, que é o meu caso, e outras pessoas têm talento que é o que você tem. Você tem talento. E eu nunca tinha me visto com uma pessoa para ter talento para Libras. Eu só me via como uma pessoa que ia para a igreja com o objetivo de fazer o bem para os surdos já que eles não escutavam a missa. E que eu queria exercer o serviço social. Queria exercer a minha profissão de assistente social. Não queria ser intérprete por dinheiro. E essa minha colega, eu fiquei muito sentida. Eu juntei na minha cabeça imediatamente por eu ter uma espiritualidade muito forte, ter muita intimidade com Deus, eu pedia a Deus que me desse sinais para a minha profissão, porque até então eu não tinha profissão. Não sabia o que queria fazer com a minha graduação e não sabia se ia fazer concurso, não sabia nada. Eu estava dentro do mundo, flutuando. E aí, na minha mente, foi como se fosse o Espírito Santo me avisando. Porque a professora disse que vai chegar o momento de ver o que é que tem e ao mesmo tempo minha amiga dizendo que eu tinha talento para Libras, naquele momento que eu tive isso, eu senti muito forte que ia continuar a fazer. Tinha começado essa especialização, então ia continuar e ao mesmo tempo eu tinha sido aprovada no curso de letras Libras na UAB à distância. E eu tinha perdido o interesse porque eu não tinha afinidade com o curso a distância. Só gostava de curso presencial, das discussões acadêmicas em sala de aula, de sentir o calor humano, tudo, e eu não estava me identificando com o ensino à distância. E eu perdi o primeiro período, segundo período, terceiro período eu perdi por abandono. E, nesse período, eu, como eu era da turma de 2017, assim que eu me formei em serviço social, eu fui aprovada, até por causa do Enem no curso e pensei não em fazer outra graduação, porque eu já estava ficando doida de tanto estudar. Tinha terminado a graduação. Tinha sido aprovada em outra, estava na especialização que era de Natal em outra cidade. E aí essa minha amiga disse isso. Que eu tinha talento, que eu investisse, que eu me motivasse, que porque eu era muito desmotivada. Foi quando apareceu um processo seletivo para o RN. E eu vi lá o pessoal muito... eu enxergava pessoas de uma capital e eu, que nunca tinha saído do interior, tinha medo de achar que só existia aquele interior, aquela caixinha. E aí

quando eu fui para Natal fazer esse primeiro teste mesmo, passar por uma banca de professores, eram dois surdos e uma professora doutora que é ouvinte. E na universidade federal. Ia passar por essa banca. Tremia mais do que vara verde fazendo essa prova que era a versão voz e a sinalizada. Tremia. E eu não fui aprovada, mas eu tirei uma pontuação melhor do que as meninas que moravam em Natal e que tinham muito mais vivência com a Libras do que eu, que tinha vivência com a Libras em outros contextos, sem ser o contexto religioso, que, até então, era só o que eu tinha. E fui fazer um processo seletivo na UFPB. Eram 6 vagas e eu fiquei na sétima colocação. A primeira pessoa não foi assumir e aí me chamaram, foi quando eu fui ter experiência com outras áreas. A área acadêmica que não era mais a área de escola, não é? Porque até então, eu... voltando de novo, que eu tinha esquecido de passar por dessa parte. Como as pessoas me conheciam aqui na minha cidade como a pessoa que tem contato com a Libras, que sabia Libras. Só que eu não sabia Libras, eu só sabia sinais. E aí me chamaram para alfabetizar um surdo que estava na quarta série, naquela época se chamava ainda série. Não era nem ano. Era um surdo que tinha 10 anos de idade, estava na quarta série e eu fui, só que foi um tiro no escuro. Eu não sabia de nada e aí eu fui. Eu copiei o que o surdo me ensinou, da forma que o surdo me ensinou Libras eu copiei para ensinar português a esse surdo. E mostrava uma imagem, dizia qual era o sinal, dizia qual era a palavra na língua portuguesa para esse surdo. E fui aprender. E o contato que eu tinha com a Libras era só esse. Eram coisas pequenas e não eram coisas que me exigiam muito. Foi quando eu fui parar ali. Eu também participei de cursos. Depois eu fui para ministrar um curso. Eu era como se fosse a professora adjunta desse curso, e a professora Louise, a principal. E eu estava para dar suporte a ela na escola estadual aqui. Em duas escolas estaduais e depois eu fui como professora intérprete. A nomenclatura no Rio Grande do Norte é professor intérprete, não é intérprete de Libras, era professor intérprete em uma escola estadual em 2016. Apenas terminei serviço social, fui para essa escola ser professor intérprete. E em 2018 eu fiz o processo seletivo da UFPB e fui trabalhar na UFPB. Tive um contato com um com a Libras acadêmica. Com tudo que imaginar de sala de aula de graduação, sala de aula de mestrado e doutorado. Congresso, seminário, gravação e Câmera. E versão voz, com o professor surdo em sala de aula, aluno surdo, com todo o tipo de experiência. Foi quando eu percebi que eu tinha condições de estar na área. Eu tinha condições porque eu era uma pessoa que tinha abertura nessa área. Em 2018, eu tinha abertura para receber novidades. E aceitar essas novidades. Que o problema não era das pessoas que sabiam Libras, era de pessoas que achavam que sabiam Libras e não tinham abertura para as novidades. E a Libras é uma língua viva. Ela é uma língua como qualquer outra, como a língua portuguesa, como como o inglês, como qualquer outra língua. E as pessoas aqui na minha cidade não aceitavam as novidades, não aceitavam a pessoa dizer: que tal você fazer assim e não assim. Porque da forma que você está fazendo, não dá para o surdo entender – E a pessoa não aceitava. Eu me adaptava àquele perfil de intérprete. E aí quando eu fui para outros ambientes, percebi que eu também era adaptável ao perfil de outros intérpretes, aí que eu fui aceitar o que era novo para mim na Libras. E aí eu fui melhorando. Eu acredito que fui melhorando. De 2002 até 2018, com certeza eu fui melhorando. A minha prática é porque eu tive mais vivência com surdos tradicionais, conservadores de cidade pequena que querem estar ali só para receber, invés de evangelização, de contato com os surdos acadêmicos, surdos que conseguiram chegar na graduação, na especialização, no mestrado, no doutorado, que têm um aprofundamento, um conhecimento mais profundo, tanto na Libras como na língua portuguesa e com percepção de mundo. E foi quando eu retornei ao meu curso de Letras Libras. E estou conseguindo chegar até o final, faltando só o TCC para me formar, graças a Deus. Ai meu Deus. E foram muitos

desafios assim, nessa trajetória de convivência, consulta e voltar, tipo de João Pessoa para o meu interior e mostrar aos surdos daqui que existe a variação linguística, que existe outro tipo de sinalização que, não era só o português sinalizado que existia. Existia a Libras de verdade, que existe a tradução. Meu Deus, isso foi muito revolucionário para a minha cidade, para o pessoal daqui. E para os surdos conhecidos, que também não aceitavam este tipo de revolução, porque diziam que a Libras era a língua deles, então eu não podia chegar aqui com essa novidade. E até hoje é assim. Eu respeito o perfil, porque hoje eu percebo que existe perfil de surdos, perfil de intérpretes. Existe um jeito que as pessoas sinalizam, então eu respeito todo mundo. Só que se for para o meu crescimento profissional, pessoal, eu vou continuar respeitando essas pessoas. Mas eu vou aceitar o novo. Também vou continuar aceitando o novo, porque foi por causa das novidades que eu consegui desenvolver. Eu consegui ter novas experiências, fui aprovada nos processos seletivos. Infelizmente, a legislação não permite ter mais ter concurso. Mas eu fui aprovada em concursos também para ficar na suplência. Então isso, eu acho que os concursos vão provando. A nossa sinalização vai provando a nossa prática. Por causa de eu ser aluna do curso de Letras Libras, eu fui bolsista no IFRN. Ao mesmo tempo que eu fui também bolsista no IFRJ e eu também tenho facilidade no Rio de Janeiro, de pegar a variação linguística do Rio de Janeiro, por causa também dessa abertura do novo. Sinais lá diferentes. Sinal de rosa que a gente usa assim (mão em R fazendo movimento circular na bochecha) e lá usam diferente. Porque não é aceitar e acabou. Faz um sinal que eles usam no Rio de Janeiro. Só que aí, quando eu estava aqui, interpretando lá para Natal, no home Office, aí eu julgava qual é o sinal que a pessoa usa, e agora? Eu estou no Rio Grande do Norte, não estou no Rio de Janeiro, mas tudo bem. Eu sofri muito quando eu cheguei em João Pessoa porque o sinal de tapioca que a gente faz aqui, em João Pessoa é de outro jeito. E eu pensava: meu Deus do céu, uma tapioca fazer essa confusão na minha cabeça - Mas foi muito boa a experiência. Eu acho que a gente consegue crescer muito quando a gente se permite aceitar o novo. As novidades. Fiz o processo seletivo da UFRN também. Não fui chamada porque não pode ser chamada, não pode ser convocado porque não tem os dois anos de intervalo de um contrato para o outro numa instituição federal. Aí continuo no IFRJ, no Rio de Janeiro e percebi hoje em dia a confusão que eu tinha. Em 2017, eu percebi que eu posso, que é possível ter duas profissões e hoje eu tenho duas profissões - eu sou assistente social e sou intérprete de Libras, tradutora intérprete de Libras. Consigo exercer as duas profissões, tenho a oportunidade de ter a primeira experiência este ano como assistente social e, ao mesmo tempo, continuei como intérprete de Libras virtual. A internet me permite ir lá no Rio de Janeiro toda noite e voltar para casa, graças a Deus. E os trabalhos freelancer da vida de um intérprete. Sempre que aparece por causa do da minha experiência no IFRJ, com eventos perto de Natal, por o pessoal de lá me conhecer. Eu gosto do meu jeito assim, do meu trabalho. Eu me desvinculei do IFRN, mas eles salvaram meu contato e sempre que tem algum evento do governo do estado, eles me chamam quando é virtual, porque, por exemplo, é para todos os professores da rede estadual. Então, os professores, para não se deslocarem até Natal, dos 167 municípios do Rio Grande do Norte, fazem virtual. Agora eu descobri isso na pandemia e aí eu sou a intérprete dos eventos por causa deste contato. Eu faço os freelancer, então é muito bom isso. Eu percebi que eu posso exercer as minhas duas profissões e posso também estar me aperfeiçoando. É isso, é a minha história. Que foi desligada demais. Mas é muito emocionante. Eu mesmo ouvi eu mesma contar, eu acho. Eu gosto muito desse jeito, do sofrimento que foi, mas ao mesmo tempo de crescimento, que esse sofrimento me proporcionou. Um crescimento pessoal e profissional.

- Ai meu Deus. que história maravilhosa. Eu tenho muita coisa para perguntar muita, muita, muita, muita. Eu tenho muita coisa aqui. E é engraçado porque eu não conhecia sua história antes, não é só alguns recortes, apesar de já fazer alguns anos que a gente se conhece. Teve uma coisa superinteressante que você falou logo no começo aqui. Você disse que antes, vocês não tinham essa compreensão do que era a Libras. Que você já tinha feito um curso que era muito de palavra – sinal. Aprendia sinais soltos de coisas aleatórias. E aí tiveram duas pessoas que foram treinadas, só que vocês não entendiam que era uma língua visual. E não entendiam que precisava estar ali na frente, e essas pessoas também não aceitavam isso. Então fala mais para mim sobre isso.

- Quando veio essa Senhora lá de Natal para trazer a Libras para cá, essas duas mulheres queriam aprender com essa Senhora. E aí essa elas já aprenderam e se comunicavam com os surdos beleza. Só que quando era para elas irem lá para a frente, para o altar, na igreja eles não queriam, não aceitaram de jeito nenhum. Aí a professora perguntou então de que adiantou ensinar Libras para elas, se elas não queriam ir lá para a frente, interpretar a missa. Mas elas não foram e até hoje não foram nunca. Nós que fomos aprender depois a Libras e não aprendemos mais com essa senhora porque ela voltou para Natal. A gente aprendeu com os surdos. Aí depois que a gente foi compreender que a língua era visual. Quando a gente estava lá na frente e todo mundo olhava para a gente, pensávamos: meu Deus, eu não sou padre para as pessoas estarem olhando para mim - aí o surdo disse: vamos olhar para o lado, aí depois a gente olha para você. E assim se combinou todas as missas. Aí eles olharam todos para o lado e depois olharam para mim. E eu fiquei morrendo de vergonha, porque não era para todo mundo olhar para mim. Depois entendi, lógico, que eu estava transmitindo uma língua visual. Só depois foi cair a ficha. Ninguém nunca disse isso para a gente. Só depois foi cair a ficha para a gente, de que era uma língua visual, depois que a gente estava na vivência. E a gente foi aprender isso. Quem é que ia compreender que era uma língua visual? Depois que a gente já estava lá, como cobaia para interpretar.

- Depois, teve alguma coisa que você disse que eu ache o máximo. Você disse assim: que vocês iam, iam lá para a paróquia, aí se sentavam lá no sofá e ele (o surdo) ia mostrando o que interpretar. Ele pegou o jornal, tinha sinais soltos, aí pegava um jornal e as palavras que ele conhecia, ele dizia qual era o sinal delas. Quando ele não conhecia a palavra, dizia que você não precisa interpretar aquela. Então vocês passaram a missa todinha dizendo que Deus é bom. Deus é bom. Ele é bom, Deus é bom. Fala mais pra mim sobre essa experiência aí.

- Isso veio mudar mais depois que a gente já conseguia fazer mais sinais, que o nosso vocabulário já estava aumentando, aí a gente começou a fazer Deus é bom pra mim, Deus é bom para você, Deus é bom. Esse surdo que ensinou Libras para a gente, teve uma experiência de aprender Libras em São Paulo. A família dele é de São Paulo. Uma parte da família dele é de São Paulo e quando ele foi até lá já era adolescente de cerca de quinze anos. Ele foi para São Paulo e lá o pessoal da educação do Estado de São Paulo perguntou se ele já sabia a Libras e ele respondeu que não. A família sabia gesto e eles criavam os sinais caseiro. Aí ele achava que era surdo só para ter o BPC. Achava era o trabalho, o custo de vida dele, o que ele arrecadava por ser surdo. Aí foi para São Paulo e disseram para ele que estava errado, que ele precisava levar informação para a cidade dele no interior. A Libras. Que tinha que ser alfabetizado em Libras. E aí, ensinaram a ele. Lá em São Paulo. Que a palavra era do português. Mostravam imagem, a palavra associada a aquela imagem e o sinal daquela palavra em português. E ele

ainda passou alguns anos na fonoaudióloga, então ele conhecia algumas palavras. Aí, por isso que ele pegava o jornal e a palavra que ele conhecia em português, ele mostrava para a gente o sinal. Por exemplo: você; Deus; igreja; palavras pequenas e curtas e que ele compreendia quando fazia leitura labial e a que ele não compreendia em português, ele dizia, que podia tirar, não precisa dela. Dizia que podia pular essa palavra. Aí a gente achou que estava certo, a gente pulava. Só que a gente não compreendia que ele não estava entendendo tudo. Porque se foi ele que mandou a gente pular aquela palavra, então ele era a pessoa que ia dizer que estava entendendo tudo.

- Uhum. Vocês entendiam que pular aquelas coisas era fazer em Libras, porque ele dizia que essa aqui não precisava.

- Isso. Aí a gente interpretava lá na frente. Era tão engraçado. Eu lembro que era com o pedestal e o jornal colado nesse pedestal, que era para a gente acompanhar, não o que a gente escutava, mas acompanhar a leitura na língua portuguesa do jornal, a gente lia e riscava com a caneta. Essa palavra não precisa, pula. Essa palavra precisa, faz em Libras.

- Então, na verdade, vocês faziam uma tradução, a prima vista, não é? Você via o que estava lá, você lia e sinalizava. Não era interpretação simultânea. Interessante.

- E a gente crente, abafando, que estava fazendo Libras bacana demais. E porque era o surdo que ensinava, então a gente achava que o surdo era o senhor daquele conhecimento.

- Depois que você disse algo que foi muito interessante. Você disse que vocês aprenderam também com outros. Outros quem?

- Com outros surdos.

- Entendi. Teve outra parte da história em que você disse que vieram umas pessoas da capital que já eram mais proficientes, mas que não eram muito jeitosas. Aí fala mais para mim sobre essa experiência.

- É porque tínhamos a mentalidade, eu acho, de pessoas de cidade pequena. De que achar que quem mora em capital sabe mais do quem mora em cidade pequena. A gente tinha essa mentalidade. Naquela época, em 2006. E quando as pessoas vinham de Natal para cá, a gente tinha o pensamento de que eles vinham sabendo mais do que a gente. Mas a gente não aceitava porque tinha sido o surdo, o senhor da sabedoria daquilo, que tinha ensinado à gente daquele jeito. Então ninguém podia falar aquilo, que um surdo tinha ensinado errado para a gente, porque a sabedoria, o conhecimento do surdo para Libras está pronto. Não pode mudar. E aí esse pessoal vinha e dizia, olha o jeito que vocês fazem está errado, a gente vai colocar uma surda lá na frente que é uma surda de Natal, vai colocar uma surda lá na frente e vocês vão ver como é a tradução dela. Como é o jeito que ela sinaliza. Nós não entendemos nada. A gente não entendia nada do que essa surda dizia. Se ela dizia que usava a estratégia de equivalência. Tudo bem, a gente fazia tudo bem. Só que a gente não entendia nada. E pensávamos o que eles tinham vindo fazer ali, fazendo Libras errado. Aí, pronto. E A gente não aceitava o que elas traziam, por causa desse jeito que não era muito amigável, não era muito amistoso para a gente. E porque a gente também conhecia, tinha na nossa mente que o conhecimento do surdo era absoluto, que que ninguém podia mudar o que o surdo dizia, porque o surdo estava transmitindo, ensinando para a gente a língua dele. A gente então entendia que era uma língua dele. E não nossa.

- Que interessante. Aí você disse assim: a gente não aceitava porque também não era muito amigável. Então, fala um pouco mais sobre esse contato deles com vocês e dessa troca. Porque você falou alguns aspectos, não é? Você falou que, por exemplo, teve uma vez que elas disseram: então vamos colocar uma surda também. Ela é surda, ou seja, Senhora da língua, para vocês verem. Mas é também teve outra parte que você falou sobre como foi a reação deles vendo vocês fazendo Libras ali no interior.

- É, eles não queriam muito que a gente... a gente sentia como se fosse uma provocação pessoal. Só que não era uma provocação pessoal, era uma tentativa de melhorar a nossa interpretação. Só que nem os surdos aceitavam e nem, a gente, os ouvintes aceitávamos porque talvez devesse vir de outras formas, de outro jeito, eu acho, mostrando através de cursos ou até mesmo uma pessoa de fora da igreja católica que fosse uma pessoa que tivesse um perfil. Que soubesse lidar melhor com pessoas que têm perfil de engessamento, de achar que não pode mudar. Então, era uma pessoa da igreja católica também, inclusive era uma ex-freira. Ela era freira em outra cidade, ela é natural da minha cidade e voltou para lá porque abandonou o convento, depois foi morar em Natal para trabalhar. E ela teve contato com os surdos de lá. E aí a trajetória dela não foi muito aprovada pelos surdos, porque os surdos, a comunidade surda do meu interior, tem um olhar muito julgador. Ou seja, uma ouvinte, por exemplo, ela de abandonou o convento? Então ela é uma pessoa ruim. Se fosse uma pessoa boa, ela teria continuado no convento, então a partir daí já tem uma barreira de aceitação por causa da história de vida daquela pessoa. É meio que julgador o perfil deles aqui. Eles não têm muito contato com muita gente que sabe Libras. São surdos, não têm a percepção auditiva de informações, não capturam informações através de audição, então, o que eles têm é a visão e o que eles enxergam, eles adotam como uma verdade.

- Certo. Agora me fala um negócio, porque eu achei interessante. Você disse que nem os surdos também aceitavam ou entendiam. Todos os surdos daí também se comunicavam com esse mesmo tipo de sinalização ou eles faziam uma adaptação para se comunicar com vocês e quando chegavam outros surdos, eles não entendiam? como que era isso?

- Boa pergunta. Os surdos daqui são totalmente fluentes em Libras, totalmente fluentes em Libras. Só que eles ensinaram Libras para a gente de uma forma que não foi muito favorável para a gente, porque eles ensinaram português sinalizado. Eles achavam que a gente ouvia e era pra ser da forma que a gente ouvia. Só que não era assim que os surdos se comunicavam entre si, eles são totalmente fluentes. Eles usam estratégias de comunicação, técnicas, de comunicação, usam a gramática da Libras certinha, sintaxe, a morfologia, tudo certinho. A gente era que não entendia quando a gente teve o primeiro contato com eles. É a gente até conversava, nós ouvintes, que nos dizíamos intérpretes naquela época, em 2006. A gente dizia: Ele me compreende, mas eu não o compreendo. Com aquela Libras que eu faço, que ele me ensinou, mostrando a palavra, na língua portuguesa, ele vai entender, mas quando ele joga para mim, Libras de verdade, que é a língua dele fluente, eu não entendo porque é outra língua. E ele está ali, Fazendo Libras de uma forma que não foi a forma que ele me ensinou, porque ele não é fluente na língua portuguesa, ele é fluente em Libras. E ele me ensinou Libras, mostrando a palavra em português. Só que não foi em português, porque português tem a sua gramática e Libras, tem a gramática dela. Só que o surdo não sabia disso. Ele ensinou porque queria ser evangelizado na igreja católica, então ele ensinou de qualquer forma. E achava que estava

ensinando o certo, porque ele achava que o português sinalizado. E teve esse entendimento depois, só muito tardiamente. E aí quando o surdo sinalizava, a gente não entendia.

- Que interessante. Espera aí que tem mais coisas que eu quero perguntar. A gata está mordendo meu o pé. Ela está entediada, quer brincar, só um instante.

Teve outra coisa que foi bem interessante, que eu achei o máximo também. Teve outro surdo que já desenhava muito bem e ele tinha dicionário, mas não tinha condições de estar fazendo cópias. Ele fazia o desenho, ensinava os sinais para vocês e vocês também descreviam a estrutura do sinal para poder memorizar. Nessa parte aí vocês já tinham um entendimento da estrutura da Libras ou ainda era português sinalizado?

- A ideia era uma ampliação de vocabulário, no caso. Já tinha um vocabulário. Isso que nunca ninguém ensinou para gente, a gente era quem percebia, que a gente aprendia dessa forma. Eu percebo que eu aprendo dizendo que o sinal de casa é feito com as mãos, em b, dando dois toques.

- Aí eu achei bem interessante que teve um momento de mudança, que foi quando você foi fazer serviço social e você começou a pensar no que você queria com relação à Libras. E aí, lá na universidade você descobriu que existia curso de extensão e foi fazer curso de extensão e passou de básico, intermediário, avançado. E aí você foi pensar o que queria porque para a sua igreja, aquilo não era necessário. E o que você queria era fazer o bem. O que queria, era evangelizar. Então não precisava daquilo, não precisava aprofundar. Fala um pouco mais para mim sobre isso.

- Eu fiz o básico, intermediário, avançado, porque a gente já tinha, éramos sempre outra amiga e eu, e tínhamos o interesse de aprender mais Libras, porque a gente não conseguia compreender o surdo. Não entendíamos o que ele queria dizer. Então a gente tinha essa necessidade de aprender mais. E aí, dentro da igreja mesmo, a gente fez um curso básico, intermediário, avançado no curso de extensão. E eu só fui refletir depois o que eu queria para a minha vida profissional, a partir da especialização em 2017. E aí eu quis me permitir estar em uma banca para ser avaliada. Para perceber o que realmente eu queria para a minha profissão.

- E fala pra mim dessa experiência, porque você disse, aí eu do interior, pela primeira vez estava lá, numa banca com dois surdos e uma professora Doutora. Fala mais para mim sobre isso.

-É o que a gente imagina. Gente do interior, é sempre taxado como pessoa conservadora, pessoa que é beradeira. Tem até um sinal que eles usam na arte para beradeiro. E eles da capital, inclusive de Fortaleza, na festa do padroeiro aqui do interior, sempre vêm surdos de Fortaleza, de Natal de toda a redondeza. Aí eles usavam muito esse sinal para os surdos daqui. A gente também se sentia meio magoado, porque a gente tinha aprendido com surdos. E aí eu fui fazer esse teste, esse processo seletivo, porque eu queria saber como estava a minha Libras, e também queria um trabalho. Eu queria um emprego. Eu queria me inserir no mercado de trabalho e aí dei a cara à tapa. Eu fui lá me permitir e tinha um surdo. E eu não entendia nada. Eu só entendi que era a versão voz e versão sinalizada. Só que eu não tinha técnica, eu não tinha estratégia, não tinha contato com isso. Eu nunca tinha feito uma versão de voz para os surdos daqui. E quando o alguém chamava um surdo para dar um depoimento da vida pessoal deles, a gente já tinha tanta convivência com o surdo que a gente já sabia contar sem eles sinalizarem, então a gente ia fazer a versão voz e era a minha primeira vez em um processo seletivo e que eu tive

contato com textos acadêmicos. E eu nunca tinha tido contato com o texto acadêmico. Só com o texto religioso. Foi um desafio para mim, só que aí eu fiquei, não fui aprovada. Eu fiquei muito feliz com o resultado, porque as pessoas que também não foram aprovadas eram pessoas que vinham da capital e que tinham mais contato com a Libras, que tinham contato com a Libras acadêmica E aí eu percebi que tudo era frescura, que todo mundo é igual e que qualquer pessoa tem condições de aprender, qualquer coisa que quiser aprender. Sou do interior, mas eu posso aprender o que eu quiser aprender.

- Que massa. E aí depois teve um outro processo seletivo que você passou, não é? E daí foi a outra coisa, foi outra vivência. Fala um pouco mais sobre essa outra vivência.

- Foi outra vivência, porque eu estava já na graduação, na especialização. E nessa especialização, oferecia outros cursos que eram cursos profissionalizantes. Teve o curso de técnicas de tradução, que foi com um professor de São Paulo. Ele foi para Natal e aí, a gente que era da pós-graduação, da especialização, a gente foi para esse curso. Eu já estudava Libras assim e eu já tinha mais percepção de que a Libras não existia só na igreja, existia em todos os outros ambientes que a gente quisesse estar. Então eu precisava estar nos outros ambientes também. Aí eu comecei a pesquisar na internet, a descobrir que existia a Ronice, que existia a Neiva, que existiam pessoas que pesquisavam tradução, interpretação. Que existia um modelo. Será que ela que a gente teria como modelo de Libras no Brasil? Eu comecei a pesquisar esse material. E quando eu peguei o edital do processo seletivo da UFPB, eu li o que era que pedia, eram quinze conteúdos e aí eu comecei a pesquisar sobre esse conteúdo, sobre o código de ética do Tradutor Intérprete Libras e eu comecei a pesquisar sinais específicos da área de tradução e interpretação. Eu comecei a pesquisar, e achar que daria de verdade, também porque a especialização exigia da gente atividades e eram só atividades filmadas. A gente precisava gravar e enviar para a professora para ser avaliado. Depois de ser avaliada, a professora trazia e comentava conosco: que tal fazer assim e não assim? Porque essa forma é obsoleta, não se usa, é português sinalizado. E aí mostrava a forma certa de sinalizar. E os tipos de técnicas, os tipos de estratégia que existem, as estratégias para a versão voz. E aí eu fui aprendendo e fui para esse processo seletivo. Fui comparar à minha primeira experiência de uma banca e eu acho que foi rápido para ser aprovada numa banca, porque eu só tive duas experiências. Na segunda, já fui aprovada. E na primeira eu não fui aprovada, mas eu tive uma avaliação melhor do que do que quem se dizia ser melhor do que eu. Tive dificuldades também na segunda porque eu me lembro muito bem que a versão voz era o professor Xavier fazendo um texto sinalizando e ele é muito rápido na datilologia. E eu precisava ter muita atenção para a datilologia, para a versão voz. E concentração. A gente precisa desenvolver também como uma alteração na autoconfiança. Ir com a bagagem que a gente tem mesmo e enfrentar um desafio. E aí deu certo.

- Fala mais sobre isso, essa sua percepção, de que a gente precisa desenvolver mais concentração e autoconfiança. Fala mais sobre isso, para mim.

- É porque quando estou aqui conversando contigo na língua portuguesa, é confortável para mim, por ser a minha língua materna. Mas aí, quando eu preciso sinalizar, eu escuto na língua portuguesa, eu processo a informação e adapto para a língua de sinais. E aí é um esforço muito grande que a gente faz. Eu digo muito que o intérprete competente é um ninja. Porque em segundos eu escuto na língua portuguesa, processo a intenção daquela pessoa que está falando, que não é a minha fala. Como é que pode a cabeça conseguir fazer isso? Às vezes eu paro e fico pensando como é que faz isso na cabeça? Como é possível fazer isso? Processo numa língua

adapto para a língua de sinais e jogo para a língua visual motora. E aí precisa muita concentração para fazer tudo isso. Concentração, foco e a autoconfiança, porque para você jogar para a língua de sinais, você tem que fazer com a bagagem que você tem de conhecimento. E confiar no que no que está fazendo. Porque se a pessoa conseguir estar naquele determinado ambiente, é porque é merecedora de estar ali, é porque consegue estar ali. E ter autoconfiança, não significa dizer que não vai aceitar o que é novo. Aceitar melhorias. Significa que você tem que fazer o que vocês sabem. E aceitar o que for para melhorar.

- Isso deu certo então, essa forma de pensar sobre isso, da autoconfiança e da concentração? Eu achei bem interessante você falar sobre isso, porque você falou de uma outra experiência bem diferente, que foi a primeira vez que você foi lá para o altar. Que ficou desconfortável com todos olhando para você, por você não ser o padre, que deveria ser para quem as pessoas deveriam olhar.

- Foi muito diferente da experiência, porque ali eu estava traduzindo, até então, um texto religioso. E que o surdo tenha dito que poderia pular essa palavra, essa palavra, e então, eu fui para um ambiente de uma avaliação, em que eu estava sendo avaliada. E era um texto acadêmico de pessoas que sinalizavam. Fui do perfil de surdo conservador para um perfil do surdo da academia.

- E sobre a sua experiência de trabalho lá? Porque aí você disse que lá também passou por todo tipo de experiência que pudesse imaginar: era em gravação; era em Congresso; era em evento. Fala um pouco mais sobre isso para mim, porque você estava até então em um perfil de trabalho, certo? Você estava lá na igreja e foi professora intérprete em escola do estado e, de repente, se viu em uma coisa bem diferente. Fale também sobre isso.

-Tem muito desafio. E no Primeiro mês eu quis desistir. Eu disse: não sei o que eu estou fazendo aqui, porque eu tinha deixado a minha família, tinha deixado o meu conforto, minha casa, tudo. Fui para uma cidade em que eu não conhecia nada. Já não conhecia ninguém, não conhecia orientação nenhuma para pegar ônibus para nada. E não conhecia a variação linguística. Eu sabia que existia, mas eu não conhecia a variação linguística, que sabia que ia encontrar. E foi muito difícil para mim também, porque do mesmo modo daquelas pessoas lá em 2006 que vinham para cá, para o meu interior dizer que a Libras não era assim. Eu também encontrei pessoas que diziam que a minha Libras era de beradeiro, conservadora, que era muito fraca. Eu encontrei pessoas assim, mas também encontrei pessoas que disseram que existe o revezamento, o intérprete de apoio e você pode trabalhar junto com o intérprete de apoio. E a gente está aqui para construir e foi uma equipe muito boa, porque era uma equipe que se apoiava. Já apoiavam uns nos outros e eu sou uma pessoa que gosta muito de conversar e eu perguntava muito sobre Libras mesmo. Eu perguntava muito aos meus colegas intérpretes, como foi que você chegou aqui? Como foi que te receberam? Como acontece o trabalho. E ali eu prestava muita atenção nessa forma como me diziam, porque eu senti, que o que eu estava sentindo naquele momento, aquele choque, diferença cultural, diferença não só na Libras, mas na vivência humana, social mesmo, eu percebi que os meus outros colegas intérpretes também sentiram isso. E aí eu comecei a pensar que isso é normal de todo o começo. Então eu iria me permitir a ter a experiência. E aí, minha família também me dava muito apoio, dizendo que que eu precisava continuar nesse trabalho na UFPB, por ser uma experiência diferente. E iria ser muito bom para a minha profissão e me dava muito apoio. E foi aí que eu quis continuar, só que era muito diferente. Eu me encontrar com o surdo que sinalizava diferente. Os surdos que eu tinha

vivência, tinham outras mentalidades. Por exemplo: eu sou surdo, e a minha profissão é ser surdo, porque eu recebo o BPC. E aí eu fui para um ambiente em que os surdos não são pessoas que estão à margem da sociedade. São surdos que estão inseridos na sociedade e que lutaram para estar ali. Eles fizeram o processo seletivo igual eu fiz uma, eu, uma pessoa sem deficiência. O surdo do que é uma pessoa com deficiência fez passou pelo mesmo processo que eu, por uma banca, por uma aprovação, por ter o que era preciso estudar para estar ali. Então era muito diferente, um surdo que estava igual a mim, igual ao meu padrão acadêmico estudantil. Então foi um choque muito grande para mim. Mais também por eu ter sido, dos seis novos intérpretes que foram convocados, a última a ser convocada, num período diferente dos outros cinco intérpretes. Então também fiquei meio desconcertada por ali, porque também não conhecia os ambientes, só que aí, como eu conversava com os outros intérpretes e com os novos intérpretes que entraram na mesma época que eu, percebi que era normal e que eu podia estar ali. Eu precisava passar por isso mesmo, passar pela experiência. Só que aí eu precisei passar também pela experiência de aceitar o novo. E aceitar a Libras, de aceitar a Libras acadêmica. E aí foi quando eu passei por vários ambientes, a sala de aula com alunos ouvintes e o professor surdo. Na verdade, era muito, muito incrível. Isso porque, eu estava ali, não para promover a acessibilidade para um surdo, para a pessoa com deficiência. Na sala de aula dos alunos ouvintes, eu estava para promover a acessibilidade para as pessoas sem deficiência, para os alunos ouvintes, porque o professor surdo que estava ali como minoria estava ali para ensinar, para lecionar a disciplina que era dele, que era a Libras. E surdos que ocupavam cargos de chefia em coordenação de curso, chefia de departamento. E fui intérprete de congressos, de seminários, traduzi edital de processo seletivo e material de mestrado. E ao mesmo tempo em que eu estava ali oferecendo o meu conhecimento, eu também estava aprendendo. Através do conhecimento dos meus colegas intérpretes e dos surdos, com os quais convivia, que eram alunos de mestrado, ou aluno de graduação, ou surdos profissionais, servidores da universidade.

- E a sua prosódia também? Eu tinha esquecido como era o sinal. Mas quando qualquer pessoa, em qualquer lugar, fala sobre a prosódia, lembro de você na hora.

- E se não estou contando, eu lembro de como a gente faz a tradução escrita hoje em dia. A gente começa a se acostumar. Quando a gente escuta, a gente já não precisa mais escrever aquela tradução. A gente escuta e já faz isso. Eu também lembro de você nas provas, perguntando como isso se relacionava com isso, ou estava em consonância com a outra parte.

- Eu acho que não tenho mais nada para te perguntar, e não sei nem quantas páginas eu preenchi de notas. Acho que sete páginas de anotação aqui de tanta coisa. Muito obrigada. Você não faz ideia do quanto que o seu relato foi enriquecedor para minha pesquisa. De quanta coisa que eu estou tentando investigar, que você falou naturalmente para mim. E era uma preocupação minha e do Dani no começo, porque a gente está investigando um aspecto muito específico da competência tradutória. E não é uma coisa que é fácil de investigar, porque é uma coisa que é muito interna, que não dá para você analisar por um meio externo, por outros tipos de métodos que são utilizados nos Estudos da Tradução. E a nossa preocupação era, vamos fazer pesquisa narrativa, mas será que as pessoas vão falar sobre isso que a gente está investigando? Porque temos a hipótese de que essas coisas influenciam, mas será que vai sair no relato da pessoa ou será que eu vou ter que ficar perguntando à pessoa, vou ter que induzir a pessoa me dizer aquilo. E você fala sobre isso, e às vezes, eu digo assim, fala mais sobre isso daí, mas você foi você quem falou naturalmente. E daí você fala mais um monte de coisa. Foi o processo também de

descoberta, porque eu não fui para uma sala de aula ser ensinada. Foi na convivência mesmo. O processo, passo a passo de cada coisa que a gente passou.

- Acho que o sofrimento foi maior também porque a gente aprendeu português sinalizado o primeiro contato.

- Assim, o meu processo é muito parecido com o seu. A diferença é que eu não aprendi o português sinalizado, aprendi Libras mesmo e já foi diferente. A gente tinha material, mas até o período da gente é semelhante, do contato com a Libras, do início. Então já é muito legal o seu relato. E é muito legal, porque eu estou tentando conversar, fazer um recorte das regiões do país. Eu estou conversando com intérprete de São Paulo, com o intérprete do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e eles estão me contando as mesmas coisas.

- Entendi.

- As experiências são muito parecidas e as coisas que motivaram esse desenvolvimento também são muito parecidas, independentemente de onde eles estão. Então é uma coisa que é muito legal.

- Eu acho que é também da categoria por inteiro, porque conversei com a minha categoria de serviço social. Não senti isso porque serviço social é uma linha que só é um padrão, ó pessoas em vulnerabilidade social. Pronto está ali, é o nosso público. E a Libras não. Tem as variações linguísticas. Tem um perfil dos profissionais. Perfil da comunidade surda. Tem que saber com quem vai lidar, é muito incrível. E tem a questão de que serviço social está estabelecida há muito tempo.

- E a gente não tem o curso de bacharelado em letras Libras estabelecido há tanto tempo. E temos cinco universidades no Brasil inteiro, então é muito pouco intérprete que passa pelo bacharelado para o tanto de intérprete que está atuando. Especialmente quem começou lá, mais atrás que a gente começou, que tem o que dizer. Gente que tem vinte anos ou mais. Daí o processo é longo. O começo é bem diferente. Já havia um contato ou interação, só que não existia visão do que era realmente aquilo, não é? Eu achei bem interessante você falando da sua descoberta, de entender que era uma língua visual. Depois vir a entender que Libras era uma outra coisa. Era um universo e não era aquela coisinha que você estava vendo ali na igreja, que não era apenas aquilo ali. Então é muito interessante essa sua reflexão, essa sua chegada nessas conclusões. Eu vou encerrar aqui a gravação.

Entrevista Tils 8

- Já houve a leitura do termo de consentimento livre esclarecido e agora a entrevistada vai assinar o termo de consentimento e depois contar o relato dela.

Eu vou só te explicar como vai ser. O comitê de ética exige a proteção dos dados da pessoa, por isso, você nunca vai ser identificada na pesquisa, você vai aparecer como Tils 8. Eu estou colocando só uma numeração de acordo com a sequência das entrevistas.

A nossa conversa aqui poderá ter três momentos. No primeiro, você vai contar sobre esse seu começo. Como foi o seu caminho até você se tornar intérprete? Eu não vou interromper, e você vai ver que vou fazer algumas anotações, porque com certeza vão ter coisas na sua história que eu vou querer saber mais alguma informação, depois que você terminar de falar o que você lembrar e quiser falar, então, eu vou perguntar de trechos da sua fala. Vou dizer: Você falou isso daqui. Você pode falar mais sobre isso? Aí, novamente, sinta-se à vontade para falar. Fale tudo o que quiser.

- Então seria sobre como aprendi Libras até a formação como um intérprete profissional?

- Sim. Quero saber desse seu percurso. Como que você chegou aqui?

- Tá? Então, início do aprendizado também serve?

- Sim, tudo. Pode contar à vontade. Aí depois a gente vai ter uma conversa mais livre e pode ser que tenha alguma coisa mais específica que talvez você não tenha falado muito e que eu quero saber, daí vou perguntar isso para você mais especificamente, está OK?

- Começou com o irmão do meu melhor amigo até hoje. Ele sempre morou muito perto da escola. Eu sempre gostei muito de chegar cedo aos locais. Aí eu ficava na casa dele para poder ir para a escola. Mas ficava brincando lá tinha um terreno grande. Aí eu fui tentar falar com o irmão dele e ele não entendeu e o meu amigo me explicou que ele era surdo. Só que eu nunca tinha visto um surdo na vida. Aí eu falava com ele, e o meu amigo me disse que ele não falava por ser surdo. Então eu quis entender como era aquilo. Ele nasceu assim? É uma curiosidade, não é? Ele foi explicando. E eu pedi para ele me ensinar para eu poder conversar com ele. Então, todos os dias antes de irmos para a escola, a gente passava mais a maior parte do tempo fazendo isso, ele me ensinando Libras.

A gente estudou junto da terceira série ao terceiro ano, acho. Somos muito amigos até hoje, então ele sempre me ensinava algum sinal. Ia perguntando a ele como dizer isso, ou aquilo? Quando eu aprendi um pouquinho resolvi que ia falar com o irmão dele. Pensei em falar com ele, para chamá-lo para brincar também, porque ele nunca brincava. Mas ele também era um pouco mais velho, ele não ficava muito com a gente. Fui falar com ele para ver se ele queria brincar com a gente, mas ele não estava mais numa fase de brincar. Era mais velho que a gente. Aí depois que eu saí do terceiro ano, eu não quis mais... Não é que não quis mais saber de Libras. Os contatos, acabaram. Os contatos com ele, cada um seguiu seu rumo para a cidade e nós fomos chegando na universidade.

Precisei transferir o curso para a noite, que era de manhã, porque eu comecei a trabalhar. Meu esposo, que na época era meu namorado, disse que eu fizesse um curso, pois o que valia era o diploma. Então fui atrás de curso. Fiz na Funad. Fiz também na UF. Eu fiz nivelamento e

sempre entrava já no final do curso, mas durante este percurso, eu sempre fui tentando somar. E estamos na área hoje, mas o meu objetivo nunca foi ser profissional da área. Não, nunca. Só que surgiu a oportunidade e eu já estava capacitada. Mas meu objetivo foi sempre ajudar a pessoas surdas amigas. Eu nunca tive interesse de me manter estudando isso para sempre, mas ao vontade deles? Quis aprender Libras para ajudar os surdos. É porque eu vi uma necessidade.

Estudando na Funad, tinha um outro professor meu, ele se tornou um amigo meu, na verdade ele não era professor da instituição. A gente sempre teve essa troca muito grande. Eu chegava antes, ficava depois do curso. Sempre ficava para poder conversar, perguntar as coisas e questionar e falar. Também era muito gratificante. (trecho incompreensível da transcrição).

- Perguntando mais, você disse que o seu primeiro contato surgiu porque o seu melhor amigo, o irmão dele era surdo?

- Sim.

- E aí, você pedia para o seu amigo ficar ensinando para você conseguir conversar com ele?

- Isso.

- E aí, depois de um tempo aprendendo com ele, você criou coragem para ter contato com o irmão dele pela primeira vez, como foi isso?

- Porque como eu não conseguia me comunicar em nada com ele. Eu tinha medo, porque ele tinha um jeitão de perto, até por ser mais velho. Daí o meu amigo me ensinou: oi, tudo bem, o meu nome é... e ia corrigindo, não é? Dizia: Não, acho que está errado. Faz assim a expressão. Aí eu fui começando a me comunicar com ele. Aí, era tão ruim a vida dele que foi assim. Eu aprendi mais a conversar com um amigo porque tinha tempo. Aí eu ligava para ele chamada de vídeo, a gente começava conversar assim. Como tinha esse outro surdo na Funad, a gente conversava mais.

- E quando chegou na universidade, no curso de educação física, tinha um surdo?

- Sim.

- E aí você se comunicava com ele?

- Era. Todo grupo, dupla, tudo eu fazia com ele, não é? Eu gostava também de ficar conversando com ele e, vou ensinar, não é? Da área de educação física, de pouca circulação sanguínea, de coisas que nunca imaginei que ia haver sinal, forma de interpretar e estava lá e já me conhecia mais. Mas de curso também que eu participava, sempre em curso. Ele passava depois da aula. A gente ficava conversando em Libras. Perguntava sinal sobre a cultura e porque ele também já era casado na época. Ele falava da vivência dele com os filhos, as estratégias - E aí quando o teu filho, chora, como é que faz? Como que tu sabes que ele está chorando se ele acordar à noite? aí ele falou mesmo. Ele conseguia sentir o ruído por colocar o celular em cima do travesseiro. Então não precisava a mulher dele chamar a atenção dele com a luz. Ele ia apontando os relatos dele durante a aula.

Com o meu amigo de escola, eu fiz, por que nunca me disse que tem um irmão surdo? Ele disse que eu nunca perguntei. Que não sabia que eu não sabia, porque para ele era tão comum. Ele estava lá e não fazia diferença alguém saber ou não saber. Eu acho que no meu bairro ele foi o primeiro surdo. Daí depois o pessoal foi perceber que tinham outros surdos dentro do bairro.

Não sei se até hoje tem. Mas na época eram três surdos - dois meninos e uma menina. E a gente via vivências totalmente diferentes, que, na realidade mesmo, todo mundo, por ser da comunidade, tem aquela vivência. E de a mãe dele deixar ele ir para qualquer lugar que você marcasse com ele. Ele ia de boas. Eu não tinha muito contato com a menina, a mãe era muito colada com ela, até para você conversar num ônibus quando ela vinha. Era todo mundo no mesmo horário, voltava para casa para ficar conversando, mas assim, a mãe dela sempre apertando, sempre deixando ela muito sufocada. E ela reclamava só que ninguém teria coragem de fazer a tradução dessa fala, de interpretar para a mãe dela: você está me sufocando. E, nesse sentido, por mais a gente soubesse, a gente não tinha coragem - minha mãe não me deixa sair com os meus amigos, não sei o quê. Quem vai encarar a mãe de alguém, não é? Era todo mundo criança. Por mais que a gente já tivesse compreendido, não teria a coragem de fazer a interpretação do que ela estava falando. Então, sempre foi uma realidade muito próxima. Estava dentro da Libras. Até que eu me desliguei do pessoal depois da faculdade, porque eu fui fazer curso para fazer outras coisas.

- Aí você me falou que fez o primeiro curso no centro de referência.

- Isso aqui já era com eles diariamente. Já conversava. Perdi o início. Porque normalmente, quando estava na sala de aula de um novo curso, não ficava naquela linha ali, precisavam me mudar de turma. Diziam assim: já está ótimo, está evoluindo, não pode ficar aqui não. Aí estão ia fazer nivelamento. Porque tinha cinco módulos, aí eu sempre passava para o quarto e terminava o curso, sempre. Até que afinal, eu falei: quero fazer todinho. Aí eu fiz o quarto, quinto e depois eu voltei por medo de pegar o diploma, para pegar o diploma certinho, eu vou ter que fazer o primeiro, segundo e terceiro, para conseguir todos os diplomas. Aí depois eu fui fazer na Funad. Entrei no quarto, fiquei o quarto, o quinto, finalizei o curso, aí foi quando teve uma proposta lá mesmo, que depois que finalizava, podia fazer um curso de tradutor Intérprete, se você tivesse um de Libras em contexto, que é de dois anos. Aí eu finalizei o curso que já estava fazendo, fiz os módulos cinco e seis e finalizou o curso. Depois eu fiz o Libras em contexto e finalizei.

Só que eu já estava na área de educação física, então nunca tinha pensado em entrar para a Libras. Mas surgiu uma oportunidade na prefeitura e no estado, aí que eu fui. Eu acho que não deu certo. Levei currículo, estava tudo certo, aí não deu certo. Já o começo no estado, era uma escola integral que precisava, tinha um surdo lá. Aí depois vim para cá. Não, eu fui para outra universidade, até a um curso de arquitetura. Foi algo inovador dentro da minha própria formação, mesmo porque o surdo ele era muito empoderado. Então ele ensinava tudo, o sinal novo que tinha a estátua e tudo o que tinha da área de Libras, que fazia em Libras. Ele já assistia os filmes e, depois de um filme, ficávamos conversando ali, então eram vinte e quatro horas na Libras. Para mim foi um dos maiores momentos nessa instituição, não é? E foi interpretando um curso de arquitetura que era um desses surdos. Então eu passava a manhã toda com ele no curso e depois a gente saía e aí deu tudo. De noite, tirando dúvida, ele tinha alguma dúvida dentro do curso, mas terminou de ler detalhes de classificador de conseguir, tipo adaptar um marco, então o sinal de uma beleza eu fazia com classificador, que dava para fazer e ficar claro, mais pelo contato, convívio mesmo.

Aí quando eu vim para cá, para a UF, já estava em outro, momento. Foi justamente no momento da pandemia. Ele trancou o curso porque ele não gostou da demanda virtual. Aí foi quando eu entrei aqui na UFPB, e foram contados totalmente diferentes. São os outros surdos,

um nível de fluência totalmente diferente, critérios totalmente diferentes, comportamento totalmente diferente, apesar que a gente conhece o código de ética, mas por se portar totalmente diferente, de ser uma instituição federal e não privada. Não a nível de relevância, todas universidades têm relevância, mas eu acho que até o contato com as pessoas em si, é totalmente diferente.

- Eu achei interessante que você falou que fez uma amizade como um dos professores lá na Funad. Que você passava horas conversando com ele, tirando dúvidas e querendo conhecer mais. E você fala que tinha uma sede de aprender, e que é você percebia isso em você mesma, esse interesse intenso. Fala um pouco mais para mim sobre isso.

Como a Libras ainda era muito nova para mim, tudo que olhava, pensava que sinal seria para aquilo. Aí ia perguntar para o surdo. Então, até hoje tem esse vínculo. Assim, se no meio de algo tiver uma dúvida, eu ligo para ele. Apesar de também ser um surdo de referência aqui de João Pessoa. Foi pelo convívio e a gente teve esse contato muito forte. Até quando a gente foi cursar uma especialização, fizemos juntos. Ele me conhecia tanto que eu ficava, quieta, séria, daí uma outra me chamou, e ela disse: o que foi? ela está com raiva? – E ele respondeu: Não, é o natural dela, não está com raiva. - O nível de conhecimento, sabe?

Então, para mim foi realmente tá falando de um marco muito grande, porque eu percebo que ele foi um dos surdos muito abertos a essa troca, sabe, para me perguntar: que palavra é essa no português? O que significa? - então para mim também era muito enriquecedor refletir sobre uma palavra que não sabia, dar um Google nessa palavra. Também, quando eu sabia de fato o significado, aí eu ia direto explicar. Mas enquanto eu não sabia, eu ia lá no Google e explicava direito. E até em outros momentos também, quando eu já tinha finalizado o curso. Tudo porque com essa facilidade fazer uma videochamada, chamava para ficar conversando só para perturbar mesmo. Eu ia andando e conversando. Isso também, quando ele precisava de ajuda e fui ajudar nos processos que tinha. Por exemplo, a aposentadoria que estava procurando, um cartãozinho de passagem que também faz na Funad. Então eu sempre dava ajuda voluntária lá na Funad. Ou para comprar alguma coisa no supermercado; ou queria ir em uma loja comprar uma TV. E eu vejo, na casa do Senhor, ajudar é tranquilo. Assim sem cobrar nada. Porque eu acho assim, apesar de ser profissional, mas eu acho que como amigo, às vezes o pessoal quer cobrar, acho que eu nunca teria coragem de cobrar dele, nunca. Ele me ensinou tudo para chegar no que eu sei. Então, por exemplo, tem uma palestra, tem um evento na igreja, ele queria participar, mas não tem intérprete, é só responder porque aí com certeza eu vou. Ou, quer combinar de meio-dia ir comprar uma TV, para não ser enganado. O pessoal passa o cartão sim, quantas vezes sem saber se comunicar e ele acaba sendo prejudicado, então, a gente combinou para ir à loja comprar essa TV, vou. Sempre de maneira voluntária, porque digo assim, mais do que nunca, meu objetivo nunca foi interpretar de maneira profissional, nunca foi ganhar dinheiro com isso. Foi mais para realmente não manter essa escuridão. Já pensou ser você que quer ir no lugar, querer comprar uma coisa que aquela pessoa não tem como entender? Porque você quer comprar uma camisa, e a pessoa não saber a marca da camisa que você quer, a cor da camisa que você quer. Tudo assim, meu intuito mesmo de aprender isso, sempre foi para ajudar um surdo que quando acontecesse, pudesse começar a fazer isso.

Então, justamente por conta desse tempo já e foram até por conta desse meu amigo, entendeu? Porque é um exemplo. E o irmão do meu outro amigo ficava virado, por exemplo, de a mãe dele fazer ele ir comprar o pão. Eu sou surdo, como é que eu vou falar, não consigo

falar. E ela dizia que ele escrevesse no papel. Bom dia. Eu quero 1 BRL de pão. Então, o irmão dele forçava ele ir. O meu amigo dizia para ele ir lá e pegava e ajudava a anotar nesse papel. Eu achei muito gratificante. Você conseguir ser a voz da pessoa, conseguir ajudar, então, para mim foi bem gratificante.

- Mas depois que você fez esses cursos, você já tinha contato com a comunidade? Você, por exemplo, fez o curso com de referência; você entrou na Funad==; fez o curso Libras em contexto...

- É que para entrar no curso de tradutor, você tem que ter esse curso de formação de uma carga horária 250 horas e 40 horas, aí já tem esse certificado. Sendo que esse Libras em contexto da Funad é o curso básico. Daí você vai aí do primeiro ao sexto módulo, lá estudando Libras do cotidiano, sinais de escola, sociedade, comida, essas coisas. Aí depois de você passar esse período estudando, aí você se forma, e tem uma seleção para você entrar no curso de intérprete. Aí tem a inscrição, todo aquele processo e depois você vai, tem um processo seletivo em si e aí depois tinha uma prova escrita. Mas na minha época foi assim. Na prova escrita, a gente fez a prova escrita, aí passando a prova escrita, tinha a prova prática. Daí na prova prática, que tem uma câmera filmando você, são sorteados tópicos nos papéis. Aí alguém lia o que estava neste papel, não se interpretava o que estava esse papel, qualquer coisa que podia cair lá. Na minha época, eu acho que eram umas cinco perguntas que tinha. E depois você de fazer o curso e interromper um ano, aí você vai aprendendo todos os aspectos de ética, versão voz. Tudo o que é realmente voltado para o profissional.

Depois que eu terminei lá, eu sempre queria estar, em contato, mas se você perde o contato, você perde fluência. Acho até que não estou tão assim, aguçada como era antes, sabe. Daí eu fui para o curso de referência que eu descobri que tinham aqui na UF e entrei. Tinha os critérios para a entrada. Aí tinha um rapaz. Ele estava lá no meio da gente, estava conversando e achando que era assim que era coisa dele, mas eu queria fazer do começo. Só que tive que fazer o nivelamento. Fiquei uns manhã para fazer a matrícula, fiquei à tarde para fazer a prova por um problema dela mesmo. Quando chegou à tarde, fui a primeiro a fazer.

- Nesse período você já tinha amigo surdo e já você estava nessa época no curso de educação física que tinha intérprete, não tinha?

- Tinha.

- E você sempre estava junto com o seu colega surdo. No caso, quando vocês tinham trabalho em grupo, coisas assim, você estudava junto com ele, não é?

- Estava com ele, aí quando era na hora da apresentação, eu tentava fazer a voz dele. Sempre fazia, mas se o intérprete chegasse atrasado, tivesse alguma coisa que precisasse que eu começasse a interpretação, sempre me prontifiquei. A gente fez estágio junto também. Eu já pedi opção de nos colocar no mesmo estágio.

- Aí você falou também outra coisa. Falou que na época da pós foi assim também.

- Sim.

- Daí você foi fazer a pós e um surdo amigo seu, foi junto?

- Foi. Ele também estava junto, só que foi um outro momento totalmente diferente da vida, porque já se encontravam outros surdos e já não estava mais na infância. Também não podia conversar tanto quanto conversava na faculdade na hora da aula. Estava todo mundo lá com o objetivo de estudar. Então lá encontrei outros surtos, outro perfil de pessoas totalmente diferente. Tinha ele que era mais junto, de fazer as coisas em dupla. Eu até às vezes me limitava de querer fazer isso com outra pessoa. Diziam que tem que ir conhecer outra pessoa. Só que me fadiga, ter que conhecer pessoas, sabe? Mantive o social muito pequeno, mas estou aqui, então está bom. Mas tinham cinco surdos lá na época. E quando falavam sobre coisas, era lindo de ver. Se você ouve as histórias, se você ficava, nossa quanta história por trás dessa pessoa, quanta luta, tem que ter essa pessoa. E até a fluência de Libras, você via ali altamente diferente, o nível de expressão, de empoderamento mesmo, de luta. De luta, de saber dos direitos, de saber que ele tem direito, a intérprete por exemplo. Teve um dia que faltou intérprete lá e outro colega e eu nos oferecemos para interpretar e eles disseram que não, estava errado. Éramos alunos, precisávamos estudar, e eles tinham direito a intérprete. Daí uma das surdas foi lá na Secretaria reclamar e eu achei isso incrível. É isso aí, você tem direito, você tem que reclamar, você tem que fazer, entendeu? Ninguém pensou em influenciar, ela sabia direito dela, foi lá e falou do que estava acontecendo.

- Essa foi sua primeira experiência assim?

- Não, porque já tinha tido de prefeitura, escola, mas de especialização foi.

- E como foi na prefeitura?

- Na prefeitura foi muito ruim, porque era uma criança que assim passou, mas você via que não tinha como porque a criança precisava de uma sala de língua. Estava precisando que alguém ensinasse Libras para ela, sabe? Às vezes a gente era pago para fazer o papel de um professor, que eu já tinha esse entendimento. Já tinha sentimento por conta do meu amigo surdo. A gente conversando, até indo para a igreja junto e aí a gente via essas coisas. Tanto que eu sabia muito a postura dele, do iria achar, sabe? Então, quando eu fui para a prefeitura, via que eram crianças que necessitavam aprender Libras. Se você for aqui interpretar a aula, ele não pega nada e não sabe o que você diz. Aí com essa menina eu fui pacientemente, fui ensinando. Porque se eu não ensinar, como é que ela ia aprender.

Se a professora tivesse alguma dificuldade de passar algum conteúdo para ela, aí eu tentava chamar atenção dela e ajudar também. E isso no momento de um reforço que tinha à noite era virtual também a ajuda, sei lá, se eu não conseguisse passar algum sinal para ela. Se eu visse que ela já não estava conseguindo passar para estava tentando fazer pessoa que eu tenho, aí eu ia lá fazer outra estratégia para poder ensinar ela. Era mais do que porque ela não sabia, não tinha de ficar ligando porque ela não sabia. Se isso era um momento do reforço. Por que? Porque ela não sabia por que eu estava abandonando. Foi em aula, ela estava em aula. A pessoa começou a falar a temática da Floresta. Ela não sabia o que era Floresta. Isso a gente virtual - olha para mim, sabe o que é? – Ela: não. – Então, se ela não sabia o que era, eu teria que explicar depois. E como explicar se já estava na sexta-feira e teria de entregar na segunda? Eu mandava para o WhatsApp dela. Como estava virtual, mandava. E ia ensinando sinal por sinal o que tinha lá. Como conseguir próximo os outros processos da aula, se ela não sabia o início?

Nessa situação era assim, depois que depois que eu entrei em Libras tive aqueles choques do profissional. Não queria viver nesse meio. Porque você via muita arrogância, entendeu? Dentre os profissionais. Por exemplo, estava aqui, estava conversando com uma mesma pessoa e outra, a outra saiu, a que ficou falava mal da que saiu. Onde fica o exemplo? Na graduação, por exemplo, a gente estava lá, só que estava conversando. Mas te conheci no ano passado na TV, daí a pessoa com quem estou conversando, começa a dizer que você é isso, isso e isso. Mas só que quando a pessoa está falando, não sabe que eu já te conheço. E fico naquela situação horrível de ter que dizer que não é assim, que conheço a pessoa. Então fica uma referência para mim de que eu não quero ser isso. Se eu tenho problema com você, eu vou resolver, entende? Eu sempre falava pessoal, já falou com a pessoa. Então, é uma área onde que eu não quero aparecer. Sabe, quase ninguém sabe a necessidade do outro, mas em uma gula. Então, eu via muito egoísmo também nisso, sabe? A pessoa trabalha manhã, tarde e noite, mas se tiver de madrugada, eu vou também só para eu não dar o trabalho a outra pessoa. Aí depois que eu vim para cá que eu comecei a conhecer outras pessoas que eram parceiras também, percebi que também tinha gente legal aqui, então é com essas pessoas que eu quero andar. Eu conheci o pessoal aqui que eu quero ficar junto, entendeu? Não é com esse tipo de pessoa que está sempre falando mal um do outro assim, e sem ser uma crítica construtiva. É só para tentar passar mesmo na frente dos outros. Isso eu não quero ser. Essa a vivência que você tinha de estar no combate.

- Aí você viu uma outra postura, outra realidade.

- Se tivesse uma crise que a pessoa chegava na pessoa, ela dava um toque, de que era melhor fazer de outro modo. Não era algo de menosprezar. Não. Mas assim que é melhor, sabe?

- Você ainda interpreta na igreja?

- Não, não, só de maneira muito involuntária quando meu amigo chamava para ir para igreja, a gente ia chamar o surdo. A gente ia ficar do lado dele. Aí eu não sabia que esse não é normalmente, eu sempre demoro muito para interpretar para mim. Porque eu estava aqui olhando, aqui que serve para que, isso não funciona... então, se você for sempre está ligado dessa forma, ele sempre me ajudou muito e era um consultor. Então ele sempre me ajudava muito.

Meu medo é estar na mídia, entendesse? Na mira de críticas porque todo mundo critica. Eu fiz sinal errado, não sei o que eu fiz e tinha meu estudo e os outros também nesses estudos. A pessoa não falou sinal de Moisés, ou se não fosse autorizado lá. Lá tinha outros intérpretes. Se a pessoa chegar e falar assim, é assim, assim, assado, mas estar nesse meio, é o que eu não quero até hoje. Não que eu não quero deixar unidade de professor de Libras.

- Isso impediu você ou o trabalho?

- Sim, nesse meio, sim. Mas no meio da educação é até estranho. Educação, eu acho mais tranquilo do que o meio religioso. Porque na graduação, como tenho experiência, foi tranquilo, mas quando eu fui para a pós-graduação... Quero não. É muita informação para você ver, colocar para a Libras, eu forçava tanto os neurônios que era na quarta-feira à tarde, quando acabava a aula, estava com a cabeça explodindo. Não tem como, se a gente não vai ter acesso ao material antes, tivesse tido acesso às coisas antes, para mim seria bem mais fácil. Para conseguir meu contexto, o que a pessoa estava falando e do que estava se tratando o texto.

Então, quando tive a oportunidade de mudar de horário, eu fiz. São várias áreas, são vários cursos que o surdo está e você tem que ter para cá, porque no caso de lá é só você. Não era só que tem uma equipe maior. A equipe aqui é maior. Foi maior do que lá, eu era sozinha e aqui tem. E a gente que faz dupla, não é verdade? Então, eu acho que até mais tranquilo, com o modo de trabalhar para, naqueles vinte minutos, você conseguir parar para pesquisar um sinal, tirar dúvida rapidinho. A única dúvida eu podia tirar antes era a consulta que estava na minha frente. Era presencial, que a gente tem por aqui no remoto, agora que está voltando ou presencial. Mas aqui eu achei bem mais difícil, não é? Saber, por exemplo, do nada, você estar na área de direito. É um professor, usa a linguagem de jurisdição, ele tem que falar daquele jeito. Saí agora. Às vezes está professor, mesmo ele falando os termos jurídicos, era para facilitar a vida do intérprete, fala: quer dizer isso e vocês (alunos) também não sabem porque eu sei que vocês não sabem. Era bem divertido. Você tem essa troca, mas tem professor também que não explicava. Estava uma pessoa que depois me explicava. Então, fica por isso mesmo, entendeu? Mas a realidade é totalmente diferente.

Toda minha fé é até porque você fica até com medo, não é? Mas é porque teve umas experiências aqui que eu achei muito, muito massa. Sim, e o medo também, não é? E aquele surdo ali, cuidado com ele. Já me falaram. Aí apareceu uma substituição para mim e fiquei com receio. Eu ri tanto na aula com ele, foi tão divertida aula, estava na versão voz dele e a troca foi tão legal. Foi tão boa. Eu saí tão feliz da aula porque estava conseguindo fazer a versão de voz dele. E o professor teve que ter paciência com algumas coisas que realmente eu nunca vi o sinal, nunca viu esse conto, e ele só dizia: calma, vou explicar de novo. Fizeram monstro do professor, que nem é assim. E a pessoa com medo de encontrar outra pessoa. Mas tem outros também. Isso me incomoda. Na verdade, até hoje. É tanto que eu não quero ficar na área. A nível de critérios internos. O que quer que seja assim, acho que hoje eu me sinto mais segura. Só que, claro que tem pessoas que são bem mais fluentes, são bem assim... Elas decodificam muito rápido. Tem uma intérprete que parece ninja. E você vai vendo. Além de ela interpretar bem, você aprende, sabe? A estratégia que usa, que plena, que lindo. E você vê uma lata de arrogância em outras pessoas, porque a pessoa sabe o sinal, mas que você sempre sente fadiga dessa pessoa. Até hoje, eu acho que de todas as vivências, acho que da experiência em si, eu pretendo não ficar nessa parte. Que esteja gravado, que eu não pretendo ficar. Por favor.

- Eu acho que não tem mais nada para perguntar. Eu agradeço muito a sua participação. Foi muito enriquecedora para mim.

- Espero que ajude em alguma coisa.

- Com certeza. Aí eu vou encerrar aqui a gravação.

Entrevista Tils 9

-Você vai me contar a sua história de como como foi esse seu começo, esse seu processo, até você se tornar a tradutora intérprete que você é hoje, é só isso.

Vou ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para nós.

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando, que fui informado(a)dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Sobre essa parte aqui, a gente está tentando entender como se desenvolve a competência tradutória dos tradutores e tradutoras, no meu caso, tradutores intérpretes de Libras. Em geral, como falamos competência tradutória, o pessoal automaticamente pensa em tradução de material, tradução de texto. Mas, na verdade, envolve a atuação de interpretação também. Então essa habilidade, essa expertise que o tradutor intérprete tem, é o que a gente está estudando. Como que se desenvolve? É por isso que a gente pede para a pessoa contar a história de como foi o desenvolvimento dessa habilidade. E é isso que a gente está investigando.

Aqui também fala que tem três aspectos da pesquisa: tem essa conversa em que você vai contar sua história; tem um formulário do Google, o que ajuda a entender melhor o seu perfil e um experimento de produção. Você vai participar já que vai estar na informação, vai ser o mesmo experimento que a gente vai fazer lá aí, porque também um experimento me ajuda a colher outros tipos de informação. E esse formulário também é simples, é só um formulário que o Google, para dar respostas curtas, ou escolher alguma alternativa, mas se não quiser responder também não tem problema nenhuma das partes é obrigatória. E como explicou aqui, o seu nome vai ficar em sigilo absoluto. Você vai ser a Tils 9. Os nomes que você citar aqui, vou trocar, para que não seja possível para outras pessoas identificar que é você. Mais à frente, quando publicar a dissertação, ou um artigo, se você vir no texto algo que se refira a Tils 9, você saberá que é você, mas outras pessoas não saberão.

Nessa parte em que você está contando a sua história, eu não vou te interromper. Vou ficar escutando e fazendo algumas anotações, porque com certeza vão ter coisas que você vai dizer que ao você terminar o seu relato, vou dizer: você falou sobre isso, pode falar mais sobre isso? E aí, novamente, você fica à vontade para falar tudo o que quiser, que você se lembrar ali, que fique à vontade para falar sobre aquilo ali. Se você não quiser responder também, não tem problema. Eu passo para a próxima coisa que chamou a minha atenção. Porque, como diz no termo de consentimento, a sua participação não é obrigatória.

- No caso, é para iniciar quando eu aprendi Libras ou da parte que eu comecei a carreira? Se eu começo de tudo até chegar aqui, é chão, muito chão.

- Do começo de tudo. Depois dessa parte que eu vou perguntar, isso fala mais sobre isso, por favor, talvez tenha alguma coisa mais específica que eu queira perguntar para você. Aí talvez eu pergunte mais diretamente, a gente vai conversar um pouco mais abertamente e algo que falo, faz você lembrar de alguma coisinha, fique à vontade para falar. Também, não se importe que eu vou precisar fazer anotação, porque é para eu conseguir lembrar de perguntar depois.

Pode iniciar, fique à vontade.

- Meu primeiro contato com a Libras foi quando eu estava no primeiro ano do ensino médio. E tinham cinco alunos surdos na sala e algo me chamou atenção, porque toda vez que a professora ia fazer a chamada, ela falava, a gente tem cinco alunos especiais e aquilo me chamou atenção na sala de aula. Por que de trinta alunos, só tinham cinco especiais? A gente não era especial? E eu não entendia o que era a diferença. Foi quando eu comecei a observar esses alunos especiais e vi que que eles eram quietinhos, calados, e aquilo me chamou a atenção. Aí foi quando eu vi o movimento das mãos. Nunca tinha tido a curiosidade. Foi quando eu me aproximei desses alunos para eles me ensinarem. Eu escrevia as palavras no caderno e eles me passavam o sinal. E assim fomos com eles me ensinando os sinais de sala de aula, do dia a dia.

Quando foi em um mês, eu já achava que estava dominando o básico sala de aula com eles, então eu passei a dar suporte e os professores me chamavam, vinham me procurar e eu começava a dar um suporte, porque nas escolas lá da minha cidade, o Estado fazia o contrato por empresa de contrato, e as empresas contratavam os intérpretes entre os meses de junho e julho. Sendo que os alunos surdos ficavam de fevereiro até junho, julho sem intérprete. Aí eu fiquei nessa função. Interpretava a mensagem para eles fazerem atividade, passava aquilo que a professora estava tentando explicar do meu modo, do que eu já havia aprendido. Desenvolvi a Língua de Sinais na sala de aula, estando lá na sala de aula. Estavam os cinco e eu fazia sempre trabalho com eles, e passava as informações e tal. Isso aconteceu no primeiro, segundo e terceiro anos.

Nesse período, no primeiro ano mesmo, um dos surdos me pediu em namoro e eu aceitei. E a gente namorou. Foi um início bem complicado, porque eu imaginava que o surdo era a mesma coisa do ouvinte. Eu não tinha aquela noção de que era diferente a língua materna. Era diferente tanto a forma de expressão, quanto a forma da escrita também. Eu fiquei confusa no início. E aí eu fui perguntando a ele, porque ele disse para mim como era que eles falavam e ele foi me passando essas informações. Foi quando eu descobri que não era surdo-mudo, era surdo. Isso tudo a gente namorou três nos, quase três anos, começamos no primeiro ano e namoramos até o terceiro. Aí quando acabou o namoro, a gente se afastou e eu fiquei sem ter contato com a Libras. Eu fiquei quase dois anos sem ter contato nenhum. Já estava esquecendo o que eu já havia aprendido. Mas uma coisa que eu nunca esqueci, foi o que uma das professoras de língua portuguesa me falou. Ela chegou para mim e disse: se você focar nesta área, você tem tudo para ser uma intérprete, porque você é muito desenrolada. De trinta e dois alunos, você foi a única que aprendeu Libras na sala de aula. Então foque nisso, que vai dar certo para você. Mas não era até então, não era algo que imaginei viver ali. A Libras já era só para me comunicar com meu namorado. Então o tempo passou, em 2011 terminamos o relacionamento e, quase um ano de um ano e meio depois, eu encontrei um surdo dentro de um ônibus, um amigo de escola, e eu olhei e vi que eu queria ter contato com a Libras e eles de novo.

Convidei esse amigo para ir à minha casa porque ele morava perto. Ele foi e passou a ir três vezes por semana para me ensinar o básico da Libras e ficarmos praticando. Após um tempo, ele me convidou para um jogo de futsal de surdos e eu fui. Foi lá que eu conheci o meu atual esposo. Nós conversamos e rolou o Tchan e ele me pediu em namoro. Em 2013 começamos a namorar e eu comecei a frequentar a associação de surdos da minha cidade. Passei a ter contato com outros surdos de outras cidades, regiões, estados, e até de outros países por estar envolvida na comunidade, em festas e com outros intérpretes. Eu fiz o curso de Libras nesse mesmo ano. Fiz o curso em uma instituição de referência. Após fazer o curso nos níveis básico, intermediário e avançado, comecei a trabalhar lá dentro mesmo da associação como secretária. Secretária intérprete.

Após isso, eu comecei a trabalhar como intérprete particular dos surdos em autoescola; na área Judicial; assim como em outras áreas que eles precisassem, de forma particular, à parte do meu trabalho na associação. Depois comecei a trabalhar em escola pública no ensino fundamental e médio pelo governo do Estado. Trabalhei também no CAIS, que é o centro de atendimento ao surdo. Também trabalhei como intérprete auxiliar de uma professora, porque era uma turma com alunos surdos, TDAH, autismo, paralisia etc. E esse foi um dos lugares que mais amei trabalhar, porque não era só surdez. Ali despertou algo a mais dentro de mim, que

eu não imaginei que existia que era ensinar. E passei o período de 1 ano lá. Fiz formação no curso de Tradutor intérprete lá mesmo. Trabalhei também para a política. Trabalhei três anos no projeto Narrativa de silêncio, que é um curso de fotografia só para surdos. Depois foram dois anos traduzindo as vídeo aulas do Enem, pelo projeto Juntos no Enem pra TV, também na minha cidade. Trabalhei em alguns outros projetos, mas o último em que trabalhei encerrou e foi quando eu consegui a oportunidade de vir para a UFPB. Sendo que antes disso, estava trabalhando em alguns eventos remotos - palestra, oficina.

- Achei muito interessante a primeira coisa que você viu em sala de aula. Que no seu primeiro contato, você tinha cinco colegas surdos e depois você disse que não tinha intérprete, só chegava no meio do ano. E aí você via que eles eram muito quietos e começou a prestar atenção porque a professora disse que eram especiais, e você ficou se perguntando por que ela só falava assim deles. Depois você viu que eles se movimentavam as mãos e ficou curiosa, e foi entrar em contato com eles, depois pediu para eles iriam ensinando a você. E depois você começou a atuar para eles nessa turma. E como foi isso?

- Talvez por uma questão de civilidade, eu me sentia mal de ver o professor na sala e ver que eles não estavam compreendendo, foi então que eu comecei a pedir para eles me ensinarem os sinais, então, na sala de aula e a gente fazia uma troca e eu passava aquilo que eu aprendia para eles. Então, sempre que tinha um trabalho, sempre que tinha uma palestra ou algo do tipo para apresentar, eu chegava junto deles. A turma toda era de trinta e dois alunos, eu fui a única que teve essa posição com relação a eles. Porque isso movia de uma forma, que eu me sentia mal em olhar para eles e ver que eu estava entendendo o que eu estava ouvindo e que eles não estavam ouvindo, e aí eles ficavam meio que dispersos, desligados. Foi então que eu cheguei junto e comecei a ensinar aquilo que eu aprendia, passava as atividades, eles faziam junto comigo e quando algum professor queria dar um recado, ou se algum deles tinha dúvida, eles chegavam para mim, os professores, e eu traduzia para eles. Nesse período entre fevereiro e junho, era eu quem interpretava para eles em sala de aula, para resolver algo na direção. E por isso, por essa assistência que eu dava a eles, eu ganhava nota. Os professores me parabenizavam com nota, me davam ponto, porque eu fazia esse trabalho em ajudar naquela situação, e eu me sentia muito bem de poder fazer aquilo por eles.

Alguns saíram, mas acho que três ou quatro continuaram ainda até o terceiro ano. E nesses três anos eu era a intérprete de fevereiro a junho ou julho. Tanto que que eles não faziam mais nem questão pela demora a chegar o intérprete, porque eles já tinham alguém para ajudar em sala de aula. Não oficialmente, de ficar lá na frente interpretando, mas eu ficava na minha cadeira, eu me sentava na frente e eu virava de costas para sala de frente para eles e ficar traduzindo o que os professores estavam falando e, quando eles não entendiam, eles me perguntavam, e eu não sabia responder, eu ia até os professores e assim fomos levando. Isso meio que me ajudou também, porque quando eu não sabia de alguma disciplina, sempre tinha um deles, ou dois, que sabia muito sobre aquilo, fosse química, física, português, matemática, então era uma troca. Eu era péssima em matemática e eles em português, então eles me ajudavam com as atividades que eles tinham facilidade, mas que eu tinha muita dificuldade. Então, para mim, foi uma das experiências mais incríveis que eu vivi e foi o que eu disse que é como o bebê está aprendendo a andar e está engatinhando. Quando está aprendendo Libras é a melhor parte. Eu sinto saudade de não saber Libras porque é uma boa chance que é avassaladora. Todos os dias você aprende mais, mas não mais aquela coisa, aquela emoção.

Essa experiência foi a melhor. Não me arrependo nunca de ter dado o primeiro passo sem saber quem eram os alunos especiais, sabe? Eu sabia que aqueles alunos eram especiais quando eu vi que eram surdos. Era incrível demais porque, por causa disso, começou tudo. E aí eu me sentava na frente, virava uma outra cadeira. Os profissionais se admiravam por a obrigação não ser minha, ser da escola. E eles ficavam admirados porque todos os alunos conviviam com o surdo, mas nem ninguém tinha aprendido Libras e eu era diferente. Ficava o tempo todo em cima deles, não os deixava nem respirar. Nem no intervalo, as mesas das escolas ficaram cheias de nome a ponto de não ter mais onde escrever. Daí a gente apagava o que estava escrito e eu escrevia mais coisas. Eu queria aprender. Aí eu já comecei a me afastar da comunidade, ouvinte. Eu comecei a só andar com eles. E a escola acabou virando um point de encontro. Antes da aula vinham surdos de outras escolas para ficar na frente conversando. Era muito surdo. Foi quando eu conheci outros surdos. Comecei a ficar envolvida com eles, conhecer os lugares que eles frequentam. Shopping, onde sempre tinha aquele grupinho de surdos e eu estava lá no meio, e foi aí foi quando eu comecei a me realmente desenvolver a Libras.

Eu achava muito lindo os surdos sinalizando rápido e eu ficava admirada, olhando. Eu ficava observando cada um, o jeito que eles se expressavam. É a mesma coisa de nós ouvintes com a forma que falamos: uns falam rápido, outros mais devagar, outros falam alto, outros falam baixo... é da mesma forma com a sinalização dos surdos – alguns sinalizam bem calmamente, outros já sinalizam muito rápido, alguns com as mãos mais afastadas, outros com elas mais juntinhas, e aquilo me chamava muito a atenção. Mesmo que eu não entendesse o que estavam falando, só falando por alguns gestos, entendendo alguns sinais, eu ia pegando devagarzinho, pedia para repetir, quando eu falava algo, perguntava se tinham entendido, aí eles ficavam rindo, diziam que eu conseguia.

Fui ficando cada vez mais curiosa, amava aquilo. Quando eu comecei a aprender Libras, aí, como não havia com quem praticar em casa, eu ficava em casa, fazendo sozinha, ou ia para frente do espelho e ficava sinalizando e praticando o que eu aprendia na escola. Eu ficava com receio de esquecer, não queria perder tempo, aí eu ia passando e sinalizando sozinha: bom dia, tudo bom? E no ônibus de volta para casa, eu ficava com os dedos fazendo os nomes bem rápido para pegar habilidade, e aí ficava praticando dentro do ônibus. Daí comecei a conversar com as pessoas sinalizando. A minha família dizia que eu estava ficando doida, porque eu ficava sinalizando. Forçava tanto a cabeça no início, quando eu comecei a aprender Libras, que eu chegava com muita enxaqueca, porque era muita informação e eu queria pegar tudo de uma vez. Então sentia muita dor de cabeça constantemente do início, aí depois calejou.

- E depois você começou a namorar com o seu esposo?

- Depois que comecei a namorar lá, ele começou a ir lá para casa, começou a me levar nessa associação, e comecei conhecer os amigos surdos. Foi quando eu comecei a conhecer outros surdos, de outras culturas, de outros estados, porque foi quando eu comecei a me envolver mesmo na comunidade surda. Eu Acredito que o domínio da Língua de Sinais realmente se desenvolve quando a gente está no meio da comunidade. Quando a gente está em contato com os surdos. Porque a gente vai e absorve uma coisa aqui outra ali, é quando você vai adquirir realmente a fluência na língua mesmo. Você vai realmente desenvolver a expressão facial e corporal. Acho que é realmente quando a habilidade se desenvolve. É diferente demais de você estar no meio de ouvinte sinalizando e no meio de surdos, totalmente diferente. Depois que eu fiz um curso de Libras, foi quando eu comecei a aparecer mais: no ensino, na TV, foi

como eu me senti com mais habilidade. A gente sente uma vergonha, não é? E eu acho que a timidez me atrapalhou muito para ficar de frente a uma plateia, em um congresso. Mas com a rotina, se você praticante diariamente, fica mais tranquilo. Eu ainda tenho medo, mas não é mais tanto como antes. Tenho vergonha de câmera, mas eu faço assim mesmo. Este trabalho, trabalhos extra que eu fiz, ajudaram muito.

- Você falou ainda, só para não perder o raciocínio, porque é muita informação. Você falou no começo que depois que terminou o ensino médio você acabou se afastando porque você perdeu o contato diário com eles. Você tinha terminado o namoro, aí depois de um ano e meio, você encontrou com um dos seus amigos surdos no ônibus e aí ele passou a ir três vezes por semana na sua casa. E a partir daí você começou a frequentar a associação.

- Foi. Isso foi quando ele me convidou para um jogo de futsal. Depois passei a frequentar a associação.

- E aí você começou a conhecer todos os surdos militantes?

- É depois disso. Pois já me chamaram para trabalhar lá como secretária e eu fazia parte, porque lá vai muito surdo sócio. Eu fazia a parte da tradução. Interpretava os políticos que a associação levava para palestrar também. Foi muito bom ter ido. Muito rico mesmo. Foi onde eu aprendi muita coisa. Conheci muita gente de férias de vários estados, de fora do país. Aprendi alguns sinais de outras línguas, mas não lembro mais. Já faz muitos anos e foi um pontapé inicial que associação deu na minha vida. Ela entrou na minha vida, e foi o pontapé onde tudo começou. Ela me ajudou, me botou para fazer o atendimento porque quando eu fiz o curso, estava gestante. Eu terminei o curso, eu fiquei até os nove meses. Nove meses e três dias e foi o parto. E eu tive a menina. Quando a menina fez dois meses eu voltei. Eu e a minha menina mesmo para trabalhar lá.

E a associação veio para me dar segundo curso que eu estava faltando. Até então, sabia Libras, mas não era aquela coisa de saber se comunicar, saber ir em um médico, resolver algum assunto com um surdo. Foi quando me apareceram os trabalhos extra no INSS e advocacia. Aí foi quando eu comecei a fazer esse trabalho, fora a parte. E foi quando surgiram os contratos de escola.

- Depois que você fez esse curso?

- Isso, de seis meses. E lá eu aprendi de um tudo. E estando lá eu tanto aprendia quanto praticava. Eu já saia praticando porque eu trabalhava com surdos, tudo lá dentro era com professor, surdo presidente surdo. Os professores dos cursos de Libras eram surdos. E aí vinham muitos surdos também até lá para resolver os problemas deles. Como disse, a gente aprende, mas só que todos os dias com eles, a gente aprende algo novo. Então diariamente eu ia aprendendo um pouco e pessoalmente eu ensino, sabe? Eu ensino mesmo essas. Eu adoro. É muito bom, muito bom mesmo. Quando eu ia para outros lugares e sabia que existiam termos que eram usados lá, se eu não conhecia, ia pesquisar. Aí eu aprendia. Aí eu ia no INSS a primeira vez, da próxima vez que eu fosse convocada para INSS, já não era mais aquele a mesma coisa. Já vinha aquela habilidade na área. Ir para audiências também foi algo enriquecedor para mim. Já fui em duas audiências diretamente com o juiz, assim como na delegacia por causa de abuso sexual e atuei em todas as áreas que você imaginar: consulta médica; psiquiatra; psicólogo; ginecologista. Todas as áreas. Para tudo o que eles querem resolver assim, eles me procuram,

porque eles dizem que não é a todos que se pode confiar algo particular. Somente a mulher. Então para mim isso é gratificante, entendeu? Que eles vejam a mim como alguém de confiança. Porque a gente tem que ter equilíbrio. Existe a sua profissão e a gente como ser humano, precisa saber separar. Porque, por exemplo, já vi casos de intérprete saber algo de um surdo e espalhar, e isso é muita falta de ética. Como uma profissional, eles mesmos chegam e eu passo essa confiança para eles. E isso foi bom para mim, entendeu? Porque quanto mais eu faço, mais eles espalham isso e daí eu fico bem-vista, entendeu? Então, para mim é um retorno do trabalho que eu faço.

- Você também falou assim: Eu tinha essa sede de aprender. – Fala um pouco mais pra mim sobre isso.

- Era algo avassalador. Porque era aquilo que eu queria. Eu queria mesmo e eu fiz de tudo, tudo mesmo. Eu chegava mais cedo, eu saía mais tarde, eu ficava, eu perdia ônibus para ficar na parada com eles, porque era algo ali que até hoje, a Libras assim ela chega a me queimar o coração. Era algo realmente que eu me apaixonei. Pela primeira vez eu vi algo e me encantei. Eu disse: eu vou aprender. E o meu intuito não era ser intérprete. Eu queria aprender Libras para me comunicar com eles. E poder ajudar, dar um suporte. Era o meu objetivo. Era isso. Não era nenhuma intenção de ser intérprete. não tinha nem em mente. Eu pensei que se aprendesse o básico, eu poderia ajudar em sala de aula e já seria algo que eu poderia fazer por eles. Então assim para mim, e assim, a cada dia que se passava, eles me ensinavam algo. Todos os dias. Foram três anos. Todos os dias eles me ensinavam algo. E ali eu comecei a participar mais da vida deles. Se eles desabafavam, muitos até hoje ainda desabafam comigo, então, se era algo que eu podia aconselhar, dava conselho. Ou até então passava à família do que se tratava. E passou a ser não só mais a Libras, não foi só mais essa questão de dinheiro, ou de ser intérprete, ou de trabalhar como isso e ganhar bem. Não, foi muito mais além, algo humano mesmo que eu tenho. De poder ajudar, independente de se a pessoa vai pagar ou não, pode ou não. E quando eu comecei a aprender, foi algo assim que eu queria. E queria, e tinha que aprender, e quando eu não aprendi, eu quando eu esquecia, isso me martirizava. Por vezes estava muito mal porque eu esqueci um sinal, e aí eu buscava a eles. Eu ia atrás deles, eu sinalizava em casa, sinalizava no ônibus. Quando eu via um surdo na rua que eu sabia que era surdo, eu ia lá e conversava. E era algo que eu estava buscando mesmo. Busquei mesmo de todo o coração. Porque a cada dia que se passava e que eu aprendia algo, eu queria mais.

E quando acabou o ensino médio até o curso de Libras, quando eu comecei a esquecer, foi um período muito triste. Eu passei três anos lutando, treinando a minha mente para aprender e, em menos de um ano e meio, rápido, já estava apagando da minha mente e aquilo estava me maltratando, porque tanto que eu queria aquilo, e agora todos os dias eu estava esquecendo. Acho que quando apareceu o meu amigo surdo para me fazer lembrar novamente, aí nem ele nem precisava dar o sinal completo. Quando ele iniciava, eu me lembrava. Ia trazendo à lembrança novamente, porque eu já havia aprendido, aí depois que eu comecei a conviver realmente na comunidade, e foi quando estourou mesmo as outras áreas.

- Você falou: para mim é muito difícil estar na frente de uma plateia, em um congresso. É muito difícil gravar um vídeo. Fala mais disso para mim. Eu Acredito que a maioria.

- Eu Acredito que de 100% dos intérpretes, 90% dos são tímidos. Principalmente quando existem outros em intérpretes no meio. Isso causa meio que um bloqueio. Por experiência

própria, quando estava traduzindo, somente quando eu estava iniciando, quando estava na frente daquela plateia com todo mundo focado só em mim em mim, gerava um bloqueio ali e eu me atrapalhava, eu esquecia os sinais. Eu sabia, mas na hora eu esquecia. Quando tem outros intérpretes mais experientes na plateia, aí que aquele bloqueio aumenta, porque vem o pensamento: nossa, ele sabe mais do que eu. Se eu fizer algo errado, ele vai questionar. Se eu fizer algo que não está bom, a minha roupa. Você está traduzindo, você está começando aquilo bem, mas você vê um intérprete falando com outro e aquilo meio que gera um bloqueio na mente da gente. E foi muito difícil no início. Sempre fui muito tímida e ter que ir lá para a frente e ficar no meio. Eu queria ficar lá no canto, escondida no início. Sempre fui assim, e quanto mais gente tivesse, pior. A gente sabe que os intérpretes vão olhar tudinho e me causava meio que um pânico. Mas foi aí que eu comecei a fazer outros trabalhos, atuar repetidamente em outros lugares. Vamos conhecendo as câmeras, e essa timidez foi diminuindo mais. Até hoje ainda tenho, mas não é como antes. Hoje em dia sou mais flexível, mas esse bloqueio quando tem outros intérpretes no mesmo lugar, isso é real. Eu Acredito que nós somos dessa forma.

Para mim é assim: eu estou traduzindo, mas a gente sabe que cada pessoa tem uma forma de traduzir a mesma frase, porque isso é algo de cada um. É o seu entendimento. Você expressa de uma forma e eu já vou expressar de outra. Então eu estou traduzindo que a minha casa está cheia, você poderia traduzir essa frase de outra forma. Então, será que dessa forma que eu fiz, estão entendendo ou será que se eu fizesse outra forma, seria melhor? E o intérprete? Será que ele vai achar essa forma que fiz a frase, boa ou ruim? E aí, isso vai criando um bloqueio dentro da gente. A gente começa a travar. Existem casos em que a pessoa consegue realmente disfarçar, mas tem casos de errar um sinal, ou a pessoa fica nervosa e às vezes se confunde muito. Eu senti isso já muitas vezes. Aí, quem está de fora pode não perceber, mas quem está lá passando, é só Deus que sabe como é que está. Porque eu já vi casos de eu estar em uma palestra, e ter intérpretes que estavam errando a sinalização e eu estava vendo aquilo, e o surdo atrás de mim me empurrando e mandando eu ir substituir, e o intérprete acabou se saindo muito mal. Fiquei muito mal, pensando: coitado do intérprete, passar por uma situação dessa. Mas eu disse que eu não iria sair do meu lugar para fazer isso. Era falta de ética isso, porque eu não tinha sido convocada para aquele evento, eu estava só para assistir, e ali era um dos intérpretes que tinha sido convocado para aquilo. Eu vi também intérpretes estarem atuando e um surdo oralizado que usava aparelho ir mandar o intérprete sair e ficar no lugar do intérprete. Então isso meio que causa um pânico na gente de ver determinadas coisas, e um medo de que isso aconteça também com a gente. Porque querendo ou não, é sempre muito constrangedor, e eu já vi várias coisas desse tipo.

Uma coisa que eu procuro é não focar muito nas pessoas. Se tenho esse ímpeto, procuro não olhar para o intérprete. Eu olho para o surdo. Por exemplo, eu estou traduzindo com alguém, uma coisa que eu não gosto de ficar olhando sempre. Se percebi que quando eu estou olhando o meu colega, ele bloqueia e meio que fica perdido na sinalização, então vou olhar para o palestrante. Eu procuro não me preocupar com as pessoas, quando vejo que estão entendendo, antes, somente com o tempo. Mas tem um papel diferente para os surdos e para os ouvintes. E a gente vê, porque quando a gente trabalha com a Libras, a nossa visão fica muito aguçada também. Você está aqui, mas está batendo um raio x de toda a lateral. Eu sinto isso. Então eu percebo, entendeu? Eu estou aqui traduzindo, mas eu percebo tudo o que está acontecendo ao redor, então se eu ficar interpretando e vir uma pessoa trocando sinal com outra, não vou mais saber o que eu estou falando. Então, quando eu vejo que eu estou aqui e alguém vai me

desconcentrar, eu procuro olhar para o surdo e tentar passar para ele aquilo que está sendo dito. Para que eles entendam da melhor forma, já que o meu é o surdo entender, compreender aquilo que está sendo dito. Para mim é o suficiente. O importante é o surdo para mim. Eu penso nisso, entendeu? Eu já participei de casos de estar na sala de aula e eu estava sinalizando para as crianças. Daí chegou uma intérprete do ensino superior e eu não fazia ainda Letras Libras, ela chegou toda formal para criança de oito a dez anos de idade. E foi toda robotizada passar uma informação e ali eu fiquei. Depois eu disse a ela - aqui não é a universidade, aqui são crianças surdas de comunidades pobres. Então, aqui, a forma com que você falar, precisa condizer com a realidade delas. Perceba que eu uso mais configuração de mão do que sinalização. Eu disse - a realidade é outra. Tem que ver a realidade do surdo para a gente saber como vai atuar como intérprete, porque não adianta você chegar no meio de um aluno que mal sabe escrever e usar uma sinalização acadêmica, não existe. Ele vai ficar olhando, balançando a cabeça, mas ele não vai entender. Vai ser muito difícil. E Às vezes a pessoa balança a cabeça confirmando, e aí você tem que perguntar mesmo para ele entender. Porque até disso ele tem vergonha, de não entender. Isso me chamou muita atenção.

E eu acredito que até hoje existe sim um bloqueio. Hoje em dia eu não sinto tanto, mas até chegar aqui, levou tempo. Hoje em dia que a gente está convivendo com mais intérpretes em conjunto, a gente aprende coisas novas, entendeu? Então você vê que tem pessoas que não gostam. Tem gente que fica atrapalhando, interrompendo, não pode ser feito assim. Uma coisa é você orientar, dizer que tal postura não fica legal, outra coisa é você usar a sua competência, a sua formação para tentar, pelo que diz, menosprezar o seu próprio amigo de trabalho daquela área. Então, eu acredito que exista, por mais que muitos não assumam, mas existe sim o bloqueio. Existe porque eu passei. Eu passo. E não sou a única. Pode prestar atenção que se você vir o intérprete travando muito, é alguma coisa que está incomodando a ele. Algo com a plateia ou com alguém que está olhando muito para ele. Ele está constrangido, pode ter certeza. Entendeu? Eu olho para o surdo e o surdo olha para mim. Tento não me importar com alguém que não é importante naquele momento. Da minha posição, se o surdo está com foco nos olhos, eu sei que estou conseguindo fazer o meu trabalho. Se eu vi, porque a gente fica com a visão periférica aguçada, que eu vi que tem um intérprete trocando o sinal, aquilo desconcentra a fala para mim. Se eu estou sinalizando, e eu vi que a pessoa está mexendo na mão, aquilo ali vai me chamar a atenção. Às vezes a pessoa pensa: ele está passando algum sinal ou está querendo falar algo? E ali meio que você quebra o raciocínio. Você volta, mas se atrapalha e é um pouco chato. Acontece, não sempre, mas às vezes acontece. É chato demais, porque meio que bloqueia a nossa mente.

Querida, muito obrigada pela sua participação. Não tenho mais nada para te perguntar, foi incrível o seu relato e ajudou muito à minha pesquisa. Gratidão imensa.

Vou encerrar a gravação

Entrevista Tils 10

- Tils 10, vou fazer a leitura do termo e depois explico melhor como vai funcionar, certo?

Caro tradutor,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando, que fui informado(a)dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Só para explicar um pouco melhor essa parte aqui, quando a gente fala de competência tradutória, em geral a mente vai para fazer a tradução do português escrito para Libras, ou da Libras para o português escrito, ou a tradução audiovisual. Na verdade, não é isso. É sobre esse

conhecimento, a expertise que separa o tradutor intérprete do falante bilíngue. Então a gente está investigando como se desenvolve esse conhecimento, essa expertise que separa os dois. Na verdade, a atuação da interpretação também faz parte dos estudos da tradução e envolve a competência tradutória. Quero saber sobre sua formação, o seu processo de formação como intérprete mesmo.

Essa coleta tem três partes: essa parte da conversa em que você vai contar a sua história, a segunda parte é um questionário do Google forms em que eu faço algumas perguntas, para entender melhor o seu perfil de tradutor intérprete e entender um pouquinho melhor os seus conhecimentos sobre Tradução. É só para me dar mais algumas informações adicionais. E a terceira parte, é um experimento de tradução que a gente já fez segunda-feira na formação. Então essa parte aqui já está tranquilo, mas se você não quiser responder ao formulário, não é obrigatório. Se quiser, vai me ajudar com mais informação. Mas se não quiser, não é obrigatório.

Também como fala aqui, se você quiser retirar sua permissão num momento posterior, a sua participação é voluntária, então, se por alguma razão você não quiser mais que utilize os seus dados, você pode fazer isso.

Sobre a conversa em si: Teremos provavelmente três momentos. O primeiro deles é um relato mais livre. Você vai me contar a sua história e eu não vou te interromper. Você vai ver que vou fazer algumas anotações, porque sempre vai ter alguma coisa que você vai falar que eu vou querer saber mais. Então, quando você terminar o seu relato, vou dizer: Tils 10, você falou isso e isso, pode me falar mais sobre isso? E, novamente, você conta tudo o que lembrar e quiser a respeito. Caso eu pergunte sobre algo que não se sente à vontade para falar mais, é só dizer que não quer falar sobre isso e passamos para o próximo ponto. Após essa parte, caso ainda tenha algo que eu queira saber, vou te perguntar mais especificamente. Ou poderemos ter uma conversa mais livre onde conto mais sobre a minha pesquisa e, talvez, isso faça você lembrar de algo. Mais uma vez, fique à vontade para falar. Não precisa se preocupar porque a sua identidade será mantida em sigilo absoluto. Mudarei os nomes das pessoas e lugares que você mencionar para que você não possa ser identificado. Se, ao concluir a dissertação, você vir em algum trecho o Tils 10, você e eu saberemos que é você, mas ninguém mais saberá.

Fique à vontade.

- A minha vida com a Libras começou no ano de 2003, quando eu tive, foi pela minha congregação. Tivemos um curso de dois meses, oito finais de semana com um casal já experiente na Libras. Estudamos uma revista que usávamos para o serviço de pregação, então aprendíamos o sinal de cada coisa que tinha lá, como dizer em Libras, estudamos toda a brochura e no final eles propuseram pequenas encenações para fazermos. A nossa turma era de vinte e cinco pessoas, então foram formadas cinco equipes de cinco pessoas. Cada grupo tinha a incumbência de fazer um diálogo ou uma mini cena, a fim de que pudéssemos colocar em prática os sinais aprendidos. Na minha equipe, trabalhamos em cima de uma encenação simples da atividade de pregação, e nós colocamos em prática os sinais aprendidos. Foi até uma apresentação da própria brochura, uma pessoa fazia o surdo e a outra apresentava a brochura os sinais aprendidos. Este foi o meu primeiro contato com a Libras.

Logo em sequência, no ano de 2004 eu viajei para uma cidade vizinha, para ajudar a congregação Língua de Sinais. Eu fui para a congregação de Língua de Sinais e fui morar junto

com dois pioneiros especiais, o Lucas e o Luan. Então passei uma temporada de aproximadamente um ano lá, e como o Luan era surdo, então aprendi muitos sinais com ele. E o meu contato maior foi com a congregação em Libras. Lá foi que eu desenvolvi realmente a minha habilidade. Fui me desenvolvendo e tendo contato com as pessoas surdas. Eu passei o ano não só com os irmãos da congregação, mas também com os surdos que encontrávamos no serviço de pregação. No caso da nossa congregação, era a cidade inteira.

Aí foi quando eu me casei. Então passei de 2004 até 2006 em nesta cidade, e depois eu fui para outra cidade, agora mais no interior, e ficamos lá por cerca de um ano e meio. Nessa cidade no interior, não tinha congregação de Língua de Sinais, então nós fazíamos parte de um grupo de Língua de Sinais dentro da congregação de ouvintes. Aprendi muito com os surdos ali. Já era familiarizado com os regionalismos de João Pessoa, mas pude também aprender os regionalismos do interior, e isso foi enriquecendo o meu vocabulário em Libras.

Após essa estadia de um ano e meio, fomos morar em uma capital aqui do Nordeste. Ficamos dois anos lá. Lá os surdos eram mais desenvolvidos. E nesse espaço de tempo, lá nessa capital, eu trabalhei como intérprete de Libras para dois surdos que eram irmãos gêmeos. Eles faziam o primeiro ano do ensino médio e eu acompanhei o primeiro ano e segundo ano do ensino do ensino médio, interpretando as disciplinas escolares para esses 2 surdos. Então eu tive que me aprofundar nos sinais passei a precisar estudar e pesquisar sinais do vocabulário das disciplinas da escola, para melhorar a minha qualidade da minha tradução e da interpretação para esses dois jovens que cursaram o primeiro e o segundo ano.

No início de 2009, voltamos novamente para João Pessoa e fui servir na congregação de Língua de Sinais de uma das cidades da região metropolitana e voltei a ter contato com os surdos, agora dessa cidade. E nesse ano eu comecei a trabalhar como intérprete de Libras no município de João Pessoa. A prefeitura municipal de João Pessoa. A princípio, eu peguei uma turminha de primeiro ano do ensino infantil. Então, trabalhei junto com uma criança surda. E a gente sabe que eles são bem básicos, então, junto com o professor, a gente conseguiu iniciar o processo de alfabetização dessa criança surda, que até então não sabia Libras, estava sendo alfabetizada na Língua de Sinais, junto com o português, como L2. Então fizemos todo o processo coletando várias imagens, fizemos um trabalho com muitas gravuras. Figuras para ele pintar e ao mesmo tempo a gente ia, aos pouquinhos, ensinando. Também trabalhei como intérprete de Libras nesse mesmo ano em uma outra escola, onde passei a ter contato com mais de vinte e oito surdos. Essa escola trabalhava do primeiro ano ao nono ano do ensino fundamental. Então por serem muitos surdos, pude desenvolver mais ainda. Tanto que para os surdos mais adultos, as aulas eram com professores surdos também da escola. Eles ensinavam a disciplina de Libras. Tinham professores e instrutores surdos que ministravam essas disciplinas. Então acabei tendo mais contato com professores surdos que eram já graduados em licenciatura em letras Libras. Por manter contato com esse grupo, fui me aperfeiçoando na Libras, aprendendo cada vez mais na Língua de Sinais e isso foi enriquecendo o meu trabalho. Então no ano de 2012 eu fiz um teste de seleção e passei a trabalhar em uma empresa terceirizada para o IFPB. Depois mudou a empresa, mas eu continuei a trabalhar lá até o ano de 2016, até outubro de 2016. Lá interpretei para alunos de diversas séries do ensino médio, técnico e superior. Em 2016, eu fiz um concurso para a UFPB, tive a felicidade de passar e fui nomeado em dezembro de 2016 para ser intérprete da UFPB.

Quando eu cheguei no IFPB, ensino médio e técnico, eu vi que eu precisava ter uma bagagem maior, aumentar ainda mais o meu vocabulário, então, tive que sentar-me e estudar. E foi enriquecendo meu vocabulário com expressões acadêmicas. Com termos académicos, termos técnicos. E estou até hoje estudando, vendo novos termos. Porque a gente procura cada vez mais melhorar o nosso trabalho e melhorar cada vez mais a acessibilidade entre aluno e professor. Tenta fazer o melhor trabalho possível, o trabalho de ter um tradutor. Algo que vi é que nunca já acabou o que temos de estudar. Nunca saberemos de tudo. O tradutor intérprete de Libras precisa estar sempre estudando. Sempre surgem novos termos, novos sinais, termos técnicos, então a gente precisa estar sempre estudando, trocando ideias um com outro, junto com os professores, e com os professores surdos. Eles têm propriedade naquilo. Então a gente tenta absorver ao máximo de conhecimento possível com os professores e, com isso, aumenta esse nosso vocabulário e a nossa expressão para melhorar cada vez mais o nosso trabalho.

Eu acho que deu para resumir para aí. Eu falo muita coisa.

- É muito, muito interessante a sua história e este seu processo. Tem muita coisa que me deixou muito curiosa. Você me falou que você teve um primeiro contato e foi um curso onde você aprendeu sinais específicos e tiveram algumas encenações de como usar os sinais. Aí quando foi no ano seguinte, você se mudou para um lugar e já apoiar uma congregação. E aí você passou a ter mais contato no dia a dia, não só com as pessoas da congregação, mas também com as pessoas de fora e com surdos de fora da congregação. Como era isso? Fala mais para mim desse contato que você tinha com eles.

- Sim, eu entrei e me mudei para começar a apoiar a congregação de Língua de Sinais. Eu não era fluente ainda. Eu sabia pouquíssimos sinais, então o que era passado na reunião para mim, bem ao lado, existia a minha esposa interpretando toda a reunião para mim, ela fazia para mim a versão voz da reunião. E ao mesmo tempo, eu estava atento tanto à tradução que ela fazia na versão voz e ao sinal que eu encontrava que estavam fazendo em todos os discursos e tentando conciliar as expressões em português com o sinal. E eu comecei a ajudar, fazendo as partes, treinando até o desenvolvimento das partes. Passava do português para Libras, treinava em frente ao espelho, como é que eu ia passar todo aquele discurso do português para a Libras. Então, antes eu fazia um trabalho de tradução, para depois fazer o trabalho de interpretação. E ao mesmo tempo, é uma fase em que eu não estava em casa, mas estava residindo no mesmo apartamento com esses dois pioneiros e um deles era surdo. Então fiz de tudo para aproveitar ao máximo quase que as vinte e quatro horas, tendo contato com o Luan sempre. Na pregação, quando a gente se preparava, ele ia me passando muita coisa. Tanto que a minha noiva dizia que como eu estava tendo muito contato com o Luan, quando eu sinalizava, parecia que eu estava me apropriando das expressões faciais do Luan e dos sinais dele. E depois eu fui vendo e, realmente, às vezes tinha coisas que Luan fazia e que depois eu me pegava também fazendo. O pessoal me disse que isso era normal, e depois eu iria adquirir a minha própria maneira de sinalizar, e as minhas próprias expressões. Quando estamos com o nosso mentor, assumimos as expressões que ele faz. É um processo natural interpretativo, você copiar e até se apropriar das expressões faciais e do corpo de alguém que está sempre conosco e nos treina. Ele faz sinais porque não entrou.

- E daí? Quando você tinha contato com os outros surdos, como era essa interação? Você também tinha contato com outros surdos além do Luan?

- Eu procurava sempre ter alguém comigo. Muitas vezes eu não sabia como passar para a Libras muitas coisas, mas eu utilizava os classificadores. Eu tentava me comunicar com tudo: as expressões faciais, corporais e os surdos percebiam o que eu queria falar e me davam o sinal. Às vezes diziam: desculpa, o sinal, é esse. Ou seja, existe uma maneira muito mais fácil e direta de você me fazer entender aquilo que você está querendo que eu entenda. Então com isso eu fui deixando de lado mais as mímicas.

- É bem interessante essa sua ligação com eles. Você falou sobre estar com eles na pregação. Você interagia com eles em outros contextos também?

- Geralmente era nas reuniões no Salão do Reino, numa pregação, ou quando os encontrasse em alguma recreação que fazíamos com estudantes da bíblia surdos, até estudantes bem iniciais. A gente começa a se ver. Fica em contato com os surdos. Também tinham os oradores que fazem discurso diretamente na Língua de Sinais. Então existem oradores de outras congregações de ouvintes que receberam um convite para fazer discurso em língua portuguesa e a gente, era designado para fazer interpretação daquele discurso durante quarenta e cinco minutos. Então eu fui adquirindo experiência. Aos pouquinhos eu fui interpretando esses discursos. A princípio, a gente dividia um discurso para três intérpretes. Dava quinze minutos desse discurso para não ficar cansativo, não se delongar tanto. A gente fazia um rodízio da cada quinze minutos.

- Mas interpretar como discursos para o público, não é? Os temas. Você foi deixando de lado uma coisa de luta, algo assim que você falou?

- Ah sim, isso. Isso foi difícil para mim. A minha insegurança era com relação à língua. Porque desde pequenininho, servia a Jeová. Era acostumado a fazer discursos pequenos, e depois discursos mais longos. Então todas as designações na congregação vão sempre nos habilitando, nos treinando. Além disso, eu era professor de matemática, professor tímido, fora do contexto, não é. Então a minha profissão de professor, me ajudou a quebrar esse limite para me expressar. Mas a minha maior preocupação era me fazer entender. Queria passar o texto da língua portuguesa para a Libras. Então eu fui conseguindo fazer isso sem ficar nervoso, quando eu fui ganhando cada vez mais fluência. Eu fui me sentindo cada vez mais seguro. A diminuição da insegurança me trouxe uma fluidez maior. Eu fui ficando mais fluente. Demorei um pouco para utilizar expressões faciais bem. Eu me fixava tanto nas mãos, que deixava as expressões corporais e faciais um pouco de lado. Fui muito orientado, muito. Principalmente com relação às minhas expressões faciais, porque eu ficava muito preocupado em transmitir a Libras só nas mãos. Mas faltava um pouco do tempero das expressões faciais e corporais. Até o Luan mesmo lá na assistência, muitas vezes tem que se fazer uma “careta” para fazer o sinal. Ele percebia que eu queria, que eu tinha perdido o sinal daquela expressão, e lá da assistência ele fazia o sinal. Então eu fui aprendendo muito. Os surdos eram muito ajudadores nesse aspecto. Quando eles percebiam de longe aquilo que a gente queria expressar na Libras, eles já lançavam um sinal da assistência. A gente pegava a ajuda. Com relação às expressões, o Luan me ajudou.

- E quem te dava essa orientação com relação às expressões faciais? Era só esse surdo mesmo ou outras pessoas também?

- A minha esposa sempre me falava: melhora aqui nessa expressão. Se for falar, fazer o sinal de triste, fecha mais o rosto, faz triste. Vá sempre melhorando as expressões. Se for fazer feliz, você está fazendo feliz com o rosto bem neutro, dá um sorriso para fortalecer mais. Esse

sinal que usamos e a intensidade do sinal, também vai variar, utilizando expressões faciais e corporais. - Então ela bateu muito nesse ponto. Não só ela, mas o Luan também. Outros irmãos sempre estavam ali a postos para que eu pudesse cada vez mais melhorar.

- E com relação às suas experiências de interpretação fora desse contexto religioso? Quando que você começou a ter experiências de interpretar fora do contexto religioso?

- A primeira experiência foi em 2007, quando eu cheguei na capital que mencionei antes, foi justamente interpretando no ensino médio, primeiro ano do ensino médio para esses dois irmãos gêmeos. Então foi no contexto da educação. Antes disso também acontecia fora do contexto religioso. Foi em 2007, foi o comecei a interpretar em âmbito escolar. Não foi difícil o contexto escolar, porque desde os meus vinte anos, comecei a trabalhar como professor de matemática, entendeu? Então, quando eu me casei, já era professor, por isso, para mim não foi difícil o ambiente escolar. Já estava bem inteirado da vivência escolar. Então foi mais estudar os termos técnicos. E, muitas vezes na matemática, como a gente não tinha, na época, hoje já tem alguns sinais. Então eu criava junto com os alunos surdos, que eram muito inteligentes, eram fluentes na Libras. Eles me ajudaram muito também. Eles me ajudaram muito mesmo.

- Aí depois de você voltar para João Pessoa, já foi outra experiência para trabalhar com criança.

- Daí com essa experiência no ensino infantil, eu vi muita necessidade do uso de imagens. Estávamos alfabetizando surdos do zero, da base, então utilizava figuras, imagens e o sinal. Joguinhos de memória utilizando figurinhas.

- Excelente. Estava um pouco confusa até a função, não?

- Você também pode ver que era intérprete alfabetizador, professor, porque a gente sabe que a nossa função como intérprete, seria interpretando mesmo, mas não essa caridade, principalmente no contexto escolar, nível de ensino infantil. O professor não sabe Libras, não é? No curso de pedagogia, no magistério, não existe a disciplina de Libras. Se existe agora uma disciplina de Libras, e só então para alfabetizar, como é que ela vai alfabetizar uma criança surda se na escola não tem um professor de Licenciatura de Libras? Então eu me senti na incumbência do dever social de ajudar aquela criança a adquirir a própria língua. A aprender a língua dele, a língua nativa da criança surda. Então, com isso, eu fui utilizando os mesmos métodos que a gente utilizava para ensinar aos estudantes que não eram fluentes na Libras. Daí eu utilizava várias brochuras com ilustrações e a parte do livrinho, com várias figuras de frutas, animais, cores, para alfabetizar uma criança surda dos seis anos até quando saí de lá, que ele estava com oito anos. Então, nos dois anos que eu passei com esse menininho surdo, ele foi aprendendo Libras e foi se desenvolvendo. E na escola já tinham dez surdos. Então, ao passo que ele foi se desenvolvendo, no intervalo, ele estava já tendo contato com outras crianças surdas maiores, foi se inteirando, já foi aprendendo a língua.

Mas é muito interessante como a criança vai se apropriando da Libras. A gente já vai percebendo porque a criança que é surda, ela balbucia muito, ela quer muito falar, porque em casa ela vê os pais falarem, então, à medida que ela vai se apropriando da língua natural dela, vai deixando de apontar. Vê a água, já vai fazer o sinal de água. Vai deixando de apontar e de usar até muitas vezes a parte vocal. Já vai utilizando o sinal água, lanche, comida, banheiro.

-Eu achei interessante uma coisa. Bem lá no começo que você falou agora de novo. Que é uma coisa, como se fosse da sua motivação para se desenvolver. Você disse assim: no começo eu me mudei para ajudar numa congregação de Língua de Sinais e agora você falou me senti no dever social de ajudar. Alfabetizar a criança. Fala um pouco mais para mim, sobre isso. Sobre essa ajuda lá na congregação.

- Foi a necessidade. Deu um anúncio na congregação de ouvintes, por lá só existir um ancião e dois servos ministeriais, então ele estava sozinho. Então, como a minha noiva, que se tornou minha esposa, morava lá, eu juntei o útil ao agradável, e me mudei para a cidade vizinha que mencionei no começo. Aí fui residir com esses dois pioneiros especiais surdos durante um ano. Nesse intervalo, ajudei a congregação. Já foram divididas as atribuições, os deveres, e com isso eu fui aprendendo a língua, e fui me sentindo no dever de ser mais de ajuda para os novos que vinham ingressando na congregação. Então fui ajudando, trabalhando para Jeová e ajudando nesses grupos e congregações. Quando eu cheguei nessa escola, no ensino infantil e para essa criança, então pude perceber que ele não sabia Libras. Então, iria para onde? Como é que a criança estava em uma escola no primeiro ano do ensino infantil, como é que ele vai aprender Libras, se até o presente momento não tinha professor? Então comecei a me sentir na necessidade social de ajudar essa criança a aprender a própria língua. Utilizando os mesmos recursos que eu utilizava para ensinar o surdo adulto que não sabia Libras, a aprender a Libras e ao mesmo tempo, ia aprendendo as verdades da bíblia. Então, foi utilizando para algumas figuras desenhos, joguinhos, aos pouquinhos, utilizando a convivência da criança com outros surdos maiores. Esse menino foi aprendendo, foi se desenvolvendo.

Muitos aprendiam Libras para ser um intérprete poder ganhar dinheiro. Por profissão. Ser apenas profissional da Libras. Mas no meu caso, não. Eu me tornei um intérprete de Libras com intuito de ajudar. E isso é muito importante, você se aproximar da pessoa surda, do adulto, amar a pessoa surda. Tentar conversar com ela, tentar se comunicar com ela, usar de empatia, poder perceber que dificuldades o surdo passa no seu convívio diário, no contexto familiar, educacional. Que dificuldades já passou e ainda passa, sofre com isso? E a gente se doar, ter empatia e ter amor à pessoa surda. Não simplesmente adquirir uma língua, e agora ser profissional daquela língua. Você pode ser um bom profissional, e ser estritamente profissional. Mas eu acho que quando você conhece o surdo, tem contato com o surdo, mas não gosta de estar com ele, é um pouco difícil você permanecer nessa área por muito tempo. Ter contato com o surdo, gostar de estar com os surdos, gostar de conversar com eles fora do contexto profissional, é muito importante para o Tradutor Intérprete de Libras. E gostar do ser surdo na comunidade surda, e não só da língua para fins profissionais: eu ter uma profissão e ganhar o meu dinheiro e sustentar a minha família. Mas é gostar de estar com eles, é amar a pessoa surda e tudo o que eles representam - a comunidade, universo, a língua, a cultura surda - é muito bom.

- E tem um ponto muito interessante, é que quando você vai adquirindo a Língua de Sinais, você começa até a entender o contexto dentro de uma conversa junto com os surdos. Uma conversa espontânea, de brincadeira, de piada, por ser parte daquele mundo, acaba rindo das piadas deles. Você entende aquilo que quer passar até naquela piada. Então isso é muito bom. A gente estar com o surdo fora do contexto profissional de sala de aula, de escola, de trabalho. Mas num contexto social, recreativo. Hoje aprendi muito com uma pessoa surda. E não tem como, um surdo, ele é um nativo da língua. Às vezes você pensa que já aprendeu e está bom por aqui, de repente, você presta atenção em um surdo professor, como o Byron. Não sei

se você conhece o Byron, ele juntou habilidades de ouvintes com habilidades dos surdos. Ele é perfeito. Eu assisto o discurso do Byron e fico pedindo bis. Porque ele é demais, não é? Então, a gente assiste a um vídeo da associação e, depois, você compara com os vídeos que você vê na televisão, a gente vê o quanto ele aperfeiçoou esse trabalho. E o quanto o surdo ele tem para nos ensinar, não é? Muito bom ver uma pessoa surda ensinando, fazendo um evento, é muito gratificante ver a pessoa surda se expressar. Eu aprendo muito com a pessoa surda. Acho que é melhor do que um curso. Muito. No meu caso, o que digo se você quer aprender um idioma, é mergulhe como se fosse uma piscina e balance os braços.

Então, aprendi dentro da organização de Jeová. Aí depois de 2009, eu fiz o PROLIBRAS, que foi a certificação. Depois me apresentei para esse primeiro contrato lá na prefeitura municipal e tinha só uma vaga. Parece que estava esperando por mim. Ao chegar lá, foi-me dito: nós temos aqui uma vaga, mas eu te pergunto: você tem letras Libras ou um curso de línguas? – respondi que tinha um curso, telecurso de educação especial. Ela perguntou se tem diploma do curso? Você tem que ter um certificado, então ele ficou com um certificado. E com o certificado do curso universitário que eu tinha, e com o meu currículo, daí também me pediu o PROLIBRAS. Que se eu fizesse e passasse, no mesmo dia, assinaria o contrato. Mas eu fiquei com essa incumbência de fazer o ProLibras e trazer.

- Tem uma coisa que você falou que me chamou muito a atenção. você falou assim: Muitas pessoas aprendem a Língua de Sinais para ganhar dinheiro, mas eu não. Eu aprendi a ter amor à pessoa surda, ter empatia, porque queria ajudar. Então você precisa se doar. Você tem que perceber a situação daquela pessoa vive, as dificuldades que ela enfrenta no contexto da família, em outros ambientes, as dificuldades linguísticas. - Como foi que isso aconteceu com você? Fala mais para mim dessa parte.

- Isso aconteceu quando eu passei para a congregação de Língua de Sinais e eu fui participar da pregação no campo da Língua de Sinais. Quando você vai para o serviço de campo, você se depara com a situação de um surdo e vê todo o contexto familiar sofrido por ter aquele filho surdo. Muitas vezes a família se fecha e fecha também o surdo. Então além do trabalho de evangelização e até de ensinar a língua para o surdo que não tinha domínio do próprio idioma, havia um trabalho familiar. Na pregação que a gente fazia na casa do surdo, a gente priorizava envolver toda a família mesmo, que estivessem ali no estudo. Mas no final do estudo, também tentava conversar um pouquinho com a mãe, conversar com o pai, quais são as dificuldades etc. É um trabalho social. Então, um pouco do trabalho do povo de Jeová no campo da Língua de Sinais é bem diferente do que ocorre com os ouvintes. A gente faz, não só um trabalho de evangelização, mas um trabalho em um contexto social e a gente na época, a gente era orientado a ajudar os surdos, como um surdo adulto que já tinha idade, se conseguiu um trabalho. A gente fazia um trabalho social mesmo. E você trabalha, por que não está trabalhando? Às vezes recebia um benefício do governo. Mas para um surdo que não tinha esse benefício e queria trabalhar, então a gente poderia ajudar a família e falar com algum órgão para que ele pudesse trabalhar. Se eles permitissem, muitas vezes a gente pegava os dados pessoais, deixava no supermercado junto com o surdo, por exemplo. E com a família, a gente ficava sempre fazendo esse papel, dizendo para a mãe, como é que ele estava, intermediando uma conversa dentro daquilo que o surdo queria falar para a mãe que ele nunca teve oportunidade de falar, então agora a gente estava interpretando o aquele surdo sempre quis falar para a mãe. Aquilo que ele estava sentindo, ou alguma preocupação em casa, e agora a mãe tinha um meio de entender

aquele filho, o que ele queria falar para ela e vice-versa. Muitas vezes, a mãe e o pai queriam falar uma coisa para o filho, mas eles não tinham essa ponte de comunicação. A gente sempre procurava fazer esse papel de intérprete, intermediar um diálogo, uma conversa. E muitas vezes os pais começaram até aprender alguns sinais junto com a gente. Então, aos pouquinhos, a gente ia ganhando não só o surdo para Jeová, mas também a família.

- E é interessante você falar isso: a gente fazia a intermediação. Às vezes a gente tentava ajudá-lo a arrumar um emprego, ajudá-lo com a vida.

- Então vocês, no caso, interpretavam a entrevista. Interpretavam a conversa com a família. E tinha alguns outros contextos também onde você fazia essas interpretações? Porque pela sua fala, você percebe a necessidade da pessoa e ia junto?

- Isso, sempre. Às vezes queria ir para médico, uma consulta médica, uma surda grávida que o marido ouvinte estava trabalhando e não tinha tempo e ela não tinha alguém para ir com ela para interpretar. Muitas vezes minha esposa e eu íamos junto com ela.

- Mas isso já na primeira cidade, quando você aprendeu Libras?

- Sim. Mas logo no começo eu não conseguia sozinho, tinha ajuda. E éramos orientados a não trabalhar só o surdo. Mas trabalhar a família do surdo. Fazer com que a família olhe para o filho, para que o surdo se sinta valorizado como pessoa, como ser humano, como filho, não é? Então a gente ia fazer um trabalho junto com a família. Ganhar a confiança da família também. Era todo esse trabalho em um contexto social mesmo, um trabalho social. Não é um só um trabalho de evangelização. Mas é um trabalho social, junto da família, não só por isso. Tem que envolver a família. Para ganhar a família, ao mesmo tempo.

- Interessante que você fala isso. Porque você fala, aí fica mais claro o que você fala aí de querer aprender para querer ajudar. Eu amava o sujeito. Isso é o que você disse, não é? Para você atuar na Libras, para você ser um bom intérprete, então você precisa amar o sujeito surdo e aquilo que ele representa. Então, fica claro nessa sua fala, com essa explicação que você deu, o que isso que envolvia, e que foi o que fez você querer aprender cada vez mais e querer se aperfeiçoar cada vez mais. É muito rica essa sua fala. Tem outra coisinha que eu tinha destacado. É interessante que era mais no começo que você pensava nisso de: eu estou aprendendo. Era sempre isso o que motivava você a continuar?

Queria aprender sempre. No início eu não tinha. Eu não tinha ideia de que o trabalho de pregação envolvida tanto com os surdos. No início, era mais a língua pela língua. Mas depois eu fui ver, e não é só o indivíduo surdo. É a própria unção de Jeová fazendo você sentir essa necessidade, porque, o que aconteceu? O que é que acontecia antes dos anos 2000? As congregações faziam isso, aumentavam em número de intérpretes, mas foi se vendo que a maioria era interessada só na aquisição da língua para poder estar usando a língua, e muitas vezes para se exibir mesmo para outros que estavam aprendendo. Porque, como é que você ouvinte, junto com outros ouvintes está fazendo sinais para conversar, se não tem uma pessoa surda presente? Penso não ter necessidade. Eu sou ouvinte, você é ouvinte não tem motivo, não é? E, na época, o os viajantes eram bem diretos. Aqui não é uma imersão na Língua de Sinais. A principal atividade é pregação, trabalhar com o surdo e com a família. Volta para a sua congregação então nos ouvintes e vá fazer um curso.

Os pioneiros especiais ministravam cursos nas congregações. Então, de 2002 em diante, sempre se insistia no mesmo assunto: Se for só aluno aqui, não permanece. Agora se for primeiro o surdo, pregação e depois a língua, a pessoa se desenvolve. E era difícil, as publicações eram em fita de vídeo. Era vídeo cassete pesado, sombrinha, água. Era assim. Então o que foi acontecendo? Ficou só quem queria trabalhar. Os irmãos viajantes diziam para nós quando visitavam a congregação: se alguém quer mudar para apoiar a congregação de sinais, quando é homem, ouvinte, perceba se ele vai apertar a mão dos surdos. Se for uma surda que vier, olhe se a irmã ouvinte vai abraçar. Se vão estar junto dos surdos conversando, ou se só conversam entre os ouvintes. Mas era isso aí. Até hoje é amor, abnegação.

- É interessante. Aí você depois você começou a trabalhar como intérprete formal, não é? Quando foi para o IF, já era uma parte mais técnica e depois veio para o ensino superior e você sentiu uma nova necessidade. Essa necessidade nem mais só de sinais, sinais disto, mas do contexto acadêmico.

- O contexto acadêmico é diferente. Tem muitas vezes professores que vêm de fora. Então, eles trazem uma bagagem. No momento, precisa também aprender com eles, não é? E quando se trata de dúvida com sinal, ele é surdo, ele é nativo da língua. Ele tem essa autoridade. Um dos professores surdos começou a fazer isso, um sinal diferente do que usamos para surdo. No início eu estava resistindo, não era um resistir, é porque eu nunca lembrava, porque eu costumava fazer o sinal mais difundido. Eu fui interpretar um evento no campus dele. E ele estava usando o sinal. Ele é a única pessoa que usa. Ele me disse: eu estou divulgando, cabeção.

-Entendi. Mais da perto do final, você falou assim: o intérprete não tem como achar que já aprendeu tudo, porque nunca vai parar de estudar.

- Sempre estão tendo novos cursos, novos termos. O próprio surdo vai se apropriando da Língua de Sinais, da língua que é dele. A comunidade surda vai passando para a gente e, como técnicos, a gente tem que se atualizar. A gente respeita, não é?

- Amigo, eu agradeço demais. Obrigado e parabéns. Além da pesquisa, você não tem noção de como que seu relato me ajuda. Como que tem coisas que eu estou investigando e que você fala para mim naturalmente e que ajudam a entender as hipóteses que eu tinha mais levantado na pesquisa. Os dados estão batendo com a hipótese que foi levantada, então eu agradeço demais. A agradeço também ter participado. Eu vou parar aqui a gravação.

Entrevista Tils 11

- Preciso gravar para poder ter o registro depois para transcrever.

- Imagina decorar tudo que é falado, quem tem essa memória? Eu não sei como é que Repórter consegue, sério. Porque olha, já demos entrevistas de conversar com a pessoa por uma hora e a pessoa está sem tomar notas e depois transcreve a entrevista todinha. Como é que consegue?

- Talvez grave o áudio, mas também deve ter treinamento. O pessoal que faz acompanhamento psiquiátrico e psicológico é assim também. Eles recebem treinamento para isso. Eles ficam dando atenção para você sem tomar nota e depois perguntam coisas específicas. Eu acho incrível. Não sei se é pela minha dificuldade de me concentrar.

- Ai, então somos duas, eu também. Eu tenho déficit de atenção, logo falo. Eu acho que todo intérprete é assim, eu acho que talvez, porque a gente está sempre processando informação tão rápida e já jogando. Então, acaba que não grava tanto. Se for assim, eu vou conversar com meu psiquiatra e perguntar se existe a possibilidade de desenvolver algum tipo de transtorno assim, como doença ocupacional, de trabalho.

- É uma possibilidade de estudo. Será que tem de começar a falar com ele? Porque você também já falou isso e já teve umas três pessoas que me falaram a mesma coisa. Eu não conheço nenhum intérprete que seja assim totalmente normal. A gente já vive na linha limítrofe do estresse. A gente precisa viver assim para o processamento cognitivo da interpretação e da tradução. A gente precisa estar nessa linha.

- A gente está no borderline entre o são e o estresse.

- Eu vou projetar aqui para nós o termo de consentimento de participação na pesquisa.

E você está fazendo o mestrado? Parabéns, viu.

- Obrigada.

- É uma coisa que eu acho que eu nunca pensei. Eu estou terminando minha graduação agora, e já está difícil de fazer. Depois ainda um mestrado, não é para mim não.

- Você está fazendo graduação em quê? Estou fazendo graduação, a terceira tentativa, porque já desisti de duas. Eu desisti do direito, desisti de gestão jurídica, gestão jurídica notarial. Eu fiz um ano e pouquinho aí desisti. Aí, agora eu estou fazendo comunicação assistiva.

- Legal. Mas é assim mesmo. Eu comecei e larguei cinco graduações antes de ficar realmente em Letras Inglês. Então, é assim mesmo e às vezes a gente começa mais por pressão da família de que a gente tem de estar fazendo alguma coisa.

- Eu tenho que fazer, no meu caso, a minha pressão foi por conta do trabalho, porque aqui em Brasília, tecnicamente, você não consegue mais trabalhar e as pessoas não te dão credibilidade se você não tiver um diploma. Literalmente, você precisa de um diploma, seja lá em que área for, só para você dizer: eu tenho um certificado de nível superior. Eles querem só para isso. Se você tem experiência de trabalho, se você tem aptidão, se você tem fluência na língua, isso é o de menos, entendeu? Eles só querem olhar assim, então você tem é graduada em quê? Deve importar a titulação, não é? Aí eu fiz um Monte de curso, mas o importante, o

foco, era a graduação, ter lá um diploma de nível superior. Tudo bem que eu estou fazendo agora tecnólogo. Assim, em dois anos e meio já considera superior. Então, para mim é superior já, é o que importa.

- Você está conseguindo ver aí?

- Consigo.

- Pronto, eu vou ler aqui para nós.

Cara tradutora,

Este é um convite para a sua participação na pesquisa intitulada **A Pesquisa Narrativa e o Desenvolvimento da Competência Tradutória**, que está sendo desenvolvida por pesquisadores, do Curso de Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras — ambos da Universidade Federal da Paraíba —, sob a orientação do professor Daniel Antonio de Sousa Alves.

O principal objetivo do estudo é entender o desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras. Pretendemos, com esta pesquisa, identificar padrões de aprendizagem que possam contribuir para elucidar processos de desenvolvimento da competência tradutória de tradutores e tradutoras em formação, o que poderá beneficiar nosso campo disciplinar e nossa área de atuação - tanto com uma maior compreensão sobre o tema, quanto servindo para subsidiar futuros trabalhos de elaboração de material voltado para a formação de tradutores e tradutoras.

Solicitamos sua participação, contribuindo para a pesquisa nos contando história(s), ou a narrativa, da sua formação como tradutor/a, fazendo uma pequena tradução e respondendo a um questionário. Não será necessário fazer qualquer preparação prévia para participar da pesquisa. Estimamos em cerca de 2h o tempo total da sua participação na pesquisa.

Solicitamos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que esta pesquisa não tem por objetivo criar quaisquer desconfortos ou pressões para o participante da pesquisa e, por nossa investigação ser focada em narrativas livremente feitas pelos/as sujeitos, não há expectativa de riscos para a sua saúde física ou mental, tampouco para o ambiente e o contexto de realização do experimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há qualquer obrigação em fornecer informações que não queira, tampouco em colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou caso resolva, a qualquer momento desistir de participar, você não sofrerá nenhum dano ou prejuízo.

Os/As pesquisadores/as também estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Só para explicar um pouquinho algumas coisas. Como fala aqui no segundo parágrafo, queremos entender o desenvolvimento da competência tradutória dos Tils, no caso, que é a minha pesquisa específica. Como se desenvolve essa expertise que temos que separa o tradutor profissional do falante bilíngue. Então é por isso que estamos usando a pesquisa narrativa,

porque esses processos todos acontecem dentro do tradutor e fica muito difícil você conseguir observar isso por meios externos à própria pessoa. Por isso a gente pede que o tradutor conte a sua história para nós, conte a sua narrativa de como que foi esse processo, como que ele se desenvolveu até se tornar um tradutor. Aí, essa pesquisa tem três aspectos, a gente faz a entrevista com a pessoa; existe um formulário para coletar informações adicionais, que é sobre o perfil da pessoa e sobre os conhecimentos que a pessoa tem sobre Tradução; e tem um pequeno experimento tradutório. Mas nenhuma das partes é obrigatória. Como disse lá no final, a participação é voluntária. Também com relação ao sigilo, é até uma exigência do comitê de ética. Então, na nossa publicação de dados, por exemplo, que apresenta às vezes a pesquisa em um congresso, pública em alguma revista um artigo falando sobre isso, não tem como ninguém identificar você. Porque, por exemplo, nas minhas anotações aqui, você é a Tils 11. Eu estou usando a numeração de acordo com as entrevistas, mas só quem sabe que você é a Tils 11, somos nós duas. Ninguém mais.

Então quando, por exemplo, na sua fala, você citar nomes, locais, instituições, no texto não vai aparecer, então não tem como ninguém identificar a você. Só você que vai saber se você ler, porque você vai reconhecer a sua fala. Então, não precisa se preocupar com isso, certo?

- Está bom.

- Caso também você decida que prefere que não sejam mais usados os seus dados, por a pesquisa ser voluntária, então fica a seu critério. Beleza?

Considerando, que fui informado(a)dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Daí eu vou mandar para você pelo WhatsApp, e eu preciso que você assine uma via e mande para mim, certo?

- Sim.

- Tem alguma dúvida? Posso interromper aqui o compartilhamento?

- Pode.

- Tils 11, essa entrevista aqui tem três momentos. Eu chamo de entrevista por falta de um nome melhor, porque na verdade é uma conversa. Você vai me contar a sua história. Mas, no primeiro momento, você conta todo o seu relato. Você vai ver que eu vou fechar o meu microfone para evitar interrupções, porque a gente está em casa, às vezes late o cachorro da vizinha, passa carro de som, essas coisas. E você vai ver que eu vou fazer algumas anotações. Eu não tenho a memória dos terapeutas, então sempre vai ter alguma coisa na sua fala que eu vou achar que é interessante e vou querer saber mais sobre o trecho específico. Então, depois que você concluir o seu raciocínio, disser que é o que você consegue pensar, ou seja lá como você queira encerrar o seu raciocínio, daí eu vou destacar algumas dessas coisas que eu anotei e vou dizer, Tils 11, você falou isso. Você pode me falar mais sobre isso? Mais uma vez, sinta-se totalmente à vontade para falar tudo o que quiser sobre aquilo ali. Também, se eu perguntar alguma coisa que você não se sente confortável para responder, por qualquer razão que seja,

você não precisa responder, é só dizer que prefere não falar sobre aquilo. Porque qualquer coisa aqui na pesquisa é voluntária, então, você tem o direito de querer falar ou não sobre qualquer coisa. E depois que a gente terminar isso, talvez ainda tenha alguma coisa mais específica que eu queira perguntar, e eu pergunte mais diretamente ou, talvez, em uma conversa mais aberta, eu fale: é legal que você falou isso porque a gente está investigando isso aí. Às vezes, por isso, você se lembra de alguma coisa, então fique à vontade para falar de novo, porque tudo é dado para mim, está bem?

- Está bom.

- Então agora eu vou deixar o foco para você e você me conta a sua história de como que foi até você se tornar a tradutora você é hoje.

- Misericórdia, mulher. Então certo, vamos lá, vamos começar. Contato com a Língua de Sinais... Eu sempre tive, não vou dizer, sempre tive contato com pessoas surdas, mas a minha tia, que também é testemunha de Jeová, tinha contato com a congregação e os grupos de sinais. Então a minha tia sempre fazia alguma coisinha em Língua de Sinais para mim, como: bom dia, boa tarde, boa noite. As coisinhas simples. Quando eu estava começando o terceiro ano do ensino médio, um amigo meu também testemunha de Jeová, daqui de Brasília, mudou para uma cidadezinha do interior. Lá, ele pregou para um surdo e aí ele começou a se interessar por Língua de Sinais e a aprender a Língua de Sinais lá naquela cidadezinha e voltou para Brasília todo empolgado de que tinha aprendido a Libras e começou a ensinar Libras para nós. Achei legal e comecei a aprender Libras com ele. E como eu já estava terminando o ensino médio, eu tinha que achar uma profissão. Daí eu fiquei sabendo que existe a profissão de intérprete de Libras e me interessei. Um dia na escola, o professor falou que já estávamos no último ano e se no ano seguinte iríamos procurar uma profissão e que profissões gostaríamos de ter. Então ele foi perguntando a cada um o que queria ser, e quando chegou na minha vez, eu disse que estava aprendendo Libras e queria me aprofundar, aprender mais sobre a Língua de Sinais e ser intérprete de Libras. Isso foi em 2008. Daí o professor falou que era interessante, que nem sabia que isso era profissão, mas que se eu estava gostando, ele achava legal a minha colocação, diferente de todos. Quando foi no outro dia, o professor me apareceu com todas as escolas em Brasília que ensinavam Libras e falou que tinha achado aquelas escolas em Brasília, que ofereciam curso de Libras e que talvez fosse o pontapé inicial para a minha profissão.

Nossa, fiquei muito agradecida. É, além disso, o curso que eu realmente queria fazer era um outro curso, mas a minha família não tinha condições financeiras de pagar o curso para mim e o curso de Libras também foi o mais viável. Então juntou o útil ao agradável. O que cabia no orçamento e o que eu gostava. Então comecei a fazer o curso de Libras em 2009, em uma instituição de referência daqui. Fiz o curso de Libras básico, 1, 2 e 3; intermediário 1, 2 e 3. Foram dois anos e meio de curso. Concluindo o curso de Libras lá de dois anos e meio, fiz um curso de técnicas de tradução e interpretação que lá oferecia. Quando concluí este também, fui fazer um curso de Libras básico em um dos Institutos Federais daqui. Chegando lá, a professora de Libras viu que eu já sabia Libras e me ofereceu um estágio lá. Fiquei então como estagiária voluntária nesse Instituto Federal em uma das cidades da região metropolitana. Fiquei lá estagiando voluntariamente por seis meses, com um aluno surdo que estava fazendo um curso técnico, sendo intérprete dele. Passados os seis meses, como não ia haver contratação para mim porque tinha pouco tempo que eu tinha feito o curso. Mas a minha professora de Libras achou um estágio para mim de um ano e meio lá no Instituto Federal. Estagiei acompanhando pessoas

com deficiência, desde pessoas esquizofrênicas a pessoas com TDAH. Pessoas com qualquer tipo de deficiência física ou intelectual.

Quando passou um ano de estágio, abriu uma vaga de emprego em uma universidade aqui em Brasília e eu fui me candidatar à vaga. Fiz a seleção e tinham catorze intérpretes concorrendo à vaga, inclusive intérpretes muito bons aqui de Brasília. Por um milagre de Deus, eu fui chamada. Fiquei como intérprete desta universidade de 2013 a 2021. Nesse meio tempo, em 2019, eu me candidatei para uma vaga de emprego de uma empresa de São Paulo. E as empresas de São Paulo me chamaram para fazer alguns tipos de eventos aqui em Brasília, no Itamaraty, no Instituto Rio Branco. Com uns três meses que eu estava trabalhando para eles, fui colocada para trabalhar na TV Brasil como terceirizada esporadicamente, até que surgiu a oportunidade de trabalhar todos os dias na TV Brasil. Então, no período de 2019 até 2021, eu estava em dois empregos: estava trabalhando na universidade e estava trabalhando na TV Brasil. Encerrei minhas atividades na universidade, porque era muito pesado. É muito pesado trabalhar numa universidade, principalmente particular, porque você trabalha sozinha, você não tem revezamento. São aulas de uma hora e quarenta em que você fica sozinha na sala de aula torrando o neurônio e quase quebrando o braço.

A partir do momento em que eu comecei a trabalhar na TV Brasil, era diferente porque eram programas de vinte a trinta minutos. E se passasse de uma hora de programação, eu tinha revezamento. Então eu vi uma oportunidade melhor, tanto de crescimento profissional quanto da visibilidade da TV em si. E pela oportunidade de ter um descanso para o meu corpo. Eu não forçava mais tanto a minha mente e o meu corpo. E eu forçava muito na universidade. Lá eu atuei em diversos cursos nesse período de oito anos. Eu atuei no curso de TI. Depois eu fui para o curso de Licenciatura em Educação Física. Depois eu fui para o curso de pós-graduação em Educação Física. Pós-graduação em gestão pública. E por último, quando eu saí de lá, eu saí no nono semestre do direito. Eu acompanhei um aluno desde o primeiro até o nono semestre de direito. Ele praticamente está se formando já. Infelizmente, não consegui acompanhar até a formatura dele. Mas acho que no ano que vem ele já se forma no direito. E essa foi a minha atuação.

- Caramba, é muita coisa que você fez esse tempo todo. E eu achei muito interessante o seu começo. Você disse que primeiro tinha uma certa curiosidade, porque a sua tia sempre falava alguma coisa em Libras com você. Mas aí depois perdeu isso, não gravou. Aí você passou a ter interesse porque um amigo seu aprendeu e ficou ensinando para vocês. E aí, você se empolgou com isso? Conta para mim, como era isso.

- Esse amigo aí ficava muito cansado com a Língua de Sinais. Eu acho que ele não falava tanto até a pessoa surda, ele falava da língua em si. E eu sempre tive uma certa curiosidade com línguas não orais, então sempre gostei de brincar de decodificar códigos de leitura, essas coisas. Eu sempre gostei, e ele sabia que eu gostava. Daí ele me disse que tinha aprendido algo que eu iria gostar, que era a Língua de Sinais. Que era uma língua não oral onde eu teria que decodificar "gestos" ao invés de palavras. Eu achei muito legal e aí a gente foi começando a brincar como se fosse de mímica, só que era Libras. Ele falava assim: olha, eu vou fazer para você uma flor brotando da Terra e florescendo para você ver como a Libras é uma língua viva. Aí ele fazia com os classificadores como que o desenho da florzinha nascendo, as folhinhas, tudo de uma planta crescendo, evoluindo. E era interessante realmente, porque você começava a imaginar aquilo que estava acontecendo, que ele estava sinalizando. Por isso

que a Língua de Sinais é uma língua muito visual, não é? Acho que isso é um pouco do que mais me encantou na Libras. Foi a forma diferente como essa língua era utilizada, então acho que eu me encantei mais pela língua do que pela pessoa surda em si.

- Interessante. Aí depois você comentou que estava começando o terceiro ano, tinha que começar a trabalhar, o professor perguntou que profissão cada um queria seguir, todo mundo pensando em faculdade e você queria ser intérprete. E aí o professor veio com essas opções de curso e começou a fazer um curso em uma instituição de referência. Conta mais para mim sobre isso, sobre esse seu curso, o treinamento que você recebeu lá.

- Olha, é até difícil de lembrar, mas uma coisa eu lembro bem: era complicado você aprender, porque a dinâmica da época no ensinamento da Libras é totalmente diferente do que é hoje. Geralmente você faz um curso de Libras, além de aprender Libras, você aprende a gramática da Libras. O que eu fiz não, porque eram quatro horas de aula com um monte de sinal que o professor ia jogando para você aprender. Você não aprendia a gramática da Libras. Eu acho que no nível que eu fui aprender um pouquinho do que é gramática da Libras. Era meio exaustivo, porque você tinha que passar quatro horas ali tentando decorar sinal, e era um monte de sinal, às vezes sem nexo de uma coisa com a outra. Você aprendia o sinal de carro, o sinal de viajar e depois, do nada, aprendia o sinal de sapato. Era muito difícil você aprender, mas você tinha que fazer alguma estratégia de tentar assimilar aquele sinal que você aprendeu com alguma coisa do seu cotidiano. É tanto que eu andava na rua e aí, do nada, vis uma árvore, tentava lembrar em Sinais o que eu via na rua, e tentava sinalizar de volta. Se visse um passarinho, ficava fazendo o sinal de passarinho. Via uma criança, aí eu ficava fazendo o sinal de criança. As pessoas ficavam me olhando com cara de que me achava doida. Eu, na rua, sozinha, mexendo as mãos na rua. E quando foi para aprender o alfabeto, foi a mesma coisa. Andava na rua, ficava olhando as coisas e fazendo a datilologia na rua, só para ver se conseguia gravar alguma coisa. Porque em uma língua oral, você está ali, você ouve a palavra, você grava a palavra, ou sozinha, você lê e grava. Na Libras não tem isso. Você vai fazer o quê? Ainda mais em 2009. Em 2009, você não tinha o recurso de gravar e deixar salvo no celular. Era muito complicado esse negócio, sem acessar um celular com internet para ver se não tem no YouTube, era diferente. Hoje você deixa um acervo, o professor coloca um acervo com os vídeos, e não tinha isso, você decorava lá na hora. Ou depois você procurava o professor de novo com alguma pessoa, não é? Então, para você guardar, no final você tinha que fazer alguma assimilação com alguma coisa para você lembrar que aquilo é aquilo. Que carro é carro. Como que é carro, você tem que ficar pensando: movimento do volante, é carro. Eu tinha que achar alguma coisa que batesse. Era mais ou menos assim as aulas.

- Aí você disse que lá você fez o curso de Libras básico, mas também tinha a parte de estratégias de tradução e interpretação. Conta para mim sobre essa parte.

- Menina, essa parte, acho que tem duas coisas que eu lembro mais. A primeira era até o quadro, que você precisa ficar no seu espaço do trabalho. Ou, no máximo, uma palma para cima e da cintura para baixo. Então você tinha que fazer o seu movimento não espaçado demais, sempre com o pezinho fixo no lugar. E eu lembro também que a professora ensinou uma coisa que era que era uma técnica que ela falava para a gente, que era do ouvido em curso. Que era, literalmente, entra em um ouvido e tenta sair pelo outro. Ela falava que, na hora da tradução, da interpretação, deveríamos evitar raciocinar demais a respeito do assunto, porque poderia dar uma interferência na hora da tradução. Ela falava que a gente tinha que procurar uns sinais e

achar estratégias para a sinalização ali no momento. Que se, por exemplo, se ouvíssemos uma palavra que não conhecíamos, e nos concentrássemos nela, ia travar a nossa tradução e íamos perder informação. Ela falava que não deveríamos ali na hora ir raciocinar sobre palavras que não conhecíamos. Se não conhecêssemos a palavra, ou soletrássemos ou passássemos adiante até ficarmos treinados o suficiente. Até o nosso cérebro e ouvidos ficarem treinados o suficiente para conseguir ouvir aquela palavra, e achar algum sinal ou alguma estratégia para não ficarmos retendo informações demais.

É Claro que como intérpretes não tem como não guardarmos informações. A gente sempre guarda. Mas ela se referia a não raciocinar demais a respeito do que está sendo dito. Tanto para ser imparcial na tradução, para você não demonstrar sentimentos quando tem é alguma fala contrária ao seu entendimento, ou sua ideologia. Você está traduzindo lá algo que é contra a sua ideologia, você raciocina demais, você pode levar aquele seu raciocínio, sua ideologia para tradução. Então ela sempre falava que isso não se faz. Que apenas traduzíssemos sem pensar no que aquilo interferia na nossa ideologia, crença, enfim, apenas traduzíssemos. E a outra razão que ela falava para não pensar demais, era justamente para não interferir na tradução e travar por alguma palavra desconhecida, acho que isso foi o que eu mais lembro. Mas dentro do curso de técnicas de tradução e interpretação, a gente também estudou Antropologia respeito da pessoa surda, como que é feito uma tradução por surdo, como que era a cultura surda, então a gente aprendeu tudo isso dentro do curso. É o que ficou mais vívido na minha mente do período, porque já tem uns dez anos. Faz muito tempo.

- Eu achei bem interessante essa orientação da professora de tentar não raciocinar sobre o que estava sendo dito no momento da interpretação tanto por precisar ser imparcial, quanto para não travar. E essa outra parte também de vocês estudarem antropologia, para poder interpretar, fala mais para mim sobre isso.

- Essa professora nossa, marido dela é Antropólogo e dá aula em uma das universidades aqui. Então ele sempre vinha para dar o primeiro horário da nossa aula, para falar sobre como era o convívio social normal no cotidiano, e ele trazia essa área da antropologia para dentro da comunidade surda. Como que é o contato das pessoas surdas entre si; como que é o contato das pessoas surdas com ouvintes; qual é a visão do ouvinte sobre o surdo; qual a visão do surdo sobre o ouvinte; como isso deve ser tratado. Então, ele ensinava como que a gente deveria fazer esse trato. Porque por mais que nós fôssemos intérpretes, a gente não é um profissional intérprete que a gente está simplesmente ali traduzindo. Querendo ou não, o intérprete ele interage dentro da comunidade surda, ele tem um contato com a comunidade surda, ele não é igual a um computador que traduz sem ter contato nenhum. Querendo ou não, você vai ter um contato, você vai ter que tratar e lidar com isso. Então ela focava muito na comunidade surda. Nas diferenças culturais que existem entre um ouvinte e um surdo, para a gente conseguir ter esse trato, além de ser excelentes profissionais.

- Eu fiquei curiosa com essa ligação que você fez. Porque você fala assim: A gente aprendia como era a visão do surdo no contato com surdo, e do surdo no contato com o ouvinte, e isso para a gente poder ser intérpretes melhores, explica mais sobre isso. Por favor, me ajuda a entender isso melhor.

- Então, não sei se você já viu, mas ela falava assim e realmente é verdade. O surdo, quando ele está com outro surdo, eles usam uma Língua de Sinais que, para nós, ouvintes, é

quase incompreensível. Porque eles criam uma comunicação meio que resumida e própria entre eles, um diálogo deles. É como se um americano, por mais que ele seja fluente em português, se ele for lá para Minas Gerais conversar com os mineiros, e ele escutar um mineiro conversando com outro, provavelmente ele não vai entender nada. Por causa das diferenças linguísticas, que são algo que não vai ser ensinado para um estrangeiro. Da mesma forma é um surdo quando está com outro surdo. Eles têm esse diálogo e diálogo, como se fosse meio que o sotaque, entre eles, que a gente, ouvinte que está aprendendo libras, a gente não entende. Então ela ensinava como a gente poderia diferenciar e aproveitar essas oportunidades para aprender todo esse sotaque, além de aprender mais da cultura. Por exemplo, o surdo não vai apontar para a pessoa e falar assim, aquela pessoa ali é ruim. Ele vai fazer disfarçado. Mas o outro surdo entende perfeitamente, às vezes sem sinal.

- Que legal. E como foi a sua primeira experiência de interpretação? Eu sei que você falou de sua primeira experiência em um contexto formal, de interpretação no IF como estagiária. Mas quando você estava em treinamento, você disse: a gente treinava o espaço de sinalização etc. Então, como que era isso? Existe uma turma, a professora ia falando, ou tinha alguma coisa que vocês interpretavam? Como que era? Fala para mim.

- Era passado texto simples muitas vezes, a depender do que era. Se fosse uma coisa mais focada ao uso de classificador, por exemplo, aí a professora fazia um texto de história que era mais simples. Por exemplo: o rapaz tem uma moto, uma moto grande. A gente tinha que fazer o classificador a depender do que era a aula. Ela ia trazendo textos que iam coincidindo com que ia ser feito na aula. Mas não era nada muito específico. Por exemplo, o curso que eu estou fazendo agora é de comunicação assistiva. Ele já traz textos específicos para da tradução. Então, eu ainda não cheguei nessa parte, mas eu vou chegar nas matérias para traduções específicas. Por exemplo, vou ter uma matéria só para traduzir a área cultural; vou ter uma matéria só para traduzir área jornalística; vou ter uma matéria só para aprender a tradução na área jurídica; coisa que eu nunca tinha visto outro curso fazer antes. É que todo o curso que eu fazia era só para ensinar Libras. E quando era para traduzir, era tudo no geral, não é? Em parte, na Libras, querendo ou não, a gente traduz o que jogar para a gente traduzir, diferente das outras línguas orais que geralmente têm cursos específicos para tais áreas. Na Língua de Sinais, a gente traduz o que jogar, entendeu? E aí, no caso, havia...

- É que eu estou tentando ainda entender como era a dinâmica da atividade. Era uma temática relacionada ao assunto da aula, tinha um texto e aí todo mundo tinha a sua vez de interpretar?

- Geralmente, todo mundo tinha a sua vez. Geralmente para quem se sentisse à vontade. Não vou mentir, lá não era obrigatório para você ir para a frente e traduzir. Quem se sentisse à vontade, ia e traduzia. Além de a gente servir de intérprete para o professor surdo. A minha professora era ouvinte, mas tinha um professor surdo lá. Então, às vezes ela falava assim, olha, vai na turma de Libras I para conversar um pouquinho com a turma, coisas que você já sabe, vocês querem ir? E alguém quer traduzir? Quer ser intérprete do professor surdo? Era mais ou menos isso.

- E você era das que se sentia à vontade e que ia?

- Eu era das que ficava sentada só observando.

-Então, no contexto do curso, você nunca interpretou o professor surdo?

- Eu nunca fui fazer interpretação lá. Só observava. Eu morria de medo. Eu fazia interpretação surda na igreja, não é, no salão. Aí eu me arriscava um pouquinho mais. Mas em outros contextos assim, foi muito difícil começar. Eu morria de medo. Era um monte de coisa que eu não sabia o sinal. Eu tinha contato com o surdo em ambiente religioso, não tinha contato com o surdo em outro ambiente. Então, eu morria de medo de como é que eu iria falar. E se a pessoa lá falasse uma frase que eu não sabia de nada. Morria de medo.

- E como foram essas suas experiências assim você começou a atuar como intérprete na congregação, com os surdos lá? Como era isso?

- Vou contar uma experiência, uma coisa para você, porque o que eu mais sabia fazer era cara de paisagem, fingir que estava entendendo. Aí passava alguém do meu lado, daí a mãe dizia do nada: O que está dizendo? Eu morria. Na minha mente, parecia que eu sabia tudo de Libras, mas na hora da prática? Aí o negócio era diferente. Por exemplo, sumia tudo que eu tinha aprendido, desaparecia. Até que eu tive que aprender a não ter vergonha. Porque o que fazia sumir todo meu conhecimento era a vergonha, a timidez.

E outra coisa que a professora de Libras, na época falou, a professora de tradução, foi que um intérprete de Libras não tem que ter vergonha. Se você tiver vergonha, você nunca vai ser um intérprete. Porque você vai ter vergonha de estar lá na frente, interpretando sobre vários assuntos. Você tem que ter confiança. O que você vai fazer? Daí eu parei e pensei: isso é para você. Está na hora de perder a vergonha. Vamos. Se eu não souber o sinal, soletro, já sei o alfabeto inteiro. E assim foi. Foi começando a conversar de pouquinho em pouquinho até ter essa fluência a mais.

- E aí, você foi estagiar lá no IF. Foi fazer um curso e a professora chamou para estagiar. E aí, como foi isso?

- Ainda bem que eu não estava só. Tinha mais outras 2 pessoas comigo. Porque, imagina, um curso que você não sabe de nada? Você acha que eu sabia o que era? Sei lá. Hardware, software, programas diferentes, como é que explica em Libras a diferença de um hardware e um software? Diferença de uma coisa visível, uma coisa invisível? Algo que está no mundo, no plano real, e algo que está no plano dos programas de computador? Como é que eu vou explicar que um software é feito por intermédio de java script que são programações codificadas, e eu ficava muito... dava uns bugs, meu Deus. Ainda bem que tinha outra pessoa do lado, para tentar me ajudar, auxiliar. Aí um foi auxiliando o outro, até a gente conseguir entender. A gente tinha que estudar tanto quanto o surdo. Eu acho que o intérprete de nível superior, intérprete educacional, tem que estudar tanto quanto o aluno. Porque você vai explicar, o professor, ele sabe, ele consegue explicar perfeitamente. Uma coisa que é óbvia para o professor, não é óbvia para você, que está escutando aquilo pela primeira vez. Então a gente tinha que estudar. Acabou a aula, a gente ia lá para o professor, perguntava ao professor, pedia ajuda porque não estava entendendo, então, como que iria explicar isso de forma mais concreta para o surdo entender. E depois a gente pesquisar se tinha sinal. Se não tinha sinal, a gente criava o sinal junto com o surdo. E assim foi por um período de estudos, uns seis meses.

- Eu fiquei um pouquinho confusa com uma coisa aqui. Você disse que é normal para o professor que conhece aquilo ali, é tudo muito claro na cabeça dele, mas não é óbvio para você

que escuta a primeira vez. Então como que você ia explicar aquilo para o surdo? Você interpretava ou você ensinava ao surdo?

- É uma interpretação, mas querendo ou não, eu tenho que ter uma noção do que está sendo dito, do que está sendo falado para trazer uma interpretação mais clara. Por exemplo, com o software, não tinha o sinal para o soft, então eu tinha que entender o que que era o soft. Então, em vez de eu soletrar soft, eu ensino. Eu explicava para o surdo: essa palavra soft, é um programa de computador, uma coisa que você não pega. Então eu poderia resumir para o surdo. Quando o professor falava software, em vez da soletrar, eu podia fazer: programa de computador, ele entenderia que aquilo era o software. Então, a compreensão do que é aquilo que está sendo dito, facilita na hora da tradução, porque eu vou conseguir achar estratégias tradutórias mais fáceis para a compreensão. Mais ou menos isso.

- Agora sim ficou claro. Tem mais uma coisa que eu anotei aqui, que eu achei muito massa. Você passou um ano e meio estagiando lá e depois abriu uma vaga e você foi para a universidade. Aí já foi outra experiência. Daí depois surgiu uma oportunidade na TV. Fala um pouco mais para mim sobre essas duas coisas. Você disse que também deu muita oportunidade de crescimento para você. Aí me explica um pouco melhor sobre isso também. Porque pelo que você falou, que você teve o curso, aí teve um estágio e depois a universidade, parece que foi onde você realmente sentiu uma diferença de atuação. Então fala um pouco mais para mim sobre isso.

- Acho que a universidade é diferente de tudo. Nunca tinha atuado, nunca tinha entrado na universidade da minha vida. E você sente o peso da responsabilidade muito maior do que está sendo interpretado ali, porque o que você está colocando ali é uma profissão. Você está formando um profissional. É então o surdo tem que entender o que está sendo dito, o que está sendo explicado pelo professor. Você não tem esse negócio de ficar caladinha, simplesmente traduzindo, se você não está entendendo, tem que ter coragem, no meio da aula, de levantar a mão e falar: professor, desculpa, eu, como intérprete de Libras, não entendi o que significa isso. O senhor pode me explicar melhor, para poder explicar direito para o surdo? Aí o professor explicava, agradecia e explicava para o surdo, aí o surdo entendia.

- E se você explicasse e o surdo não entendesse? Aí eu tinha a coragem para levantar a mão de novo e dizer: professor, o aluno não entendeu o que o senhor quis dizer. Pode explicar novamente? E ia nesse processo. Porque na faculdade, no curso superior, os professores não usam de termos simplórios, ou termos populares para falar com os alunos. Principalmente no curso de direito. Acho que foi com os que eu mais sofri. Porque vem o professor e não quer saber que você está no primeiro semestre do direito. Você vai ter que entender o que é uma coisa, o que é algo inconstitucional. Você não sabe o que significa procura, tem dicionário para isso. Você não entendeu a palavra que eu disse? Escreva e pesquise depois. O professor, ele usava termos do juridiquês. No primeiro semestre de direito. Quase morri por conta disso, principalmente porque tinha aula de filosofia do direito. No segundo semestre, aula de filosofia do direito. Eu sentia um peso, uma responsabilidade muito maior daquilo que eu estava traduzindo. Tanto para me mostrar que eu era profissional, digna de estar ali, porque senão os professores iam pressionar a minha superior. Muitas vezes isso acontecia. Eu tive que me impor dentro de sala de aula, não é? A escola, a faculdade que eu trabalhava, era uma faculdade para a classe alta. Não é uma faculdade que pessoas de classe média ou baixa fazem parte. Eram pessoas de classe alta, alta sociedade de Brasília, que estudavam nessa faculdade aqui. Então,

a gente sentiu o peso de estar ali como intérprete, mas também de mostrar como ser um profissional, você se impor como profissional. Eu acho que na faculdade, a maior experiência que eu tive era me impor como profissional. E, claro, ter esse contato mais próximo com o surdo. Mas foi difícil nos primeiros anos. Cada curso que eu ia, era uma coisa diferente.

- Conta um pouco mais para mim sobre isso de ter que se impor como profissional, de saber assim que se estava ali, era porque era digna de estar.

- Cada curso que eu ia era uma coisa diferente e era um nível diferente de pessoas. Tinha curso que era à noite. Que tinham alunos e professores que já eram adultos. Então todo mundo trabalhava, todo mundo já estava ali cansado. Todo mundo já estava ali e só queria estudar e mais nada. Até aí, tranquilo. Era fácil. Eu era a única mulher da turma de TI. O que já mudou, foi uma mudança. Todo mundo ficava: nossa, uma mulher. Turma de TI, meu Deus. - Aí eu tive que me impor. Porque o professor olhava assim, falava nossa, uma mulher, intérprete de Libras para um surdo homem com curso de informática que só tem homem. E o professor me menosprezava. Eu tinha que ter horário de chegar lá para a pessoa e dizer: o aluno está o precisando disso. Será que o senhor poderia fornecer? Tinha que me impor um pouco ali.

O curso de educação física foi tranquilo, a pós-graduação de educação física, também foi tranquila. Curso de direito, tive que mudar até meu jeito de me vestir, acredita? Porque quem era professor do curso de direito era juiz, promotor de alto cargo aqui em Brasília. Então, quando eu chegava na sala de aula, os alunos não respeitavam o local do outro. Eu tinha um lugar que era marcado. As duas primeiras cadeiras perto da porta eram para o surdo. Ele escolheu um lugar. E ali alguns não respeitavam. Já teve vezes de o surdo chegar e tinha gente sentado na cadeira dele. Toda aula tinha que falar para alguém: Oi, por gentileza, esse lugar aqui é o lugar do surdo, caso você não saiba, que um aluno para quem sou seu intérprete de Libras e esse lugar é reservado para ele. Os alunos não se importavam nem um pouco. Mas já teve vezes de eu jogar a bolsa no chão, do aluno, pegar a bolsa e jogar no chão e falar assim, esse lugar é do surdo, você me entendeu?

E às vezes, tinha a questão também do professor. Ele, por mais que ele não saiba Libras, ele questionar sobre os seus conhecimentos. Mas você está interpretando um curso de direito, você sabe direito? Você se formou em direito? O que você vai interpretar em um curso de direito, se você não sabe direito. Quase todo o semestre, todas as turmas de algum professor do programa, pelo menos dois professores iam me fazer esse questionamento. Aí eu falava bem, professor, eu aprendi um idioma, eu aprendi Libras. Caso o senhor não saiba, eu não sou professora, eu sou uma tradutora. Isto significa que eu vou transmitir para o aluno o conhecimento que você transmitir para todo mundo, mas em outro idioma. Então quem está ensinando ao aluno não sou eu, quem está ensinando ao aluno é o senhor. Então, no período da explicação, vão ter algumas palavras que realmente não fazem parte do vocabulário da Língua de Sinais, então eu vou perguntar para o senhor o que significa para poder dar um esclarecimento para o aluno, e ao que aquela palavra corresponde. Vou tentar achar uma equivalência na língua para poder ensinar ao aluno. Se tiver dúvidas, eu vou levantar a mão. Eu vou perguntar para o senhor. E assim a gente ia conversando.

- E daí na TV já foi outra coisa, não é?

- Tudo o que eu aprendi na universidade, eu tive que reaprender na TV.

- Como assim?

- Reaprender, porque na universidade eu estou aqui interpretando, vamos colocar primeiro a questão de postura. Na universidade, você está sentadinha, está só entre você e o aluno. No máximo, trinta pessoas estão te vendo, mas quem está entendendo o que você está dizendo é só você e o aluno. Então eu tinha um contato, um costume de traduzir com o meu aluno. Era diferente, porque éramos só ele e eu. Então, tinham sinais que ele entendia e eram convencionados entre nós dois e pronto. Saí da faculdade, fui para a TV. Tem uma câmera e eu não posso mexer muito para a esquerda, não posso ir tão para a esquerda, não posso dar um passo para a direita mais. Eu tenho que ficar aqui centrada. Não posso olhar para o lado, não posso olhar para cima, não posso olhar para trás, eu tenho que olhar para a câmera. Com respeito aos sinais, o Brasil todo está me vendo. Eu tive que mudar uma estratégia de escolha tradutória, porque eu tinha que escolher aquele sinal que fosse mais visível e mais compreensível para população do Brasil, da comunidade surda do Brasil. Eu tive que mudar toda a estratégia. Eu tenho que traduzir e não tem um sinal que todo mundo conheça. O deputado fulano de tal está em prisão domiciliar. Aí a minha pergunta é, todo surdo que estiver vendo isso vai saber que esse sinal que eu usei se refere a prisão domiciliar? Talvez não. Então o deputado está preso dentro de casa. Então, tive de simplificar a tradução para que surdos de todo o nível de escolaridade de todos o Brasil consiga entender o que eu estou traduzindo. Eu tive que mudar isso, simplificar e aprimorar meu jeito de traduzir, porque eu tenho que traduzir de uma forma que o surdo com doutorado de Brasília, veja minha tradução, entendeu? Mas eu também preciso traduzir para que um surdo que não sabe muita Língua de Sinais lá do interior do Piauí, veja a minha tradução e entenda. Eu tenho que achar esse ponto de equilíbrio toda vez que eu vou traduzir na televisão, principalmente o jornal.

- Que legal. Eu acho que eu não consigo mais pensar em nada para te perguntar. O seu relato foi extremamente esclarecedor para mim, porque tem muita coisa que você fala que é superinteressante, tem coisa que você fala de bloqueio que você tinha e que você venceu, que veio de uma coisa que a sua professora falou: Intérprete não pode ter vergonha, porque se você está ali na frente, como é que você vai ter vergonha? Você tem que passar o que está sendo dito, então, você tem que perder. Aí você parou, pensou: realmente está bom, já chega de vergonha, não é? E a partir daí você começou a atuar.

Aí você falou de que era diferente também lá no estágio, que você estava sozinha. Aí depois você foi para outro estágio e você tinha gente com você, vocês se ajudavam. Depois veio a atuação. Vai aprender a simplificar e vai as estratégias. Então, tudo isso vai me dando dica de como foi esse seu processo de formação. Esse seu processo de aptidão, na verdade de expertise. Porque você sai de um nível amador, de cara de paisagem, fingindo que está entendendo tudo para realmente o intérprete experto, com x, como diz o Fábio Alves. É muito legal ver isso, e é isso que eu estou investigando, na verdade.

Porque quando a gente fala da competência tradutória, às vezes as pessoas ligam diretamente a tradução de um texto com registro, seja físico – escrito, ou audiovisual. Mas na verdade a gente não está pensando nisso. Quando fala de competência tradutória, a gente está falando... Você precisa fazer alguma coisa?

- Não, não. Meu marido está aqui prestando atenção no que eu estou falando. É uma coisa que o meu marido sempre me lembra. Que ele fala assim: a maioria dos intérpretes de

Libras, pelo menos aqui em Brasília, primeiro vieram do vieram do religioso. Ou porque interpretava na igreja. Eu fiquei interpretando no salão do Reino. Mas eu comecei a estudar Libras mesmo, eu queria aprender, então comecei Libras no lado profissional. Não foi nem para o lado generoso. É que meu marido achou interessante isso quando ele casou comigo. Ele disse: todo mundo que eu conheço que é intérprete de Libras, começou a interpretar em igrejas, e você não. - Por mais que tenha me ajudado na congregação, mas eu comecei a fazer curso próprio para isso mesmo. E depois que surgiu o interesse de ir para a congregação, no caso foi o caminho contrário. Quando fui para a congregação de Libras, eu já estava há um ano e meio fazendo curso de Libras. Aí é outra vivência também, não é. Mas eu ainda, por mais que eu estava fazendo o curso de Libras, eu estava aprendendo Libras, mas ainda não estava aprendendo a traduzir. Ali, eu estava tentando ter conversação, mas não estava traduzindo, tentar traduzir mesmo.

- E você começou a interpretar primeiro nessas reuniões, não? Você observava no curso, então você não interpretava. Você me disse que você começou a interpretar mesmo na congregação.

- Na congregação, eu comecei a ser tipo assim, intérprete de apoio de acompanhar. Porque aquilo era congregação, não era mais grupo, então não tinha aquela história de você interpretar quem estava falando. Que a congregação já era de Sinais. Aí eu comecei a interpretar coisas como: a Luana me falava, preciso ir no banco. Vamos no banco comigo? A Luana me ajudou muito a ter fluência na Libras. Quando ela foi se casar, Eu a ajudei no casamento, eu ajudei desde noiva até a Lua de mel. Eu tinha que sair com ela todo final de semana, tudo que você imaginar, se ela precisasse, era eu quem estava do lado dela. Vamos comprar o vestido de noiva, eu ia com ela para a cidade vizinha. Vamos no médico. Eu passei uns dois anos a acompanhando praticamente todo dia. É tanto que, com ela, não sei se você já viu ela é muito rápida. A minha rapidez na Libras, foi graças a ela. Alguém falava assim, calma, não entendi nada. Ela foi a minha principal influência.

Puxa, que legal. Eu vou parar aqui a gravação, ok? Porque senão, fica muito dado para coletar e a gente está mais conversando agora.